



E N V E R H O X H A

OS KHRUSHCHEVISTAS

ARQUIVO **MARXISTA** NA INTERNET (MIA)

“Proletários de todo o mundo, uni-vos!”

Karl Marx e Friedrich Engels





E N V E R H O X H A

OS KHRUSHCHEVISTAS

MEMÓRIAS

1980

ARQUIVO **MARXISTA** NA INTERNET

“PROLETÁRIOS DE TODO O MUNDO, UNI-VOS!”

A cópia ou distribuição deste documento é livre e indefinidamente
garantida nos termos da GNU *Free Documentation License*
Copyleft © Arquivo Marxista na Internet, 2025.

TÍTULO ORIGINAL

“Hrushovianët (Kujtime)”

<i>Preparação e Lançamento</i>	<i>Tradução</i>
Arquivo Marxista na Internet	Lucas Cenir Friedrich e Thales Caramante
<i>Edição e Revisão</i>	<i>Capa, Diagramação e Arte</i>
Thales Caramante	Thales Caramante

FICHA CATALOGRÁFICA

ISBN: 000-00-000000-0-0

H8471 **Hoxha, Enver Halil**

Os Khrushchevistas/Enver Hoxha – 1ª Edição – Brasil (BR): Arquivo Marxista na Internet, 2025,
00 páginas, figuras e fotografias, 16x23cm.

Tradução da Edição Espanhola e Edição Inglesa

Edições publicadas pela Casa de Publicações “8 Nëntori”, Tirana, 1980.

1. Comunismo. 2. Socialismo. 3. Marxismo-Leninismo. 4. História. 5. Luta de Classes. 6. União
Soviética. 7. Enver Hoxha. 8. Albânia. 9. Ciências Sociais. I. *Título*. II. *Assunto*. III. *Autor*.

ÍNDICE PARA CATÁLOGO SISTEMÁTICO

1. **Socialismo e Temas Relacionados:** Comunismo, Marxismo-Leninismo.
 2. **Ciência Política:** Socialismo, Comunismo e Marxismo-Leninismo.
 3. **História:** União Soviética, Século 20, Marxismo-Leninismo.
-

ÍNDICE

INTRODUÇÃO	7
01. Conflitos entre a direção soviética.....	13
02. A estratégia e a tática de Khrushchev dentro da União Soviética	27
03. Não são marxista-leninistas, são traficantes!	37
04. A pedra de toque	59
05. O "partido-mãe" quer ser um maestro.....	81
06. A proclamação oficial do revisionismo	101
07. Projetando o império.....	117
08. Minha primeira e última visita à China	131
09. Os "demônios" escapam do controle	145
10. O recuo temporário para se vingar depois	179
11. A cenoura e o porrete.....	189
12. De Bucareste a Moscou	211
13. O ato final.....	245

INTRODUÇÃO

Os Khrushchevistas



Enver Hoxha

1980

DUAS DÉCADAS SE PASSARAM DESDE A REUNIÃO DOS 81 PARTIDOS COMUNISTAS E operários do mundo, que entrou para a história como um dos eventos mais importantes na luta que está sendo travada entre o marxismo-leninismo e o oportunismo. Nesse encontro, nosso partido abriu fogo contra a quadrilha revisionista de Nikita Khrushchev, que estava no poder na União Soviética e lutava de todas as formas para subjugar todo o movimento comunista internacional, todos os partidos comunistas e operários do mundo, e colocá-los junto ao seu caminho de traição.

Nosso ataque aberto, baseado em princípios, contra o revisionismo moderno khrushchevista na Reunião de novembro de 1960 não foi uma ação espontânea. Pelo contrário, foi a continuação lógica da linha marxista-leninista que o Partido do Trabalho da Albânia (PTA) sempre manteve, foi a transição para um estágio novo e mais elevado da luta que nosso partido vinha travando há muito tempo pela defesa e aplicação correta do marxismo-leninismo.

Desde a época em que os khrushchevistas tomaram o poder até o momento em que entramos em confronto aberto com eles, as relações do Partido do Trabalho da Albânia (PTA) com o Partido Comunista da União Soviética (PCUS) passaram por um processo complicado, com ziguezagues, períodos de exacerbação e períodos de normalização temporária. Foi neste processo em que cada um pôde conhecer o outro, por meio de encontros no decorrer da luta e do choque contínuo dos nossos pontos de vista. Depois que os golpistas revisionistas khrushchevistas tomaram o poder, nosso partido, baseando-se nos eventos que estavam ocorrendo cotidianamente, observando certas posições e ações que eram mal definidas no início, mas que, passo a passo, estavam se tornando mais concretas, começou a sentir o grande perigo dessa camarilha de renegados, que se escondia por trás de uma demagogia pseudo-marxista ensurdecadora, e a entender que essa quadrilha estava se tornando uma grande ameaça, tanto para a causa da revolução e do socialismo como um

todo, quanto para o nosso país.

Ficamos cada vez mais conscientes de que as opiniões e posições de Nikita Khrushchev sobre questões importantes do movimento comunista internacional e do campo socialista diferiam de nossas opiniões e posições. O 20º Congresso do PCUS, em particular, foi o evento que nos fez adotar uma posição de oposição a Khrushchev e aos khrushchevistas. Como marxista-leninistas e com uma forma marxista-leninista, apontamos várias vezes aos líderes soviéticos nossas reservas e objeções às suas posições conciliatórias em relação aos revisionistas iugoslavos, sobre muitos aspectos de sua política externa sem princípios, sobre muitas de suas posições e ações erradas e completamente antimarxistas sobre as principais questões internacionais etc. Embora às vezes eles fingissem recuar, continuavam em seu curso, enquanto nós nos recusávamos a engolir o que eles nos serviam e, ao contrário, defendíamos nossos pontos de vista e implementávamos nossa política interna e externa.

Com o passar do tempo, isso fez com que conhecêssemos melhor as posições uns dos outros, e nenhum dos lados confiava no outro. De nossa parte, continuamos a preservar nossa amizade com a União Soviética, com seus povos, continuamos a construir o socialismo de acordo com os ensinamentos de Lênin e Stálin, continuamos como antes a defender o grande camarada Stálin e sua obra e a lutar inabalavelmente contra o revisionismo iugoslavo. Nossas dúvidas existentes sobre os revisionistas soviéticos aumentaram e se aprofundaram dia após dia, porque Khrushchev e companhia estavam agindo cotidianamente em oposição ao marxismo-leninismo.

Khrushchev estava ciente de nossas reservas sobre o 20º Congresso e sobre a política que ele aplicava com os titoístas, o imperialismo, etc., mas sua tática não era apressar-se para exacerbar a situação conosco, albaneses. Ele esperava tirar proveito da amizade que demonstrávamos pela União Soviética para tomar a fortaleza albanesa por dentro e nos colocar no saco, por meio de sorrisos e ameaças, dando-nos alguns créditos reduzidos, bem como por meio de pressões e bloqueios. Khrushchev e os khrushchevitas pensavam: “Nós conhecemos os albaneses. Por mais teimosos que sejam, por mais temperamentais que sejam, eles não têm mais a quem recorrer, porque nós os prendemos e, se eles se mostrarem difíceis, se não nos obedecerem, mostraremos nossos dentes, os cortaremos e os boicotaremos, e derrubaremos todos aqueles que se opuserem a nós”.

O grupo de Khrushchev preparou esse curso de ação, promoveu-o e aprofundou-o, achando que alcançaria seu objetivo “de forma tranquila e suave” e “sem qualquer confusão”. No entanto, a realidade estava convencendo-os de que essa tática não estava dando frutos e, assim, sua impaciência e arrogância começaram a surgir.

A situação ficou tensa. Depois foi “aliviada”, mas voltou a ficar tensa. Entendemos aonde esse curso levaria Khrushchev e companhia e, portanto, reforçamos nossa vigilância e, ao responder às manifestações de seu despotismo, tentamos prolongar a “paz”, salvaguardando nossos princípios.

Mas chegou o momento em que a xícara estava cheia até transbordar. A “paz”, que parecia existir antes, não podia mais continuar. Khrushchev partiu abertamente para o ataque a fim de nos subjugar e nos forçar a seguir sua linha totalmente oportunista. Então dissemos a Khrushchev, sem rodeios e em alto e bom som, “Não!”, dissemos “Pare!” à sua atividade traiçoeira. Isso marcou o início de uma luta longa e muito complicada, na qual nosso partido, para sua glória e para a glória dos povos que o criaram e o edificaram, defendeu consistentemente os interesses de sua pátria socialista, defendeu persistentemente o marxismo-leninismo e o genuíno movimento comunista internacional.

Naquela época, muitas pessoas não entendiam a posição do Partido do Trabalho da Albânia (PTA); haviam até mesmo simpatizantes do nosso partido e do nosso país que consideravam essa ação precipitada, alguns ainda não tinham entendido completamente a traição dos khrushchevistas, outros achavam que tínhamos nos separado da União Soviética para nos unirmos à China etc. Hoje, não apenas os amigos, mas também os inimigos da Albânia socialista compreenderam o caráter de princípio da luta ininterrupta que nosso partido travou e está travando contra os oportunistas de todas as origens.

O tempo e a vida confirmaram plenamente o quanto o Partido do Trabalho da Albânia (PTA) estava certo ao lutar contra os khrushchevistas e se recusar a seguir sua linha. A essa luta, que exigiu e ainda exige grandes sacrifícios, nossa pequena pátria deve a liberdade e a independência que tanto preza e seu desenvolvimento vitorioso no caminho do socialismo. Somente graças à linha marxista-leninista de nosso partido é que a Albânia não se tornou e nunca se tornará um protetorado dos russos ou de qualquer outra superpotência.

Desde 1961, nosso Partido do Trabalho não tem nenhum vínculo ou contato com os khrushchevistas. No futuro, também, nunca estabelecerá relações partidárias com eles, e não temos e nunca teremos nem mesmo relações estatais com os social-imperialistas soviéticos. Como até agora, nosso Partido travará consistentemente a luta ideológica e política para denunciar esses inimigos do marxismo-leninismo. Agimos dessa forma tanto quando Khrushchev estava no poder quanto quando ele foi derrubado e substituído pela camarilha de Brezhnev. Nosso partido não tinha ilusões, pelo contrário, tinha certeza de que Brezhnev, Kosygin, Suslov, Mikoyan,

etc., que haviam sido os colaboradores mais próximos de Khrushchev, que haviam organizado e colocado em prática a contrarrevolução revisionista na União Soviética, persistiriam em sua linha anterior.

Eles eliminaram Khrushchev com o objetivo de proteger o khrushchevismo do descrédito que o próprio mestre estava lhe causando com suas intermináveis palhaçadas, eliminaram o “pai” com o objetivo de implementar a restauração completa do capitalismo na União Soviética com maior intensidade e eficácia.

Nesse sentido, Brezhnev e companhia provaram ser “alunos dignos” de seu mal chamado professor. Na União Soviética, eles estabeleceram e fortaleceram um regime fascista ditatorial, ao mesmo tempo em que transformaram a política externa de seu Estado em uma política de social-chauvinismo, expansão e hegemonismo de superpotências. Sob a liderança dos khrushchevistas de Brezhnev, a União Soviética se transformou em uma potência mundial imperialista e, assim como os Estados Unidos da América, pretendem dominar o mundo. Entre as amargas evidências da política totalmente reacionária do social-imperialismo soviético estão os trágicos acontecimentos na Tchecoslováquia, o fortalecimento do domínio do Kremlin sobre os países do Tratado de Varsóvia, o aprofundamento de sua dependência total de Moscou e a extensão dos tentáculos do social-imperialismo soviético para a Ásia, África e outros lugares.

As avaliações e previsões corretas do nosso partido sobre a política interna e externa reacionária de Brezhnev foram e estão sendo constantemente confirmadas. O exemplo mais recente é o Afeganistão, onde os khrushchevistas de Brezhnev empreenderam uma agressão fascista aberta e agora estão tentando apagar as chamas da guerra popular com fogo e aço para prolongar sua ocupação social-imperialista.

O fato de nossa pequena pátria e nosso povo não terem sofrido o trágico destino de todos aqueles que hoje definham sob a escravidão imperialista ou social-imperialista é o melhor testemunho da justeza de nossa linha consistente, corajosa e baseada em princípios que nosso Partido do Trabalho sempre seguiu.

O mérito por esse curso correto pertence a todo o partido e, em particular, à sua liderança, o Comitê Central, que, imbuído e leal aos ensinamentos do marxismo-leninismo, nossa teoria orientadora, sempre conduziu o partido e o povo corretamente. Nos grandes testes que tivemos de suportar, a unidade do partido com sua liderança e a unidade do povo em torno do partido foram brilhantes e se tornaram ainda mais temperadas. Essa unidade de aço deu ao partido apoio e força na difícil, mas também gloriosa, luta contra os revisionistas khrushchevistas. Essa unidade foi e é o alicerce da estabilidade e da confiança com as quais a Albânia marchou e

está marchando, resistindo à pressão e à chantagem, às seduções e à demagogia de inimigos de todas as origens.

Como comunista e líder do partido, eu também tive que participar ativamente e dar minha contribuição para toda essa luta heroica do nosso partido. Encarregado pelo partido e por sua liderança, desde a libertação da Albânia, e especialmente durante os anos 1950-1960, chefeei delegações do partido e do Estado muitas vezes em reuniões oficiais com os líderes soviéticos e com os principais líderes de outros partidos comunistas e de operários. Da mesma forma, muitas vezes trocamos visitas recíprocas, participei de consultas e reuniões internacionais de partidos comunistas nas quais expressei e defendi a linha correta, as decisões e as instruções do partido. Em todas essas reuniões e visitas, conheci de perto líderes gloriosos e inesquecíveis, como Stálin, Dimitrov, Gottwald, Bierut, Pieck e outros, e também tive que entrar em contato e conhecer os traidores khrushchevistas que, por meio de um processo longo e complicado, usurparam gradualmente o poder na União Soviética e nos antigos países de democracias populares, respectivamente.

As relações com eles e as posições mantidas por nosso partido durante esse período foram refletidas nos documentos do partido, em meus escritos que estão sendo publicados por decisão do Comitê Central, bem como em outros documentos que se encontram nos Arquivos Centrais do PTA. Agora estou entregando essas anotações para publicação como minhas reminiscências e impressões dos muitos contatos e confrontos com os khrushchevistas, que abrangem o período de 1953, após a morte de Stálin, até o final de 1961, quando o grupo de Khrushchev rompeu as relações diplomáticas com a República Popular Socialista da Albânia. Juntamente com outros materiais e documentos publicados que abrangem esse período, acredito que essas notas também servirão para familiarizar melhor os comunistas e as massas trabalhadoras com a atividade contrarrevolucionária dos revisionistas soviéticos dentro e fora da União Soviética e com a luta sempre justa, correta e consistente do nosso partido em defesa do marxismo-leninismo, do nosso povo e de nossa pátria socialista.

CONFLITOS ENTRE A DIREÇÃO SOVIÉTICA



Stálin morre. Divisão de pastas entre a alta direção soviética no dia seguinte. Khrushchev ascende ao poder. Desilusão no primeiro encontro com os “novos” dirigentes soviéticos em junho de 1953. Críticas mal-intencionadas de Mikoyan e Bulganin. O fim do curto reinado de Beria. O encontro com Khrushchev em junho de 1954: “Vocês nos ajudaram a desmascarar Beria”. A lição “teórica” de Khrushchev acerca dos papéis do Primeiro-Secretário do partido e do Primeiro-Ministro. A máfia revisionista tece sua teia de aranha dentro e fora da União Soviética.



A FORMA QUE ANUNCIARAM A MORTE DE STÁLIN E A MANEIRA QUE O SEU FUNERAL foi organizado, deu a nós, os comunistas e o povo albanês, e a outros a impressão de que muitos membros do Presidium do Comitê Central do Partido Comunista da União Soviética estavam aguardando impacientemente pela morte dele.

No dia seguinte à morte de Stálin, 6 de março de 1953, o Comitê Central do partido, o Conselho de Ministros e o Presidium do Soviete Supremo da URSS foram convocados para uma reunião conjunta urgente. Nas ocasiões de grandes perdas, como a morte de Stálin, essas reuniões urgentes são indispensáveis. No entanto, as numerosas e importantes mudanças anunciadas na imprensa do dia seguinte demonstraram que essa reunião urgente havia sido convocada com o único propósito de... dividir cargos! Stálin acabara de morrer, seu corpo ainda não havia sido levado ao local onde a homenagem final seria prestada, o programa de organização das homenagens e da cerimônia funeral ainda não havia sido elaborado, os comunistas e o povo soviético choravam por sua grande perda — enquanto isso a alta direção soviética encontrava tempo para dividir as pastas! Malenkov tornou-se Primeiro-Ministro, Beria tornou-se Vice-Primeiro-Ministro e Ministro do Interior, e Bulganin, Kaganovich, Mikoyan e Molotov dividiram os outros cargos. Grandes mudan-

ças foram feitas em todos os órgãos superiores do partido e do Estado naquele dia. O Presidium e o Birô do Presidium do Comitê Central foram fundidos em um só órgão, novos secretários foram eleitos para o Comitê Central do Partido, uma série de ministérios foram dissolvidos ou unificados, mudanças foram feitas no Presidium do Soviete Supremo, etc.

Essas ações não podiam deixar de causar entre nós uma impressão profunda e nada favorável. Questões preocupantes surgiram imediatamente: como é que todas essas grandes mudanças foram feitas tão subitamente em um só dia — e não um dia qualquer, mas o primeiro dia de luto?! Toda lógica nos leva a crer que tudo já havia sido preparado de antemão. As listas de mudanças haviam sido montadas com tempo, secreta e furtivamente, e eles estavam simplesmente aguardando a ocasião para anunciá-las de modo a agradar a este aqui, a aquele lá...

É impossível tomar decisões tão importantes em questão de horas, mesmo que fosse um dia perfeitamente normal.

Se no começo eram somente essas dúvidas que nos inquietavam e surpreendiam, o desenrolar dos acontecimentos, os eventos e os fatos que conheceríamos mais tarde nos convenceriam ainda mais de que mãos ocultas haviam preparado o complô há muito tempo e estavam esperando o momento para dar início ao curso de destruição do Partido Bolchevique e do socialismo na União Soviética.

A falta de unidade do Presidium do Comitê Central também ficou bastante óbvia no funeral de Stálin, onde cada um dos seus membros disputava para tomar a dianteira e ser o primeiro a falar. Em vez de demonstrar unidade em um momento de desgraça para os povos da União Soviética e para todos os comunistas do mundo, que estavam profundamente comovidos e imensamente consternados pela morte repentina de Stálin, os “camaradas” competiam entre si pelos holofotes. Khrushchev abriu a cerimônia do funeral; Malenkov, Beria e Molotov discursaram diante do Mausoléu de Lênin. Khrushchev e seus cúmplices conspiradores se comportaram de maneira hipócrita diante do caixão de Stálin, apressando-se para terminarem a cerimônia o mais rápido possível e novamente se trancarem no Kremlin para continuar o processo de divisão e redivisão de cargos.

Nós, assim como muitos outros, pensávamos que Molotov — o colaborador mais próximo de Stálin, o bolchevique mais velho e mais maduro, com a maior experiência e reconhecimento dentro e fora da União Soviética — seria eleito Primeiro-Secretário do Comitê Central do Partido Comunista da União Soviética (PCUS). Mas não foi bem assim. Malenkov foi colocado à frente, com Beria logo depois dele. Naqueles dias, por trás deles estava uma “pantera” que se preparava para devorar

e liquidar os dois primeiros. Era Nikita Khrushchev.

A forma como ascendeu era verdadeiramente surpreendente e suspeita: havia sido designado unicamente como Presidente da Comissão Central para a organização do funeral de Stálin e, quando a divisão de cargos veio a público em 7 de março, ele não havia sido indicado para nenhum, sendo somente dispensado da tarefa de Primeiro-Secretário do Comitê do partido de Moscou, dado que agora ele “se concentraria no trabalho do Comitê Central do partido”. Em questão de dias, em 14 de março de 1953, Malenkov foi dispensado “a seu pedido” do cargo de Secretário do Comitê Central do Partido(!), e Nikita Khrushchev passou a ocupar a posição principal do novo Secretariado eleito no mesmo dia.

Esses atos, embora não fossem da nossa conta, não nos agradavam de maneira alguma. Estávamos desiludidos com a ideia que tínhamos sobre a estabilidade da alta direção soviética, embora admitíssemos não estarmos totalmente a par da situação no partido e na direção da União Soviética. Nos contatos que havia tido com o próprio Stálin, com Malenkov, Molotov, Khrushchev, Beria, Mikoyan, Suslov, Voroshilov, Kaganovich e outros dirigentes principais, não havia visto entre eles nem um mínimo de divisão ou discórdia.

Stálin lutou consistentemente pela unidade marxista-leninista do PCUS e foi um dos seus fatores decisivos. Esta unidade no partido pela qual Stálin trabalhava não foi conquistada através do terror — como Khrushchev e os khrushchevistas diriam mais tarde, dando prosseguimento às calúnias dos imperialistas e da burguesia mundial, que tentavam destruir e derrubar a ditadura do proletariado na União Soviética —, e sim com base nas vitórias do socialismo, na linha e na ideologia marxista-leninistas do Partido Bolchevique e na grande e indiscutível personalidade de Stálin. A confiança que todos tinham em Stálin se baseava na justeza e na habilidade que demonstrara ao defender a União Soviética e o leninismo. Stálin conduziu corretamente a luta de classes, golpeando impiedosamente os inimigos do socialismo (e com toda a razão). A prova cabal disto é a luta concreta diária de Stálin, do Partido Bolchevique e de todo o povo soviético, bem como os escritos políticos e ideológicos de Stálin, os documentos e decisões do PCUS e, também, a imprensa e a propaganda massiva daquela época contra os trotskistas, bukharinistas, zinovievistas, tukhachevskis e todos os demais traidores. Era uma luta de classes política e ideológica intransigente em defesa do socialismo, da ditadura do proletariado, do partido e dos princípios do marxismo-leninismo. Grandes são os méritos de Stálin nesse sentido.

Stálin se mostrou um grande marxista-leninista, de princípios claros, de grande

coragem e discernimento, de maturidade e perspicácia próprias de um revolucionário marxista. Somente se pensarmos na força dos inimigos externos e internos da União Soviética naquela época, nos esquemas que armaram, na propaganda desenfreada e nas táticas diabólicas que usaram, seremos capazes de apreciar devidamente a atuação de Stálin à frente do Partido Comunista da União Soviética. Se houve alguns excessos no curso desta luta justa e enorme, não foi Stálin quem os cometeu, e sim Khrushchev, Beria e companhia, que, por razões ocultas e sinistras, demonstraram maior zelo nos expurgos em um momento em que ainda não eram tão poderosos. Agiram dessa maneira para serem creditados como “ardentes defensores” da ditadura do proletariado, como “impiedosos com os inimigos”, com o objetivo de subir de nível para usurpar o poder posteriormente. Os fatos mostram que quando Stálin descobriu a atividade hostil de um Yagoda ou um Yezhov, o tribunal revolucionário os condenou sem hesitação. Elementos tais como Khrushchev, Mikoyan, Beria e seus *apparatchiks* esconderam a verdade de Stálin. De um jeito ou de outro, confundiram e enganaram Stálin. Ele não confiava neles, por isso que disse na cara deles: “quando eu não estiver mais aqui, vocês venderão a União Soviética”. O próprio Khrushchev admitiu isso. E as coisas aconteceram exatamente como Stálin previra. Enquanto ele estava vivo, até mesmo esses inimigos falavam de unidade, mas, depois de sua morte, eles promoveram a divisão. Esse processo aumentava constantemente.

Durante as visitas que realizei periodicamente à União Soviética depois de 1953 — para consultar sobre questões relativas à situação política e econômica ou por alguma questão de política internacional levantada pelos soviéticos, que supostamente buscavam saber da nossa opinião também —, eu vi cada vez mais claramente o agravamento das contradições entre os membros do Presidium do Comitê Central do Partido Comunista da União Soviética.

Em junho de 1953, alguns meses depois da morte de Stálin, fui a Moscou chefiando uma delegação do partido e governo para pedir créditos econômicos e militares.

Era na época em que Malenkov parecia ser o dirigente principal. Era Presidente do Conselho de Ministros da União Soviética. Embora Khrushchev figurasse como o primeiro da lista dos secretários do Comitê Central do partido desde março de 1953, parecia que ele ainda não tinha tomado completamente o poder, ainda não havia preparado o golpe.

Geralmente nossas demandas eram apresentadas primeiro por escrito, para que os membros do Presidium do Comitê Central do partido e do governo soviético as conhecessem de antemão e, como acabou sendo, decidissem quais iriam e quais

iriam atender. Receberam-nos no Kremlin. Quando entramos na sala, os líderes soviéticos ficaram de pé e apertamos as suas mãos. Saudamo-nos como de costume.

Conhecia todos da época de Stálin. Malenkov era o mesmo de sempre, corpulento, de cara pálida e sem barba. Havia lhe conhecido anos antes em Moscou, nos encontros que tive com Stálin, quando me causou uma boa impressão. Ele adorava Stálin e me parecia que Stálin também o apreciava. No 19º Congresso, Malenkov foi quem apresentou o informe em nome do Comitê Central do partido. Era um dos quadros relativamente novos que haviam chegado à direção e que mais tarde seriam liquidados pelo revisionista disfarçado Khrushchev e seus comparsas. Mas, naquele momento, era ele quem estava à frente do país, ocupando o cargo de Presidente do Conselho de Ministros da URSS. Ao seu lado, estava Beria, com seus olhos brilhantes por trás dos óculos e com suas mãos inquietas. Depois dele, vinha Molotov, tranquilo, simpático, um dos camaradas mais sérios e honrados para nós, porque era um velho bolchevique da época de Lênin e um amigo íntimo de Stálin. Era assim que o considerávamos mesmo depois da morte de Stálin.

Depois de Molotov, vinha Mikoyan, de rosto moreno e franzido. Este comerciante segurava um daqueles lápis grossos vermelho e azul (coisa que se encontrava em todo escritório da União Soviética), fazendo “contas”. Agora carregava atribuições ainda maiores. Em 6 de março, dia em que foram distribuídos os cargos, decidiram que os ministérios do Comércio Exterior e do Comércio Interior seriam fundidos, cuja pasta de ministro-negociante foi tomada pelo armênio.

Por fim, no canto da mesa, estava o barbado marechal Bulganin, de cabelos brancos e olhos azul-claro, atordoado.

— Estamos ouvindo! — disse Malenkov cautelosamente. Um começo nem um pouco camarada. Esta seria a norma nas conversas com os novos dirigentes soviéticos, e não há dúvida que essa maneira de se comportar deveria refletir a arrogância de superpotência. — Vamos, digam o que tem a dizer, nós os escutaremos e daremos nossa opinião final.

Eu não sabia e nem falava russo muito bem, mas era capaz de compreendê-lo. A conversa acontecia com a ajuda de um tradutor.

Comecei a falar dos problemas que nos perturbavam, sobretudo no âmbito militar e econômico. Primeiro, fiz uma introdução da nossa situação política interna e externa, que nos preocupava. Era indispensável mostrar as razões para as nossas necessidades, de modo a sustentar as nossas demandas nos setores econômico e militar. Sobre este último, o auxílio que os soviéticos concederam para o nosso exército sempre foram insuficientes e mínimos, embora publicamente valorizássemos

muito o pouco que nos davam. Além dos argumentos em favor das nossas demandas, também falei da situação do nosso país em relação aos nossos vizinhos iugoslavos, gregos e italianos. Em todo o país, os inimigos, vindos por mar, por ar e por terra, realizavam uma intensa atividade de subversão, espionagem e sabotagem. Enfrentávamos constantemente os grupos armados de subversivos e precisávamos de auxílio em material militar.

Cuidava para ser o mais conciso e concreto possível na minha exposição. Esforçava-me para não me estender, e, não passando de vinte minutos, vi Beria, com seus olhos de víbora, falar para Malenkov, que me escutava apático como uma múmia:

— Podemos dizer o que temos que dizer e encerrar?

Sem mudar de expressão e sem tirar os olhos de mim (é claro, tinha que manter a autoridade na frente dos seus subordinados!), Malenkov disse a Beria:

— Espere!

Senti-me ferver o sangue, mas mantive a serenidade e, para mostrar-lhes que havia ouvido e entendido o que disseram, encurtei minha fala e disse a Malenkov:

— Terminei.

— *Pravilno!*¹ — disse Malenkov e passou a palavra a Mikoyan.

Beria, satisfeito por eu ter terminado, pôs as mãos nos bolsos e me olhava tentando adivinhar a impressão que suas respostas me causavam. É claro, não estava satisfeito com o que haviam decidido nos dar diante das demandas tão modestas que fizemos. Tomei a palavra outra vez e disse que haviam cortado muito das coisas que solicitamos. Mikoyan saltou para “explicar” que a própria União Soviética era pobre, que recém saíra da guerra, que também precisava ajudar outros países, etc.

— Ao elaborarmos estas demandas — disse a Mikoyan —, levamos em conta as razões que vocês nos deram, inclusive fomos bastante parcios em nossas contas, coisa que os seus especialistas que trabalham no nosso país podem testemunhar.

— Nossos especialistas desconhecem as possibilidades da União Soviética. Quem as conhece somos nós, que já demos a nossa opinião — disse Mikoyan.

Molotov estava de cabeça baixa. Disse algo sobre as relações da Albânia com seus vizinhos, mas nunca ergueu o olhar. Malenkov e Beria eram os dois “galos do galinheiro”, enquanto Mikoyan, frio e amargo, falava menos, mas, quando falava, só escorria veneno de sua boca. Pela maneira de falar, interrompendo-se uns aos outros, o tom arrogante nos seus “conselhos”, percebia-se os sinais da discórdia que havia entre eles.

1. “Ótimo” (Em russo no original).

— Se assim decidiram, — disse eu, — não prolongarei a discussão.

— *Pravilno!* — repetiu Malenkov e perguntou erguendo a voz — Mais alguém tem algo a acrescentar?

— Eu tenho. — disse Bulganin no canto da mesa.

— Diga... — disse Malenkov.

Bulganin abriu uma pasta e disse, em resumo:

— Você, camarada Enver, pediu auxílio para o exército. Concordamos em dar-lhes a parte que havíamos separado, mas tenho algumas observações críticas. O exército deve ser uma arma sã da ditadura do proletariado, seus quadros devem ser leais ao partido e de origem proletária, o Partido deve dirigir o exército com mãos firmes...

Bulganin seguiu com uma longa ladainha de “conselhos” e normas “morais”. Escutei atentamente esperando chegarem as críticas, que não vinham. Por fim, disse:

— Camarada Enver, temos a informação de que muitos quadros do seu exército são filhos de bois, de agas, de origem e atuação duvidosa. Devemos nos assegurar de que mãos receberão estas armas que estamos lhes fornecendo, portanto, aconselhamos que estudem a fundo esta questão e realizem expurgos.

O sangue me subiu à cabeça, pois tratava-se de uma acusação caluniosa e um insulto aos quadros do nosso exército. Erguendo a voz, perguntei ao marechal:

— De onde vocês tiraram essa informação que nos dão com tanta certeza? Por que insultam o nosso exército?

Essa pergunta caiu como um balde de água fria. Todos levantaram as cabeças e me olharam, enquanto eu esperava a resposta de Bulganin. Este ficou encurralado, por não estar esperando a afiada pergunta, e olhou para Beria.

Beria tomou a palavra e, com o movimento das mãos e dos olhos revelando a sua vergonha e nervosismo, disse que, de acordo com a informação deles, teríamos elementos inadequados e suspeitos não apenas no exército, mas também no aparato estatal e na economia(!), mencionando, inclusive, uma porcentagem. Bulganin suspirou aliviado e olhou ao seu redor sem esconder sua satisfação, mas Beria tirou-lhe o sorriso do rosto. Opôs-se abertamente ao “conselho” de Bulganin sobre expurgos e enfatizou:

— Os elementos com um passado ruim, mas que enveredaram para o caminho correto, não devem ser expurgados, e sim perdoados.

O rancor e as profundas contradições que existiam entre os dois se manifestavam abertamente. Como visto mais tarde, as contradições entre Bulganin e Beria não eram puramente pessoais, mas sim reflexo das profundas contradições, disputas e oposições que existiam entre o serviço de segurança estatal soviético e os órgãos de

inteligência do exército soviético. Mas só saberíamos disso posteriormente. Neste caso concreto, lidávamos com uma acusação grave lançada contra nós. Jamais poderíamos aceitar essa acusação, portanto me levantei e disse:

— Aqueles que lhes deram essa informação são caluniadores, portanto, inimigos. Não há verdade no que disseram. A imensa maioria dos quadros do nosso exército tem sido de camponeses pobres, pastores, operários, artesãos e intelectuais revolucionários. No nosso exército, não há filhos de bois ou agas. Se há dez ou vinte indivíduos, é porque abandonaram sua classe e derramaram sangue na luta, e, quando digo que derramaram sangue, quero dizer que nesta luta eles não apenas pegaram em armas contra os inimigos externos, mas também rejeitaram a sua classe de origem, inclusive até mesmo os seus pais e parentes quando estes se opunham ao Partido e ao povo. Todos os quadros do nosso exército lutaram na guerra, emergiram da guerra, de modo que não somente rejeito estas acusações, como também lhes digo que seus informantes mentem e caluniam. Asseguro que as armas que recebemos e receberemos de vocês sempre estiveram e sempre estarão em mãos confiáveis, que o nosso Exército Popular sempre foi e segue sendo dirigido somente pelo Partido do Trabalho e mais ninguém. É isso que queria dizer-lhes!

Sentei-me. Quando terminei, Malenkov tomou a palavra para encerrar o debate. Depois de enfatizar que concordava com o que as partes anteriores haviam falado, deu-nos uma série de “conselhos e instruções” e, por fim, tratou do debate que tivemos com Bulganin e Beria sobre os “inimigos” nas fileiras do nosso exército.

— Sobre realizar expurgos no exército, penso que o problema não deveria ser apresentado desta maneira — disse Malenkov, opondo-se ao “conselho” que Bulganin nos deu neste sentido. — As pessoas não nascem formadas e podem cometer erros em sua vida. Não devemos ter medo de perdoar aos que cometeram erros no passado. Temos pessoas que pegaram em armas contra nós, mas agora estamos promulgando leis especiais para perdoar-lhes o seu passado e, desta maneira, dar-lhes toda possibilidade de trabalhar no exército e até mesmo de integrar o partido. O termo “expurgo” no exército — repetiu Malenkov — não é adequado — e encerrou a discussão.

Não se podia entender nada: — Vocês têm inimigos, expurguem-nos — dizia um, e — estamos promulgando leis para perdoar-lhes o seu passado — dizia o outro!

Contudo, estas eram as suas opiniões. Ouvimos atentamente e expressamos abertamente a nossa oposição ao que discordávamos. Finalmente, agradei-lhes pela recepção e, de passada, disse-lhes que o Comitê Central do nosso Partido decidira exonerar-me de muitas das minhas funções e conservar-me unicamente na

principal, de Secretário-Geral do partido. (Naquela época, eu era Secretário-Geral, Primeiro-Ministro, Ministro da Defesa e Ministro das Relações Exteriores. Exercia estas funções desde a libertação do país, quando era necessário superar muitas dificuldades causadas pelos inimigos externos e internos.)

Malenkov julgou correta esta decisão e repetiu duas vezes seu *pravilno* preferido. Nada mais tendo a dizer, apertamos as mãos e partimos.

Amargas foram as conclusões que tirei deste encontro. Vi que a direção da União Soviética estava de má vontade com o nosso país. A arrogância que demonstraram ao longo do encontro, a recusa em conceder-nos o pouco que solicitamos e o ataque calunioso contra os quadros do nosso exército não eram bons sinais.

Este encontro também me permitiu constatar que não havia unidade no Presidium do Partido Comunista da União Soviética: Malenkov e Beria dominavam, Molotov falava pouco, Mikoyan estava nas sombras, vertendo seu veneno, e Bulganin só falava asneiras.

Parecia que entre o conflito havia começado entre os cabeças do Presidium do Comitê Central do Partido Comunista da União Soviética. Em que pesem os esforços que faziam para evitar causar a impressão de que uma “troca de guardas” estava ocorrendo no Kremlin, não conseguiam esconder tudo. Mudanças foram e continuavam sendo feitas no partido e no governo. Após ter desbancado Malenkov, deixando-o somente no cargo de Primeiro-Ministro, Khrushchev fez de si mesmo o Primeiro-Secretário do Comitê Central em setembro de 1953. Está claro que Khrushchev e sua quadrilha de sequazes haviam tramado cuidadosamente a intriga no Presidium, atijando as desavenças entre seus adversários, eliminando Beria e, ao que parece, “domando” os demais.

Há muitas versões sobre a prisão e execução de Beria. Diz-se, entre outras, que militares, chefiados pelo general Moskalenko, prenderam Beria bem no meio de uma reunião do Comitê Central do partido. Ao que aparenta, Khrushchev e seus comparsas encarregaram o exército desta “missão especial” por não confiarem na segurança estatal, visto que Beria a tinha em suas mãos por anos a fio. O plano havia sido tramado de antemão: durante a reunião do Presidium do Comitê Central do PCUS, Moskalenko e seus homens haviam entrado numa sala próxima sem serem vistos. Em dado momento, Malenkov apertou uma campainha, e Moskalenko logo adentrou a sala em que se realizava a reunião e se aproximou de Beria para prendê-lo. Diz-se que este levou a sua mão para alcançar sua maleta, mas Khrushchev, que se sentava “vigilante” ao seu lado, foi mais “ágil” e pegou-a primeiro. O “pássaro” não tinha por onde escapar e a ação foi coroada com êxito. Exatamente

como em um filme de detetives, mas não era um filme qualquer: seus atores eram membros do Presidium do Comitê Central do PCUS!

Diz-se que foi assim e o próprio Khrushchev confirmou. Posteriormente, um general cujo nome creio ser Sergatskov, quando veio a Tirana como conselheiro militar soviético, contou-nos algo sobre o julgamento de Beria. Disse-nos que havia sido chamado como testemunha para declarar no tribunal que Beria supostamente havia sido arrogante com ele. Nesta ocasião, Sergatskov confidenciou aos nossos camaradas: — Beria se defendeu muito bem diante do tribunal, não reconheceu nada e rechaçou todas as acusações feitas contra ele.

Em junho de 1954, alguns meses depois da ascensão de Khrushchev ao cargo de Primeiro-Secretário do Comitê Central da União Soviética, eu e o camarada Hysni Kapo tivemos que ir a Moscou, onde solicitamos uma entrevista com os dirigentes soviéticos para falar dos problemas econômicos que eles ainda não haviam resolvido. Khrushchev e Malenkov, que ainda era Primeiro-Ministro, nos receberam, também presentes estavam Voroshilov, Mikoyan, Suslov e um ou outro de patente menor.

Havia tido a oportunidade de me encontrar com Khrushchev uma ou duas vezes na Ucrânia antes da morte de Stálin. Recém havíamos saído da guerra e era natural que naquela época tivéssemos grande confiança não somente em Stálin, na União Soviética e no Partido Comunista da União Soviética, o que era indiscutível, mas também em todos os dirigentes do Partido Comunista da União Soviética. Desde o primeiro encontro, Khrushchev havia me dado a impressão de ser um “bonachão, cheio de vida e muito falador”, que não deixou de elogiar a nossa luta, embora fosse perceptível que não sabia nada a respeito dela.

Fez uma exposição meio superficial sobre a Ucrânia, ofereceu-me um almoço, do qual me recordo de um tipo de sopa que se chamava “borsch” e de uma taça com um iogurte tão espesso que se podia cortar com uma faca, tanto que não tinha certeza se era um iogurte ou um queijo. Presenteou-me com uma camisa bordada ucraniana e pediu desculpas por ter que partir a Moscou, onde participaria de uma reunião do Birô. Este encontro fôra em Kiev e, durante todo o tempo em que estive comigo, não poupou elogios a Stálin. É claro, vendo todas essas viagens de avião, de ida e volta a Moscou, dos dirigentes que tão habilmente guiavam esse grande país que tanto amávamos, e ouvindo todas aquelas belas palavras que diziam sobre Stálin, sentia-me muito satisfeito com eles e entusiasmado com os êxitos que haviam obtido.

Mas a ascensão inesperada e rápida de Khrushchev ao poder não nos causou boa impressão. E não era porque tínhamos algo contra ele, mas porque pensávamos que

o papel e a figura de Khrushchev não eram tão reconhecidos na União Soviética e no mundo para que ocupasse com tamanha rapidez o lugar do grande Stálin como Primeiro-Secretário do Comitê Central do partido. Khrushchev nunca aparecera em nenhum dos encontros que tivemos por anos com Stálin, embora quase todos os maiores dirigentes do partido e do Estado soviético participassem na maioria deles. No entanto, nunca manifestamos isso nem mencionamos a nossa impressão sobre a promoção de Khrushchev a tão alto nível. Consideramos isso um assunto interno do Partido Comunista da União Soviética, pensamos que sabiam o que estavam fazendo e desejávamos de todo o coração que as coisas sempre dessem certo na União Soviética, assim como nos tempos de Stálin.

E agora havia chegado o dia que nos encontraríamos frente a frente com Khrushchev em nosso primeiro encontro oficial.

Fui o primeiro a falar. Apresentei brevemente a situação econômica, política e organizativa do nosso país, assim como a situação do nosso partido e do nosso poder popular. Sabendo já do encontro do ano passado com Malenkov que os novos dirigentes do partido e do Estado soviético não gostavam de ficar escutando por muito tempo, tentei ser o mais conciso possível em minha exposição e enfatizei os problemas econômicos, acerca dos quais havíamos enviado uma carta à direção soviética dois meses antes. Lembro que Khrushchev só me interrompeu uma vez durante meu discurso. Falava dos excelentes resultados alcançados no nosso país nas últimas eleições para deputados da Assembleia Popular e da inquebrantável unidade partido-povo-poder² que havia se manifestado durante as eleições.

— Estes resultados não devem adormecê-los — interveio Khrushchev naquele momento, chamando a atenção para aquilo que sempre tivemos presente, e que eu havia destacado na apresentação que lhes havia feito, enfatizando precisamente o trabalho que realizávamos para consolidar a unidade, aumentar o amor do povo pelo partido e pelo poder, para reforçar a vigilância, etc. De toda forma, estava em seu direito de dar quantos conselhos quisesse, não tínhamos razão para nos ofender com isso.

Assim que acabei, Khrushchev tomou a palavra e demonstrou desde o começo a sua natureza de palhaço no tratamento dos problemas:

— Estamos informados sobre a sua situação e sobre os seus problemas a partir dos materiais que estudamos — começou — O informe que o camarada Enver apresentou aqui esclareceu mais as coisas e, da minha parte, descrevo-o como um

2. Poder, nesta e em muitas outras passagens, refere-se ao poder popular.

“informe conjunto”, seu e nosso. No entanto — prosseguiu —, sou um mau albanês e não falarei agora nem dos problemas econômicos nem dos problemas políticos que o camarada Enver levantou, já que, da nossa parte, ainda não trocamos opiniões de modo a chegar a uma opinião comum. Portanto, falarei de outra coisa.

E então começou a tratar por muito tempo da importância do papel do partido.

Falava com um tom elevado, mexendo as mãos e a cabeça, olhando em todas as direções sem se concentrar em um ponto específico, interrompia-se vez ou outra para perguntar alguma coisa e continuava sua exposição, muitas vezes sem esperar a resposta, pulando de um galho para outro.

— O partido — teorizava — dirige, organiza, controla. É o iniciador, o inspirador. Mas Beria queria liquidar o papel do partido. — E, depois de uma pausa, perguntou-nos — Vocês receberam a resolução que anuncia a sentença de Beria?

— Sim — respondi.

Abandonou o sermão sobre o partido e começou a falar da atividade de Beria; acusou-o de quase todos os crimes e descreveu-o como o responsável por muitos males. Eram os primeiros passos em direção ao ataque a Stálin. Khrushchev sabia bem que naquele momento ainda não podia erguer-se contra Stálin, sua obra e sua figura, por isso começou com Beria, para preparar o terreno. Neste encontro, inclusive, para nossa surpresa, Khrushchev nos disse:

— Vocês nos ajudaram a descobrir e desmascarar Beria quando estiveram aqui no ano passado.

Surpreso, fixei os olhos nele para ver onde queria chegar. A explicação de Khrushchev foi esta:

— Vocês devem se lembrar do debate que tiveram no ano passado com Bulganin e Beria acerca da acusação que fizeram contra o seu exército. Tal informação nos havia sido dada por Beria, e a enérgica oposição que vocês fizeram na presença dos camaradas do Presidium ajudou-nos a fundamentar as nossas suspeitas e os dados que tínhamos sobre a atividade hostil de Beria. Poucos dias depois da sua partida para a Albânia, condenamos ele.

Contudo, neste primeiro encontro conosco, Khrushchev não se preocupava somente com Beria. O dossiê “Beria” havia sido fechado. Khrushchev havia acertado as contas com este. Tinha que ir mais longe agora. Passou a falar sobre a importância e do papel do Primeiro-Secretário ou Secretário-Geral do partido.

— Para mim, pouco importa se se chama o secretário de “primeiro” ou de “geral” — disse em resumo — O importante é que esse cargo seja ocupado pela pessoa mais capaz, mais qualificada, com a maior autoridade no país. Temos nossa experiência

com isso. — Prosseguiu — Depois da morte de Stálin, tínhamos quatro secretários do Comitê Central, mas não tínhamos um responsável, de modo que não sabíamos quem deveria assinar as atas das reuniões!

Depois de esmiuçar esta questão do ponto de vista dos “princípios”, Khrushchev não deixou de dar algumas alfinetadas em Malenkov, é claro, mas sem dizer nomes.

— Imaginem o que aconteceria — disse astucioso — se o camarada com mais capacidade e autoridade fosse eleito presidente do Conselho de Ministros. Todos ficariam atrás dele, o que traria o risco de que as críticas levantadas pelo partido não fossem levadas em conta, fazendo o partido ficar em segundo plano e se tornar um órgão do Conselho de Ministros.

Enquanto ele falava, olhei de relance para Malenkov várias vezes, cujo rosto parecia acinzentado e que permanecia com a cabeça, o corpo e as mãos imóveis.

Voroshilov, vermelho como um tomate, me observava, esperando Khrushchev acabar seu “discurso”. Depois, tomou a palavra. Apontou-me (como se eu não soubesse) que o cargo de Primeiro-Ministro era importantíssimo por tal e tal razão, etc.

— Acho — disse Voroshilov em um tom de incerteza, como se não soubesse qual lado tomar — que o camarada Khrushchev não quis dizer que o Conselho de Ministros não tenha também a sua importância. Igualmente, o Primeiro-Ministro...

Agora Malenkov ficara lívido. Voroshilov, tentando atenuar a má impressão que Khrushchev causara, acabou por deixar ainda mais clara a situação tensa que existia no Presidium do Comitê Central do partido. Por vários minutos, Klim Voroshilov também nos lecionou sobre o papel e a importância do Primeiro-Ministro!

Malenkov foi o “bode expiatório” que me apresentaram para ver como reagiria. Com estas duas lições, pude compreender claramente que a divisão no Presidium do Comitê Central do PCUS estava se arraigando, que Malenkov e seus apoiadores estavam indo ladeira a baixo. Mais tarde, veríamos aonde isso iria levar.

Neste mesmo encontro, Khrushchev nos contou que a “experiência” soviética sobre quem deveria ser nomeado Primeiro-Secretário do partido e Primeiro-Ministro havia sido repassada para os outros partidos irmãos de modo a ser aplicada nos países de democracia popular.

— Também tratamos dessas questões com os camaradas poloneses antes do congresso do partido deles — disse-nos Khrushchev. — Debatesmos muito e chegamos à conclusão de que o camarada Bierut deve continuar como Presidente do Conselho de Ministros e que o camarada Ochab será indicado Primeiro-Secretário do partido...

Isto é, desde o começo, Khrushchev fôra a favor da saída de Bierut da direção do partido (e, mais tarde, da sua eliminação), visto que insistira que Ochab, “um

camarada polonês muito bom”, fosse eleito Primeiro-Secretário. Assim, dava sinal verde para todos os elementos revisionistas que até ontem se escondiam, esperando pelos momentos oportunos. Agora era Khrushchev quem criava esses momentos, que, com suas ações, posturas e “novas ideias”, tornava-se a inspiração e o organizador de “mudanças” e “reorganizações”.

No entanto, o congresso do Partido Operário Unificado Polonês não satisfez os desejos de Khrushchev. Bierut, um camarada marxista-leninista resoluto, de quem guardo muito boas memórias, foi eleito Primeiro-Secretário do partido, ao passo que Cyrankiewicz foi eleito Primeiro-Ministro.

Khrushchev “aceitou” essa decisão porque não tinha opção. Contudo, a máfia revisionista, que havia começado a se reanimar, estudava todos os caminhos e alternativas possíveis. E embora Bierut não tenha sido deposto da direção do partido em Varsóvia, como havia ansiado e ditado Khrushchev, mais tarde ele seria eliminado por completo por um súbito “resfriado” contraído em Moscou.

A ESTRATÉGIA E A TÁTICA DE KHRUSHCHEV DENTRO DA UNIÃO SOVIÉTICA



As raízes da tragédia da União Soviética. As etapas que Khrushchev atravessou para usurpar o poder político e ideológico. A casta khrushchevista corrói a espada da revolução. O que a “direção coletiva” de Khrushchev esconde? Khrushchev e Mikoyan, os cabeças do complô contrarrevolucionário. O vento do liberalismo sopra na União Soviética. Khrushchev e Voroshilov falam abertamente contra Stálin. Khrushchev constrói seu próprio culto. Os inimigos da revolução são proclamados “heróis” e “vítimas”.



UMA DAS PRINCIPAIS DIREÇÕES DA ESTRATÉGIA E TÁTICA DE KHRUSHCHEV DENTRO da União Soviética era tomar totalmente o poder político e ideológico e colocar o exército soviético e a segurança estatal a seu serviço.

Para alcançar esse objetivo, o grupo de Khrushchev atuaria por etapas. Inicialmente, não atacaria frontalmente o marxismo-leninismo, a construção socialista na União Soviética e Stálin. Pelo contrário, esse grupo se apoiaria nos êxitos obtidos, exaltando-os, inclusive, o máximo possível, de modo a ganhar crédito para si e criar uma situação de euforia, com o objetivo final de minar a base e a superestrutura socialista mais tarde.

Primeiro, este grupo renegado teria que se apoderar do partido, a fim de eliminar a possibilidade de resistência dos quadros que não haviam perdido a vigilância revolucionária de classe, neutralizar os elementos vacilantes e trazê-los para as suas fileiras, quer por convencimento ou por ameaças, e, ao mesmo tempo, promover aos cargos principais os elementos nocivos, antimarxistas, carreiristas e oportunistas, que naturalmente existiam no Partido Comunista da União Soviética e no aparato estatal soviético.

Depois da Grande Guerra Patriótica, alguns fenômenos negativos surgiram no Partido Comunista da União Soviética. A difícil situação econômica, as devastações, as destruições e as grandes perdas humanas que ocorreram na União Soviética exigiam uma mobilização total dos quadros e das massas para a consolidação e o progresso do país. No entanto, em vez disso, notou-se um declínio no caráter e na moral de muitos quadros. Por outro lado, com sua presunção e ostentação da glória das batalhas vitoriosas — em suas condecorações, privilégios e muitos outros vícios e concepções errôneas —, os elementos megalomaniacos despojavam o partido de sua vigilância, corroendo-o por dentro. Criou-se uma casta no exército que estendeu a sua dominação brutal e arrogante ao partido, transformando o seu caráter proletário. A casta corroeu a espada da revolução que o partido deveria ser.

Penso que sinais de uma apatia condenável no Partido Comunista da União Soviética eram perceptíveis mesmo antes da guerra, mas ainda mais depois dela. Este partido era de grande renome e havia obtido êxitos colossais ao longo da sua existência, mas, ao mesmo tempo, havia começado a perder o seu espírito revolucionário e se contaminar com o burocratismo e a rotina. As normas leninistas e os ensinamentos de Lênin e Stálin haviam sido transformados pelos apparatchiks em fórmulas e palavras de ordem batidas e sem valor de ação. Grande país era a União Soviética, o povo trabalhava, produzia e criava. Dizia-se que a indústria se desenvolvia no ritmo necessário e que a agricultura socialista avançava, mas este desenvolvimento não estava no nível desejado.

Não era a linha “incorreta” de Stálin que freava o progresso. Pelo contrário, esta linha era correta e marxista-leninista, mas frequentemente era mal aplicada e até mesmo distorcida e sabotada por elementos inimigos. Distorciam também a linha correta de Stálin os inimigos disfarçados nas fileiras do partido e nos órgãos estatais, os oportunistas, liberais, trotskistas, revisionistas, como os Khrushchev, Mikoyan, Suslov, Kosygin, etc, mostraram ser mais tarde.

Antes da morte de Stálin, Khrushchev e seus colaboradores golpistas mais próximos estavam entre os principais dirigentes que atuavam às escondidas, preparando e aguardando o momento propício para uma ação aberta e de grande escala. É fato que todos esses traidores eram conspiradores forjados na experiência dos diversos contrarrevolucionários russos, na experiência dos anarquistas, trotskistas e bukharinistas. Conheciam também a experiência da revolução e do Partido Bolchevique, embora não tivessem aprendido nada de bom com a revolução, mas sim somente o necessário para miná-la e minar o socialismo escapando dos golpes da revolução e da ditadura do proletariado. Em resumo, eram contrarrevolucionários e duas-ca-

ras. De um lado, louvavam o socialismo, a revolução, o Partido Comunista Bolchevique, Lênin e Stálin; do outro, preparavam a contrarrevolução.

Assim, toda essa escória acumulada realizava sabotagens com os métodos mais sutis, que disfarçavam com elogios a Stálin e ao regime socialista. Tais elementos desorganizavam a revolução organizando a contrarrevolução, mostravam-se “severos” com os inimigos internos para espalhar o medo e o terror no partido, no poder e no povo. Eles é que inventavam a situação eufórica que relatavam a Stálin, mas, na realidade, destruíam a base do partido e a base do Estado, degeneravam os espíritos e elevavam aos céus o culto a Stálin de modo a derrubá-lo mais facilmente no futuro.

Era uma atividade hostil e diabólica que prendia pelo pescoço a União Soviética, o Partido Comunista da União Soviética e Stálin, que, como mostram os fatos históricos, estava cercado de inimigos. Quase nenhum dos membros do Presidium e do Comitê Central ergueu a voz em defesa do socialismo e de Stálin.

Ao fazer uma análise minuciosa nas diretrizes políticas, ideológicas e organizativas de Stálin na direção e organização do partido, da guerra e do trabalho, no geral, não se encontrará nenhum erro de princípios, mas ao levar em conta como estas diretrizes eram distorcidas pelos inimigos e postas em prática, serão visíveis as perigosas consequências dessas distorções e ficará claro por que o partido começou a se burocratizar, a se deixar invadir por um trabalho de rotina e por um formalismo nefasto, que quebraram a sua força e sufocaram o seu espírito e ímpeto revolucionário. O partido se cobria com uma espessa camada de mofo, de apatia política, pensando erroneamente que somente a cabeça, somente a direção atua e resolve tudo por si própria. Um conceito parecido criou a situação em que por toda parte e diante de qualquer problema se dizia “isto é assunto da direção”, “o Comitê Central é infalível”, “Stálin disse isso e acabou”, etc. Muitas coisas não foram ditas por Stálin, mas foram cobertas com o seu nome.

Os aparatos e funcionários se tornaram “onipotentes”, “infalíveis”, e atuavam de maneira burocrática usando o chavão do centralismo democrático, da crítica e autocrítica bolcheviques, que na realidade já não eram mais bolcheviques. Desta maneira, não resta dúvida que o Partido Bolchevique havia perdido a vitalidade de outrora. Vivia com fórmulas corretas, mas que não passavam de fórmulas; agia, mas perdera a sua iniciativa; com os métodos e formas de trabalho utilizados na direção do partido, os resultados eram contrários ao esperado.

Nestas condições, as medidas administrativas burocráticas começaram a predominar sobre as medidas revolucionárias. A vigilância não operava mais porque já não era revolucionária, apesar de trombetarem que era. De uma vigilância de

partido e de massas, convertia-se em vigilância de aparatos burocráticos e transformava-se, de fato, embora não totalmente de um ponto de vista formal, em uma vigilância de segurança estatal, de tribunais.

Compreende-se que, nestas condições, sentimentos e visões não proletários e alheios à classe criaram raízes e começaram a ser cultivados no Partido Comunista da União Soviética e na mente de muitos comunistas. Começaram a se alastrar o carreirismo, o servilismo, o charlatanismo, o favoritismo doentio, a moral anti-proletária, etc. Esses males corroíam o partido por dentro, sufocavam o espírito da luta de classe e de sacrifício e encorajavam a busca de uma “vida boa”, tranquila, de privilégios, de ganhos pessoais e de trabalho e esforço mínimos. Criou-se assim a mentalidade burguesa e pequeno-burguesa que se observava em frases e ideias como “trabalhamos e lutamos por este Estado socialista e vencemos, agora vamos aproveitá-lo” e “somos intocáveis, o passado cobre tudo”. O pior de tudo era que essa mentalidade também estava tomando conta dos velhos quadros do partido, com um bom passado e de origem proletária, e dos membros do Presidium do Comitê Central, que deveriam ser exemplos de pureza para os demais. Muitos desses quadros se encontravam na direção e nos aparatos, faziam belo uso das palavras, frases revolucionárias e fórmulas teóricas de Lênin e Stálin, colhiam os louros do trabalho dos outros e estimulavam o mau exemplo. Desta maneira, criava-se uma aristocracia operária de quadros burocratas no Partido Comunista da União Soviética.

Infelizmente, esse processo de degeneração se desenvolvia sob os lemas “alegres” e “esperançosos” do “tudo segue bem, normal e de acordo com as normas e leis do partido”, que na prática eram violadas, do “a luta de classe segue se desenvolvendo”, “o centralismo democrático está preservado”, “a crítica e autocrítica continuam como antes”, do “há unidade de ação entre o partido”, “não há mais elementos fracionistas e antipartido”, “o tempo dos grupos trotskistas e bukharinistas já passou”, etc, etc. Em geral, até mesmo os elementos revolucionários, e aqui reside a essência do drama e do erro fatal, consideravam que esse conceito distorcido da situação era uma realidade normal, por essa razão se pensava não existir razão para alarmismo; que os inimigos, ladrões e violadores da moral estavam sendo condenados pelos tribunais; que os membros indignos do partido estavam sendo expulsos, como de costume, e que novos membros estavam sendo admitidos, como de costume; que os planos estavam sendo cumpridos, embora houvesse alguns que não; que as pessoas estavam sendo criticadas, condenadas, elogiadas, etc. Portanto, segundo eles, a vida seguia seu curso normalmente, e assim se relatava a Stálin que “tudo segue normal”. Estamos convictos de que, se tivesse conhecido a situação real do partido,

Stálin, grande revolucionário que era, teria desferido um golpe demolidor nesse espírito doente, e de que o partido e o povo soviético se ergueriam para apoiá-lo, porque, com razão, tinham grande confiança em Stálin.

Os aparatos não somente não informavam Stálin corretamente e distorciam burocraticamente as suas diretrizes corretas, como também haviam criado situação tal no partido e no povo que mesmo quando Stálin se reunia, na medida em que sua idade e saúde permitiam, com as massas do partido e do povo, estas não o informavam das deficiências e erros que aconteciam, já que os aparatos haviam inculcado nos comunistas e nas massas que “não se deve preocupar Stálin”.

Todo o barulho que os khrushchevistas faziam sobre o pretenso culto a Stálin era na verdade um blefe. Não foi Stálin, que era um homem simples, quem construiu este culto, e sim toda a escória revisionista acumulada na cabeça do partido e do Estado, que, entre outras coisas, explorou o grande carinho dos povos soviéticos por Stálin, principalmente depois da vitória sobre o fascismo. Se lermos os discursos de Khrushchev, Mikoyan e de todos os outros membros do Presidium, veremos os elogios desenfreados e hipócritas que esses inimigos lançavam sobre Stálin enquanto este vivia. Essa leitura é nauseante ao pensar-se que, por detrás de todos esses elogios, tais elementos escondiam o seu trabalho hostil dos olhos dos comunistas e das massas, que estavam enganados pensando ter dirigentes leais ao marxismo-leninismo e camaradas leais a Stálin.

Mesmo após a morte de Stálin, os “novos” dirigentes soviéticos, sobretudo Khrushchev, se abstiveram de falar mal de Stálin por um tempo, descrevendo-o inclusive como um “grande homem”, um “líder de autoridade indiscutível”, etc. Khrushchev tinha que falar assim para ganhar crédito dentro e fora da União Soviética, para fazer parecer que era “leal” ao socialismo e à revolução, “continuador” da obra de Lênin e Stálin.

Khrushchev e Mikoyan eram os inimigos mais ferozes do marxismo-leninismo e de Stálin. Esses dois eram a cabeça do complô e do golpe, que, junto com os arrivistas e antimarxistas do Comitê Central, do exército e dirigentes de base, haviam preparado há muito tempo. Esses golpistas não mostraram as cartas imediatamente após a morte de Stálin, mas continuaram a misturar o seu veneno com os seus elogios a Stálin, quando fosse e à medida que fosse necessário. Devo dizer que Mikoyan, em particular, nas muitas reuniões que tive com ele, nunca fez qualquer elogio a Stálin, por mais que os golpistas entoassem louvores e glórias a Stálin o tempo todo em seus discursos e sermões. Alimentavam o culto a Stálin de modo a isolá-lo o máximo possível das massas, e, escondendo-se atrás desse culto, prepa-

ravam a catástrofe. Khrushchev e Mikoyan seguiram um plano predeterminado e, com a morte de Stálin, encontraram um campo aberto para agirem, também porque Malenkov, Beria, Bulganin e Voroshilov se mostraram não somente cegos, como também ambiciosos, e lutaram entre si pelo poder.

Esses e outros, velhos revolucionários e comunistas honrados, haviam se transformado em representantes típicos dessa rotina burocrática, da “legalidade” burocrática que se instituíra, e, quando frouxamente tentaram recorrer a essa mesma “legalidade” contra o complô evidente dos khrushchevistas, já era tarde demais.

Khrushchev e Mikoyan, em perfeita unidade, souberam manobrar entre eles, opondo uns aos outros. Em poucas palavras, aplicaram esta tática: rachar e dividir o Presidium, organizar as forças golpistas de fora deste, continuar falando bem de Stálin para ter as massas de milhões ao seu lado, e acelerar assim a chegada do dia da tomada do poder, da liquidação dos adversários e de toda uma época gloriosa da construção do socialismo, da Guerra Patriótica, etc. Toda essa agitada atividade (e percebemos isto) visava popularizar Khrushchev dentro e fora da União Soviética.

Khrushchev, protegido pelo guarda-chuva das vitórias que a União Soviética e o Partido Comunista da União Soviética haviam alcançado sob a direção de Lênin Stálin, fazia o possível para fazer os povos e os comunistas soviéticos pensarem que nada havia mudado, que um grande dirigente havia morrido, mas que um dirigente “ainda maior” havia ascendido, e que dirigente! “Tão íntegro e leninista quanto o anterior, se não mais, porém liberal, popular, sorridente, muito bem humorado e piadista!”

Enquanto isso, a víbora revisionista, que ia tomando seus impulsos, começou a destilar o seu veneno sobre a figura e a obra de Stálin. Inicialmente, os ataques eram feitos sem citar o nome deste, golpeando-o indiretamente.

Em um dos encontros que tive com Khrushchev, em junho de 1954, este começou, numa base supostamente de princípios e teórica, a me explicar a grande importância da “direção coletiva” e o grande dano causado pela substituição desta pelo culto a uma pessoa, citando também algumas passagens isoladas de Marx e Lênin para dar a entender que o que ele falava tinha uma “base marxista-leninista”.

Nada disse contra Stálin. Em vez disso, descarregou as suas munições em cima de Beria, acusando-o de crimes reais e imaginários. O certo é que, nessa etapa inicial da ofensiva revisionista de Khrushchev, Beria era a carta na manga perfeita para colocar em prática os seus planos secretos. Como disse antes, Beria foi apresentado como o responsável por muitos males: supostamente, ele havia subestimado o papel do primeiro-secretário, prejudicado a “direção coletiva” e tentado colocar o

partido sob o controle da segurança estatal. Sob o pretexto da luta contra o dano causado por Beria, Khrushchev se colocou na direção do partido e do Estado e tomou o Ministério do Interior, por um lado, e começou a preparar a opinião pública para o ataque aberto que lançaria mais tarde contra Josef Vissarionovitch Stálin e a obra verdadeira do Partido Comunista Bolchevique de Lênin e Stálin, pelo outro.

Muitas dessas ações e mudanças imprevistas nos impressionaram, mas era muito cedo para podermos contemplar as verdadeiras proporções do complô que estava sendo posto em prática. Apesar disso, mesmo naquela época, não podíamos deixar de perceber a natureza contraditória dos atos e opiniões deste “novo líder” que tomava as rédeas da União Soviética. Esse mesmo Khrushchev, que agora se apresentava como um “adepto da direção coletiva”, alguns dias antes, ao falar do papel do primeiro-secretário do partido e do primeiro ministro em um encontro que tivemos com ele, apresentou-se como ardente defensor do “papel do indivíduo” e da “mão firme”.

Após a morte de Stálin, aparentava-se que essas “pessoas de princípios” haviam instituído uma direção supostamente coletiva. Esta era propagandeada para mostrar que “Stálin violou o princípio da direção coletiva” e “perverteu esta importante norma da direção leninista”, e que “a direção do partido e do Estado havia se transformado em uma direção individual”. Era uma grande mentira, propagada pelos khrushchevistas para preparar o terreno para si. Se a coletividade da direção tivesse sido violada, a culpa não seria das ideias corretas de Stálin sobre diversos problemas, e sim das adulações hipócritas dos outros e das decisões arbitrárias que estes tomaram, distorcendo a linha nos vários setores que dirigiam. E como seria possível controlar a atividade desses elementos antipartido que rodeavam Stálin quando eles mesmos espalhavam a ideia de que o “*Tse-Ka znayet vsyo*”?! Agindo assim, queriam convencer o partido e o povo de que “Stálin sabe tudo que está acontecendo” e “ele aprova tudo”. Em outras palavras, usando o nome de Stálin, e por meio de outros apparatchiks, reprimiam a crítica e tentavam converter o Partido Bolchevique em um partido sem espírito, em um órgão desprovido de vontade e energia, que vegetava dia após dia, aprovando tudo que a burocracia decidia, tramava e distorcia.

Na campanha pela suposta instituição de uma direção coletiva, Khrushchev tratava de fazer um truque, erguendo um coro ensurdecido sobre a luta contra o culto à personalidade. Não havia mais fotografias de Khrushchev na imprensa diária, não havia mais manchetes cheias de elogios a ele, agora se recorria a outra tática batida: todos os jornais eram cobertos com suas declarações públicas e seus discursos, com relatos dos seus encontros com embaixadores estrangeiros, parti-

cipações em cada noite de recepções diplomáticas, encontros com delegações de partidos comunistas, com jornalistas, empresários e senadores americanos e milionários ocidentais, que eram seus amigos. Toda essa tática pretendia contrapor-se ao método de Stálin de “trabalhar de portas fechadas”, ao seu “trabalho sectário”, que, segundo os khrushchevistas, havia sido muito prejudicial para a abertura da União Soviética ao mundo.

O objetivo dessa propaganda khrushchevista era mostrar ao povo soviético que agora ele havia encontrado o seu “verdadeiro dirigente leninista, que sabe tudo, que resolve todas as coisas corretamente, que tem uma vitalidade extraordinária, que dá a devida resposta a quem quer que seja”, e cuja intensa atuação “está consertando tudo na União Soviética, apagando os crimes do passado e seguindo em frente”.

Estava em Moscou por ocasião de um encontro dos partidos de todos os países socialistas. Foi em janeiro de 1956, se não me engano, que houve uma conferência consultiva sobre os problemas do desenvolvimento econômico dos países membros do Comecon. Era a época em que Khrushchev e os khrushchevistas prosseguiram a sua atividade hostil. Estávamos com Khrushchev e Voroshilov em uma casa de campo fora de Moscou, onde almoçariam todos os representantes dos partidos irmãos. Os demais ainda não haviam chegado. Nunca havia ouvido os dirigentes soviéticos falarem mal de Stálin abertamente, e eu, da minha parte, continuava falando do grande Stálin com carinho e com muito respeito. Ao que parece, as minhas palavras não soavam bem aos ouvidos de Khrushchev. Enquanto esperava a chegada dos demais camaradas, Khrushchev e Voroshilov me disseram:

— Podemos sair para tomar um ar?

Sáímos e caminhamos pelo parque. Khrushchev disse a Klim Voroshilov:

— Fale um pouco para o Enver sobre os erros de Stálin.

Fiquei de ouvidos bem atentos, embora já suspeitasse há muito das suas malícias. Voroshilov começou a me dizer que “Stálin errou na linha do partido”, que “era brutal, era tão violento que não se podia discutir com ele”.

— Ele — continuou Voroshilov — permitiu que cometessem crimes, e deve ser responsabilizado por isso. Errou também no campo do desenvolvimento da economia, portanto não é correto qualificá-lo como “arquiteto da construção do socialismo”. Stálin não manteve as relações adequadas com os demais partidos...

Voroshilov seguiu por um bom tempo lançando esse tipo de coisas contra Stálin. Algumas eu entendia, algumas, não, pois, como disse antes, não dominava bem a língua russa, mas consegui captar a essência da conversa e o objetivo daqueles dois e fiquei indignado. Khrushchev caminhava à nossa frente, levando uma ben-

gala com a qual tocava os repolhos que haviam plantado no parque. (Khrushchev havia feito plantarem legumes até nos parques para se passar por um especialista em agricultura.)

Quando Voroshilov concluiu as suas histórias caluniosas, perguntei-lhe:

— Como é possível Stálin ter cometido esses erros?

Khrushchev, vermelho, virou-se para mim e respondeu:

— É possível, é possível, camarada Enver, Stálin fez tudo isso.

— Vocês viram todas essas coisas enquanto Stálin estava vivo. Então como não o ajudaram a evitar esses erros que, segundo vocês dizem, ele cometeu? — perguntei a Khrushchev.

— É natural que você pergunte isso, camarada Enver, mas você vê essa *kapusta* aqui? Stálin teria cortado a sua cabeça com a mesma facilidade que um jardineiro corta essa *kapusta* — e Khrushchev golpeou o repolho com a bengala.

— Está tudo claro! — disse a Khrushchev e não falei mais nada.

Entramos na casa. Os demais camaradas haviam chegado. Eu fervia de raiva. Naquela noite, nos serviriam sorrisos e promessas de um “desenvolvimento maior” e “mais intenso” do socialismo, de “mais ajuda” e “colaboração mais ampla em todos os campos”. Era o tempo em que se preparava o infame 20º Congresso, tempo em que Khrushchev avançava mais rapidamente rumo à tomada do poder. Criava a imagem de um dirigente mujique, “popular”, que abria as prisões e os campos de trabalho, que não só não temia os reacionários e os inimigos condenados e presos na União Soviética, como também, ao soltá-los, queria mostrar que estes também eram “inocentes”.

Todos sabem os trotskistas, conspiradores e contrarrevolucionários que eram Zinoviev, Kamenev, Rykov e Piatakov, os traidores que eram Tukhachevsky e os demais generais agentes do Serviço de Inteligência ou dos alemães. Mas, para Khrushchev e Mikoyan, eram todas boas pessoas e, pouco tempo depois, em fevereiro de 1956, seriam apresentados como vítimas inocentes do “terror stalinista”. Essa onda se erguia pouco a pouco, ia preparando cuidadosamente a opinião pública. Os “novos” dirigentes, que eram os mesmos de antes, à exceção de Stálin, passavam-se por liberais, querendo dizer ao povo: “Respirem livremente, vocês são livres, vocês estão na verdadeira democracia, porque o tirano e a tirania se foram. Agora tudo avança pelo caminho de Lênin. Surge a fartura, os mercados ficarão tão cheios que não saberemos o que fazer com tantos produtos.”

Khrushchev, aquele charlatão asqueroso, escondia seus truques e enganações com tagarelices. Ainda assim, criou uma situação favorável ao seu grupo recorrendo

a esta prática. Não havia dia em que Khrushchev não recorresse à demagogia desenfreada sobre o desenvolvimento da agricultura, transferisse pessoas e mudasse métodos de trabalho para fazer de si mesmo o único “patrão competente” da agricultura, que promovia essas “reformas” pessoais.

Khrushchev havia até “inaugurado” a sua ascensão ao posto de Primeiro-Secretário do Comitê Central com um longo informe sobre os problemas da agricultura, que apresentou em uma plenária do Comitê Central em setembro de 1953. Este informe, qualificado como “muito importante”, continha as ideias e reformas khrushchevistas que, na realidade, prejudicaram tanto a agricultura soviética que suas consequências catastróficas são perceptíveis até hoje. Todo o alarde e estardalhaço feito sobre as “novas terras” era propaganda enganosa. A União Soviética comprou e segue comprando milhões de toneladas de cereais dos Estados Unidos da América.

Quanto à “direção coletiva” e à ausência das fotografias de Khrushchev nos jornais, não duraram muito. O culto a Khrushchev começava a ser erguido pelos enganadores, liberais, carreiristas, lambe-botas e bajuladores. A grande autoridade de Stálin, fundada sobre a sua obra inapagável, foi sabotada dentro e fora da União Soviética. Sua autoridade cedeu lugar à de um charlatão, um palhaço, um chantagista.

NÃO SÃO MARXISTA-LENINISTAS, SÃO TRAFICANTES!



Mikoyan, um traficante cosmopolita e anti-albanês inveterado. Conversas árduas em junho de 1953 sobre questões econômicas: os dirigentes soviéticos pechincham na ajuda à Albânia. Os “conselhos” de Khrushchev um ano mais tarde: “Vocês não precisam de indústria pesada”, “proveremos petróleo e metais para vocês”, “não se preocupem com cereais, daremos o quanto vocês quiserem”. Conflitos com Mikoyan. Descontentamento dos dirigentes revisionistas na Comecon. Ochab, Dej, Ulbricht. A consulta da Comecon em junho de 1956 em Moscou, Khrushchev: “devemos fazer como Hitler”. Outra conversa com Khrushchev. Seus “conselhos”: “Que a Albânia siga em frente com algodão, ovelhas, pesca e cítricos”.



ESTÁVAMOS DECIDIDOS A PROSEGUIR E DESENVOLVER AINDA MAIS A PRÁTICA, QUE iniciara durante a vida de Stálin, de trocar ideias e pedir a ajuda da direção soviética em relação a nossos problemas econômicos. Nos primeiros oito ou nove anos do poder popular, havíamos alcançado uma série de sucessos no desenvolvimento econômico do país, dado os primeiros passos nas áreas da industrialização e da coletivização da agricultura, criado uma certa base nesse sentido e ganhado uma certa experiência, o que nos serviria para avançar continuamente a nossa economia socialista. Apesar disso, não havíamos nos envaidecido com o que havíamos alcançado nem escondíamos os problemas, fraquezas e grandes dificuldades que enfrentávamos. Por isso sentíamos a necessidade de consultar constantemente os nossos amigos e, acima de tudo, o Partido Comunista da União Soviética; igualmente, tínhamos a necessidade de suas ajudas materiais e créditos. Agora, nunca consideramos essas ajudas e créditos como caridade nem os solicitávamos como se fossem.

Entretanto, nessa área das nossas relações e contatos com a direção soviética pos-

terior a Stálin, logo percebemos sinais de que as coisas não eram mais como antes. Havia algo de errado, a atmosfera não era mais a de antes, em que íamos a Stálin e falávamos dos nossos problemas sem hesitação, e ele nos escutava e falava conosco de coração aberto, com o coração de um comunista internacionalista. Cada dia mais, víamos mercadores, e não comunistas, nos seus sucessores.

Mikoyan, em particular, era o elemento mais negativo, mais suspeito e mais intrigante dos membros do Presidium do Comitê Central do Partido Comunista da União Soviética. Esse comerciante, sempre rangendo os dentes postigos, ruminava também diabólicos planos antimarxistas, conspiratórios e golpistas, como se confirmou mais tarde. Esse indivíduo antipático até de feição, esse sem coração, mostrava-se ameaçador especialmente contra nós, albaneses. Nossas relações com esse traficante pão-duro tinham caráter econômico e comercial. Tudo em relação à Albânia, tanto na concessão de créditos como nas trocas comerciais, era visto por esse indivíduo por um prisma exclusivamente comercial. Para ele, não havia sentimentos internacionalistas, socialistas, de amizade.

Para Mikoyan, a Albânia era uma “noção geográfica”, um país com um povo sem valor. Nunca ouvi da sua boca uma palavra sequer sobre a nossa luta, sobre o nosso povo, sobre os esforços que fizemos na luta com grandes dificuldades para reerguer o país e a economia arruinados pela guerra. Ele, que havia viajado a todos os países, nunca demonstrou a mínima vontade de vir à Albânia. Parecia que a direção soviética se baseava na “grande experiência econômica” desse traficante cosmopolita, que, como mostrou a história, conspirou com Khrushchev contra Stálin, que haviam decidido assassinar — e isso ele mesmo nos admitiu em fevereiro de 1960. Depois do golpe, Khrushchev e Mikoyan associaram-se ao imperialismo americano e se lançaram à destruição desde as bases da grande obra de Lênin e Stálin, do socialismo na União Soviética. Era Mikoyan quem decidia que ajuda a União Soviética concederia à Albânia e aos outros países.

Em nossas relações com os soviéticos, Mikoyan não era só o mais mesquinho, como também o mais insolente. Essa sua linha antialbanesa era permanente, ele a tinha mesmo quando Stálin estava vivo. Em meu livro de recordações *Com Stálin*, escrevi sobre uma ocasião em que Stálin, falando-me das ajudas internacionalistas que nos concederiam, perguntou-me sorrindo:

— E os albaneses, trabalham mesmo?¹

Entendi imediatamente por que Stálin me perguntou isso. Dois ou três dias an-

1. Enver Hoxha: *Com Stálin, Recordações* – Página 74, Edições Bandeira Vermelha, Lisboa, 1980.

tes, tivemos um longo debate com Mikoyan sobre nossa situação econômica e a solicitação de ajuda que havíamos apresentado à direção soviética. Mikoyan proferira palavras ofensivas sobre a nossa situação e nossos assuntos, chegando a ponto de dizer: — Vocês estão baseando o seu desenvolvendo unicamente em ajuda externa!

— Não, — respondi, — não é bem assim. Trabalhamos dia e noite, mal dormimos, mas são essas as nossas condições e dificuldades. — E prossegui falando do trabalho incansável e abnegado que os operários, o campesinato trabalhador, a juventude, as mulheres e todo o povo, velhos e jovens, faziam.

— Bem, — disse o traficante, recuando. — vocês querem erguer a indústria. Criar uma indústria será difícil para vocês e vocês não arranjarão os equipamentos necessários em parte alguma, a não ser no exterior, conosco. Empreguem as suas forças na agricultura, melhorem a vida no campo, não esperem se desenvolver somente pela indústria.

Continuamos a discutir com o comerciante armênio por um bom tempo, e, como sempre, ele encerrou a discussão dizendo: — Bom, levarei isso à direção. — Com efeito, Stálin aprovou todas as nossas demandas e não fez, nem naquela nem em outra situação, quaisquer observações como as de Mikoyan. Contudo, este havia envenenado Stálin contra nós, também.

Com todas as nossas delegações econômicas, Mikoyan se comportava como um traficante.

— Não podemos atender às suas solicitações, vocês estão pedindo muitos créditos. Não podemos ajudá-los a construir a fábrica de arroz, a fábrica de cimentos, etc. — dizia ele, embora os créditos que solicitássemos fossem mínimos.

Nossa modéstia e nossa hesitação ao fazer alguma solicitação eram típicas de um pobre que conhece a miséria, que sabe do suor e das dificuldades, que conhecia as necessidades colossais da União Soviética devastada pela guerra e as suas obrigações internacionais. Todavia, para a maioria das fábricas e demais instalações que estávamos construindo com os créditos concedidos, o caminho já havia sido preparado ainda quando Stálin estava vivo. Explicamos em vão para Mikoyan a situação deplorável do nosso país, que não havia herdado a menor fábrica da burguesia, que havia sido arrasado pela guerra, que não tinha um só trator para trabalhar, e que, portanto, não eram justo nos colocar no mesmo nível que a Alemanha Oriental, a Tchecoslováquia, etc. Em uma ocasião, tive uma séria discussão com Mikoyan, que havia decidido me repreender porque as nossas vacas não produziam mais que 500 ou 600 litros de leite por ano.

— Para que as querem? — disse ele, — Matem-nas de uma vez!

Indignado, respondi:

— Nosso caminho jamais será o de matar o gado, mas sim o de alimentá-lo melhor e melhorar a sua produtividade. Vocês devem saber que o nosso povo tem escassez de pão, que dirá de animais.

— No nosso país, — disse ele orgulhoso, — uma vaca produz não sei quantos mil litros de leite.

— Com licença! — respondi. — Você é um velho quadro do Estado soviético e deve saber: as suas vacas produziam tanto leite quanto hoje imediatamente após a Revolução de Outubro, em 1920 ou 1924?

— Não, — ele disse, — as coisas eram diferentes naquele tempo.

— A mesma coisa acontece conosco agora — disse eu —, não podemos alcançar o seu nível dentro de quatro ou cinco anos de libertação. O que importa é que pusemos as mãos à obra e estamos sedentos por desenvolvimento e progresso. Não nos falta desejo ou vontade. Mas temos que avaliar corretamente as coisas.

Após a morte de Stálin, as nuances anti-albanesas na atitude do ministro comerciante da União Soviética se tornaram uma linha permanente. Só que agora ele não estava sozinho. Seu lápis havia adquirido o hábito de riscar cruces e escrever “nãos” sobre nossas modestas solicitações, agora com o apoio e o respaldo dos demais. Escrevi anteriormente sobre o encontro de junho de 1953 com Malenkov, Beria, Mikoyan e outros em Moscou. Deixando de lado outras considerações, pela maneira que se comportavam conosco, senti no Kremlin a ausência não só do corpo do inesquecível Stálin, mas também do seu espírito generoso e humano, do seu comportamento atento, cordial, e do seu pensamento de exímio marxista-leninista.

Falava apenas por alguns minutos sobre a situação socioeconômica da Albânia, da mobilização sem precedentes das massas trabalhadoras, dos comunistas e dos quadros no trabalho, quando Malenkov me interrompeu:

— Nu, *tovarish*² Enver, — disse ele, —, vocês está nos apresentando a situação da Albânia como se fosse boa, mas a realidade não é bem assim. Escute, então, às nossas considerações.

E então nos despejaram um monte de observações sobre nossa situação e nosso trabalho. Não sabemos de onde tiraram essas “informações”, mas o fato é que exageravam e aumentavam as coisas de tal maneira que ficamos estarecidos. Duas “observações”, em especial, ficaram na minha memória.

A primeira dizia respeito ao nosso aparato estatal.

2. “Mas, camarada” (Em russo no original).

— O seu aparato, — havia constatado a direção soviética, — é tão extenso e tão inchado que nem mesmo Rockefeller e Morgan se atreveriam a administrá-la.

E, imediatamente após nos chamarem de Rockefellers e Morgans, foram ao outro extremo com sua segunda observação:

— Seus camponeses não têm pão para comer, não têm bois, não têm gado, não têm nem uma galinha sequer (só eles sabem como contaram o número de galinhas da Albânia!), isso para não falar de outras necessidades básicas.

Rockefellers por um lado e mortos de fome por outro! Como entender essa lógica?

Mas a voz de Mikoyan não me permitiu pensar muito... Contador que era, Mikoyan falava em porcentagens, números, comparações, tabelas. Logo prosseguiu:

— Sua situação econômica é ruim, sua agricultura está em um estado miserável, seu gado é numericamente inferior ao período anterior à guerra, 20% do seu pão é importado, a coletivização caminha lentamente, o campesinato não está convicto da necessidade desta. Vocês exploram os camponeses. Vocês estão mal no plano financeiro. Vocês não sabem fazer comércio — resmungava o armênio.

Com todo o respeito que tinha pelos dirigentes soviéticos, não pude permanecer calado:

— Não passamos o dia em banquetes e festas! — respondi. — Estamos trabalhando, dando nosso suor, mas não é possível consertar tudo de imediato. Não se esqueçam que vocês também passaram por essa fase.

— Não, — disse ele, — não esquecemos, mas fomos nós mesmos que trabalhamos.

— Também somos nós que estamos trabalhando. — prossegui, — Não há servos no nosso país. Não estamos pedindo esmola, e sim uma ajuda internacionalista.

Minhas respostas o fizeram baixar um pouco o tom. Não obstante, prosseguiu:

— Seus planos não se concretizam. Tomemos o setor de construções. Vocês têm feito construções colossais para o seu país. Entretanto, essas construções não são concluídas — primeiro, porque vocês não possuem mão de obra e não criaram as devidas condições; segundo, porque vocês se empenham em construir muitas fábricas sem necessidade. Vocês iniciaram todas essas obras sem levar em conta as condições reais da Albânia. Estão construindo uma central hidrelétrica em Mat³. Perguntamos: onde usarão a energia elétrica? Não vemos onde podem empregá-la, vocês não precisam de tanta energia.

Seu raciocínio me pareceu estranho, ao que fiz essa objeção:

3. Trata-se da central hidrelétrica “Karl Marx” sobre o rio Mat, no norte da Albânia. Sua construção terminou em janeiro de 1958.

— A central do rio Mat, quando concluída, produzirá cerca de 25.000 kW. Isso parece uma quantidade grande e desnecessária para vocês?! Tenha em mente, camarada Mikoyan, que não só precisamos agora de energia elétrica, mas que também não se poderá garantir o desenvolvimento planejado da nossa economia sem tomar a tempo as medidas necessárias para produzir a energia que necessitaremos.

— Vocês não são exatos nos seus planejamentos. A central é demasiado cara e vocês não têm o que fazer com a corrente. — insistiu Mikoyan. — Iguamente, planejaram construir fábricas desnecessárias, como as de aço, processamento de madeira, papel, vidro, linho, pão, etc. Para que a Albânia precisa de todas essas fábricas? Por que estão construindo uma refinaria⁴? Vocês têm reservas de petróleo suficientes ou estão construindo para que a refinaria fique ociosa? Examinem bem tudo isso e cortem o desnecessário. A questão da agricultura é muito crítica, reduzem os investimentos na indústria e reforcem a agricultura!

Ouvia-o falar isso e, por um segundo, parecia que tinha diante de mim não o membro do Presidium do Comitê Central do Partido Comunista da União Soviética, e sim Kidrič, o enviado de Tito à Albânia que, fazia sete ou oito anos, junto com seus companheiros, havia feito o possível para nos fazer desistir da indústria e de erguer qualquer obra industrial. “A agricultura, a agricultura”, insistiam os homens de Belgrado⁵. “A agricultura, só a agricultura”, escutava agora, em 1953, aconselha-rem-me também em Moscou.

Todo esse encontro, que tinha por objetivo examinar nossos problemas econômicos, seguiu nesse espírito até o fim.

Alguns dias depois, sentamo-nos outra vez com Mikoyan e outros dois ou três funcionários soviéticos e outra vez “debateamos” as questões econômicas. Vendo a má disposição dos nossos amigos, abandonamos muitas das nossas demandas. Limitamo-nos ao que era indispensável, e, apesar dos seus “conselhos”, insistimos e conseguimos um pequeno crédito para a indústria, especialmente para o setor de petróleo e de minas.

Nunca esquecerei aquele momento em que encontramos Malenkov e Mikoyan para as últimas conversas.

— Seguindo seus conselhos, — disse-lhes. — Consulte com meus camaradas e decidimos adiar para o próximo plano quinquenal a construção das fábricas de pa-

4. Trata-se da refinaria de petróleo que se construía em Cërrik à época.

5. Enver Hoxha: *Os Titoístas* — Edição espanhola, páginas 273-381 e 427-435 — Edição inglesa, páginas 299-343 e 419-427 — Casa de Publicações “8 Nëntori”, Tirana, 1982.

pel, vidro, aço e pão que havíamos solicitado anteriormente.

— *Pravilno!* — disse Malenkov, enquanto Mikoyan se apressou em riscar com seu lápis grosso uma cruz na lista.

— Adiaremos a construção da hidrelétrica de Mat até 1957!

— *Pravilno!* — repetiu Malenkov, e Malenkov rapidamente riscou outra cruz.

— Cortaremos do plano a construção da ferrovia e da usina de asfalto.

— *Pravilno! Pravilno...*

E assim terminou esse encontro.

— Voltem outra vez! — disseram-nos quando nos despedíamos. — Estudem bem as coisas e escrevam-nos.

Agradecemos aos nossos “amigos” pelas concessões e retornamos à Albânia.

Embora seja pouco dizer que as impressões que tivemos com essa viagem à União Soviética não foram boas, seguimos preservando nossos sentimentos de amizade e amor pelo grande país dos soviéticos, pela pátria de Lênin e Stálin. Guardávamos para nós o que soara mal nas suas ações e gestos, discutíamos ansiosos sobre isso entre nós, mas em nossos corações não queríamos aceitar que as coisas naquele país haviam tomado a direção errada. Dizíamos uns aos outros que os camaradas soviéticos tinham grandes dificuldades econômicas, que, de alguma maneira, a perda de Stálin os havia desorientado, que não era tão fácil tomar completamente as rédeas da direção, e esperávamos ardentemente que essas coisas fossem passageiras, que se resolveriam com o tempo.

No entanto, alguns meses depois, voltamos a enfrentar uma atitude desagradável e incorreta da parte deles.

Em 22 de dezembro de 1953, enviamos ao Comitê Central do Partido Comunista da União Soviética uma longa carta, na qual, depois de apontar as medidas tomadas para reforçar o poder popular, o nosso desenvolvimento econômico, a melhoria da vida no campo e o progresso na agricultura, apresentamos uma série de problemas para consulta de opiniões e alguns pedidos modestos de ajuda e créditos para nosso próximo plano quinquenal. Havíamos escrito essa carta seguindo as suas recomendações, com base num extenso estudo realizado durante meses, e, na nossa opinião, os pedidos eram muito bem fundamentados e exatos.

Os especialistas e conselheiros soviéticos que haviam vindo ao nosso país no marco da assistência e colaboração entre os dois países também pensavam assim.

Apenas cinco ou seis dias depois de enviarmos a carta a Moscou, chegou a Tirana a resposta do Comitê Central do Partido Comunista da União Soviética. A carta tinha de 15 a 20 linhas. “Não refletiram bem sobre a situação”, “avaliaram o proble-

ma apressadamente”, “não se aprofundaram nas questões”, “não tomaram as medidas necessárias”, “preparem-se melhor e nos escrevam novamente”. Era esse todo o conteúdo daquelas poucas linhas assinadas pelo Comitê Central do Partido Comunista da União Soviética. Não podíamos deixar de nos sentir magoados com o tom depreciativo e ofensivo da nova direção soviética e de nos perguntarmos surpresos: como sabem em Moscou se refletimos correta ou incorretamente sobre nossos problemas, se somos nós, e não eles, que vivemos e trabalhamos na Albânia?

Contudo, nossos encontros anteriores, especialmente com Mikoyan, haviam nos ensinado o que deveríamos fazer para que nossa carta agradasse aos soviéticos: passamos a tesoura em muitos dos pedidos apresentados, tiramos do projeto uma parte das nossas perspectivas e propostas, especialmente na área da indústria, e enviamos a segunda carta “corrigida”, ou, melhor dizendo, mutilada. Não estávamos enganados: avisaram-nos que estavam nos esperando em Moscou para “serem consultados e nos ajudarem”.

Encontramo-nos com os dirigentes soviéticos em 8 de junho de 1954. Foi nesse exato encontro que Khrushchev não quis falar sobre nossos problemas econômicos — visto que, como ele nos disse, ainda era um “mau albanês” —, e sim nos dar toda uma aula sobre o papel do Primeiro-Secretário do partido e do Primeiro-Ministro.

Todavia, antes de terminar seu discurso, Khrushchev também falou dos problemas econômicos, supostamente em termos gerais, supostamente em forma de orientações e conselhos, especialmente sobre a linha que deveríamos seguir na nossa política econômica.

— No desenvolvimento da sua economia, — disse ele, — tomem cuidado com os cálculos. Vejamos o petróleo, por exemplo. Interessa-lhes investir tanto nesse setor? — perguntou.

Entendi imediatamente aonde ele queria chegar. Apesar de todas as “instruções” que haviam nos fornecido anteriormente, que devíamos desistir da exploração e extração de petróleo na Albânia, na segunda carta que lhes enviamos, insistíamos nas nossas opiniões e pedíamos a sua assistência nesse setor. Agora, já que ele havia tocado no assunto, aproveitei a oportunidade para expor mais uma vez a nossa opinião.

— Como devem saber pela carta que enviamos, — disse-lhes —, nosso governo e o Comitê Central do nosso partido, encontrando-se diante de um grande problema econômico e político, determinaram que devemos prosseguir a extração e exploração de petróleo custe o que custar, por mais que isso seja pesado para nossa economia, e continuará sendo por algum tempo se não aumentarmos a produção de petróleo. Devemos continuar nossas explorações e nossa extração do petróleo. — prossegui.

— Porque isso é uma questão de grande importância estratégica e econômica para nosso país e nosso campo. Contudo, as perfurações atuais para procura e exploração são totalmente insuficientes. A quantidade extraída dos poços existentes diminui constantemente, o que, além de causar um déficit considerável na produção e pesar na nossa economia, causa grandes desajustes na nossa balança de exportações.

— Vocês têm certeza da existência de petróleo no seu subsolo? — perguntou Khrushchev.

— Permitam-me dizer-lhes que a expedição de estudos geológicos, conduzida por especialistas soviéticos e que tem trabalhado desde 1950, está otimista quanto à existência de jazidas de petróleo em vários pontos do nosso país além dos campos atuais. Mas a certificação dessas novas reservas, tanto nas fontes novas quanto nas existentes, requer investimentos. Temos tido muitos gastos nesse setor, estamos construindo uma refinaria, onde empregamos a parte mais combativa da classe operária e treinamos quadros petroleiros. Nesse processo todo — continuei —, não podemos deixar de reconhecer honestamente que há muitas lacunas e deficiências da nossa parte na organização do trabalho. Mas estamos lutando com todas as forças para eliminá-las. No entanto, continuamos a avançar inseguros em relação às reservas de petróleo. As reservas conhecidas até hoje são mínimas e podem se esgotar dentro de dois ou três anos se não intensificarmos as nossas explorações.

— Não se preocupem com isso. — interveio Khrushchev. — Temos petróleo de sobra, proveremos para vocês.

— Sim. — respondi. — Entre 1948-1953 nós nos vimos obrigados a importar petróleo refinado e óleos lubrificantes que custam milhões de rublos. Mas vocês entendem que isso foi e ainda é um fardo muito pesado para nós. Pensem nos gastos que poderíamos evitar se encontrássemos e usássemos o petróleo que está no nosso subsolo.

— Além dessa razão muito importante, — prossegui, —, também nos é imperativo reativar o setor de petróleo por outra razão: no caso de uma eventual ameaça ao nosso país, havendo uma impossibilidade prática de nossos amigos nos fornecerem combustíveis, ficaríamos sem uma gota de petróleo sequer e toda a atividade do nosso país seria paralisada.

— Levando em conta todas essas circunstâncias, — disse a Khrushchev, — decidimos prosseguir o trabalho de extração e exploração de petróleo. Mas para isso precisamos da sua ajuda. Com base nos dados dos especialistas soviéticos e albaneses, se continuarmos extraíndo e procurando petróleo com os meios que temos atualmente e nos lugares onde temos poucas reservas, não passaremos de dois ou

três anos. Depois desse período, nos encontraríamos novamente diante de gravíssimas dificuldades.

— Portanto, dada essa situação, pedimos ao governo soviético que estude a nossa solicitação de concessão de crédito para o setor petrolífero para os próximos três anos. Gostaria também de acrescentar que o maquinário que temos e que receberemos será usado pelos nossos próprios quadros, como também por um número muito reduzido de engenheiros soviéticos.

— Certo, certo. — disse Khrushchev. — Porém, a questão é que devem fazer muito bem os cálculos, pôr as coisas na ponta do lápis e analisar se é vantajoso ou não. Sei que o seu petróleo não é dos melhores, que contém muitas outras substâncias, principalmente betume e altas porcentagens de enxofre, e sua rentabilidade é ainda menor se o refinarem. Vou dar um exemplo que se refere ao nosso petróleo em Baku. Investimos bilhões de rublos lá. Para impulsionar a indústria petrolífera em Baku, Beria solicitava constantemente quantias consideráveis a Josef Vissarionovitch, pois Stálin, que já havia trabalhado anteriormente em Baku, sabia que lá existia petróleo. Entretanto, com as atuais descobertas feitas em outras regiões da nossa pátria e com as análises que fizemos, constata-se que a exploração de petróleo em Baku não é rentável.

Depois de me dar uma boa aula sobre a “rentabilidade” e a “não rentabilidade” da extração de petróleo, na qual não faltaram números, para que eu “não cometesse erros” como Stálin(!), Khrushchev chegou aonde queria chegar:

— Portanto, no que se refere às questões econômicas, devemos colocar as contas na ponta do lápis, tanto nós quanto vocês, e, caso existirem fontes rentáveis de petróleo, ótimo, concederemos créditos. Contudo, fazendo as contas dessa maneira, acaba sendo mais vantajoso nós provermos o petróleo para vocês...

— Tudo tem que levar em conta a rentabilidade. — continuou Khrushchev. — Vejamos a indústria. Compartilho a sua opinião de que a Albânia deve ter a sua própria indústria. Mas que tipo de indústria? Penso que vocês devem desenvolver a indústria alimentícia, como as de conservas, de processamento de pescados, de frutas, de azeite, etc. Vocês também querem desenvolver a indústria pesada. Isso deve ser visto com atenção — disse, e, após mencionar que seria possível construir alguma usina mecânica de reparo das peças de reposição, acrescentou:

— Quanto à indústria de processamento de minérios e a indústria de produção de metais, não são rentáveis para vocês. Temos metais e podemos provê-los para vocês o quanto quiserem. Com um dia da nossa produção, satisfazemos um ano das suas necessidades.

Mesma coisa sobre a agricultura: — Vocês, — continuou, — devem cultivar os produtos que crescem melhor e que rendem mais no seu país. Também cometemos erros nesse sentido, como na Geórgia, por exemplo. Havíamos decidido cultivar cereais para pães lá, cultivar algodão na Ucrânia, etc. Mas fizemos as contas e vimos que é mais interessante cultivar na Geórgia as frutas cítricas, uvas, outras frutas, etc., e na Ucrânia os cereais. Agora temos tomado novas decisões e eliminamos os produtos que não se desenvolvem bem, tanto na Geórgia quanto nas outras repúblicas. Assim, vocês na Albânia também devem disseminar os produtos que se desenvolvem melhor e que produzem mais, como o algodão, as frutas cítricas, a azeitona, etc. Dessa forma, a Albânia se transformará num belo jardim e satisfaremos mutuamente as nossas necessidades.

— Uma das direções fundamentais do desenvolvimento da agricultura no nosso país, — disse eu, — é o aumento da produção de cereais para pães. O pão sempre foi e segue sendo um grande problema para nós.

— Não se preocupem com o cultivo de cereais para pães, — interveio Khrushchev imediatamente. — Proveremos o tanto de pão que vocês quiserem, um dia de superação do plano de produção na União Soviética é suficiente para durar três anos na Albânia. Nós, — continuou, — estamos avançando a passos largos na nossa agricultura. Lerei para vocês algumas estatísticas sobre a realização do nosso plano de semeadura de primavera. A semeadura foi cumprida em tanto por cento, a área de superfícies semeadas supera em tantos milhões de hectares a do ano passado, tantos milhões de hectares acima do plano... — e continuou nos enchendo de números, lendo-os rapidamente, um atrás do outro, para nos dar a impressão de que não estávamos lidando com um dirigente qualquer, mas com um dirigente que conhecia a situação como a palma da sua mão.

Quanto aos números, não tínhamos razão para duvidar da sua veracidade, logo nos alegamos e desejamos à União Soviética todo o progresso possível. Mas no que se refere às opiniões e “orientações” para a nossa economia, não podíamos concordar com Khrushchev de jeito nenhum. Não quero dizer que já havíamos percebido desde esse primeiro encontro oficial, em junho de 1954, que estávamos diante do futuro dirigente do revisionismo moderno. Não, disso só nos daríamos conta mais tarde. Não obstante, notamos nesse encontro que as suas opiniões sobre o petróleo, assim como as suas orientações para a nossa indústria e agricultura, não correspondiam às necessidades do nosso país e não condiziam com os princípios básicos da construção socialista nem com os ensinamentos e a experiência de Lênin e Stálin. Portanto, decidimos rebater as suas opiniões e defender nossos pontos de vista.

Nesse encontro, entretanto, Khrushchev não deixou espaço para debates.

— Expus essas opiniões, — concluiu, — para que vocês as tenham em mente. Quanto às questões concretas que vocês nos apresentaram aqui em relação ao desenvolvimento da sua economia, da nossa parte, designamos um grupo de camaradas chefiado por Mikoyan para discuti-las. Por fim, nos encontraríamos outra vez e decidiremos conjuntamente.

Discutimos por vários e vários dias com Mikoyan, que tinha em mãos uma tesoura das grandes. Para recusar as nossas demandas — modestas, mas firmes — para o desenvolvimento industrial, ele e seus camaradas repetiam a mesma ladainha de sempre:

— Para que precisam da indústria?! — diziam-nos. — Não enxergam o estado do campo?

Naturalmente, conhecíamos a situação do nosso campo muito mais do que eles, conhecíamos o atraso que a nossa agricultura havia herdado do passado, e, precisamente porque conhecíamos isso, sempre dedicamos atenção e cuidado especiais para o progresso da agricultura e para a elevação do padrão de vida no campo. Investíamos muito, considerando as nossas condições, na melhoria das terras, na irrigação, na preparação de novas terras, etc. Fornecíamos sementes selecionadas e maquinário agrícola aos camponeses, havíamos criado uma série de empresas agrícolas estatais, avançado bastante na área da coletivização e constantemente tomado medidas para facilitar e estimular a elevação do padrão de vida no campo, etc. Mas não se pode melhorar tudo da noite para o dia. Além do mais, conhecíamos bem a verdade marxista-leninista — a qual sentíamos na prática diária — de que a agricultura não pode avançar sem o desenvolvimento da indústria, sem a criação e fortalecimento dos ramos fundamentais que favoreceriam o desenvolvimento harmônico da nossa economia popular como um todo. Por isso, nesses encontros com os dirigentes soviéticos, insistimos nas nossas opiniões e nas nossas demandas.

— Apesar do progresso realizado, — dissemos entre outras coisas, — hoje, a nossa indústria produz apenas um número limitado de artigos e não está em condições de satisfazer as necessidades dos trabalhadores. Em muitos casos, inclusive, a nossa produção depende de muitos produtos do exterior, como combustíveis, ferro, laminados, pneus, produtos químicos, fertilizantes químicos, peças de reposição, ferramentas e muitas outras coisas.

— Assim, nosso país é muito dependente das importações. Nossa indústria ainda produz muito pouco, e ocorre que, por estar distante de países amigos, frequentemente ramos inteiros da produção são suspensos pela falta de alguma matéria-pri-

ma, material auxiliar ou ferramenta. Nosso Estado nunca teve nenhuma reserva, por menor que fosse, de qualquer tipo de produtos, desde pães até lápis. Precisamos importar não somente produtos básicos, como cereais, combustíveis, etc., mas também todo tipo de maquinário e equipamento, ferramentas, peças de reposição, têxteis, sapatos, fios e agulhas, pregos, vidros, cordas, sacos, lápis, papéis, lâminas, fósforos, medicamentos, etc.

— Essa grave situação, camaradas. — prosseguimos. — Não nos torna pessimistas, mas esta é a realidade. Temos que nos esforçar o máximo possível para superar as dificuldades e melhorar a situação. Mas como conseguiremos isso?

— O comitê central do partido e o nosso governo pensam que a atual situação não pode ser transformada, — dissemos-lhes, — se não desenvolvermos simultaneamente à agricultura e a indústria, indústria essa que, passo a passo, nos livrará do pesado fardo das importações, que nos vemos obrigados a carregar no presente.

Por fim, Mikoyan e seu grupo cederam.

— Certo. — disse ele. — Informaremos a direção sobre as coisas que não chegamos a um acordo e decidiremos conjuntamente no encontro final.

No último encontro desta visita, realizado dois ou três dias antes de partirmos para a Albânia, o comportamento de Khrushchev foi mais amigável e mais aberto. Depois da nossa insistência nas nossas solicitações (sem dúvida alguma, Mikoyan o havia informado sobre os debates que havíamos tido), Khrushchev mostrou-se “mais generoso”, repetindo várias vezes “nós ajudaremos a pequena Albânia”, e concordou em satisfazer uma parte das nossas solicitações de créditos e ajuda.

Nesse encontro, ele falou bem do nosso partido, do nosso comitê central e de mim, e, como de costume, não se poupou de fazer “promessas grandiloquentes”. Logo entenderíamos por que agia assim: ainda era o início da ascensão dele e de seu grupo, por isso precisava de popularidade, de uma boa opinião sobre ele, da ideia, dentro e fora da União Soviética, de que se estava diante de um dirigente bondoso e alegre, hábil e inteligente, que sabe fazer oposição, mas que também sabe ceder, que não é avarento, e sim ponderado, um contador completo.

Era, pois, a época em que Khrushchev “investia” em favor da sua ação secreta, e para isso, dependendo da ocasião, precisava se passar por “generoso”, “cordial” e “humano”. Contudo, atrás dessa fachada bonita e “amigável”, a guarda dos Mikoyan e dos demais funcionários do comércio atuava intensamente, comportando-se conosco e com outros, nas discussões de problemas econômicos, como verdadeiros traficantes. Estes eram os homens de Khrushchev, que, com o seu conhecimento e seguindo as suas instruções, empregavam todos os tipos de pressão e subterfú-

gios, nas “reuniões de trabalho” e na “avaliação concreta das questões”, para cortar as nossas demandas e “atenuar” as questões de modo que, quando finalmente nos encontrássemos com Khrushchey, só restaria a este sorrir, elogiar e brindar.

Certa vez, tivemos uma discussão séria com Mikoyan com relação à concessão de créditos para a compra de produtos de consumo em massa. Não vou me estender sobre a grave situação que enfrentávamos naqueles anos pela escassez desses produtos nem sobre as necessidades urgentes do nosso país nesse sentido. A direção soviética sabia da situação, porém nós, para dar apoio à nossa solicitação de créditos mencionada anteriormente, escrevemos uma carta com uma breve exposição de como estávamos agindo para satisfazer as necessidades da população. No entanto, sem sequer ter examinado o nosso pedido, Mikoyan lançou-nos uma acusação:

— Vocês estão empregando em outras áreas os créditos que nós lhes concedemos para o desenvolvimento da sua economia. Estão comprando produtos de consumo em massa com eles.

— Tivemos e ainda temos. — respondi-lhe. — Uma necessidade enorme de bens de consumo, mas não tenho conhecimento disso que você afirmou. Nunca permitimos que os créditos concedidos para o desenvolvimento da indústria ou da agricultura fossem usados para comprar esses produtos.

— Permitiram sim! — insistiu Mikoyan. — Vocês gastaram tantos milhões de rublos — disse ele, mencionando um número que não me lembro exatamente qual era, mas que passavam de dez milhões.

— É a primeira vez que ouço falar disso. — disse-lhe. — Contudo, iremos verificá-lo.

— Eu mesmo os convencerei! — disse Mikoyan em um tom severo e irritado e mandou um de seus funcionários trazer seus documentos.

Um pouco depois, este chegou, pálido, e colocou os comprovantes diante de Mikoyan.

— Não há violação. — disse ele. — Os albaneses compraram os produtos que você mencionou com os créditos que concedemos justamente para esse fim.

Mikoyan, encontrando-se em um aperto, murmurou algo entre os dentes e então, referente à nossa solicitação de novos créditos para a compra de bens de consumo, respondeu-nos:

— Não podemos conceder-lhes mais créditos deste tipo, porque para isso estabelecemos o comércio: vocês nos dão algo e nós lhes daremos algo em troca.

— Lamento. — respondi. — Que vocês apresentem essa questão dessa maneira, quando sabem muito bem que nosso país se encontra em dificuldades e que os ini-

migos italianos, iugoslavos e gregos nos cercam e conspiram contra nós. Que mais vocês querem de nós? Temos fornecido a vocês e aos países de democracia popular o cromo, o petróleo e o cobre que extraímos. Querem então que tiremos o pão do nosso povo, que ainda não o tem em quantidades suficientes, para darmos a vocês? Não considero correto o seu raciocínio, — disse eu ao armênio, — e peço que repensem essa questão.

Repensaram, mas não sem antes cortarem muitas das nossas demandas. Deram-nos uns créditos limitados, mas deram principalmente uma crítica prepotente e um monte de “conselhos”.

Todas essas atitudes, bem como outras semelhantes, nas nossas relações continuariam até a Conferência dos 81 Partidos, realizada em Moscou em novembro de 1960.

Durante esse período, tivemos muitas reuniões bilaterais com os dirigentes soviéticos, nas quais discutimos problemas econômicos com eles e buscamos ajuda e créditos, e também tivemos muitos contatos com eles nas reuniões, conversas e consultas organizadas no âmbito do Conselho para Assistência Econômica Mútua (Comecon).

A maneira como essas reuniões eram organizadas e como nossos “amigos” se comportavam em relação a nós, aos problemas que levantávamos e às dificuldades que tínhamos, nos faziam cada vez mais a nos perguntar: estamos lidando com marxista-leninistas ou com traficantes? Ulbricht, Novotny, Ochab, Dej, Kadar, Gomułka, Cyrankiewicz, Zhivkov e os outros estavam se engalfinhando; cada um deles reclamava que estava em uma situação difícil; todos pediam “mais ajuda” aos “amigos”, porque sofriam “pressão de baixo”; tentavam se acotovelar, apresentavam todos os tipos de “argumentos e números”; tentavam se esquivar de suas obrigações e obter o máximo possível às custas dos outros. Enquanto isso, Khrushchev ou seus enviados se levantavam, davam palestras sobre a “divisão socialista do trabalho”, apoiavam um ou outro, de acordo com seus próprios interesses em uma determinada situação, e exigiam “unidade e entendimento na família socialista”. E em toda essa disputa, a Albânia quase não era mencionada, como se não existisse para eles.

As conversas e consultas duravam dois, três ou quatro dias, dossiês inteiros eram preenchidos com discursos, solicitações, decisões, balanços, mas a Albânia socialista era tratada com desdém pelos outros países, como se fôssemos um incômodo. Estávamos bem cientes da situação em nosso país, conscientes de que nosso potencial econômico não estava nem perto do dos outros países; sabíamos também que esses países tinham seus próprios grandes problemas e dificuldades, mas isso nunca deveria ter servido de motivo para nos subestimarem e ignorarem. Com muito

esforço, depois de muitas reuniões e conversas, conseguimos, ocasionalmente, arrancar deles alguma ajuda ou crédito. Agradecemos de todo o coração pelo que nos deram, agradecemos aos povos fraternos, em primeiro lugar, e, de nossa parte, não apenas pagamos integralmente os créditos dentro do prazo, mas, com o que tínhamos, cumprimos honestamente todas as nossas outras obrigações para com nossos camaradas. Era justamente a sinceridade, o genuíno espírito internacionalista, que estava faltando entre eles. Quando se tratava do cumprimento prático de seus compromissos de fornecer ajuda ao nosso país, cada um deles dava uma desculpa:

— Nós mesmos temos carências e necessidades, — dizia Ulbricht, — sofremos pressão da Alemanha Ocidental e, portanto, não podemos ajudar a Albânia.

— A contrarrevolução nos causou danos. — essa foi a justificativa de Kadar. — Não podemos cumprir nosso compromisso de apoio mútuo.

Todos eles, um após o outro, agiram dessa forma. E, no final, a “solução” foi encontrada:

“A Comecon recomenda aos camaradas albaneses que os problemas levantados por eles aqui sejam resolvidos com o governo soviético por meio de reuniões bilaterais”.

Entre muitas dessas reuniões dos países da Comecon, a que foi realizada em Moscou em junho de 1956 ficou gravada em minha mente. Agora Khrushchev estava entrando de cabeça em seu caminho de traição, os outros também estavam galopando atrás dele. O 20º Congresso do PCUS, sobre o qual falarei mais tarde, estava produzindo seus efeitos. A falta de unidade, a divisão e as contradições são o resultado natural e os concomitantes do revisionismo.

Isso ficou evidente nessa reunião, três ou quatro meses após o 20º Congresso.

Ochab, que havia se tornado Primeiro-Secretário do Partido Operário Unificado Polonês (PZPR), levantou-se e declarou:

— Não cumprimos a nossa parte que nos foram impostas sobre a questão do carvão e não o faremos. Não podemos cumprir o plano, suas metas são muito altas e devem ser reduzidas. Os trabalhadores do carvão vivem mal, trabalham até a exaustão.

Assim que ele terminou, Gerö, Ulbricht e Dej se levantaram, um após o outro, e fizeram todo tipo de acusação contra os poloneses. A atmosfera estava muito quente.

— Se quiserem carvão de coque, invistam na Polônia. — respondeu Ochab. — Precisamos melhorar o padrão de vida. As coisas chegaram a tal ponto que os trabalhadores poloneses estão prestes a entrar em greve e abandonar as minas...

— Onde devemos investir primeiro?! — responderam os outros. — Nas usinas de aço da União Soviética ou em suas minas de carvão?!

— Precisamos examinar essas coisas. — disse Khrushchev, tentando acalmar os

ânimos. — Quanto à questão dos trabalhadores, se vocês, poloneses, não tiverem trabalhadores suficientes, ou se os que vocês têm forem embora, podemos trazer trabalhadores de outros países.

Diante disso, Ochab deu um pulo.

— Isso não é justo! — gritou ele. — Vocês precisam nos ajudar. Não vamos voltar para a Polônia sem resolver essa questão. Ou reduzem o plano ou aumentam os investimentos...

— Uma vez tomadas, as decisões devem ser executadas. — interpôs Dej.

— As decisões não estão sendo executadas. — disse Gerö, colocando mais lenha na fogueira. — Temos várias fábricas nas quais fomos instruídos a produzir armas e equipamentos especiais, mas ninguém está comprando os produtos de nós.

— Eles também não os aceitam de nós. — disse Ochab, pulando novamente — O que vamos fazer com eles?!

— Não vamos falar aqui como gerentes de fábrica. — disse Khrushchev a Ochab. — As coisas não podem ser discutidas dessa forma. Você deve olhar para a lucratividade. Nós também mudamos de direção em muitas fábricas. Por exemplo, — continuou Khrushchev, — transformamos algumas fábricas de armas em fábricas que produzem bombas de água. Tenho algumas sugestões sobre esses problemas, — continuou Khrushchev, e começou a revelar as “joias” que tinha na ponta da língua:

— Com relação a vários produtos especiais da indústria, — disse ele, entre outras coisas — devemos fazer como Hitler fez. Naquela época, a Alemanha estava sozinha e ele conseguiu produzir tudo. Devemos estudar essa experiência e também criar empresas conjuntas para produtos especiais, por exemplo, armas.

Não podíamos acreditar em nossos ouvidos! Será que era verdade que o Secretário-Geral do Comitê Central do Partido Comunista da União Soviética queria aprender com a experiência de Hitler e até mesmo recomendá-la a outros? Mas era a isso que as coisas estavam chegando. Os outros ouviram e acenaram com a cabeça em sinal de aprovação.

— Você deve nos fornecer projetos. — disse Ochab.

— Vocês não merecem recebê-los! — gritou Khrushchev com raiva. — Porque o Ocidente os rouba de vocês. Nós lhe demos a patente de uma aeronave e os capitalistas a roubaram de você.

— Verdade... — admitiu Ochab pondo o rabo entre as pernas.

— Nós lhe demos o relatório secreto do 20º Congresso, você o imprimiu e os vendeu a 20 zlotys a cópia. Vocês não sabem guardar segredos.

— Certo... — sussurrou Ochab se escondendo ainda mais.

— Nós lhe demos mais quatro documentos sigilosos e eles sumiram com você.
— acrescentou Bulganin, numerando-os um a um na cara dele.

— Sim... — disse Ochab, agora sua voz mal podia ser ouvida. — Alguém os roubou de nós e fugiu para o Ocidente.

— A situação na Polônia não é boa, — continuou Khrushchev, — vocês estão seguindo uma política oportunista em relação à União Soviética e aos países de democracia popular, quem dirá dentro de seu próprio país.

— No contexto das alianças, — interveio Ulbricht, — devemos colaborar com todos, especialmente com os social-democratas.

Por um momento, Khrushchev ficou sem saber o que dizer. Conciliação com qualquer um, reabilitações, uma política amena com os inimigos, essas eram suas ideias, a continuação de sua política oportunista e pacifista, a mesma política que ele estava aplicando na União Soviética. Os outros não estavam ficando para trás, na verdade, alguns deles estavam tentando superá-lo.

— Concordo com a aliança, — gritou Khrushchev, — Mas não para se levantar contra a União Soviética e nosso campo. É isso que está acontecendo na Polônia. — Ele se voltou para Ochab e Cyrankiewicz, que durante todo o tempo estavam sentados fumando Gauloises franceses, sem dizer uma única palavra, — Vocês precisam melhorar a situação. Precisam aumentar a confiança das massas em vocês.

— Nós libertamos todos os social-democratas presos. — disse Ochab.

— Vocês deveriam ter mantido alguns deles presos, — disse Saburov ironicamente — A quem vamos brindar hoje, aos social-democratas?!

Khrushchev deu a resposta:

— Vamos brindar à conciliação!

Era bastante óbvio que as coisas estavam tomando o rumo errado. Os demônios que Khrushchev libertou estavam se agitando e zombando até mesmo de seu libertador. Ele tentou manobrar, colocá-los do seu lado, fazer com que os outros ficassem em unidade com ele, (dessa vez, Ochab estava no banco dos réus) e, então, quando viu que a briga não estava diminuindo, lançou ameaças e advertências a todos. E como um trapaceiro inveterado que era, ele sabia como encontrar os melhores locais de onde aplicar pressão. Dessa vez, ele usou a arma do pão. Um dos *chinovniki*⁶ soviéticos da Comecon fez um breve informe sobre a situação da agricultura no campo e os alertou sobre os déficits de grãos de pão.

Khrushchev se levantou imediatamente e aproveitou a oportunidade:

6. “Funcionários burocratas da Rússia czarista” (Em russo no original).

— O pão é um problema vital... — disse ele em um tom grave, no qual tanto a pressão quanto a ameaça eram claras. — Já demos a vocês o que tínhamos para dar. Agora não temos mais nada para lhes dar. Portanto, pensem bem no pão, não há outra maneira...

Depois de continuar por vários minutos agitando o chicote do pão, de repente seu rosto se iluminou e ele pulou com grande prazer para seu tema favorito – o milho! Não consigo me lembrar de nenhuma das reuniões que tive com ele, mesmo aquelas puramente para tratar de problemas políticos e ideológicos, em que Khrushchev não tenha elogiado este cereal tão querido em seu coração.

— Nos últimos anos, — disse ele, — demos importância ao milho e obtivemos resultados maravilhosos. Com o milho, — continuou ele — resolvemos o problema da carne, do leite e da manteiga.

— Sem carne, leite e manteiga não há socialismo — disse Mikoyan para adoçar seu “chefe”.

— Não, não existe! — respondeu Khrushchev e continuou, — Todo dirigente deve dar grande importância ao milho. Vejamos, fiz minha aldeia natal um verdadeiro exemplo, e permitam-me relatar-lhe os resultados: Eram 60 porcos no primeiro ano, aumentei para 250 no segundo ano, e agora são 600.

E depois desse relatório “colossal”, o dirigente número um da União Soviética usou isso como uma bravata e lançou críticas a todos eles, isto é, a Ulbricht, Hege-
düs e Cyrankiewicz, por sua vez.

— Quanto à Albânia, — acrescentou, — não tenho nada a dizer porque não a conheço.

Aproveitei a oportunidade e intervi:

— Venha fazer uma visita para conhecê-la.

— Não posso lhe dar uma resposta agora, vamos nos encontrar separadamente, — disse ele, — e prosseguiu com sua palestra, com medo de que a inspiração lhe escapasse.

Ele explicou o problema longamente, trouxe exemplos, fez críticas e, finalmente, acrescentou:

— Em relação à Bulgária e à Albânia, que são países com um grande número de camponeses, mas especialmente em relação à Albânia, devemos pensar um pouco mais profundamente e ajudá-los.

Como de costume, a Comecon decidiu que deveríamos resolver os problemas que levantamos lá com os soviéticos. Alguns dias depois, nos encontramos com Khrushchev e conversamos por cerca de uma hora.

— Antes de tudo, — eu disse, — gostaríamos que você visitasse a Albânia. Sua visita será muito importante para aumentar a autoridade e o prestígio de nosso país.

— Eu também gostaria de ir, — ele me disse, — mas há algumas dificuldades. A que distância fica a Albânia de Moscou?

Ele precisava ouvir: “apenas mais vinte minutos além de Belgrado”, mas já que ele havia se acostumado com essa frase há muito tempo, acabei ficando quieto. Eu disse a ele que, em um TU-104, o voo de Moscou para Tirana levaria cerca de 3 horas, e acrescentei:

— Vamos estabelecer essa linha.

— Mas o TU-104 tem muitos assentos. Haveria passageiros suficientes para enchê-lo? — ele me perguntou, apressado em saber a “rentabilidade”.

— Nossos camaradas e os seus estão sempre viajando de Moscou para Tirana e vice-versa, e não há motivo para a aeronave viajar vazia. — eu disse.

— Eu gostaria de ir, — repetiu ele para se desculpar, — de fato, eu disse a Tito que queria visitar a Albânia, mas primeiro preciso tirar férias.

— Você pode tirar suas férias em nosso país — eu disse — Temos praias muito boas, além de montanhas.

— Ah, se eu for, não poderei descansar! — disse ele para encerrar a pergunta.

Não havia motivo para eu insistir mais.

— Como quiser... — eu disse e prossegui com as questões econômicas. Fiz-lhe um breve resumo da situação e apresentei alguns dos problemas que mais nos preocupavam.

— O problema, — disse Khrushchev, — é que, a partir de agora, devemos pensar em como encontrar fontes de renda para que a Albânia possa avançar. É assim que os camaradas também devem encarar esse problema. A questão da Albânia tem grande importância, — continuou ele — porque, por meio do seu país, queremos atrair a atenção da Turquia, da Grécia e da Itália, ou seja, fazer com que eles o tomem como exemplo. Agora, essa questão deve ser bem pensada e devemos encontrar as maneiras adequadas.

Ele ficou em silêncio por um momento, aparentemente para encontrar um desses caminhos, e eu pensei que elealaria de milho. Mas eu estava errado.

— Você cultiva algodão? — ele me perguntou. — Qual é a área que você emprega para essa cultura? Qual é o rendimento que você obtém?

Respondi às suas perguntas.

— Isso não é nada... — ele me disse, e continuou, — Achamos que você deve desenvolver a cultura do algodão, e de tal forma que ela se torne um grande ativo,

pois traz uma bela renda para você e nossos outros aliados, para os países de democracia popular que não têm algodão. Portanto, vocês têm grandes possibilidades de lucrar com o algodão. Essa é a primeira coisa — disse ele, e levantou um dedo.

— Em segundo lugar, — continuou, — a questão da criação de ovelhas é um problema para vocês — e me perguntou sobre o número de ovelhas, a produção de lã, leite, carne, etc. Depois de minhas respostas, ele continuou:

— As ovelhas devem se tornar outro grande ativo para vocês. Vocês devem criar ovelhas de lã fina. Vocês têm pastagens e as ovelhas podem ser desenvolvidas. Portanto, é preciso encontrar a raça mais adequada, iniciar a inseminação artificial em larga escala e aumentá-la.

Depois de nos apresentar seu segundo caminho de desenvolvimento, Khrushchev deu início ao terceiro caminho que nos levaria à salvação. Isso tinha a ver com peixes.

— O peixe, — disse ele, — é outro grande trunfo para vocês. Nos países escandinavos, na Noruega, por exemplo, eles criaram uma riqueza tão grande com o peixe que não apenas as pessoas comem em abundância, mas também exportam grandes quantidades. Eles pescam peixes não apenas em suas águas territoriais, mas também em mar aberto. É isso que vocês também devem fazer, — instruiu Khrushchev, — para que o peixe se torne um grande ativo para a Albânia. Vocês devem fazer essas coisas sem falta, e nós os ajudaremos e enviaremos especialistas, uma frota pesqueira etc.

Como os três primeiros caminhos estavam me deixando confuso, toda a minha curiosidade estava voltada para um quarto caminho, e ele fez questão de deixar isso claro.

— A questão das frutas cítricas é fundamental para vocês. — disse ele. — Elas também devem se tornar um grande trunfo para vocês, porque limões, uvas, laranjas, etc., são muito procurados.

Essas foram suas instruções para a “construção do socialismo” na Albânia! Por fim, ele acrescentou:

— É preciso pensar em outros ativos também, por exemplo, os minerais, mas os principais são os que mencionei.

— Nós o ajudaremos a desenvolver o algodão, a pesca, as frutas cítricas e as ovelhas. Tanto vocês quanto nós devemos estudar essas coisas. — concluiu ele. — E estamos convencidos de que, dessa forma, a Albânia se tornará rapidamente um exemplo para a Grécia, a Turquia e a Itália.

Era inútil entrar em uma discussão sobre as “joias” de sabedoria que ele nos apresentou. Agradei a ele por seu “conselho” e nos separamos.

Agora tudo estava ficando mais claro. A Comecon recomenda que resolvamos os problemas econômicos com Khrushchev. Khrushchev recomenda que os resolvamos com algodão, ovelhas e com... o “milagre do peixe”.

Todos esses posicionamentos e ações, vistos na complexidade dos problemas políticos, ideológicos, militares e outros, estavam nos deixando mais do que nunca convencidos de que em nosso campo, antes de tudo na União Soviética, as coisas estavam em declínio. Outros eventos se seguiriam e nós, vivendo-os intensamente, aprenderíamos e nos prepararíamos mais para as batalhas futuras.

A PEDRA DE TOQUE



Khrushchev está de olho na Iugoslávia. O primeiro sinal do flerte: a carta soviética de junho de 1954; Khrushchev culpa a Cominform pela traição da liderança iugoslava. Intensa troca de correspondência cordial entre Khrushchev e Tito. Khrushchev decide reabilitar os renegados. Nossa oposição clara: as cartas de maio e junho de 1955. Conversa com o embaixador Levichkin: “Como essas decisões podem ser tomadas tão levemente e de forma unilateral?” – Convite insistente para ir à União Soviética no feriado. Reunião com Suslov. Mikoyan telefona à meia-noite: “Encontre Svetozar Vukmanović-Tempo, resolva suas divergências”. A reunião com S.V. Tempo.



TODAS ESSAS COISAS QUE OCORRERAM NA UNIÃO SOVIÉTICA APÓS A MORTE DE Stálin preocuparam nosso partido e seus dirigentes. É claro que, naquele período, especialmente antes do 20º Congresso, nossas suspeitas se baseavam em fatos isolados, que os líderes soviéticos encobriam com torrentes de demagogia. No entanto, as posições que mantinham em suas reuniões conosco e suas ações no país e no exterior nos deixavam desconfiados. Os flertes de Khrushchev com Tito foram particularmente desagradáveis para nós. De nossa parte, continuamos a combater o revisionismo iugoslavo titoísta com a maior severidade e defendemos as posições marxista-leninistas justas de Stálin e do Cominform em relação aos dirigentes revisionistas iugoslavos. Fizemos isso não apenas enquanto Stálin estava vivo, mas também no período de transição pelo qual a União Soviética passou após a morte sua morte, quando Khrushchev triunfou com seu Golpe de Estado e fez a lei, bem como após a queda de Khrushchev. E essa é a posição que sempre manteremos em relação ao revisionismo iugoslavo, até que ele seja completamente destruído ideológica e politicamente.

Observamos cada ação de Khrushchev com grande vigilância e atenção. Por um lado, vimos que, de modo geral, nada estava sendo dito contra Stálin, na verdade,

o que se falava era da unidade do campo socialista liderado pela União Soviética. Khrushchev falava contra o imperialismo americano em termos “fortes” e fazia algumas críticas superficiais ao titoísmo, enquanto, por outro lado, ele agitava a bandeira branca da reconciliação e da submissão a eles. Nessa situação, seguimos o curso da amizade com a União Soviética, lutamos para salvaguardar e fortalecer essa amizade, e isso não era uma tática, mas uma questão de princípio. No entanto, não permitimos que os erros e os desvios de linha não fossem criticados quando apareciam.

Para o nosso partido, a luta contra o imperialismo americano e o titoísmo iugoslavo era uma pedra de toque para avaliar as verdadeiras posições de Khrushchev e dos khrushchevistas com um olhar marxista. De fato, Khrushchev tagarelava contra o capitalismo e o imperialismo americano, mas não gostávamos daquelas meias dúzias de reuniões diárias e *priyoms*¹ com todos os tipos de senadores, multimilionários e empresários americanos. Khrushchev tornou-se um palhaço que se apresentava o dia inteiro em todos os dias da semana, rebaixando a dignidade e a autoridade da União Soviética.

— Estamos com o pé no pescoço do inimigo estrangeiro, ele não se move, podemos transformá-lo em cinzas com bombas atômicas. — gabava-se ele em discursos de manhã até tarde da noite. Sua tática era criar euforia dentro do país, aumentar o prestígio de sua camarilha nos países de democracia popular e, independentemente de suas palavras bombásticas, dar a entender aos americanos e à reação mundial que “não somos mais a favor da revolução proletária internacional. Nós, na verdade, queremos conciliar com vocês, nós precisamos que vocês entendam que estamos mudando nossas cores e fazendo grandes transformações em nossa direção. Teremos dificuldades em fazer essas transformações, portanto, vocês devem nos ajudar de uma forma ou de outra”.

Quanto à questão iugoslava, que estava mais do que clara para nós, – e é por isso que não mudamos de posição –, os khrushchevitas mudavam e mudavam, e iam e vinham como a maré. Os khrushchevistas às vezes mordiam e às vezes assopravam os dirigentes iugoslavos. Quando mordiam os titoístas, os revisionistas soviéticos diziam que estávamos certos; por outro lado, quando assopravam, tentavam nos fazer abrandar nossa linha em relação aos revisionistas titoístas.

Khrushchev tinha os olhos fixos na liderança da Iugoslávia e queria a todo custo, se não a subjugar, alinhá-la ao seu lado. É claro que, em Tito, ele estava procurando um aliado ideológico e um líder que pudesse ter sob suas asas como o “irmão

1. “Recepções” (Em russo no original).

mais velho” que era. Em outras palavras, Tito era muito querido por Khrushchev, porque foi o primeiro a atacar Stálin e a rejeitar o marxismo-leninismo. Nesse sentido, eles estavam totalmente de acordo, mas enquanto o chefe de Belgrado agia abertamente, Khrushchev queria manter seu disfarce. Na arena internacional, Tito havia se tornado o “comunista” querido pelo imperialismo americano e pelo capitalismo mundial, que lhe concedia créditos e ajuda para que ele uivasse contra o regime soviético e o Estado soviético e, ao mesmo tempo, vendesse a Iugoslávia ao capital estrangeiro.

Khrushchev queria manobrar Tito para o seu lado, para que esse agente americano em Belgrado baixasse um pouco a bola contra o regime soviético e reduzisse a grande energia que estava demonstrando para minar a influência soviética nos países de democracia popular, para disseminar a influência de suas ideias revisionistas khrushchevistas na Iugoslávia e para restringir os dirigentes de Belgrado em sua orientação para o modo de vida ocidental e o capital americano.

Tito, por sua vez, há muito tempo já sonhava em mudar o epicentro da liderança desse suposto “comunismo” de Moscou para Belgrado, e que Belgrado substituísse Moscou no leste e sudeste da Europa. O esquema de Tito não avançava desde o momento em que ele se viu diante de Stálin, do qual detectou e atacou severamente o trabalho obscuro desse renegado. Com a ajuda dos americanos, Tito retomou esse plano original quando viu que Nikita Khrushchev e sua quadrilha estavam destruindo o trabalho de Lênin e Stálin.

Entre esses dois chefes do revisionismo moderno, Khrushchev e Tito, um confronto longo e complexo se desenvolveria, às vezes gentil, às vezes duro, às vezes com ataques e ofensas, e às vezes com elogios e sorrisos. Porém, independentemente dos discursos e das palavras de ordem supostamente marxistas, independentemente das promessas de Khrushchev de que estava lutando para convencer Tito das justezas das posições marxista-leninistas, tanto quando brigavam quanto quando se abraçavam, nenhum dos lados agia com base ou no interesse do marxismo-leninismo. O anticomunismo continuou sendo a base de suas relações; cada um desses dois irmãos siameses revisionistas deveria fazer o máximo para subjugar o outro em seus próprios interesses individuais, a partir da ideologia anticomunista.

Nosso partido deveria acompanhar esse processo, passo a passo, com a maior vigilância. À medida que esse processo se desenvolvesse, nosso partido ia se convencendo cada vez mais do que Khrushchev e os khrushchevistas eram na realidade e do que eles representavam, tanto na União Soviética, quanto no movimento comunista e operário internacional.

Recebemos o primeiro sinal de alerta de que a nova liderança soviética estava mudando o curso e indo na direção do revisionismo iugoslavo a partir de junho de 1954.

Durante os dias de nossa estada em Moscou, a liderança soviética nos entregou uma longa carta, assinada por Khrushchev, endereçada aos comitês centrais dos partidos irmãos, na qual nos informavam sobre as conclusões a que a liderança soviética havia chegado sobre a questão iugoslava. Embora a carta fosse datada de 4 de junho, e nós estivéssemos em Moscou há vários dias e, de fato, em 8 de junho, tivéssemos concluído as conversas oficiais com os principais líderes soviéticos, eles nem sequer nos mencionaram o problema muito importante que levantaram nessa carta. Aparentemente, Khrushchev, que estava bem ciente de nossa posição resoluta e inabalável em relação aos traidores de Belgrado, queria agir com cautela e gradualmente em relação a nós.

Distorcendo a verdade histórica, Khrushchev e sua quadrilha chegaram à conclusão de que o rompimento da Iugoslávia com o campo socialista e o “isolamento da classe trabalhadora iugoslava das fileiras do movimento operário internacional” foram inteiramente devidos ao “rompimento das relações entre o SKJ e o movimento comunista internacional” em 1948. De acordo com eles, a posição adotada em 1948 e 1949 em relação ao partido iugoslavo foi errada, porque essa posição supostamente “forçou os círculos dirigentes da Iugoslávia a fazer aproximações com os EUA e a Grã-Bretanha” (!), a concluir o “acordo político-militar com a Grécia e a Turquia” (o Pacto dos Balcãs), a fazer uma “série de concessões sérias ao capitalismo”, a avançar “em direção à restauração do capitalismo”, etc. Em resumo, de acordo com Khrushchev, como a Cominform tomou uma posição severa em relação à Iugoslávia, esta última, por ressentimento ou por desejo, foi se vender ao imperialismo, como a noiva que foi dormir com o noivo para irritar a sogra.

De acordo com essa lógica de Khrushchev, quando o PTA entrou em confronto aberto e rompeu o contato com o revisionismo khrushchevista, nós teríamos que nos vender e vender toda a Albânia ao imperialismo, pois, caso contrário, não poderíamos existir! E ouvimos isso mais tarde da boca do próprio Khrushchev quando ele nos acusou de nos vendermos “ao imperialismo por 30 moedas de prata”!

Isso não passava de uma lógica antimarxista e capitalista. Nosso partido se opôs heroicamente ao revisionismo khrushchevista, assim como se opôs ao revisionismo iugoslavo anteriormente, e assim como lutou resolutamente contra qualquer outra variante do revisionismo, mas não se vendeu e nunca se venderá ao imperialismo ou a qualquer um, porque enquanto um partido se considerar e se respeitar como um genuíno partido marxista-leninista, quaisquer que sejam as condições e

situações em que se encontre, ele nunca se deixará comprar ou vender, mas seguirá resolutamente seu curso, o curso da luta intransigente contra o imperialismo, o revisionismo e a reação.

Portanto, mesmo que a liderança iugoslava tivesse sido injustamente condenada em 1949, como Khrushchev afirmava, nada poderia permitir ou justificar sua queda no colo do imperialismo. Pelo contrário, o fato de ela ter fortalecido ainda mais seus contatos com o imperialismo e a reação mundial provou claramente que Stálin, o Partido Comunista da União Soviética, a Cominform, nosso partido e todos os outros partidos estavam certos quando a denunciaram e a condenaram.

Porém, Nikita Khrushchev, consistente em sua decisão de reabilitar os revisionistas de Belgrado, em sua carta fez a acusação contra a Cominform, obviamente sem mencioná-la pelo nome, de que em 1948 e 1949, “todas as possibilidades não foram exploradas até o fim [...] não foram feitos esforços para resolver os problemas e desacordos não resolvidos”, algo que, segundo ele, “teria evitado que a Iugoslávia passasse para o campo inimigo”. Na carta que nos entregou, Nikita Khrushchev chegou a dizer abertamente que “muitos dos problemas que serviram para causar diferenças entre o Partido Comunista da União Soviética e o Partido Comunista da Iugoslávia [...] não constituíam motivos sérios de disputa e até mesmo os mal-entendidos que surgiram poderiam ter sido resolvidos”. Nada poderia ter agradado mais a Tito e à liderança iugoslava! Com uma única pincelada, Khrushchev anulou os principais problemas de princípios que haviam sido a base da luta contra o revisionismo iugoslavo, descreveu-os como “razões não sérias” e “mal-entendidos” e, portanto, pediu perdão aos traidores por terem sido supostamente atacados por trivialidades!

Mas quem foi o culpado por esses “mal-entendidos”? Em sua carta, Khrushchev não atacou nominalmente o Cominform, Stálin, o Partido Comunista da União Soviética ou os outros partidos que apoiaram as decisões da Cominform de 1949. Aparentemente, ele considerou que ainda era muito cedo para fazer esses ataques. E os culpados foram Beria, entre os soviéticos, que, com suas ações, causou “insatisfação justificável entre os líderes iugoslavos”, e Djilas, entre os iugoslavos (que, nesse meio tempo, havia sido condenado por Tito), que “propagava abertamente pontos de vista liquidacionistas”, de que era “um partidário ativo da ideia de que a Iugoslávia deveria virar seus olhos aos países ocidentais” etc.!

Assim, de acordo com Khrushchev, o problema acabou sendo muito simples. O rompimento com a Iugoslávia não se baseava em motivos reais, mas em pretextos fabricados, de modo que “nós os prejudicamos por nada e os culpados foram

encontrados: Beria, do nosso lado, e Djilas, do outro. Agora nós dois condenamos esses inimigos, portanto, tudo o que temos a fazer é nos abraçar, fazer as pazes e esquecer o passado”.

Como esse palhaço fazia malabarismos com as questões! Mas nós, comunistas albaneses, que lutamos com unhas e dentes contra a quadrilha de traidores de Belgrado por mais de dez anos, que experimentamos suas maldades e resistimos corajosamente a elas, não estávamos e nunca poderíamos estar de acordo com essa solução do problema iugoslavo. Entretanto, ainda estávamos em 1954. O ataque aberto a Stálin ainda não havia começado. Nada de ruim sobre ele havia sido dito abertamente, Khrushchev ainda estava usando uma demagogia muito astuta e habilmente disfarçada, e aos nossos olhos a União Soviética mantinha as cores da época de Stálin, embora um pouco desbotadas. Além disso, nessa carta, que nos perturbou profundamente, Khrushchev jurou que tudo o que ele fazia era “a favor do marxismo-leninismo e do socialismo”, que, em sua nova visão do problema iugoslavo, a liderança soviética e os outros partidos irmãos não tinham outro objetivo a não ser “arruinar os planos dos imperialistas anglo-americanos e utilizar todas as possibilidades para fortalecer sua própria influência sobre o povo da Iugoslávia”, “exercer uma influência positiva sobre a classe trabalhadora iugoslava” etc. Ele acrescentou, também, que os esforços do lado soviético e de outros partidos e países de democracia popular serviriam como uma nova etapa para testar “o quanto os líderes iugoslavos estão prontos e determinados a seguir o caminho do socialismo”.

Todas essas coisas nos tornaram muito cautelosos e prudentes em nossa resposta. Durante os dias em que estivemos em Moscou, o camarada Hysni, os outros camaradas da delegação e eu discutimos longamente o problema e, por fim, demos nossa resposta por escrito à liderança soviética.

Nessa resposta, sem nos opormos abertamente a Khrushchev, enfatizamos nossa posição permanente em relação à liderança revisionista de Belgrado, destacamos a importância das decisões do Cominform de 1948 e 1949, e não permitimos qualquer alusão à reavaliação da posição adotada anteriormente em relação aos desvios de linha dos dirigentes iugoslavos.

Em nossa resposta por escrito, rebatemos a ideia de Khrushchev de que o “rompimento das relações levou os líderes iugoslavos para o colo do imperialismo”, com a tese de que foram os próprios líderes iugoslavos que traíram o marxismo-leninismo e colocaram seu povo e sua pátria no caminho da escravidão e sob o comando dos imperialistas anglo-americanos, que foi a linha antimarxista deles o fator que prejudicou gravemente os interesses vitais dos povos da Iugoslávia, que foram eles que

tiraram a Iugoslávia do campo socialista, que transformaram o partido iugoslavo em um partido burguês e o isolaram do movimento internacional do proletariado.

Ao mesmo tempo em que apontamos claramente essas verdades, continuamos a enfatizar que concordávamos que os partidos comunistas deveriam fazer esforços para ajudar a resgatar os povos da Iugoslávia da escravidão e da pobreza, mas enfatizamos mais uma vez que, em nossa opinião, os dirigentes iugoslavos haviam percorrido um longo caminho em sua estrada antimarxista, o caminho da submissão aos imperialistas americanos e britânicos.

Com isso, dissemos indiretamente a Khrushchev que não concordávamos com as esperanças e ilusões que ele nutria em relação aos líderes iugoslavos e especialmente em relação ao “camarada Tito”, como ele começou a chamá-lo. Expressei essas opiniões a Khrushchev também na conversa seguinte que tive com ele, em 23 de junho de 1954. No entanto, ele fingiu não notar as diferentes posições que cada um de nós adotou em relação ao problema da Iugoslávia. Talvez ele não quisesse criar conflitos conosco nas primeiras reuniões oficiais que tivemos com ele. Talvez ele tenha nos menosprezado e não tenha se preocupado com nossa oposição. Lembro-me de que ele estava todo eufórico e falava com a segurança de alguém que tem tudo funcionando sem problemas. Ele tinha acabado de voltar de uma visita relâmpago à Tchecoslováquia (ele era mestre em todo tipo de visita: relâmpago, incógnita, oficial, amigável, muito divulgada, secreta, diurna, noturna, anunciada e não anunciada, curta, longa, com sua suíte ou completamente sozinho etc.).

— Em Praga, — disse-me ele, — retomei o problema da Iugoslávia com representantes de vários partidos irmãos que estavam lá. Todos concordaram plenamente comigo e consideraram os esforços do nosso partido muito importante.

Então, olhando-me diretamente nos olhos, acrescentou:

— Recentemente, nós, os húngaros, os búlgaros, os romenos e outros, demos bons passos em direção à normalização das relações com a Iugoslávia...

Percebi por que ele enfatizou isso. Ele queria me dizer: “Veja, estamos todos de acordo; portanto, vocês albaneses também devem se juntar a nós”.

Disse-lhe brevemente que há uma longa história de nossas relações com o partido iugoslavo e afirmei que a própria liderança iugoslava era a culpada por arruinar nossas relações, e que se as relações entre o Estado albanês e o iugoslavo estavam em baixa, isso não era culpa nossa, mas uma consequência das incessantes posições e ações antimarxistas e antialbanesas dos dirigentes em Belgrado.

— *Konechno, konechno!*² — disse Khrushchev dando um pulo e eu entendi que ele não queria que eu prosseguisse com a discussão desse problema.

— Tomamos todas as medidas, — disse ele, — amanhã, nosso embaixador na Iugoslávia se encontrará com Tito em Brioni. Acreditamos que há grandes possibilidades de alcançarmos nosso objetivo. Se nada for alcançado, —concluiu — ainda temos outros métodos.

Foi assim que começou o romance do caso de amor entre Khrushchev e Tito. Alguns dias depois, Khrushchev entregou suas opiniões ou “conclusões” sobre a “nova análise” do problema iugoslavo por escrito a Tito. Este último, é claro, estava se regozijando com o fato de que as coisas estavam se desenvolvendo com Khrushchev exatamente como ele havia imaginado, mas, como a velha raposa astuta que era, não se mostrou tão tolo a ponto de se jogar nos braços de Khrushchev. Pelo contrário, Tito planejou e trabalhou para garantir que Khrushchev, que havia sido o primeiro a recuar, também fosse o primeiro a implorar abertamente por seu perdão em Belgrado. Além disso, Tito estava atolado até o pescoço na lama do imperialismo, com as mãos e os pés atados e, portanto, se ele dissesse alguma palavra sobre “socialismo” e “marxismo”, teria de fazê-lo apenas na medida em que fosse permitido por seus senhores ocidentais, principalmente os imperialistas americanos. Depois de deixar Khrushchev em suspense por algum tempo, a fim de tocar as cordas que estavam desafinadas, Tito finalmente respondeu a ele em meados de agosto de 1954, também por escrito.

A essência da carta do revisionista em Belgrado era mais ou menos essa: “Fico feliz que você, Nikita Sergeevich, esteja provando ser um homem razoável e de mente aberta, mas vá um pouco mais longe, defenda mais claramente o novo curso de reconciliação e abraços. Nós, iugoslavos, concordamos que devemos nos reconciliar... — disse Tito a Khrushchev, — mas, como o senhor sabe, nós nos aproximamos de novos amigos com os quais temos laços fortes e profundos, portanto, a reconciliação com o senhor ‘deve se desenvolver na direção que corresponda à nossa política de cooperação internacional’, ou seja, os laços dos iugoslavos com o imperialismo não devem ser prejudicados, mas sim fortalecidos”.

Da mesma forma, em tom ditatorial, Tito não deixou de estabelecer a Khrushchev uma série de outras condições para suas futuras relações:

Em primeiro lugar, Tito exigiu que o lado soviético trabalhasse mais para eliminar os “elementos negativos” e remover os obstáculos que haviam exercido influên-

2. “É claro, é claro” (Em russo no original).

cia sobre a ruptura em 1948 e, obviamente, com isso o “mestre” em Belgrado estava exigindo abertamente que toda a linha correta e baseada em princípios seguida pela Cominform, por Stálin e pelos outros partidos comunistas em 1948 fosse reavaliada.

Em segundo lugar, a reconciliação que se aproxima, ditada por Tito, não deve implicar em “completa unanimidade em nossa avaliação e posição em relação aos acontecimentos da conjuntura”, portanto, vamos nos reconciliar, mas que cada um de nós aja por conta própria, de acordo com suas próprias ideias.

Em terceiro lugar, o caminho que eu sigo e o caminho que você segue para a construção do “socialismo” é uma questão que cabe a cada um de nós decidir e não deve influenciar a normalização das relações; portanto, eu construirei um “socialismo específico” e você deve aceitar isso sem qualquer problema.

Em quarto lugar, as causas do conflito, disse Tito, não são nem Beria nem Djilas. As causas são mais profundas, portanto, vocês, soviéticos e seus aliados, devem abandonar completamente a linha da época de Stálin, abandonar seus princípios anteriores, porque dessa forma as verdadeiras causas do conflito são automaticamente superadas.

Por fim, Tito rejeitou a proposta de Khrushchev de uma reunião bilateral de alto nível, condicionando-a “à obtenção de sucessos preliminares na direção da normalização”. A mensagem era bem clara: se quiser se encontrar comigo e chegar a um acordo, você deve dar mais passos no caminho que estabeleceu, deve agir de forma mais rápida e ousada na União Soviética, em outros países e partidos, deve divulgar e estender esse “novo” caminho, porque por enquanto você ainda se mantém no seu antigo caminho.

E Khrushchev, às vezes aparentemente ressentido e às vezes entusiasmado em suas ações, começou a se submeter e a aplicar zelosamente as condições e ordens de Tito.

Entre nós, que acompanhamos esse processo com atenção e preocupação, aumentaram as suspeitas de que essas posições estavam levando a União Soviética a um rumo antimarxista. Dia após dia, estávamos cada vez mais convencidos de que Khrushchev estava encobrendo um jogo diabólico com suas palhaçadas. Vimos que ele estava diminuindo o prestígio do PCUS e do Estado soviético ao se ajoelhar diante de Tito. Observamos isso com pesar, mas, afinal de contas, a melhoria das relações entre os soviéticos e os iugoslavos era um problema interno deles e não tínhamos motivos para nos opor a isso. No entanto, não concordamos e nunca poderíamos concordar com seus esforços para apagar o passado e tratar as causas e os motivos da condenação dos revisionistas iugoslavos como algo muito diferente do que eram de fato. Da mesma forma, não poderíamos concordar em nos tornar

parceiros de Khrushchev nessa duvidosa e perigosa aposta ideológica e política. O que os romenos, os húngaros e os búlgaros faziam era assunto deles. De nossa parte, não iríamos abraçar e fazer as pazes com os titoístas.

Além de suas próprias convicções revisionistas, Khrushchev foi, sem dúvida, pressionado por Tito a dar esse passo antimarxista. Tito não queria se ajoelhar diante de Khrushchev e, por isso, persistiu em sua exigência de que Khrushchev viesse e se ajoelhasse diante dele em Belgrado, que fizesse uma autocrítica em Canossa (Belgrado). E foi isso que aconteceu. Depois de mais ou menos um ano de contatos secretos e públicos por meio de enviados especiais, depois de uma intensa e muito íntima troca de correspondências entre o “camarada Khrushchev” e o “camarada Tito”, no final, em abril de 1955, Tito enviou a boa notícia a seu novo namorado de que estava pronto para o casamento e o convidou a realizar a “cerimônia” em um “navio no Danúbio ou, se você concordar, em Belgrado. Em nossa opinião”, — continuou o *kralj*³ de Belgrado, — “a reunião deve ser aberta e pública”. Khrushchev mal pôde esperar para correr para Belgrado, onde beijou e abraçou Tito, fez uma autocrítica e, “resolutamente”, eliminou os “acúmulos do passado” e inaugurou a “época de amizade entre os dois povos e os dois partidos”.

Nosso partido condenou a ida de Khrushchev a Belgrado e, especialmente, sua decisão de limpar a suja imagem de Tito. Apenas dois ou três dias antes de partir para “Canossa”, Khrushchev nos informou sobre o passo que estava prestes a dar, mas já esperávamos isso, porque as águas nas quais Khrushchev havia mergulhado estavam fadadas a levá-lo para aquele moinho. Ir ou não ir a Belgrado era problema dele, que fizesse o que quisesse. O que nos revoltou e perturbou profundamente foi o anúncio que ele fez na mesma carta de que havia decidido anular a decisão do Cominform de novembro de 1949, como se fossem injustas, em conexão com a condenação da liderança iugoslava, para comunicar essa nova decisão a Tito e publicar um novo comunicado sobre ela no órgão *Pela Paz Duradoura, pela Democracia Popular*. Nesse comunicado, Khrushchev disse que os partidos comunistas e dos trabalhadores, que eram membros da Cominform, haviam supostamente revisado a questão da 3ª Resolução da reunião da Cominform sobre o “problema iugoslavo” adotada em novembro de 1949, e haviam decidido que as acusações contidas nessa resolução contra a liderança do Partido Comunista Iugoslavo (SKJ) deveriam ser consideradas sem fundamento, que a resolução da Cominform sobre a questão iugoslava deveria ser anulada.

3. “Rei”.

Escrevemos uma carta ao Comitê Central do Partido Comunista da União Soviética sobre isso e protestamos veementemente. Tal decisão sobre um inimigo do comunismo internacional, que havia sido condenado conjuntamente por todos os partidos, não poderia ser tomada unilateralmente pelo Partido Comunista da União Soviética sem consultar os outros partidos, inclusive o nosso. Os outros partidos se submeteram à decisão de Khrushchev e ao desejo de Tito de que, depois de Khrushchev, os líderes dos partidos do campo socialista fossem a Belgrado, beijassem a mão de Tito e implorassem seu perdão. Dej e companhia foram até lá, mas nós não. Continuamos a luta contra os revisionistas. Foi em vão que Levichkin, o embaixador soviético em Tirana, veio e tentou nos convencer a retirar nossa oposição.

Recebi Levichkin e, mais uma vez, apresentei a ele os princípios que havíamos escrito na carta à liderança soviética.

Entre outras coisas, eu disse:

— O Partido Comunista da União Soviética nos ensinou a expressar nossa opinião aberta e sinceramente, como internacionalistas, sobre qualquer questão que tenha a ver com a linha do partido. O Comitê Central do Partido Comunista da União Soviética nos informou com antecedência e pediu nossa opinião também sobre todas as questões relacionadas à nossa política comum em relação à Iugoslávia. Estudamos cuidadosamente as opiniões da liderança soviética, expressamos nossa opinião sobre esses problemas e, como sabem, concordamos que devemos nos esforçar para melhorar as relações com a Iugoslávia.

— Mas em sua resposta de ontem você se opõe à nova medida do camarada Khrushchev. — disse Levichkin.

— Sim, — eu disse, — e temos motivos para isso. Achamos que, em relação à questão da Iugoslávia, há muitas diferenças entre o conteúdo das cartas anteriores da liderança soviética e o da última carta.

— A que diferenças você se refere? — perguntou Levichkin. — Acho que a visão de nosso partido não mudou.

— Vejamos, — disse eu, e peguei as cartas da liderança soviética. — Aqui, por exemplo, na carta de 4 de junho de 1954, sua liderança escreve: “Reexaminando os materiais que têm a ver com a história do rompimento das relações entre o Partido Comunista Iugoslavo (SKJ) e os partidos comunistas e operários, bem como a subsequente saída da Iugoslávia do campo democrático, o Comitê Central do Partido Comunista da União Soviética (PCUS) sustenta que o núcleo dirigente do SKJ, sem dúvida, fez sérios desvios do marxismo-leninismo, desviou para as posições nacionalistas burguesas e lançou ataques contra o Estado soviético. Os dirigentes do SKJ

também estendem sua política hostil, em relação à União Soviética, aos países de democracia popular, em relação aos quais, até antes do rompimento das relações, mantiveram uma posição de alarde e desdém, enquanto buscavam para si o reconhecimento de prioridades e méritos especiais que não possuíam.

— Essa carta também enfatiza, — eu disse a Levichkin, — que a crítica que os partidos comunistas e operários fizeram aos desvios nacionalistas e outros desvios do marxismo-leninismo dos dirigentes do Partido Comunista Iugoslavo foi necessária e completamente justa. Ela contribuiu para preparar os partidos comunistas e operários do ponto de vista marxista, para aguçar a vigilância dos comunistas e para sua educação no espírito do internacionalismo proletário.

— Isso é verdade... — murmurou Levichkin.

— Mesmo após os esforços iniciais da liderança soviética para melhorar as relações com a Iugoslávia, — continuei, — a liderança iugoslava persistiu em seu antigo curso e posição e, há apenas dois ou três meses, em fevereiro deste ano, os camaradas soviéticos nos escreveram que “a liderança do partido iugoslavo está seriamente envolvida com o campo capitalista em suas relações políticas e econômicas”.

— Isso é verdade, isso é verdade! — repetiu Levichkin em voz baixa.

— Então, como a opinião e a posição da liderança soviética em relação a esses problemas tão importantes mudaram de forma tão surpreendente e repentina? — perguntei. — E como eles podem tomar tão prontamente uma decisão unilateral como essa de descartar a decisão de 1949 da Cominform?

— Nosso Birô Político discutiu os problemas levantados em sua carta de 23 de maio com grande atenção e preocupação e, em nossa resposta, expressamos aberta e sinceramente uma série de opiniões ao camarada Khrushchev.

— Em primeiro lugar, achamos que a linha geral, o conteúdo principal e o princípio da Resolução da Reunião da Cominform de novembro de 1949 estão corretos e o conteúdo dessa resolução não deve ser considerado separadamente da resolução de julho de 1948. A experiência diária do nosso partido em nossas relações com os iugoslavos, tanto antes do rompimento com eles em 1948 quanto até hoje, confirma essa correção.

— Em segundo lugar, o procedimento proposto para o cancelamento da Resolução de novembro de 1949 da Reunião do Cominform não nos parece correto. Parece-nos que o tempo muito curto concedido aos partidos comunistas e dos trabalhadores, membros da Cominform, para expressarem seus pontos de vista em relação ao conteúdo de sua carta é inadequado para decidir uma questão tão importante como a que foi levantada na carta. Em nossa opinião, uma decisão tão precipitada

sobre uma questão de princípio de grande importância, sem antes fazer uma análise completa, juntamente com todas as partes interessadas nessa questão e, além disso, a publicação dessa decisão na imprensa e seu anúncio nas conversações de Belgrado, não seria apenas prematura, mas causaria sérios danos à orientação geral em relação à Iugoslávia.

— No que diz respeito ao nosso Partido do Trabalho, há sete anos ele vem lutando para implementar sua linha geral em relação à Iugoslávia, que se baseia nas resoluções da Cominform e foi endossada pelo 1º Congresso do nosso partido. Estamos convencidos de que a linha geral de nosso partido em relação às relações com a Iugoslávia está correta, mas mesmo que pensássemos por um momento que há algo a ser mudado nessa linha, para isso o congresso do partido teria de ser convocado, ou pelo menos uma conferência do partido, e a mudança só poderia ser feita depois de analisarmos minuciosamente a linha geral de todos os partidos comunistas e operários em relação à Iugoslávia, bem como as decisões e conclusões da Cominform.

— Portanto, — disse eu a Levichkin, concluindo, — propomos que as questões levantadas na recente carta da liderança soviética sejam analisadas em uma reunião dos partidos que participam da Cominform, na qual nosso partido também poderia participar e dar sua opinião. Somente lá poderá ser tomada uma decisão conjunta sobre essa questão.

Levichkin, que havia ficado pálido ao me ouvir, tentou me convencer a mudar de opinião, mas quando viu minha insistência, recuou:

— Vou relatar o que você me disse para a liderança do partido.

— Escrevemos tudo o que eu lhe disse em nossa carta ao camarada Khrushchev — concluí. — Mas repeti tudo para você também, para deixar claro o que nos levou a adotar essa posição.

Nossa oposição foi totalmente correta e dentro das normas marxista-leninistas de relações entre partidos. Estávamos bem cientes de quão corretas, fundamentadas e bem embasadas foram as análises e decisões da Cominform e do Comitê Central do Partido Comunista da União Soviética em relação ao problema da Iugoslávia durante os anos de 1948 e 1949. Quando foi tomada a decisão de condenar a atividade antimarxista da liderança iugoslava, nós não éramos membros da Cominform. No entanto, durante esse período, Stálin, o PCUS e os outros partidos que eram membros da Cominform frequentemente nos consultavam e ouviam atentamente o que tínhamos a dizer em relação às nossas relações com os dirigentes iugoslavos. Stálin e seus camaradas fizeram isso, não apenas porque nossos partidos eram irmãos e, de acordo com as normas leninistas, deveria haver uma ampla e exaustiva troca

de opiniões, mas também devido ao importante fato de que, por causa dos vínculos especiais que tínhamos desde os anos de guerra com os dirigentes iugoslavos, tínhamos muito a dizer sobre eles.

Entre as muitas reuniões e consultas sobre esse problema, estava meu encontro incógnito com Vyshinsky em Bucareste, no qual Dej também estava presente. Lá, trocamos opiniões sobre a posição comum que deveríamos adotar em relação à atividade traiçoeira dos dirigentes iugoslavos. Os muitos argumentos e fatos incontestáveis que levei para essa reunião foram muito apreciados por Vyshinsky e Dej, que os descreveram como uma contribuição valiosa do nosso partido para um melhor conhecimento da atividade hostil e antimarxista dos líderes de Belgrado. Este não é o lugar para falar longamente sobre essa reunião, da qual tenho muitas lembranças. Menciono-a apenas para mostrar o grande cuidado e a sabedoria com que Stálin e o Cominform agiram naquela época nas análises que fizeram e nas decisões que tomaram.

Agora estava ocorrendo exatamente o contrário com Khrushchev e os outros líderes soviéticos. Justamente aqueles que agora estavam condenando a Cominform e Stálin por supostamente terem agido e julgado as questões de forma incorreta, estavam pisoteando com os dois pés as regras mais elementares das relações entre os partidos, estavam se colocando como mestres indiscutíveis que não se dignavam a buscar a opinião dos outros. Isso não poderia deixar de nos desanimar e preocupar.

Levichkin veio nos visitar várias outras vezes durante esses dias. Aparentemente, eles estavam exigindo urgentemente do centro que ele nos convencesse a desistir de nossas opiniões e nos reconciliar com as posições de Khrushchev. Esses foram momentos muito difíceis e graves. Pelo que pudemos ver, Khrushchev deve ter chegado a um acordo prévio com as lideranças de outros partidos sobre o que faria em Belgrado. Assim, nossa proposta de que a Cominform se reunisse para examinar o problema detalhadamente não foi ouvida. Depois de discutirmos longamente o assunto no Birô Político, decidimos que eu deveria convocar Levichkin mais uma vez para deixar clara a nossa posição para ele. Eu o encontrei em 27 de maio, um dos dias em que Khrushchev estava em Belgrado, e as coisas que eu disse a Levichkin também foram escritas em uma segunda carta para os dirigentes soviéticos. Mais tarde, Khrushchev usou essa nossa carta como um “argumento” para supostamente provar que estávamos errados em nossa primeira carta de 25 de maio e que, dois dias depois, supostamente fizemos uma “autocrítica” e “recuamos” de nossa opinião anterior. Mas a essência da verdade não é como Khrushchev e sua quadrilha disseram.

Tanto na reunião com Levichkin em 27 de maio quanto na segunda carta aos dirigentes soviéticos, explicamos mais uma vez por que estávamos em oposição aberta a eles nessa ocasião.

Nessa carta, enfatizamos novamente para a liderança soviética que, embora tivéssemos concordado e concordássemos que todos os esforços deveriam ser feitos para resolver as divergências de princípios com a Iugoslávia de forma marxista-leninista, ainda estávamos convencidos de que os líderes iugoslavos não reconheceriam seus graves erros nem abandonariam seu curso.

Fomos e continuamos a ser particularmente sensíveis à questão iugoslava e, especialmente, à atividade antimarxista da liderança do Partido Comunista Iugoslavo, dissemos na carta, porque essa atividade hostil contra a União Soviética, os países de democracia popular e todo o movimento do proletariado foi realizada de forma especialmente feroz contra nosso partido e a soberania de nossa pátria.

Vendo o problema dessa forma, continuamos, quando lemos a parte de sua carta que diz que, eventualmente, poderia ser comunicado aos iugoslavos que a Resolução do Cominform de novembro de 1949 deveria ser revogada e que um comunicado sobre isso seria publicado no órgão *Pela Paz Duradoura, pela Democracia Popular*, ficamos profundamente chocados e dissemos que, se isso fosse feito, seria um erro muito grave. Consideramos que essa resolução não deveria ser revogada, pois isso refletiria uma validação e o desenvolvimento lógico da atividade hostil e antimarxista da liderança do Partido Comunista Iugoslavo na prática.

É assim que raciocinamos: se essa resolução for anulada, tudo o que foi escrito nela será cancelado, e os julgamentos de Rajk na Hungria e Kostov na Bulgária, por exemplo, também serão anulados. Por analogia, o julgamento da quadrilha de traidores, chefiada por Koçi Xoxe e companhia, também deveriam ser anuladas. A atividade hostil da quadrilha de traidores de Koçi Xoxe teve sua origem e estava ligada ao trabalho antimarxista, liquidacionista e nacionalista burguês da liderança do Partido Comunista Iugoslavo. A luta justa e baseada em princípios contra essa atividade hostil foi uma das orientações da linha de nosso partido em seu 1º Congresso. “Nunca nos afastaremos dessa linha correta” enfatizamos na carta. Por isso, pensamos que, se essa resolução for anulada como errada, não apenas a verdade será distorcida, mas também será criada uma situação grave para o nosso partido, haverá confusão, elementos antipartidários e inimigos serão incentivados a se tornarem ativos contra o nosso partido e Estado, bem como contra a União Soviética. Não podemos jamais permitir que tal situação seja criada.

Em seguida, dissemos à liderança soviética:

— Estamos em uma situação grave e lamentamos que, nesse ponto, não possamos ter a mesma opinião que vocês.

Essa era a essência do conteúdo de nossa segunda carta à liderança soviética.

Se há algum espaço para usar a palavra “recuo” em relação a isso, a única coisa que fizemos foi não repetir a proposta de que uma reunião da Cominform deveria ser organizada primeiro. A essa altura, essa proposta não teria mais valor, porque Khrushchev havia transformado todo o caso em um fato consumado e havia partido para Belgrado. Por outro lado, embora expressássemos nossa opinião em defesa dos princípios, não podíamos nos manifestar abertamente contra a liderança soviética e os outros em um momento em que o problema ainda estava se desenvolvendo. Entretanto, tornamos nossa vigilância ainda mais aguçada e mantivemos nossos olhos ainda mais abertos. Para nós, tanto no passado quanto depois disso, a posição em relação aos revisionistas de Belgrado foi e ainda é a pedra de toque para provar se um partido está seguindo uma linha marxista sólida ou uma linha anti-marxista errada. No futuro, colocaríamos Khrushchev e os khrushchevistas à prova.

Pouco tempo depois desse evento, no verão de 1955, recebi um convite insistente para ir “passar férias na União Soviética”.

Na época de Stálin, eu ia para lá a trabalho e muito raramente para tirar férias. Na época de Khrushchev, eles começaram a nos pressionar tanto para que fôssemos de férias que era difícil recusar, porque os soviéticos, por sua vez, colocavam a questão no plano político. No entanto, eu não gostava de ir porque, na verdade, não conseguia descansar lá e tudo demorava. Para ir a Moscou, tivemos de viajar oito dias de navio de Durrës a Odessa, e os navios (“Kotovskiy” e “Chiatura”) não eram grandes e enrolavam muito. Eram necessários mais dois dias para a viagem de trem de Odessa a Moscou e um dia de avião de Moscou ao Cáucaso (para ir a Kislovodsk etc.), ou seja, uma viagem de onze dias em cada sentido, além de vários dias de reuniões, para que vocês possam ver que tipo de férias eram essas.

Uma vez em Moscou, começavam as reuniões com os dirigentes soviéticos, mas essas reuniões não eram mais agradáveis como as com Stálin. Agora elas eram realizadas, às vezes com raiva sufocada, às vezes com explosões abertas.

Foi o que ocorreu nessa ocasião. Assim que cheguei a Moscou, tive duas reuniões com Suslov.

Em suas primeiras palavras, ele me disse que falaríamos sobre o problema da Iugoslávia e enfatizou em um tom ditatorial:

— A liderança do seu partido deve levar em conta essa questão com cuidado; ela não deve encarar o problema da Iugoslávia de forma rígida.

Não tirei meus olhos dele enquanto ouvia. Ao perceber meu descontentamento, ele recuou um pouco:

— Os erros deles continuam sendo erros, — disse ele, — mas nosso objetivo é nos tornarmos camaradas e promover a amizade com a Iugoslávia. Em sua última reunião: — Nosso Comitê Central analisou mais uma vez nossas relações com a Iugoslávia — continuou ele, — e daremos o relatório entregue pessoalmente a você, pois ele é ultrassecreto.

Ele ficou em silêncio por um momento, tentando avaliar a impressão que suas palavras estavam causando em mim, e depois continuou:

— O principal problema é que o Comitê Central do Partido Comunista da União Soviética examinou a questão iugoslava sob uma luz realista, tendo em mente o trabalho traidor de Beria, e fizemos uma autocritica sobre isso. Nosso Comitê Central chegou à conclusão de que o rompimento das relações com a Iugoslávia foi um erro, ou seja, fomos precipitados.

— De que forma apressado?! — falei. — Naquela época, foram feitas análises minuciosas, longas e completas discussões foram realizadas e as verdadeiras causas ideológicas e políticas das divergências existentes foram descobertas.

— A principal causa desse rompimento, — continuou Suslov, — não foram as questões ideológicas, embora eles estivessem cometendo erros, e eles foram apontados abertamente para os iugoslavos. A principal causa está nas calúnias que foram feitas contra os líderes iugoslavos e na nossa falta de paciência. Os erros de princípio dos iugoslavos deveriam ter sido discutidos, respaldados por fatos e corrigidos. Isso não foi feito.

— De todos os fatos examinados, — continuou ele, — conclui-se que não há base alguma para dizer que os camaradas iugoslavos se desviaram e venderam a Iugoslávia, assim como não se conclui que a economia iugoslava dependa dos imperialistas.

— Perdoe-me, — eu disse, — mas não vamos voltar às coisas que analisamos e decidimos em 1948 e 1949. Vejamos apenas a sua correspondência com a liderança iugoslava nos últimos dois anos. Não apenas em várias de suas cartas, mas os próprios iugoslavos admitem em suas cartas que criaram fortes vínculos com o Ocidente. O que devemos pensar agora de sua avaliação contrária sobre essas questões?

— Vários erros foram cometidos, mas eles devem ser examinados com cuidado, — disse Suslov, e começou a listar uma série de “argumentos” para me convencer de que os líderes iugoslavos não estavam, supostamente, em um caminho errado. Naturalmente, ele também tentou colocar a culpa em Beria e Djilas e nos esforços do imperialismo “para pender a Iugoslávia para seu lado”.

— Molotov também manteve uma posição muito sectária sobre esse problema. — continuou Suslov. — Ele cometeu erros individuais nas relações estatais com a Iugoslávia, insistindo que foram os camaradas iugoslavos que cometeram os erros. No entanto, o Comitê Central exigiu que Molotov provasse onde os iugoslavos haviam errado, e nós o criticamos severamente por sua posição. Por fim, ele também expressou sua solidariedade ao Comitê Central.

Comecei a falar e fiz uma apresentação detalhada de nossas relações com a liderança iugoslava, desde os anos da Guerra de Libertação Nacional. Mencionei suas principais atividades como uma agência antialbanesa, que eles haviam empreendido e estavam empreendendo contra nós continuamente, e concluí dizendo:

— São esses e muitos outros fatos, um mais grave que o outro, que nos convencem de que a liderança iugoslava não esteve e não está no caminho certo. No entanto, sempre fomos e continuamos a ser a favor do desenvolvimento normal das relações estatais com eles.

— Concordo, concordo! — disse Suslov. — Devemos agir com o coração aberto. Isso é do interesse do nosso campo; não podemos permitir que os imperialistas nos tirem a Iugoslávia.

No final dessa reunião, como se fosse de passagem, ele me disse:

— Nos últimos anos, vocês condenaram muitos inimigos, acusados de ligações com os iugoslavos. Dê uma olhada nos casos deles e reabilite aqueles que devem ser reabilitados.

— Nunca acusamos e condenamos ninguém por nada, — eu disse sem rodeios e, quando nos separamos, ele me instruiu a ser “mais amplo”.

Ficou claro por que eles me convidaram para passar férias. Entretanto, os khrushchevistas não se contentaram apenas com isso. Eles elaboraram planos diabólicos para obrigar nosso partido a seguir seu curso de conciliação com os revisionistas de Belgrado. Dessa vez, eles me colocaram em uma casa nos arredores de Moscou, que, como me disseram, havia sido a casa de Stálin. Era uma casa simples, todos os cômodos principais ficavam no andar térreo, inclusive nossa suíte, que era separada do hall de entrada por uma porta de vidro. À direita, ficavam a sala de jantar, o escritório e a sala de estar ou de recepção que, pelo que me lembro, tinha poucos móveis. À esquerda, passando por um corredor e uma sala com sofás ao redor das paredes, entrava-se na sala de cinema. O jardim externo havia sido negligenciado, havia muito pouca vegetação e flores. Não havia árvores para fazer sombra, mas

eles haviam construído uma pequena *besedka*⁴ semicircular com assentos, também semicirculares, presos aos pilares construídos ao redor da curva, onde as crianças brincavam. Ao lado da casa havia uma pequena horta. Uma noite, nessa casa, ouvimos uma batida forte na porta de vidro que dava acesso à nossa suíte. Minha esposa, Nexhmije, levantou-se rapidamente, pensando que nosso filho não estava bem, pois havia caído naquele dia e machucado a mão. Ela saiu, voltou imediatamente e me disse:

— É um dos oficiais da guarda, Mikoyan quer falar com você ao telefone.

Eu estava com sono e perguntei que horas eram.

— Meia-noite e meia. — disse Nexhmije.

Coloquei algo sobre os ombros e entrei no escritório para pegar o telefone. Mikoyan, do outro lado da linha, não me pediu perdão por me ligar depois da meia-noite, mas me disse:

— Camarada Enver, o camarada Svetozar Vukmanovic-Tempo está aqui em Moscou e eu estive com ele até agora. Você o conhece e seria bom se vocês se encontrassem; ele está pronto para encontrá-lo amanhã.

Por um tempo, fiquei em silêncio ao telefone, enquanto Mikoyan, que não tinha intenção de perguntar, disse:

— Amanhã, então, você confirma? — em um tom como se ele estivesse dando uma ordem ao secretário do partido de um *Oblast*⁵.

— Como eu poderia concordar com isso, camarada Mikoyan?! — eu disse. — Conversei com o camarada Suslov e expressei a opinião do nosso partido sobre a posição da Iugoslávia e de Tito.

Mikoyan começou a fazer um monólogo padrão sobre a “Iugoslávia socialista”, sobre Tito, que era “um bom sujeito”, sobre os erros de Beria e os erros que eles supostamente haviam cometido (a União Soviética e a Cominform), e então concluiu:

— Você deve dar esse passo, camarada Enver. Você conhece Tempo, converse com ele e tente resolver suas diferenças, porque isso é do seu interesse e do interesse do campo socialista. Você também deve ajudar a garantir que a Iugoslávia não vá para o campo imperialista... Então, você confirma, amanhã.

— Tudo bem, confirmo, amanhã, — respondi, cerrando os dentes de raiva. Voltei para a cama, mas estava tão enojado com essas manobras de bastidores e *faits*

4. “Pavilhão” (No russo em original).

5. “Região” (Em russo no original).

*accomplis*⁶ que os khrushchevitas estavam tramando durante sua traição que não conseguia dormir. Encontrei Tempo duas vezes na Albânia durante a guerra e, nas duas vezes, brigamos porque ele era arrogante e um verdadeiro megalomaniaco. Ele fazia acusações infundadas contra nossa guerra e as pessoas que a lideravam, ou fazia propostas absurdas sobre a “Equipe dos Bálcãs”, sem mencionar como essa equipe deveria funcionar naquelas condições, quando podíamos nos comunicar de uma zona para outra dentro do país com dificuldade, e muito menos mencionar os motivos ocultos por trás da organização dessa “equipe”. O que eu deveria dizer à Tempo agora, depois de todas as coisas que Tito, Rankovic, seus enviados Velimir Stojnic, Nijaz Dizdarevic e seus agentes Koçi Xoxe e sua quadrilha haviam feito conosco? Temos de engolir isso também? Fiquei de um lado para o outro a noite toda, sem dormir, pensando no que deveria ser feito. Ainda não havia chegado o momento de acertar as contas com os revisionistas khrushchevistas.

No dia seguinte, nos encontramos com Tempo. Comecei a falar sobre as coisas que haviam acontecido.

— Que o passado seja passado, — disse ele e começou a falar sobre a situação na Iugoslávia.

Ele me disse que eles haviam progredido no setor industrial, mas que faltavam matérias-primas.

— Nossa agricultura está em um estado muito ruim, — disse ele, — estamos muito atrasados; portanto, achamos que devemos dedicar mais forças a ela. Os erros que cometemos na agricultura nos deixaram muito pressionados.

Ele continuou a me contar sobre as dificuldades que tiveram e disse que foram obrigados a aceitar ajuda dos países ocidentais a juros altos.

— Agora a União Soviética está nos ajudando e nosso acordo com os soviéticos está indo bem. — concluiu.

Eu também falei sobre o progresso que nosso país havia feito durante esse período e as dificuldades que tivemos e ainda temos. Falei sobre a comissão do lago Ohri, na qual as discussões estavam sendo arrastadas pelo lado deles, mas ele me disse que não sabia nada sobre isso porque “esses eram os planos dos macedônios”.

— No entanto, devemos analisar com mais cuidado a questão do lago Shkodër, onde os benefícios serão maiores para ambos os lados, especialmente para o seu lado... — acrescentou.

E foi assim que aconteceu a reunião que os soviéticos haviam marcado entre

6. “Fato consumado” (Em francês no original).

Tempo e eu. Depois dessa reunião, quando me encontrei com Mikoyan e Suslov, ambos me disseram:

— Você fez bem em conhecer o Tempo porque o gelo foi quebrado.

De acordo com eles, a montanha de gelo criada entre nós e os revisionistas titoístas poderia ser quebrada com um encontro ou contato casual, mas essa não era a nossa opinião. Não haveria “degelo de primavera” no campo ideológico em nossas relações com a Iugoslávia e não tínhamos intenção de mergulhar nas águas turvas dos khrushchevistas e dos titoístas.

O “PARTIDO-MÃE” QUER SER UM MAESTRO



Khrushchev busca a hegemonia no movimento comunista internacional. Seu ataque ao Comintern e ao Cominform. Os khrushchevistas estendem seus tentáculos aos demais partidos. As mortes repentinas de Gottwald e Bierut. Memórias inesquecíveis da reunião com Dimitrov e Kolarov. Relações corretas, porém, formais, com a Romênia. Os ziguezagues oportunistas da direção romena. Impressões agradáveis da Tchecoslováquia; passeando à vontade e visitando locais históricos. Atmosfera sufocante em toda a União Soviética. Os *chinovniki* nos cercam por toda parte. Nossas relações com os alemães orientais.



FALEI ANTERIORMENTE SOBRE A “AULA” QUE KHRUSHCHEV ME DEU SOBRE O PAPEL do Primeiro-Secretário do partido e a “opinião” que ele expressou aos camaradas poloneses sobre a substituição de Bierut por Ochab nesse cargo. Esse fato não apenas me surpreendeu, mas me pareceu completamente inaceitável, como uma atitude inábil (para dizer o mínimo) em relação a um partido-irmão.

Outros acontecimentos deixaram claro e nos convenceram de que essas “manobras” eram as formas normais de “trabalho” de Khrushchev para colocar o movimento comunista internacional sob sua tutela individual.

Essa atividade não deixou de ter sua capa demagógica. A essência dessa demagogia era: “Stálin manteve os partidos comunistas e operários sob seu controle por meio da força, do terror, e ditou ações a eles no interesse da União Soviética e em detrimento da revolução mundial”. Khrushchev era a favor da luta contra a Comintern, exceto, supostamente, no período em que Lênin estava vivo. Para Khrushchev e os outros revisionistas modernos, a Comintern funcionava simplesmente como uma “agência soviética nos países capitalistas”. Sua opinião, que não era expressa abertamente, mas estava implícita, estava em total acordo com as acusações mons-

truosas do capitalismo e da burguesia reacionária em todo o mundo, que combatiam o proletariado e os novos partidos comunistas formados após a traição da social-democracia e da Segunda Internacional.

Por meio da Comintern, Lênin e, mais tarde, Stálin, consolidaram os partidos comunistas e operários e fortaleceram a luta do proletariado contra a burguesia e a ditadura fascista em ascensão. A atividade da Comintern foi positiva e revolucionária. Não se descarta a possibilidade de que alguns erros tenham sido cometidos, mas é necessário ter em mente as difíceis circunstâncias de ilegalidade em que os partidos e a direção da própria Comintern foram obrigados a trabalhar, bem como a luta feroz travada contra os partidos comunistas pelo imperialismo, a burguesia e a reação. Os verdadeiros revolucionários nunca se esquecem de que foi a Comintern que ajudou a criar e fortalecer os partidos comunistas após a traição da Segunda Internacional, assim como nunca se esquecem de que a União Soviética de Lênin e Stálin foi o país em que centenas de revolucionários encontraram refúgio para escapar das represálias da burguesia e do fascismo para continuar suas atividades.

Em sua avaliação do trabalho da Comintern e de Stálin, Khrushchev também teve o apoio dos chineses, que continuam a fazer críticas, embora não publicamente, nesse sentido. Quando tivemos a oportunidade, expressamos nossa opinião sobre essas avaliações incorretas que faziam do trabalho geral tanto da Comintern quanto de Stálin aos dirigentes chineses. Quando tive a oportunidade de conversar com Mao Zedong, durante minha única visita à China, em 1956, ou nas reuniões com Zhou Enlai e outros em Tirana, expressei o conhecido ponto de vista de nosso partido sobre a figura de Stálin e da Comintern. Não gostaria de me estender sobre essas questões, porque já escrevi extensivamente sobre elas em meu diário político e em outros documentos.

As decisões da Comintern e o discurso de orientação de Dimitrov em julho de 1935 entraram para a história do movimento comunista internacional como os principais documentos que mobilizaram os povos e, em primeiro lugar, os comunistas, para criar as frentes antifascistas e se organizar para a luta armada contra o fascismo italiano, o nazismo alemão e o militarismo japonês. Nessa luta, os comunistas e seus partidos estiveram na linha de frente em todos os lugares.

Portanto, é um crime atacar o grande trabalho da Comintern e a autoridade marxista-leninista de Stálin, que desempenhou um papel importante na criação e na consolidação organizacional, política e ideológica dos partidos comunistas e operários do mundo. Por sua vez, o Partido Bolchevique foi uma poderosa ajuda para esses partidos, e a União Soviética, com Stálin à frente, foi um grande artífice

de apoio à revolução no cenário internacional.

O imperialismo, a burguesia capitalista e sua ditadura fascista lutaram contra a União Soviética, o Partido Bolchevique e Stálin, com todas as suas forças, travaram uma dura luta contra a Comintern e os partidos comunistas e operários de todos os países e governaram a classe trabalhadora com terror, derramamento de sangue e demagogia.

Quando a Alemanha nazista atacou a União Soviética, os partidos comunistas e operários de vários países pegaram em armas, uniram-se a outros patriotas e democratas em seus próprios países e lutaram contra os invasores fascistas. Por causa dessa luta acirrada, os inimigos do comunismo disseram: “Os partidos comunistas e dos trabalhadores se colocaram a serviço de Moscou”. Isso era uma calúnia. Os partidos comunistas e operários lutaram pela libertação de seus próprios povos, lutaram para que a classe trabalhadora e o povo tomassem o poder. Na grande aliança da luta antifascista, o amor desses partidos estavam com a União Soviética, pois a URSS era a maior e mais confiável garantia da nossa vitória.

Foi o próprio Stálin que, em nome do Comitê Executivo da Comintern, anunciou a decisão de dissolver a Comintern, e a razão apresentada foi que não havia mais necessidade de sua existência. Essa posição foi totalmente correta, pois, naquela época, os partidos comunistas e dos trabalhadores haviam se tornado maduros e militantes, haviam sido temperados em batalhas de classe e na grande guerra contra o fascismo e haviam adquirido uma experiência colossal. Agora, cada partido podia marchar com seus próprios pés e tinha o marxismo-leninismo como seu guia infalível.

Após a Grande Guerra Patriótica, foi formado o Cominform dos partidos comunistas e operários. Foi necessário criá-lo porque os partidos dos países socialistas e os dos países capitalistas, especialmente da Europa, precisavam trocar suas valiosas experiências. A troca de experiências entre nossos partidos foi especialmente necessária no período instável imediatamente após a guerra, quando o imperialismo americano e britânico queria interferir de todas as formas nos assuntos internos dos países que haviam conquistado sua liberdade.

A reação, e Tito e os titoístas, mais tarde, queriam e lutaram para colocar os países do Leste Europeu em um dilema; com a ajuda dos britânicos, eles tentaram levar a reação ao poder na Tchecoslováquia e fazer o mesmo na Albânia, Romênia, Polônia e em outros lugares.

Tito, aquele “marxista”, fez um grande destaque à província de Venezia Giulia, alegando que a União Soviética não o estava ajudando a tomar essa província, que

ele descreveu como totalmente iugoslava. Esse mesmo “marxista” não só ignorou a questão de Kosovo, que era verdadeiramente albanesa, não a entregou à Albânia, à qual pertencia, como fez o possível para impedir qualquer conversa sobre essa questão. A quadrilha de Belgrado massacrou as massas de Kosovo, alegando que eram balistas, e mais tarde também tentou engolir toda a Albânia para transformá-la na sétima república da Iugoslávia.

A Cominform descobriu a traição dos revisionistas iugoslavos e esse foi um de seus feitos históricos e um tributo à vigilância revolucionária de Stálin. Tito foi denunciado e condenado com fatos amplos e incontestáveis, e os eventos subsequentes confirmaram completamente sua traição. Nessa ação justa, que veio depois de uma posição paciente, primeiro com uma explicação camarada, depois com repressão e, finalmente, com condenação, todos os partidos comunistas e operários participaram, não porque “se submeteram à decisão arbitrária de Stálin”, como foi caluniosamente alegado, mas porque estavam convencidos dos fatos verdadeiros que foram revelados sobre a traição dos chefes iugoslavos. Posteriormente, todos esses partidos, com exceção do Partido do Trabalho da Albânia (PTA), engoliram as palavras que eles mesmos haviam dito e endossado contra Tito e o titoísmo. Um após o outro, os dirigentes desses partidos fizeram “autocrítica”, peregrinaram até ele, beijaram sua mão, imploraram seu perdão e declararam que ele era um “marxista-leninista genuíno”, enquanto, segundo eles, Stálin era “um antileninista, um criminoso, um ignorante e um ditador”.

O plano de Khrushchev, como todo o seu trabalho e suas sucessivas ações demonstraram, era reabilitar Tito indo a Belgrado e denunciando Stálin pelo “crime” e pelo “erro” que ele supostamente havia cometido nesse sentido. A fim de levar esse problema até o fim, Khrushchev tomou sua decisão unilateral e liquidou a Cominform, sem perguntar a ninguém sobre isso. Ele nos deu isso como um fato consumado em uma das reuniões organizadas no Kremlin sobre um problema que não tinha nada a ver com a Cominform.

Khrushchev anunciou a decisão e, ao administrar as últimas propostas na Cominform, disse: “Quando informei Nehru sobre isso, ele ficou satisfeito e me disse que era uma decisão sábia que todos aprovariam”. O grande reacionário indiano recebeu a notícia da dissolução do Birô antes de nossos partidos comunistas (!). Esse fato, além de outros, também mostrou o que era esse renegado, esse revisionista trotskista, que havia chegado à direção da URSS e do Partido Comunista da União Soviética.

Com formas e métodos trotskistas astutos, como bajulação, chantagem, críticas

e ameaças, Khrushchev pretendia obter o controle de todo o movimento comunista internacional, ter todos os outros partidos sob sua “batuta de maestro”, sem que ele lhes dissesse abertamente, deveriam proclamar o Partido Comunista da União Soviética como o “partido-mãe” e, além disso, pensar, como disse Liri Belishova, uma agente secreta dos revisionistas soviéticos que denunciaremos mais tarde, que “Khrushchev é nosso pai” (!). Essa é a direção em que Khrushchev e os khrushchevistas trabalharam.

É claro que os khrushchevistas haviam começado esse trabalho quando Stálin ainda estava vivo, pelas costas. Baseamos essa convicção na experiência de nossas relações com os dirigentes soviéticos, na postura arrogante e de um traficante de Mikoyan e outros.

Após a morte de Stálin, o ataque para destruir o socialismo em outros países aumentou continuamente. Tanto na União Soviética quanto na Bulgária, Tchecoslováquia, Polônia, Romênia e Hungria, bem como na Albânia, Khrushchev começou a incitar os elementos antimarxistas disfarçados e não disfarçados. Onde quer que esses elementos estivessem à frente, Khrushchev e companhia lutavam para colocar esses elementos sob seu controle e, onde não estivessem à frente, para colocá-los lá, eliminando os dirigentes sólidos por meio de intrigas, golpes ou até mesmo assassinatos, como queriam fazer com Stálin (e é muito provável que tenham feito isso).

Imediatamente após a morte de Stálin, Gottwald morreu. Essa foi uma morte repentina e inesperada! Nunca passou pela cabeça daqueles que conheciam Gottwald que esse homem forte, ágil e saudável morreria de uma gripe ou resfriado supostamente contraído no dia da cerimônia fúnebre de Stálin.

Eu conhecia Gottwald. Quando fui à Tchecoslováquia e o encontrei em Praga, conversamos longamente sobre diversas questões. Ele era um camarada modesto e sincero, não era um homem de muitas palavras. Senti que podia falar com ele à vontade; ele me ouviu atentamente, dando baforadas em seu cachimbo, e falou com muita simpatia sobre nosso povo e nossa luta, e me prometeu que eles nos ajudariam a construir nossa indústria. Ele não me prometeu montanhas nem milagres, mas um crédito muito modesto que a Tchecoslováquia nos concedeu.

— Isso é tudo o que podemos fazer, — disse ele. — Mais tarde, quando tivermos nossa economia funcionando, reexaminaremos essas questões com vocês.

Gottwald, um velho amigo e camarada de Stálin e Dimitrov, morreu repentinamente. Isso nos entristeceu, mas também nos surpreendeu.

Mais tarde, veio a morte igualmente inesperada do camarada Bierut, sem mencionar a morte anterior do grande Georgi Dimitrov. Dimitrov, Gottwald e Bierut,

todos morreram em Moscou. Que coincidência! Os três eram companheiros do grande Stálin!

Edward Ochab substituiu Bierut no cargo de Primeiro-Secretário do partido. Assim, o antigo desejo de Khrushchev foi realizado. Mais tarde, porém, Khrushchev “desentendeu-se” com Ochab, aparentemente porque ele não cumpriu as exigências e ordens de Khrushchev como deveria. É por isso que Khrushchev posteriormente lançou ataques contra Ochab nas reuniões em que nós também estávamos presentes. Encontrei Ochab várias vezes, em Moscou, Varsóvia e Pequim, e acho que ele era uma pessoa que não só não podia ser comparada a Bierut como homem, mas também não tinha a capacidade necessária para dirigir o partido e o país. Ochab ia e vinha como uma sombra, sem ficar um ano no cargo.

A seguir, falarei sobre como os eventos se desenvolveram na Polônia. Está claro que, com a morte de Bierut, o caminho para o poder na Polônia estava aberto para o reacionário Gomulka. Esse “comunista”, que saiu da prisão após uma série de altos e baixos, e escritos de uma direção heterogênea, na qual não faltavam agentes do sionismo e das potências capitalistas, seria levado à direção por seu amigo Nikita Khrushchev.

A Polônia era a “irmã mais velha” da União Soviética khrushchevista. Depois veio a Bulgária, com a qual os kruschevistas jogaram e ainda jogam seu jogo descaradamente, ao ponto de transformá-la em sua “filha obediente”.

Os búlgaros estavam intimamente ligados a Stálin e ao Partido Comunista da União Soviética (Bolchevique), liderado por ele, bem diferente dos tchecos, poloneses e romenos, e muito menos dos alemães. Além disso, o povo búlgaro era tradicionalmente ligado à Rússia no passado. Justamente por causa dessas ligações, o Czar Boris não ousou envolver a Bulgária oficialmente na guerra contra a União Soviética e os exércitos soviéticos entraram na Bulgária sem disparar um tiro.

Khrushchev queria consolidar essa influência para seus próprios interesses chauvinistas e para a extensão e consolidação de suas opiniões revisionistas. Portanto, ele explorou essa situação, a confiança do Partido Comunista Búlgaro em Stálin, na União Soviética e no Partido Bolchevique, e colocou à frente do Partido Comunista Búlgaro uma pessoa sem valor, um quadro de terceira categoria, mas pronto para fazer tudo o que Khrushchev, seu embaixador ou a KGB dissessem. Essa pessoa era Todor Zhivkov, que foi divulgado e inflado até se tornar o Primeiro-Secretário do Comitê Central do Partido Comunista Búlgaro.

Minha opinião é que, depois de Dimitrov, o partido e o Estado búlgaro não tiveram nenhum líder à altura de Dimitrov, ou mesmo que se aproximasse dele, do

ponto de vista de sua adesão aos princípios, amplitude de compreensão político-ideológica e capacidade como quadro dirigente. Aqui, é claro, não incluo Kolarov, que morreu logo depois de Dimitrov, apenas alguns meses depois, que era um velho revolucionário e a segunda personalidade depois de Dimitrov, com quem havia trabalhado junto na Comintern.

Conheci Kolarov quando fiz uma visita oficial à Bulgária em dezembro de 1947. Ele tinha mais ou menos a mesma idade e o mesmo tamanho de Dimitrov, gostava de conversar e, durante todo o tempo em que ficamos com ele, conversou conosco sobre as missões na Mongólia, na Alemanha e em outros lugares que a Comintern havia encarregado a ele. Parecia que o partido havia colocado Kolarov como responsável pelas relações com os países estrangeiros, pois ele nos falou várias vezes sobre as relações da Bulgária, especialmente com seus vizinhos: Iugoslávia e Grécia, que também eram nossos vizinhos. Ele também nos explicou a situação internacional geral. Isso nos ajudou muito.

Assim como o inesquecível Georgi Dimitrov, Kolarov era um homem modesto. Embora fôssemos jovens, não havia o menor sinal de arrogância nele durante a conversa. Ele nos respeitou, fortaleceu nossas ideias e, embora estivéssemos nos encontrando pela primeira vez, enquanto permanecemos ali, nos sentimos como membros de uma família, em um grupo íntimo, no qual predominavam o afeto, a união e os esforços para um único objetivo, a construção do socialismo.

Encontrei Dimitrov e Kolarov, esses notáveis comunistas búlgaros, apenas uma vez em minha vida, mas eles deixaram uma impressão indelével em minha memória. Depois de Dimitrov, Kolarov tornou-se Primeiro-Ministro e foi um dos iniciadores da condenação de um agente titoísta, Kostov. Porém, poucos meses depois, Kolarov morreu. Sua morte também me deixou muito triste.

Após a morte de Dimitrov e Kolarov, pessoas sem autoridade ou personalidade começaram a assumir a direção do partido comunista e do Estado socialista búlgaro.

Fui à Bulgária várias vezes a trabalho, bem como em férias com minha esposa e meus filhos. Para dizer a verdade, senti uma satisfação especial na Bulgária, provavelmente porque, embora nossos dois povos sejam de origem bem diferente, durante séculos eles coexistiram, sofreram e lutaram contra a mesma potência ocupante, os otomanos, e são parecidos em muitos aspectos, especialmente em sua modéstia, hospitalidade, estabilidade de caráter, preservação de boas tradições, folclore etc.

Até o momento em que Stálin morreu, não havia a menor sombra sobre nossas relações com os búlgaros. Nós dois amávamos a União Soviética com um amor puro e sincero.

Conversei com os dirigentes búlgaros muitas vezes, comi e bebi com eles e fiz viagens por toda a Bulgária. Mesmo mais tarde, até rompermos com Khrushchev, não tínhamos contradições ideológicas e políticas e eles me receberam calorosamente. Muitos deles, como Velko Chervenkov, Ganev, Tsola Dragocheva, Anton Yugov, etc., não eram jovens. Eram pessoas da geração mais velha, que haviam trabalhado no exterior, no exílio com Dimitrov, ou em casa, na ilegalidade, e mais tarde estiveram nas prisões do Czar Boris. No final, Todor Zhivkov emergiu acima deles, um homem que é o protótipo da mediocridade política.

Após a morte de Georgi Dimitrov, Velko Chervenkov tornou-se Secretário-Geral do partido. Ele era um homem grande, com cabelos grisalhos e olheiras sob os olhos. Sempre que o encontrava na Bulgária ou em Moscou, ele me dava a impressão de ser um bom sujeito que caminhava com os braços soltos sem rumo, como se dissesse: “O que estou fazendo nessa joça? Não estou servindo para nada aqui”.

Ele deve ter sido um homem justo, mas com pouca energia. Pelo menos essa foi minha impressão. Ele era extremamente econômico nas palavras. Em conversas oficiais, ele falava tão pouco que, se você não o conhecesse, teria a impressão de que ele era arrogante. Mas ele não era nem um pouco arrogante. Era um homem simples. Em conversas não-oficiais, quando comíamos juntos e nos reuníamos com outros camaradas búlgaros para trocar opiniões, Velko ficava sentado em um silêncio de pedra, com a boca fechada, como se não estivesse ali. Os outros conversavam e riam, mas ele não.

Chervenkov era cunhado de Dimitrov. Ele havia se casado com a irmã do grande líder da Bulgária. É possível que um pouco da glória e da autoridade de Dimitrov tenha caído sobre Velko Chervenkov, mas Velko era incapaz de se tornar Dimitrov. Assim, da mesma forma que ele chegou à direção do Partido Comunista Búlgaro em silêncio, foi embora sem nenhum alarde quando foi expulso. Sua expulsão não se tornou nenhum tipo de problema, ele foi removido sem nenhuma comoção, deixando o lugar de direção no partido para Todor Zhivkov.

Assim, para Nikita, a Tchecoslováquia, a Polônia e a Bulgária estavam resolvidas. A Romênia, também, onde o partido teve alguns episódios inglórios em sua história, também não deveria ser deixada de fora de seus objetivos e esforços. Não tivemos nenhum contato com os romenos durante a guerra, o que é diferente do que ocorreu com os iugoslavos, ou com os búlgaros, que uma vez enviaram ao nosso país Belgaranov, que nos informou sobre o trabalho na Macedônia, pediu nossa ajuda para organizar a luta dos albaneses que viviam no território “macedônio” ocupado pelos nazifascistas. Após a guerra, ouvimos dos soviéticos coisas muito

boas sobre o partido romeno e sobre Dej, um velho revolucionário que havia sofrido muito nas prisões de Doftana. Mas, para dizer a verdade, fiquei um pouco decepcionado quando o encontrei pela primeira vez, na reunião sobre o problema dos revisionistas iugoslavos, que mencionei acima.

Este não é o lugar para falar sobre minhas lembranças dessa reunião, mas quero enfatizar que, pelo que vi e ouvi na Romênia e pelas conversas que tive com Dej, a impressão que tive sobre o partido romeno e sobre Dej pessoalmente não foi boa.

Independentemente do que os dirigentes romenos afirmaram, a ditadura do proletariado não estava fortalecida na Romênia e o Partido dos Trabalhadores não estava em uma posição forte. Eles declararam que estavam no poder, mas era muito evidente que, de fato, a burguesia estava no poder. Ela tinha a indústria, a agricultura e o comércio em suas mãos e continuava a enganar o povo romeno e a viver em luxuosas vilas e palácios. Dej viajava pessoalmente em um carro à prova de balas com uma escolta armada, o que mostrava como suas posições eram “seguras”. A reação foi forte na Romênia e, se não fosse pelo Exército Vermelho, quem sabe como as coisas teriam acontecido naquele país.

Durante nossas conversas nos poucos dias em que fiquei em Bucareste, Dej nos bombardeou com sua vanglória sobre o “valor” que eles haviam demonstrado ao forçar a abdicação do corrupto Rei Michael, a quem não condenaram por seus crimes contra o povo, mas permitiram que deixasse a Romênia rumo ao Ocidente, junto com sua riqueza e suas amantes.

A autoglorificação de Dej foi surpreendente, especialmente quando ele me contou como “desafiou” os reacionários entrando em seus cafés com uma pistola no cinto.

Assim, desde esse primeiro encontro, tive uma impressão ruim, não apenas de Dej, mas também do partido romeno e de sua linha, que era uma linha oportunista, e as coisas que ocorreram mais tarde com Dej e seu partido não me surpreenderam. Os chefes revisionistas desse partido eram os mais convencidos que se possa imaginar. Eles “tocavam suas próprias trombetas” em alto e bom som sobre a luta que não haviam travado.

Quando começamos a luta contra o grupo renegado de Tito, Dej se tornou um “ardente combatente” contra o titoísmo. Nas reuniões históricas da Cominform, ele foi encarregado de apresentar o informe principal contra o grupo Tito-Ranković.

Enquanto Stálin estava vivo e a Resolução da Cominform continuava em vigor, Dej agiu como um anti-titoísta raivoso. Quando os traidores revisionistas, liderados por Khrushchev, usurparam o poder em seus países e fizeram todas aquelas coisas traiçoeiras que conhecemos e, entre outras, proclamaram Tito “limpo” e o perdoa-

ram, Dej foi um dos primeiros a virar a página e mudar de cor como um camaleão. Ele se retratou de tudo o que havia dito, fez uma “autocrítica” pública e, finalmente, foi a Brioni, onde implorou publicamente o perdão de Tito. Assim, Dej se revelou em suas verdadeiras cores, como um oportunista de muitas bandeiras.

Após a Libertação, é claro que estabelecemos relações amistosas com a Romênia, assim como com todos os outros países de democracia popular. De nossa parte, desejávamos muito desenvolver ao máximo nossas relações com aquele país, especialmente com o povo romeno, não apenas porque éramos dois países socialistas, mas também porque mantínhamos um sentimento especial de amizade e simpatia, formado por causa da ajuda que foi dada aos patriotas albaneses residentes na Romênia durante o período de nosso renascimento. Entretanto, nossos esforços nesse sentido não produziram os resultados que desejávamos devido à indiferença da direção romena. Isso tinha seus próprios motivos, que não dependiam de nossas posições e desejos.

No entanto, as relações entre nossos dois países se desenvolveram de maneira correta, embora totalmente formal. Não se via entre os dirigentes romenos o menor calor e amizade especial por um pequeno país socialista como o nosso, que havia lutado e se sacrificado tanto na guerra contra os invasores fascistas. A Romênia foi o país socialista que se mostrou mais indiferente do que todos os outros em relação ao desenvolvimento da Albânia e ao desenvolvimento das relações entre nossos partidos e Estados.

Mais tarde, quando fui à Romênia com uma delegação, durante as visitas que fizemos lá, vi muitas coisas interessantes; eles me mostraram muitos aspectos do progresso que haviam feito na economia. Visitei Ploesti, que, em comparação com nossa Kuçovë, era um centro colossal do setor petrolífero. O petróleo de lá era submetido a um moderno processo de refino e lembro-me de que, na última reunião que teve comigo, Dej se gabou de que eles haviam comprado uma refinaria de petróleo muito grande e moderna dos americanos. (Ele me disse que a haviam comprado em dinheiro, com dólares, mas, como se descobriu mais tarde, ela havia sido comprada a crédito. Já naquela época, a Romênia “socialista” estava envolvida em negócios com o imperialismo americano). Eles me mostraram um centro metalúrgico onde eram produzidos muitos tipos de aço, bem como uma série de outras fábricas de todos os tipos, fazendas agrícolas modelo, uma grande colheitadeira, etc.

Eles me mostraram a “Vila Romena”, um grande complexo de museus ao ar livre, que era um conjunto de edifícios rurais com móveis e roupas usados na zona rural da Romênia, o que era muito bonito e original.

Gostamos de tudo o que vimos e visitamos. Eles tinham muitos prédios novos, mas também haviam herdado muitas coisas do passado. É verdade que os romenos haviam criado cooperativas agrícolas, mas o trabalho não estava indo bem; havia falta de direção, organização e trabalho político. No entanto, de modo geral, houve progresso no país e era óbvio, como eles mesmos nos disseram, que a ajuda soviética era muito grande e, em todas as direções, até mesmo na construção do grande palácio, onde, na época de nossa visita, era publicado no jornal *Scînteia* e eram realizadas várias atividades culturais.

Com relação à ajuda à Albânia, devo dizer que, até o momento em que nossas relações com os iugoslavos foram rompidas, nenhum dos países de democracia popular ajudou a Albânia com um pequeno crédito. Posteriormente, esses países, em maior ou menor grau, nos deram uma certa quantidade de ajuda. Alguns o fizeram corretamente, no início, outros com truques e artimanhas, e outros apenas para se manterem na linha e demonstrarem sua “solidariedade socialista”, ou para mostrar à União Soviética, da qual recebiam grandes quantidades de créditos e ajuda: “Veja, nós também estamos dando algo à Albânia socialista. Quando tivermos mais, daremos mais”.

Várias vezes pedimos créditos aos romenos, mas eles nos recusaram ou nos deram uma quantia ridiculamente pequena. Com relação à experiência em petróleo, na indústria e na agricultura, por exemplo, eles nos fizeram promessas, deram-nos sua palavra, mas nunca nos deram nada de substancial. Quanto à experiência no trabalho do partido e na estrutura do Estado, não pedimos nem recebemos nada deles.

Por que isso foi mais acentuado com os romenos, embora mesmo com os outros tenhamos tido grandes dificuldades para conseguir sua ajuda?

Nos outros partidos, a princípio, havia um espírito mais ou menos tangível de unidade e ajuda mútua internacionalista, e isso se refletiu em nós na prática. Já no partido romeno, esse espírito de unidade e ajuda era muito fraco.

Em geral, os dirigentes romenos se destacavam tanto por sua megalomania em relação aos “plebeus” quanto por seu servilismo em relação aos “poderosos”. Eles encurtavam muito as conversas conosco, quando não se contentavam com um mero aceno de reconhecimento ou um aperto de mão. Em reuniões e congressos, eles ficavam tão “preocupados” que parecia que estavam carregando todo o peso sobre os ombros. Nessas ocasiões, eles sempre eram vistos junto com os principais dirigentes da União Soviética. Sem dúvida, eles eram seus representantes oportunistas servis e isso se tornou bastante óbvio quando foi necessário lutar em defesa dos princípios.

Na minha opinião, os tchecoslovacos eram diferentes dos outros. Eles eram mais

sérios do que todos os outros. Falei sobre Gottwald, mas é preciso dizer que nós, albaneses, também nos demos bem com os que vieram depois dele. Fomos sinceros com eles, assim como com todos os outros, mas a direção tcheca também se comportou bem conosco. Eles tinham respeito pelo nosso povo e pelo nosso partido. Eles não eram muito animados, mas posso dizer que eram comedidos, corretos e gentis.

Novotny e Shiroky, Dolansky e Kopecky, com quem me encontrei e conversei muitas vezes, quando fui ao país deles a trabalho ou para passar férias com a família, comportaram-se abertamente e de maneira modesta comigo e com todos os nossos camaradas. A presunção e a arrogância, que eram aparentes nos outros, não eram vistas neles.

Depois dos soviéticos, foram os tchecos que mais nos ajudaram também do ponto de vista econômico. Naturalmente, quando se tratava de concessão de créditos, eles eram cabeças frias e cautelosos, pessoas que calculavam as coisas com cuidado. No que eles nos deram, não houve subestimação óbvia ou senso de superioridade econômica. Entre os países de democracia popular, a Tchecoslováquia era o mais avançado industrialmente; seu povo era trabalhador, habilidoso, sistemático, organizado no trabalho e na vida. Onde quer que se fosse na Tchecoslováquia, era óbvio que se tratava de um país desenvolvido, com um povo culto que preservava as tradições de sua cultura antiga. Os soviéticos usaram o país como um resort e abusaram dele a ponto de levá-lo ao estado atual. Os dirigentes de outros países com democracia popular tinham inveja da direção tcheca e faziam comentários vãos sobre ela, mas os tchecos demonstravam muito mais dignidade do que todos os outros. Nas reuniões do campo socialista, o que os dirigentes tchecos diziam também tinha peso. Pelo que pude ver e julgar, eles também possuíam respeito e simpatia dentro do país.

Quando fui para a Tchecoslováquia, não senti a forte sensação de isolamento que foi criada em Moscou depois que Khrushchev assumiu as rédeas. Assim que chegamos a Moscou, eles nos alocaram em uma *dacha*¹ nos arredores da cidade, onde ficamos isolados por dias inteiros. Funcionários como Lesakov, Moshatov, Petrov e algum outro funcionário menor do aparato do Comitê Central do partido estavam lá ou iam e vinham, geralmente para nos acompanhar, mas também para comer e beber. Todos eram pessoas do serviço de segurança, vestidos como funcionários do Comitê Central, ou seja, pessoas do aparato. Dentre eles, Lesakov era meu companheiro inseparável e parceiro de bilhar. Ele gostava de mim e eu gostava dele porque, embora não fosse extraordinariamente sábio, era uma pessoa boa e sincera.

1. “*Casa de campo*” (Em russo no original).

Moshatov vinha mais raramente, parecia ser mais importante, preparava as viagens ou atendia a qualquer pedido que tivéssemos para comprar alguma coisa, porque não se encontrava nada facilmente no mercado (era preciso encomendar tudo com antecedência, porque eles levavam as coisas encomendadas de alguma fonte misteriosa para uma sala especial na loja “GUM”, que tinha uma entrada especial para o Comitê Central). Petrov era um homem do aparato que há muito tempo estava envolvido com os gregos, por isso nossa companhia o interessou. Ele era um camarada sério e gostava de nós. Ele veio à Albânia várias vezes, especialmente quando estávamos apoiando o Exército Democrático Grego em sua justa guerra. Como se tudo isso não fosse suficiente, mais tarde foram acrescentadas outras “escoltas”, como um certo Laptiev, um jovem que sabia albanês e que estava convencido da “posição” que lhe haviam dado, e outro que lidava com assuntos iugoslavos e cujo nome não me lembro, mas que me lembro de ser mais inteligente do que todos os outros.

Eu nunca estava livre; sempre tinha uma escolta. Eram todos homens de Khrushchev, informantes do Comitê Central e do serviço de segurança soviético, sem levar em conta os guardas oficiais e os dispositivos de escuta com os quais eles enchiam as várias vilas em que nos hospedávamos.

Mas essa é outra história. Deixemos de lado os dispositivos e nos concentremos nas pessoas.

Esses funcionários soviéticos tentaram descobrir nosso *nastroynie*² para saber o que estávamos buscando, o que iríamos discutir, com quem iríamos discutir, qual era a situação em nosso país, o que pensávamos sobre os iugoslavos, sobre os dirigentes do Partido Comunista Grego ou qualquer outro assunto. Eles sabiam por que vieram e nós sabíamos quem os enviou e por que foram enviados; portanto, os dois lados eram amigáveis, conversávamos sobre o que nos interessava e esperávamos notícias do Comitê Central sobre quando nos encontraríamos. Os chinovniki não falavam sobre política, sem dúvida porque tinham ordens para isso, mas mesmo que quisessem iniciar alguma conversa, não ousavam, pois sabiam que cada palavra seria gravada. Falávamos especialmente contra os revisionistas titoístas. Não se podia visitar nenhum Kolkhoz³ ou Sovkhoz⁴, nem fazer contato com os camaradas ou com o povo, sem avisar com dois ou três dias de antecedência. E se você fosse fazer uma visita, eles o sentariam em uma mesa cheia de bebidas e frutas e você não

2. “Humor” (Em Russo no original).

3. Fazenda coletiva soviética – Nota da Tradução.

4. Fazenda estatal soviética – Nota da Tradução.

veria nada, nenhum curral de gado ou casa de kolkhoziano.

É justo dizer que a situação era diferente na Bulgária. Onde quer que você fosse, a atmosfera era mais amigável, com menos formalidade e menos guardas.

Na Tchecoslováquia, a diferença era ainda maior. Seja em Praga, Bratislava, Karlovy Vary, Brno e em muitos outros lugares para os quais viajei, seja de forma oficial ou particular, tive a liberdade de ir aonde quisesse, quando quisesse, com um guarda, óbvio, e em todos os lugares fui recebido de forma muito cordial e amigável. Durante uma viagem, eles mesmos me levaram espontaneamente a lugares estratégicos. Onde quer que eu tenha ido na Tchecoslováquia, seja em conversas oficiais ou em conversas livres com as famílias de Novotny e Shiroky, em Praga e Karlovy Vary, ou com Bacilek na Eslováquia e com vários secretários do partido em várias cidades e fábricas, as conversas foram sinceras, alegres, felizes e não formais. Não havia aquela atmosfera pesada que eu sentia na União Soviética, apesar do grande amor que tínhamos por aquele país e por aquele povo.

Após o rompimento das relações com Tito, viajamos para a União Soviética por mar, pois os iugoslavos não permitiam que sobrevoássemos seu território. Assim, tivemos que ficar muitas vezes em Odessa, onde conhecemos o famoso Yepishev, o Primeiro-Secretário de Odessa e, mais tarde, diretor político do Exército Vermelho. Não vimos nenhum dos locais de interesse de lá. Não vimos as famosas catacumbas de Odessa porque eles não nos levaram para visitá-las, nem mesmo a histórica escadaria Potemkin, porque teríamos que descer por ela. Vimos esses famosos degraus, que começavam na estátua de Richelieu, governador da cidade no início do século 19, somente do carro.

— Como é possível, — perguntei a Yepishev, — que você mantenha esse aventureiro francês aristocrático aqui, exatamente no topo dos degraus históricos?

— Ah, ele acabou ficando lá... — respondeu o secretário do Comitê do partido de Odessa.

Mas o que fizemos em Odessa? Estávamos entediados, fumávamos cigarros, íamos ao parque da vila “Kirov”, íamos a uma sala com uma velha mesa de bilhar. Não fomos visitar nenhum museu ou escola, o único lugar que ele nos levou foi a um vinhedo, e lá apenas para que ele pudesse provar e beber algumas das garrafas de vinhos selecionados que eles mantinham nas adegas próximas.

Isso era o que geralmente acontecia na União Soviética. Somente nos priyoms você apertava a mão de alguém. Quando você ia a uma fábrica ou a um centro cultural em Leningrado, Kiev ou em qualquer outro lugar, tudo era organizado: os trabalhadores ficavam em fila esperando, um discurso de apresentação era feito por

um certo Kozlov, que, inchado como um galo de peru, falava com sua voz artificialmente grave para se mostrar onipotente, e então as pessoas designadas com antecedência e informadas sobre o que deveriam dizer, faziam discursos de boas-vindas.

Era exatamente o oposto na Tchecoslováquia, onde as pessoas, os dirigentes e os operários falavam livremente, faziam perguntas e respondiam a tudo o que você perguntava. Lá você podia viajar livremente quando quisesse, de carro ou a pé.

Sempre me interessei pela história das nações e dos povos. Há muitos lugares históricos na Tchecoslováquia. Visitei o local onde ocorreu a insurreição taborita e vi as aldeias características pelas quais Zizka passou e nas quais lutou. Visitei Austerlitz e, da colina do museu, olhei para o campo de batalha e imaginei a manobra histórica de Bonaparte e o aparecimento repentino de suas tropas nos flancos austríacos, exatamente no momento em que o sol nascia sobre o campo. Lembrei-me das batalhas de Wallenstein e da famosa trilogia de *Schiller*. Perguntei aos camaradas tchecos:

— Existe algum museu sobre essa personalidade histórica?

— Claro! — diziam eles, — e me levaram imediatamente a um palácio, que era o Museu Wallenstein.

Fui caçar veados muitas vezes. Eles tinham uma cerimônia especial que era realizada com o veado morto. Para homenagear o corpo do veado, você quebrava um galho de pinheiro, mergulhava-o no sangue do animal e, em seguida, colocava o galho como uma pena na faixa do chapéu.

Um dia, quando eu estava caçando, encontrei-me em frente a um grande castelo.

Eu perguntei:

— Que prédio é esse?

— É uma das residências de Metternich, — eles me disseram, — agora é um museu.

— Podemos visitá-la? — perguntei aos camaradas que me acompanhavam.

— É claro! — eles responderam.

Entramos e vimos tudo. O guia, muito competente, nos deu todas as explicações. Lembro-me de que entrei na biblioteca de Metternich, repleta de belos livros encadernados. Quando saímos da biblioteca, passamos por uma porta fechada e o guia nos disse:

— Aqui dentro há uma múmia que foi enviada como presente do Egito para o chanceler da Áustria, o assassino do filho exilado de Napoleão, o rei de Roma.

— Podemos abrir? — eu perguntei. — Vamos ver essa múmia, porque tenho muito interesse em egiptologia e já li muitos livros sobre isso, especialmente sobre as descobertas do cientista Carter, sócio de Carnarvon, que descobriu a tumba in-

tacta de Tutancâmon.

— Não, — disse o guia, — não vou abrir essa porta.

— Por quê? — Perguntei surpreso.

— Porque algum infortúnio pode me acontecer, eu posso morrer.

Os camaradas tchecos riram dele e disseram:

— O que você está nos dizendo?! Vamos, abra!

O guia se manteve firme e finalmente disse:

— Aqui, pegue a chave, abra a porta você mesmo e dê uma olhada. Eu não vou entrar e não vou assumir nenhuma responsabilidade.

O camarada tcheco que me acompanhava abriu a porta, acendemos as luzes e vimos a múmia, completamente negra em um sarcófago de madeira. Fechamos a porta, devolvemos a chave ao guia, apertamos a mão dele, agradecemos e saímos.

Ao sairmos, o camarada tcheco me disse:

— Ainda há pessoas supersticiosas que acreditam em magia como a daquele guia que vimos.

— Não, — eu disse, — o guia é um homem instruído e não supersticioso. Os livros sobre egiptologia dizem que quase todos os cientistas que descobriram as múmias dos faraós morreram de alguma forma misteriosa. Há muitas teorias que dizem que os antigos sacerdotes egípcios, que viveram cerca de três mil anos antes de nossa era, eram grandes cientistas e, para proteger as múmias dos ladrões, revestiram as paredes com rochas que continham urânio. Diz-se que na câmara do sarcófago eles queimavam plantas que liberavam venenos poderosos. Está provado que a estrutura das pirâmides é um raro milagre do ponto de vista geométrico, no qual às vezes o ápice da pirâmide, como a de Quéops, coincide com uma determinada estrela ou, como ocorre no Vale dos Reis, em anos determinados, em uma determinada hora do dia os raios do sol entravam nas profundezas do corredor e iluminavam a testa da estátua do faraó.

Meu acompanhante tcheco, chamado Pavel, que era um sujeito bom, gentil e modesto, mudou sua opinião sobre o guia e ficou interessado em saber mais.

Os próprios tchecos me levaram à Eslováquia para me mostrar a figura de nosso herói nacional, Skanderbeg, entre outras figuras históricas de destaque em um antigo mural no pórtico de um mosteiro. Fui a um pequeno spa, outrora chamado Marienbad, nos Sudetos, para visitar a casa histórica onde Goethe viveu. Lá, em sua velhice, Goethe se apaixonou por uma jovem “Gretchen” e escreveu sua famosa *Elegia de Marienbad*.

Menciono todas essas coisas para mostrar a realidade na Tchecoslováquia e a boa

disposição dos tchecos para conosco. No entanto, eles se comportavam da mesma forma com todo mundo. Até mesmo os soviéticos se sentiram pessoas diferentes quando foram à Tchecoslováquia.

Na Tchecoslováquia, conversei por várias horas em um parque com Rokossovsky e Konev, que, no Kremlin, apenas apertariam as mãos. Na Tchecoslováquia, tive de ir caçar para conhecer o presidente do Presidium do Soviete Supremo da Ucrânia e para que Nina Khrushchev convidasse Nexhmije e eu para um chá. Tive de ir à Tchecoslováquia para conversar com o general Antonov e outros.

Porém, como eu disse acima, após a morte de Gottwald, os khrushchevistas estavam conseguindo controlar a Tchecoslováquia. Parecia que Antonín Novotný, como Primeiro-Secretário do Partido Comunista da Tchecoslováquia, aderiu a posições corretas, mas o tempo mostrou que ele era um elemento oportunista vacilante e, portanto, de uma forma ou de outra, fez o trabalho para Khrushchev e seus agentes. Ele desempenhou um papel importante na execução dos planos que transformaram a Tchecoslováquia em um domínio ocupado por tanques russos.

Assim, a teia de aranha revisionista estava sendo tecida nos países de democracia popular. Os antigos dirigentes, como Dimitrov, Gottwald e, mais tarde, Bierut e outros, foram substituídos por outros mais jovens, que pareciam adequados aos dirigentes soviéticos, pelo menos naquele momento.

Com a República Democrática Alemã, eles consideraram o problema resolvido, porque a Alemanha Oriental estava fortemente ocupada por tropas soviéticas. Nós consideramos isso necessário porque nenhum tratado de paz havia sido assinado e, além disso, o exército soviético na Alemanha servia para defender não apenas esse país socialista, mas também o campo socialista.

Tínhamos boas relações com os alemães orientais enquanto Pieck estava vivo. Ele era um antigo revolucionário e camarada de Stálin, por quem eu tinha grande respeito. Conheci Pieck em 1959, quando eu estava chefiando uma delegação na RDA. Naquela época, Pieck estava velho e doente. Ele me recebeu gentilmente e me ouviu com alegria quando falei sobre nossa amizade e contei sobre o progresso da Albânia (ele mal conseguia falar por causa de sua paralisia).

Em seus últimos anos, Pieck aparentemente não liderou efetivamente o país e o partido. Ele havia recebido o cargo honorário de Presidente da República, e Ulbricht, Grottewohl e companhia comandavam as coisas.

Ulbricht não havia demonstrado nenhum sinal de hostilidade aberta ao nosso partido até que nos desentendemos com os soviéticos e com ele. Ele era um alemão arrogante e de dura cerviz, não apenas com partidos pequenos como o nosso, mas

também com os outros. Ele tinha a seguinte opinião sobre as relações com os soviéticos: “Vocês nos ocuparam, nos despojaram da indústria, mas agora devem nos fornecer grandes créditos e alimentos, para que a Alemanha Democrática se desenvolva e alcance o nível da República Federal da Alemanha”. Ele exigiu esses créditos de forma arrogante e os obteve. Ele forçou Khrushchev a dizer em uma reunião conjunta: “Devemos ajudar a Alemanha para que ela se torne nossa vitrine para o Ocidente”. E Ulbricht não hesitou em dizer aos soviéticos em nossa presença: “Vocês devem acelerar sua ajuda porque há burocracia.”

— Onde está a burocracia? — perguntou Mikoyan, — Em seu país?

— Não, de forma alguma em nosso país, mas no seu! — respondeu Ulbricht.

Entretanto, embora tenha recebido grande ajuda para si mesmo, nunca esteve pronto para ajudar os outros e nos deu um crédito risível. Quando atacamos os khrushchevistas em Moscou, tanto na reunião quanto depois dela, ele provou ser um de nossos oponentes mais ferozes e foi o primeiro a atacar nosso partido publicamente após essa reunião.

Os khrushchevistas queriam ter sob sua direção não apenas os países de democracia popular, mas também todo o movimento comunista internacional.

Falarei em outro momento sobre as visões e posições revisionistas e oportunistas de dirigentes como Togliatti, Thorez etc., mas quero enfatizar aqui que, após a morte de Stálin, Togliatti e os outros começaram a expressar suas visões revisionistas mais abertamente, porque sentiram que Khrushchev e seu círculo eram seus aliados ideológicos e políticos, porque viram a linha oportunista de Khrushchev em relação aos titoístas, aos social-democratas, à burguesia etc. Essa linha que Khrushchev estava construindo convinha a Togliatti e as demais pessoas de sua estirpe, que, de uma forma ou de outra, há muito tempo vinham seguindo a linha de conciliação com os partidos burgueses e os governos burgueses de seus próprios países, lutando e sonhando em se tornarem casamenteiros de conveniência para ocupar assentos nesses governos. Essas tendências estavam latentes no início, eram exibidas de forma hesitante, mas depois do 20º Congresso elas floresceram em “teorias”, como o famoso “policentrismo” de Togliatti ou seu “caminho italiano para o socialismo”.

É claro que, no movimento comunista internacional, os khrushchevistas não apresentaram um programa político revisionista totalmente flagrante desde o início. Assim como na União Soviética, eles tentaram adotar uma linha flexível, a fim de evitar uma reação imediata em seu próprio partido ou nos outros. O “leninismo” do qual falavam, as estranhas boas palavras ditas aqui ou ali sobre Stálin, a propaganda barulhenta de “princípios leninistas nas relações entre os países socialistas”,

serviram para disfarçar as tramas que estavam tramando e para preparar gradualmente o terreno para o ataque frontal subsequente. Esse ataque foi lançado no 20º Congresso do Partido Comunista da União Soviética. Lá eles colocaram suas cartas na mesa, porque Khrushchev e sua quadrilha haviam trabalhado por muito tempo para paralisar qualquer possível reação dentro ou fora do país.

A PROCLAMAÇÃO OFICIAL DO REVISIONISMO



O 20º Congresso do PCUS. As teses de Khrushchev – a carta do revisionismo moderno. O “*relatório secreto*” contra Stálin. Togliatti exige o reconhecimento de seus “méritos”. Tito na União Soviética. Molotov é demitido do cargo de Ministro das Relações Exteriores. Tentativa frustrada do “grupo antipartidário”. O fim de carreira do Marechal Zhukov. Outra vítima das manobras de bastidores dos khrushchevistas: Kirichenko. Maio de 1956: Suslov exige que reabilitemos Koçi Xoxe e sua quadrilha. Junho de 1956: Tito e Khrushchev estão irritados com a gente. Julho de 1957: Khrushchev organiza um jantar em Moscou para que nos encontremos com Ranković e Kardelj.



A TRAIÇÃO DOS DIRIGENTES DO PARTIDO COMUNISTA DA UNIÃO SOVIÉTICA, do país onde foi realizada a Grande Revolução Socialista de Outubro, foi um ataque direto ao nome e aos grandes ensinamentos de Lênin e, especialmente, ao nome e a obra de Stálin.

No âmbito de sua estratégia após a Grande Guerra Patriótica, o imperialismo, encabeçado pelo imperialismo americano, ao perceber as primeiras vacilações e recuos da nova direção soviética, intensificou ainda mais seus ataques e pressões para forçar Khrushchev e sua quadrilha a seguir cada vez mais adiante no caminho da capitulação e da traição. O “esforço” e os grandes gastos do imperialismo nessa direção contrarrevolucionária não foram em vão. Tendo iniciado seu curso de concessões e traição, Khrushchev e sua quadrilha estavam continuamente justificando os esforços de longa data e os antigos desejos do imperialismo.

Quando concluíram que haviam fortalecido suas posições, que tinham o controle do exército por meio dos marechais, que haviam convertido a força de segurança para sua linha política, que tinham conquistado a maioria do Comitê Cen-

tral, Khrushchev, Mikoyan e os outros khrushchevistas prepararam o notório 20º Congresso, realizado em fevereiro de 1956, no qual entregaram o “relatório secreto” contra Stálin.

Esse congresso do Partido Comunista da União Soviética entrou para a história como o congresso que legalizou oficialmente as teses antimarxistas e antissocialistas de Nikita Khrushchev e sua camarilha, como o congresso que chutou o balde e permitiu a penetração de ideologias estranhas ao marxismo, teses revisionistas e burguesas em uma série de partidos comunistas e operários dos antigos países socialistas e dos países capitalistas. Todas as distorções das principais questões de princípios, como aquelas sobre o caráter de nossa época, os caminhos da transição para o socialismo, a coexistência pacífica, a guerra e a paz, a posição em relação ao revisionismo moderno e ao imperialismo, etc., etc., que mais tarde se tornaram a base da grande e aberta polêmica com o revisionismo moderno, tiveram seu início oficial no relatório de Khrushchev ao 20º Congresso.

Desde a morte de Stálin até o 20º Congresso, os conspiradores khrushchevistas manobram astutamente com a “legalidade burocrática”, as “regras do partido”, a “direção coletiva” e o “centralismo democrático”, derramaram lágrimas de crocodilo pela perda de Stálin, preparando-se assim, passo a passo, para destruir a vida e a obra de Stálin, sua personalidade e o marxismo-leninismo. Esse é um período repleto de lições para os marxista-leninistas, porque traz à tona a falência da “legalidade burocrática”, que representa um grande perigo para um partido marxista-leninista; traz à tona os métodos que os revisionistas usaram para lograr com essa “legalidade burocrática”; traz à tona como dirigentes, mesmo os que são honestos e experientes, podem perder o espírito de classe revolucionário, caem nas armadilhas dos provocadores e cedem, recuam diante da chantagem e da demagogia dos traidores revisionistas disfarçados com fraseologia revolucionária. Nesse período de transição, vimos como os khrushchevistas, a fim de consolidar seu poder, operavam supostamente com “um grande espírito de partido”, “livres do medo de Stálin”, com “formas verdadeiramente democráticas e leninistas”, sobre as quais criaram um grande clamor, enquanto trabalhavam ativamente para organizar as calúnias mais imundas que somente a burguesia foi capaz de inventar contra a União Soviética, Stálin e toda a ordem socialista. Todas essas calúnias monstruosas dos revisionistas khrushchevistas, toda a sua atividade destrutiva, tinham o objetivo de “provar”, supostamente com documentos legais, com “argumentos” e “análises com espírito renovado”, as calúnias que a burguesia reacionária vinha espalhando há muitos anos contra o marxismo-leninismo, a revolução e o socialismo.

Todas as coisas boas do passado foram distorcidas, supostamente à luz da “nova conjuntura”, do “novo desenvolvimento”, das “novas estradas e possibilidades”, para que se pudesse seguir em frente.

Muitos foram enganados por essa demagogia de traidores. Entretanto, o Partido do Trabalho da Albânia não foi enganado. Ele fez uma análise detalhada e baseada em princípios dessa questão e já se manifestou em defesa da verdade marxista-leninista há muito tempo.

Juntamente com os camaradas Mehmet Shehu¹ e Gogo Nushi, fui indicado pelo nosso partido para participar dos trabalhos do 20º Congresso. O “novo espírito” oportunista, que Khrushchev estava despertando e mobilizando no partido, ficou evidente na maneira como os procedimentos desse congresso foram organizados e conduzidos. Esse espírito liberal impregnou toda a atmosfera, a imprensa e a propaganda soviética daquela época como uma nuvem sinistra; ele prevaleceu nos corredores e nos salões do congresso, era visível nos rostos, gestos e palavras das pessoas.

A seriedade anterior, característica desses eventos extremamente importantes na vida de um partido e de um país, estava ausente. Até mesmo pessoas de fora do partido falaram durante os procedimentos do congresso. Nos intervalos entre as sessões, Khrushchev e companhia passeavam pelos salões e corredores, rindo e competindo uns com os outros para ver quem conseguia contar mais anedotas, fazer mais piadas e se mostrar mais popular, quem conseguia fazer mais brindes nas mesas carregadas que estavam espalhadas por toda parte.

Com tudo isso, Khrushchev queria reforçar a ideia de que o “período difícil”, a “ditadura” e a “análise mórbida” das coisas haviam acabado de uma vez por todas e que o “novo período” de “democracia”, “liberdade” e “criatividade” de eventos e fenômenos, dentro ou fora da União Soviética, estava oficialmente começando.

De fato, o primeiro relatório lido por Khrushchev no congresso, que foi alardeado em alto e bom som como uma “contribuição colossal” para a teoria marxista-leninista e um “desenvolvimento criativo” de nossa ciência, constitui a carta oficial do revisionismo moderno. Daqueles dias em diante, a burguesia e a reação deram

1. Em 1981, ou seja, um ano após o lançamento de *Os Khrushchevistas*, foi descoberto pelo Partido do Trabalho da Albânia (PTA), através de um documento da CIA conseguido por Pirro Andoni (embaixador da Albânia na Argentina) que Mehmet Shehu, antigo Primeiro-Ministro da Albânia, era, na verdade, um agente titoísta da UDBA que buscava tomar o poder na Albânia através de um Golpe de Estado e assassinar o camarada Enver Hoxha (em pelo menos quatro ocasiões). Em meio a essa crise, Mehmet Shehu cometeu suicídio e deixou uma carta. Essa situação está registrada na obra *Os Titoístas*, também do camarada Enver Hoxha – Nota da Tradução e da Edição.

publicidade excepcional ao “novo desenvolvimento” de Khrushchev, falaram abertamente sobre as mudanças radicais que estavam ocorrendo na União Soviética e na linha política-ideológica do PCUS.

Embora tenham saudado com alegria a grande e radical reviravolta de Khrushchev, a reação e a burguesia, ao mesmo tempo, não deixaram de descrever essa reviravolta em algumas ocasiões como “mais perigosa” para seus interesses do que a linha da época de Stálin. Khrushchev e os khrushchevistas usaram essas “críticas” da burguesia como argumentos para convencer os outros de que a “nova linha” era “correta” e “marxista”, mas, na verdade, o medo da burguesia internacional tinha outra fonte: em Khrushchev e em sua “nova política”, ela via não apenas um novo aliado, mas também um novo e perigoso rival por esferas de influência, pilhagem, guerras e invasões.

No último dia, o congresso prosseguiu a portas fechadas, porque as eleições seriam realizadas, e nós não estávamos presentes nas sessões. De fato, naquele dia, além das eleições, um segundo relatório de Khrushchev foi lido para os delegados. Era o notório relatório, dito secreto, contra Stálin, mas que havia sido enviado com antecedência aos dirigentes iugoslavos e, alguns dias depois, caiu nas mãos da burguesia e da reação como um novo “presente” de Khrushchev e dos khrushchevistas.

Depois de ser discutido pelos delegados do congresso, esse relatório foi entregue a nós e a todas as outras delegações estrangeiras para leitura.

Somente os Primeiros-Secretários dos partidos irmãos que participaram do congresso o leram. Passei a noite toda lendo-o e, extremamente chocado, dei-o para Mehmet e Gogo lerem. Sabíamos de antemão que Khrushchev e sua quadrilha haviam riscado a gloriosa obra e a figura de Stálin e vimos isso durante os procedimentos do congresso, no qual seu nome nunca foi mencionado em termos favoráveis. Mas nunca poderíamos imaginar que todas aquelas acusações e calúnias monstruosas contra o grande e inesquecível Stálin poderiam ter sido colocadas no papel pelos dirigentes soviéticos. No entanto, lá estava ele em preto e branco. Ela foi lida para os comunistas soviéticos, que eram delegados do congresso, e foi entregue aos representantes de outros partidos que participavam do congresso para que o lessem. Nossos corações e mentes ficaram profunda e gravemente chocados. Entre nós, dissemos que se tratava de uma vilania que havia ultrapassado todos os limites, com consequências catastróficas para a União Soviética e para o movimento comunista internacional, e que, nessas circunstâncias trágicas, o dever de nosso partido era manter-se firme em suas próprias posições marxista-leninistas.

Depois de lê-lo, devolvemos imediatamente o terrível relatório aos seus proprie-

tários. Não precisávamos daquele pacote de acusações imundas que Khrushchev havia inventado. Foram outros “comunistas” que o levaram para dar à reação e vender às toneladas em suas bancas de livros como um negócio lucrativo.

Voltamos para a Albânia com o coração partido pelo que vimos e ouvimos na terra natal de Lênin e Stálin, mas, ao mesmo tempo, voltamos com uma grande lição de que devemos ser mais vigilantes e mais alertas em relação às atividades e posições de Khrushchev e dos khrushchevistas.

Apenas alguns dias depois, a fumaça escura das ideias do 20º Congresso começara a se espalhar por toda parte.

Palmiro Togliatti, nosso vizinho próximo, que havia se mostrado o mais distante e inacessível em relação a nós, foi um dos primeiros a sair em seu partido batendo no peito. Ele não apenas exaltou as novas “perspectivas” que o congresso dos revisionistas soviéticos abrira, mas exigiu que seus méritos fossem reconhecidos como o precursor de Khrushchev em relação a muitas das novas teses e como “um velho combatente” dessas ideias. “No que diz respeito ao nosso partido, — declarou Togliatti em março de 1956, — parece-me que agimos com coragem. Sempre estivemos interessados em encontrar nosso próprio caminho, o caminho italiano, de desenvolvimento rumo ao socialismo.”

Os revisionistas de Belgrado se regozijaram e se animaram como nunca antes, enquanto os outros partidos dos países de democracia popular começaram não apenas a vislumbrar o futuro, mas também a reexaminar o passado, no espírito das teses de Khrushchev. Os elementos revisionistas, que até ontem se mantinham escondidos enquanto despejavam seu veneno, agora saíam abertamente para acertar as contas com seus oponentes; a onda de reabilitações de traidores e inimigos condenados irrompeu, as portas das prisões foram abertas e muitos dos que haviam sido condenados foram colocados diretamente na direção dos partidos.

A quadrilha de Khrushchev foi a primeira a dar o exemplo. No 20º Congresso, Khrushchev se gabou de que mais de sete mil pessoas, condenadas na época de Stálin, haviam sido libertadas das prisões da URSS e reabilitadas. Esse processo deveria continuar e foi aprofundado.

Khrushchev e Mikoyan começaram a liquidar, um a um e, por fim, todos juntos, os membros do Presidium do Comitê Central do partido do qual eles despreveriam como um “grupo antipartidário”. Depois de derrubarem Malenkov, substituindo-o temporariamente por Bulganin, chegou a vez de Molotov. Isso ocorreu em 2 de junho de 1956. Naquele dia, o jornal Pravda exibiu uma enorme fotografia de Tito na

primeira página e um “*dobro pozhalovat!*”² para o dirigente da quadrilha de Belgrado que chegava a Moscou, e a página quatro encerrava um relatório de eventos diários com a “notícia” sobre a demissão de Molotov do cargo de Ministro das Relações Exteriores da União Soviética. A reportagem dizia que Molotov havia sido destituído desse cargo “a seu próprio pedido”, mas na verdade ele foi destituído porque essa era uma condição estabelecida por Tito para que ele fosse à União Soviética pela primeira vez desde o rompimento das relações em 1948-1949. Assim, Khrushchev e sua quadrilha cumpriram imediatamente a condição estabelecida por Belgrado para a satisfação de Tito, já que Molotov, juntamente com Stálin, havia assinado as cartas que a direção soviética havia enviado à direção iugoslava em 1948.

As posições dos reacionários revisionistas estavam se fortalecendo e seus oponentes no Presidium, Malenkov, Molotov, Kaganovich, Voroshilov e outros, começaram a ver com mais clareza a intriga revisionista e os planos diabólicos que Khrushchev elaborou contra o Partido Comunista da União Soviética e o estado da ditadura do proletariado. Em uma reunião do Presidium do Comitê Central do partido no Kremlin, no verão de 1957, depois de muitas críticas, Khrushchev ficou em minoria e, como Polyansky nos contou de sua própria boca, Khrushchev foi demitido da tarefa de Primeiro-Secretário e foi nomeado Ministro da agricultura, já que era um “especialista em *kukuruz*”³. Entretanto, essa situação não durou mais do que algumas horas. Khrushchev e sua quadrilha deram o alarme secretamente, os marechais cercaram o Kremlin com tanques e soldados e deram ordens para que nem mesmo uma mosca saísse de lá. Por outro lado, aviões foram enviados aos quatro cantos da União Soviética para reunir todos os membros do Plenário do Comitê Central do PCUS. “Então — disse Polyansky, esse produto de Khrushchev, — entramos no Kremlin e exigimos a entrada na reunião. Voroshilov saiu e perguntou o que queríamos. Quando lhe dissemos que queríamos entrar na reunião, ele nos interrompeu. Quando ameaçamos usar a força, ele disse: “O que significa tudo isso?”. Mas nós o advertimos: ‘Cuidado com suas palavras, caso contrário, nós o prenderemos’. Entramos na reunião e mudamos a situação”. Khrushchev foi reconduzido ao poder.

Assim, após essa tentativa frustrada, esses ex-combatentes de Stálin, que se associaram às calúnias feitas contra seu glorioso trabalho, foram descritos como um “grupo antipartidário” e receberam o golpe final dos khrushchevistas. Ninguém chorou por eles, ninguém teve pena deles. Eles haviam perdido o espírito revolu-

2. “*Bem-vindo*” (Em russo no original).

3. “*Milho*” (Em russo no original).

cionário, não eram mais marxista-leninistas, mas cadáveres do bolchevismo. Eles se uniram a Khrushchev e permitiram que jogassem lama em Stálin e em seu trabalho; tentaram fazer algo, mas não no caminho do partido, porque para eles o partido também não existia.

Todos aqueles que se opuseram a Khrushchev, de uma forma ou de outra, ou que não eram mais necessários para ele, tiveram o mesmo destino. Por anos a fio, os “grandes méritos” de Zhukov foram divulgados, sua atividade durante a Grande Guerra Patriótica foi usada para jogar lama em Stálin e, como Ministro da Defesa, sua mão foi usada para o triunfo do golpe de Khrushchev. Mais tarde, porém, soubemos de repente que ele havia sido dispensado das funções que ocupava. Naqueles dias, Zhukov estava visitando nosso país. Nós o recebemos calorosamente como um antigo quadro e herói do Exército Vermelho Stalinista, conversamos sobre as questões de defesa do nosso país e do campo socialista e não notamos nada de perturbador em suas opiniões. Pelo contrário, como ele tinha vindo da Iugoslávia, onde estive em visita, ele nos disse: “Com o que vi na Iugoslávia, não entendo que tipo de país socialista é esse!” Com isso, percebemos que ele não estava de acordo com Khrushchev. No mesmo dia de sua partida, soubemos que ele havia sido removido do cargo de Ministro da Defesa da URSS por “erros” e “falhas graves” na aplicação da “linha do partido”, por violações da “lei no exército” etc. etc. Não posso dizer se Zhukov foi ou não culpado de erros e falhas nessas direções, mas é possível que os motivos sejam mais profundos.

Em uma reunião na casa de Khrushchev, a atitude deles em relação a Zhukov me impressionou. Não me lembro em que ano foi, mas era verão e eu estava de férias no sul da União Soviética. Khrushchev me convidou para almoçar. Os moradores locais eram Mikoyan, Kirichenko, Nina Petrovna (esposa de Khrushchev) e alguns outros. Além de mim, Ulbricht e Grotewohl estavam lá como convidados estrangeiros. Estávamos sentados do lado de fora, comendo e bebendo na varanda. Quando Zhukov chegou, Khrushchev o convidou a se sentar. Zhukov parecia fora de si. Mikoyan se levantou e disse a ele:

- Eu sou o *tamada*⁴, encha seu copo!
- Não posso beber. — avisou Zhukov, — Não estou bem.
- Eu estou mandando encher, — insistiu Mikoyan em um tom autoritário, — eu dou as ordens aqui, não você.

Nina Khrushchev interveio:

4. “Mestre de cerimônias” (Em russo no original).

— Não o force a beber, isso pode fazê-lo passar mal, Anastasiy Ivanovich! — aconselhou ela a Mikoyan.

Zhukov não disse nada e não encheu seu copo. Khrushchev mudou de assunto fazendo piadas com Mikoyan.

Será que as contradições com Zhukov começaram a surgir já naquela época e começaram a insultá-lo e a mostrar que outros estavam dando as ordens e não ele? Talvez Khrushchev e companhia tenham começado a temer o poder que eles mesmos haviam dado a Zhukov para tomar o poder do Estado, e é por isso que o acusaram de “bonapartismo” mais tarde. Será que as informações sobre as opiniões de Zhukov sobre a Iugoslávia chegaram a Khrushchev antes de ele retornar à União Soviética? De qualquer forma, Zhukov foi escanteado do cenário político apesar de suas quatro estrelas de “Herói da União Soviética”, uma série de ordens de Lênin e inúmeras outras condecorações.

Após o 20º Congresso, Khrushchev elevou Kirichenko ao topo e fez dele uma das principais figuras da direção. Eu o conheci em Kiev muitos anos antes, quando ele era o Primeiro-Secretário da Ucrânia. Esse homem grande e de rosto florido, que não me causou má impressão, não me recebeu com arrogância ou como mera formalidade. Kirichenko me acompanhou a muitos lugares que vi pela primeira vez, mostrou-me a rua principal de Kiev, que havia sido construída inteiramente nova, levou-me ao lugar chamado Babi Yar, famoso por ser o local do massacre de judeus pelos nazistas. Também fomos juntos à Ópera, onde assistimos a uma apresentação sobre Bogdan Khmelnytsky, que, lembro-me, ele comparou ao nosso Skanderbeg. Fiquei satisfeito com isso, embora tivesse certeza de que Kirichenko só se lembrava do nome de Skanderbeg de tudo o que os chinovniki haviam lhe contado sobre a história da Albânia. Ele não deixou de responder ao meu amor por Stálin com os mesmos termos e expressões de admiração e lealdade. No entanto, como ele era da Ucrânia, Kirichenko também não deixou de falar sobre Khrushchev, sobre sua “sabedoria, habilidade, energia” etc. Não vi nada de errado com essas expressões, que me pareciam naturais na época.

No Kremlin, muitas vezes tive a oportunidade de me sentar à mesa ao lado de Kirichenko e conversar com ele. Após a morte de Stálin, muitos banquetes foram organizados, pois, naquele período, geralmente só se conheciam os dirigentes da União Soviética em banquetes. As mesas eram postas dia e noite, repletas de comida e bebida a ponto de causar repulsa. Quando vi os camaradas soviéticos comendo e bebendo, lembrei-me de Gargantua, de Rabelais. Essas coisas aconteceram depois da morte de Stálin, quando a diplomacia soviética era realizada por meio de

priyoms, e o “comunismo” de Khrushchev era ilustrado, além de outras coisas, com banquetes, caviar e vinhos da Crimeia.

Em um desses priyoms, quando eu estava sentado perto de Kirichenko, disse a Khrushchev em voz alta:

— Você deve vir visitar a Albânia algum dia, porque você já foi a todos os outros lugares.

— Eu irei! — respondeu Khrushchev.

Kirichenko entrou em ação imediatamente e disse a Khrushchev:

— A Albânia está longe, então não prometa quando você irá e quantos dias ficará. É claro que não gostei dessa intervenção e perguntei:

— Por que essa má vontade com o nosso país?

Ele fingiu arrependimento pelo incidente e, para explicar seu gesto, me disse:

— Nikita Khrushchev não está bem no momento. Precisamos cuidar dele.

Isso era apenas uma história. Khrushchev era saudável como um porco e comia e bebia o suficiente para quatro pessoas.

Em outra ocasião (em uma recepção, é claro, como de costume), sentei-me perto de Kirichenko novamente. Nexhmije também estava comigo. Era julho de 1957, época em que Khrushchev havia acertado as coisas com os titoístas e os estava bajulando, além de exercer pressão sobre eles. Os titoístas pareciam gostar dos elogios, enquanto que, com relação à pressão e às punhaladas nas costas, eles davam o melhor de si. Khrushchev havia me informado na noite anterior, “para obter minha permissão”, que me convidaria para o jantar em que Zhivkov e sua esposa, bem como Ranković e Kardelj, com suas esposas, estariam presentes. Como era seu costume, Khrushchev fez piadas com Mikoyan. Foi assim que eles combinaram seus papéis, com Khrushchev acompanhando suas flechas, truques, artimanhas, mentiras e ameaças com piadas sobre “Anastasiy”, que fazia o papel de “bobo da corte”.

Quando terminou sua introdução com piadas sobre o “bobo da corte”, Khrushchev, ao propor um brinde, começou a nos dar uma palestra sobre a amizade de três lados que deveria existir entre a Albânia, a Iugoslávia e a Bulgária. Iugoslávia e Bulgária, e a amizade de quatro lados, entre a União Soviética, a Albânia, a Iugoslávia e a Bulgária.

— As relações entre a União Soviética e a Iugoslávia não seguiram uma linha justa. — afirmou ele. — No início, elas eram boas, depois esfriaram, depois foram rompidas e, mais tarde, após nossa visita a Belgrado, parecia que tinham sido corrigidas. Em seguida, o foguete explodiu (ele estava se referindo aos eventos de outubro e novembro de 1956 na Hungria) e elas foram arruinadas novamente, mas

agora foram criadas as condições objetivas e subjetivas para que melhorem. Enquanto isso, as relações da Iugoslávia com a Albânia e a Bulgária ainda não melhoraram e, como eu disse a Ranković e Kardelj anteriormente, os iugoslavos devem interromper suas atividades secretas contra esses países.

— São os albaneses que não nos deixam em paz! — exclamou Ranković.

Em seguida, intervi e relatei para Ranković as ações antialbanesas, a sabotagem, a subversão e as conspirações que eles organizaram contra nós. Naquela noite, Khrushchev estava “do nosso lado”, mas ele suavizou suas críticas aos iugoslavos.

— Não entendo o nome do seu partido, a “Liga dos Comunistas da Iugoslávia”... — ironizou Khrushchev, balançando o copo. — O que é essa palavra “Liga”? Além disso, vocês, iugoslavos, não gostam do termo “campo socialista”. Mas digam-nos, como deveríamos chamá-lo, o “campo neutro”, o “campo dos países neutros”? Somos todos países socialistas, ou vocês não são um país socialista?

— Estamos, é claro, estamos! — frisou Kardelj.

— Então venha e junte-se a nós, somos a maioria! — afirmou Khrushchev.

Khrushchev ficou de pé durante todo esse discurso, intercalado com gritos e gestos, e cheio de “críticas” aos iugoslavos, que ele declarou no contexto de seus esforços para se sobrepor a Tito, que nunca concordou em considerar Khrushchev como o “dirigente” do conselho.

Kirichenko, que estava ao meu lado, ficou ouvindo em silêncio. Mais tarde, ele me perguntou em voz baixa:

— Quem é essa mulher ao meu lado?

— Minha esposa, Nexhmije. — respondi.

— Você não poderia ter me contado antes? Tenho mantido minha boca fechada, pensando que ela é a esposa de um deles. — ele me disse, indicando os iugoslavos. Ele trocou cumprimentos com Nexhmije e depois começou a maltratar os iugoslavos.

Enquanto isso, Khrushchev continuava suas “críticas” aos iugoslavos e tentava convencê-los de que era ele (é claro, sob o nome da União Soviética e do PCUS), e ninguém mais, que deveria estar na “direção”. Ele estava atacando Tito, que, por sua vez, tentou colocar a si mesmo e ao partido iugoslavo acima de todos.

— Seria ridículo, — atestou Khrushchev aos iugoslavos, — estarmos à frente do campo socialista se os outros partidos não nos considerassem dignos, assim como seria ridículo para qualquer outro partido se considerar à frente quando os outros não o considerassem.

Kardelj e Ranković responderam com frieza, fazendo grandes esforços para parecerem calmos, mas era muito fácil entender que internamente eles estavam fer-

vendo. Tito os havia instruído a defender bem suas posições e eles queriam cumprir as ordens de seu mestre.

O diálogo entre eles estava se arrastando, frequentemente interrompido pelos gritos de Khrushchev, mas eu não estava mais ouvindo. Além da resposta que dei a Ranković, quando ele nos acusou de interferir em seus assuntos, não troquei uma palavra sequer com eles. Conversei o tempo todo com Kirichenko, que não deixou nada sem dizer contra os iugoslavos e descreveu toda a posição do nosso partido em relação à direção revisionista da Iugoslávia como muito correta.

No entanto, esse Kirichenko também foi repreendido por Khrushchev mais tarde. Embora os observadores estrangeiros o considerassem, por algum tempo, o segundo colocado depois de Khrushchev, ele foi enviado para uma pequena cidade remota da Rússia, sem dúvida, praticamente no exílio. Um de nossos alunos militares nos contou quando retornou à Albânia:

“Eu estava viajando em um trem e um passageiro soviético veio e sentou-se ao meu lado, pegou o jornal e começou a ler. Depois de um tempo, ele largou o jornal e, como de costume, me perguntou”:

— Para onde você está indo?

Eu lhe disse e, percebendo o sotaque com que eu falava russo, ele me perguntou:

— Qual é a sua nacionalidade?

— Sou albanês! — respondi.

“O viajante ficou surpreso, mas satisfeito, olhou para a porta da carruagem, virou-se para mim e apertou minha mão calorosamente, dizendo”:

— Admiro os albaneses.

“Fiquei surpreso com sua atitude”, disse nosso oficial, porque naquela época a luta com os khrushchevistas havia começado. Era o período após a Reunião dos 81 partidos.

— Quem é você? — perguntou o oficial.

— Eu sou Kirichenko! — ele me informou.

“Quando ele me disse seu nome, percebi quem ele era.” — contou nosso oficial, — “Me preparei para conversar mais, mas ele logo perguntou”:

— Vamos jogar dominó?

— Tudo bem... — respondi, e ele tirou a caixa de dominó do bolso e começamos o jogo. Logo entendi por que ele queria jogar dominó. Ele queria me dizer algo e encobrir sua voz com o barulho dos dominós na mesa. E começou:

— Tudo de bom para o seu partido, que expôs quem é Khrushchev de verdade. Vida longa ao camarada Enver Hoxha! Viva a Albânia socialista!

“E, dessa forma, continuamos uma conversa muito amigável, encoberta pelo barulho dos dominós. Enquanto conversávamos, outras pessoas entraram no compartimento. Ele colocou o último dominó dizendo”:

— Não desista, dê a Enver meus melhores votos!

“Pegou o jornal e começou a lê-lo como se nunca tivéssemos nos encontrado.”

— concluiu nosso oficial.

Khrushchev e sua quadrilha fizeram todo o possível para disseminar e cultivar sua linha abertamente revisionista, suas práticas e métodos antimarxistas, golpistas em todos os outros partidos comunistas e operários. Vimos como o khrushchevismo começou a florescer rapidamente na Bulgária e na Hungria, na Alemanha Oriental, na Polônia, na Romênia e na Tchecoslováquia. O processo de reabilitações em larga escala, disfarçado de “autocríticas pelos excessos cometidos no passado”, foram transformados em uma campanha sem precedentes em todos os antigos países de democracia popular. As portas das prisões foram abertas em todos os lugares, os dirigentes de outros partidos competiam entre si para ver quem seria mais rápido em libertar os inimigos mais vulgares das prisões e quem lhes daria o maior número de cargos, até mesmo os mais altos entre o partido e o Estado. Todos os dias, os jornais e revistas desses partidos publicavam comunicados e informes sobre essa primavera das máfias revisionistas; as páginas da imprensa estavam cheias de discursos de Tito, Ulbricht e outros dirigentes revisionistas, enquanto o *Pravda* e a *TASS* se apressavam em relatar esses eventos e divulgá-los como “exemplos avançados”.

Vimos o que estava acontecendo e sentimos uma pressão crescente contra nós de todos os lados, mas não nos desviamos nem um pouco de nosso curso e de nossa linha.

Isso não poderia deixar de irritar Tito e companhia, em primeiro lugar, porque, exaltados pelas decisões do 20º Congresso e pelo que estava ocorrendo em outros países, eles esperavam o mesmo cataclismo na Albânia. A atividade dos titoístas que trabalhavam na Embaixada da Iugoslávia em Tirana, contra nosso partido e país, se intensificou.

Se aproveitando de nosso comportamento justo e das facilidades que fornecemos para que realizassem suas tarefas, os diplomatas iugoslavos em Tirana, sob ordens e instruções de Belgrado, começaram a despertar e reativar seus antigos agentes em nosso país, instruíram-nos e deram-lhes o sinal para atacar. A tentativa de atacar a direção do nosso partido, em sua Conferência de Tirana em abril de 1956, uma tentativa que fracassou, foi obra dos revisionistas de Belgrado, mas, ao mesmo tempo, também foi obra de Khrushchev e dos khrushchevistas. Com suas teses e

ideias revisionistas, esses últimos foram os inspiradores da conspiração, enquanto os titoístas e seus agentes secretos foram os organizadores.

Quando viram que essa trama havia fracassado, os dirigentes soviéticos, que se apresentavam como nossos amigos até a morte e homens de princípios, não deixaram de fazer exigências e exercer pressão sobre nós abertamente.

Na véspera do 3º Congresso do nosso partido, realizado no final de maio e início de junho de 1956, Suslov exigiu abertamente que nossa direção “reexaminasse” e “corrigisse” sua linha no passado.

— Não há nada para o nosso partido reexaminar em sua linha, — dissemos a ele sem rodeios. — Nunca permitimos erros graves de princípio na nossa linha política.

— Vocês deveriam reexaminar o caso de Koçi Xoxe e seus camaradas, aqueles que vocês condenaram anteriormente, — exigiu Suslov.

— Eles eram e ainda são inimigos e traidores do nosso partido e do nosso povo, inimigos da União Soviética e do socialismo, — respondemos também sem rodeios.

— Se nós fôssemos revisar o caso em cem vezes, em cem vezes eles seriam taxados como inimigos. Essa era a natureza de suas atividades.

Em seguida, Suslov começou a falar sobre as coisas que estavam ocorrendo nos outros partidos das democracias populares e no partido soviético, em relação a olhar para esse problema com um olhar “mais generoso”, “mais humano”.

— Isso causou uma grande impressão e foi bem recebido pelas massas, — afirmou ele. — É o que deve ocorrer com vocês também.

— Se fôssemos reabilitar os inimigos e traidores, aqueles que queriam colocar o nosso país nas correntes de uma nova escravidão, nosso povo nos apedrejaria. — devolvemos a esse ideólogo khrushchevista.

Quando viu que não estava chegando a lugar algum com isso, Suslov mudou de rumo.

— Tudo bem, — recuou, — já que vocês estão convencidos de que eles são inimigos, deve ser porque eles são mesmo. Mas há uma coisa que vocês devem fazer: devem se abster de falar sobre os vínculos deles com os iugoslavos e não devem mais descrevê-los como “agentes de Belgrado”.

— Porém, sobre isto, nós estamos apenas dizendo a verdade, — asseguramos. — A verdade é que Koçi Xoxe e seus cúmplices estavam organizando uma conspiração e eram agentes dos revisionistas iugoslavos. Nós tornamos isto público e algo conhecido a todo o mundo. Seja os vínculos de Koçi Xoxe com os iugoslavos, seja suas atividades hostis, contra nosso partido, nosso país e nosso povo; há uma grande quantidade de evidências que comprovam este fato. A direção soviética os

conhece muito bem. Talvez o senhor não tenha tido a oportunidade de se familiarizar com as evidências e, como persiste em seu ponto de vista e opiniões, vamos apresentar-lhe algumas delas.

Suslov mal conseguia conter seu temperamento. Listamos calmamente alguns dos principais fatos e, por fim, enfatizamos:

— Essa é a verdade sobre os vínculos de Koçi Xoxe com os revisionistas iugoslavos.

— *Da, da*⁵. — ele repetiu com impaciência.

— E como querem ainda que ocultemos essa verdade? Perguntamos a ele. — É permitido que uma parte oculte ou distorça o que foi provado com inúmeros fatos, somente para agradar esta ou aquela pessoa?

— Mas não há outra maneira de reparar suas relações com a Iugoslávia. — bufou Suslov.

Tudo ficou mais do que claro para nós. Por trás da intervenção “fraterna” de Suslov, escondiam-se os acordos entre Khrushchev e Tito. O grupo de Tito, que agora havia ganhado terreno, certamente estava exigindo o máximo de espaço possível, além de vantagens econômicas, militares e políticas. Tito havia insistido com Khrushchev para que os traidores titoístas, como Koçi Xoxe, Rajk, Kostov etc., fossem reabilitados. Embora Tito tenha alcançado esse objetivo na Hungria, Bulgária e Tchecoslováquia, ele não conseguiu fazê-lo em nosso país. Nesses países, os traidores foram reabilitados e as direções dos partidos marxista-leninistas ficaram enfraquecidas. Esse foi o trabalho conjunto de Khrushchev e Tito. Com nossa posição resolvida e inabalável em relação a ele, fomos um espinho na carne de Tito. E se os inimigos ousassem tomar medidas contra nós, nós reagiríamos. Tito sabia disso há muito tempo, e Khrushchev também sabia e estava se convencendo disso. Ele, é claro, estava inclinado a restringir os caminhos de Tito, para não permitir que ele pastasse nos “pastos” que Khrushchev considerava seus.

Cerca de quinze a vinte dias após o 3º Congresso do nosso partido, em junho de 1956, estive em Moscou para uma consulta, sobre a qual falei acima, da qual participaram os dirigentes dos partidos de todos os países socialistas. Embora o objetivo da consulta fosse discutir problemas econômicos, Khrushchev, como era seu costume, aproveitou a oportunidade para levantar todos os outros problemas.

Lá, na presença de todos os representantes dos outros partidos, ele admitiu com sua própria boca a pressão que Tito havia exercido sobre ele para a reabilitação de Koçi Xoxe e outros inimigos condenados na Albânia.

5. “*Sim, sim*” (Em russo no original).

— Com Tito, — narrou Khrushchev, entre outras coisas, — conversamos sobre as relações da Iugoslávia com os outros países. Tito ficou satisfeito com os poloneses, húngaros, tchecos, búlgaros e outros, mas falou com muita raiva sobre a Albânia, batendo o punho e batendo os pés. “Os albaneses não estão em ordem, não estão no caminho certo”, disse-me Tito, “eles não reconhecem os erros que cometeram e não entenderam nada de todas essas coisas que estão acontecendo”.

De fato, ao repetir as palavras e as acusações de Tito, Khrushchev encontrou a oportunidade de despejar todo o rancor e a ira que sentia contra nós, porque no congresso não reabilitamos Koçi Xoxe, do qual “Tito descreveu como um grande patriota”, enfatizou Khrushchev.

— Quando Tito falou sobre os camaradas albaneses, ele estava tremendo de raiva, mas eu o contrariei e disse a ele: “Esses são assuntos internos dos camaradas albaneses, e eles saberão como resolvê-los”. — expôs Khrushchev, continuando seu “informe”, tentando nos convencer de que havia tido uma grande “briga” com Tito. Entretanto, agora estávamos bem cientes do significado dos intermináveis beijos e brigas entre esses dois arautos do revisionismo moderno.

Traíçoeiro até o pescoço, Tito arquitetou várias conspirações contra os países socialistas. Entretanto, quando Khrushchev o traiu, ele se exibiu como um “pavão” e se fez passar por “professor” de Khrushchev. Tito tinha toda a razão em exigir muito dele e não hesitou nesse sentido. Seu objetivo era fazer com que Khrushchev o obedecesse e agisse de acordo com suas ordens. Tito tinha o apoio do imperialismo americano e da reação mundial, portanto Khrushchev, por sua vez, seguiu a tática de se aproximar de Tito para bajulá-lo, conquistá-lo, abraçá-lo e, por fim, estrangulá-lo. No entanto, ele estava lidando com Tito, que tinha sua própria tática de se aproximar de Khrushchev para se impor e jamais se submeter, para ditar, e não receber ordens, para obter o máximo possível de ajuda incondicional e para obrigar Khrushchev a subjugar todos os oponentes de Belgrado, em primeiro lugar, o Partido do Trabalho da Albânia.

É exatamente por esses motivos que vemos muitos ziguezagues na linha de Khrushchev em relação a Tito — às vezes eles se davam bem, às vezes suas relações eram amargas, às vezes ele o atacava e o xingava e, em outras, ele se retraía apenas para criticá-lo novamente. Esse foi o resultado da falta de princípios em sua posição política. Tito e Khrushchev eram dois revisionistas, dois agentes do capitalismo, que tinham coisas em comum, mas também contradições, que foram expressas nos ziguezagues e no comportamento errático daquela época, que continuam até hoje, entre Tito e os herdeiros de Khrushchev.

Não havia nada de marxista-leninista em suas ações e posições. Eles eram guiados por seus objetivos contrarrevolucionários e haviam assumido conscientemente a via do revisionismo, que é o capitalismo em uma nova forma, o inimigo da unidade dos povos, o incitador do nacionalismo reacionário, do impulso em direção à mais feroz ditadura fascista e do estabelecimento dela, que não permite nem mesmo o menor sinal de democracia burguesa formal. O revisionismo é a ideia e a ação que leva um país a passar do socialismo de volta ao capitalismo, a transformar um partido comunista em um partido fascista, é o inspirador do caos ideológico, da confusão, da corrupção, da repressão, da arbitrariedade, da instabilidade e da venda da pátria aos leilões. Essa tragédia ocorreu na União Soviética e em outros países revisionistas. Khrushchev e os khrushchevistas, incitados e auxiliados pelo imperialismo americano e pelo capitalismo internacional, criaram essa situação.

PROJETANDO O IMPÉRIO



Rumo à transformação dos países socialistas em satélites russos. Mudanças na direção da Bulgária ditadas por Moscou. O “relógio” de Zhivkov se aperta em Moscou. O complexo do Danúbio e a “queda” dos romenos com os soviéticos. O fim oficial da Cominform. As ilusões reformistas dos partidos italiano e francês – Togliatti, o pai do “policentrismo”. Encontro inesquecível com dois queridos camaradas franceses, Marcel Cachin e Gaston Monmousseau. As vacilações de Maurice Thorez. Destruição da unidade do movimento comunista, um serviço colossal para o imperialismo internacional.



AS TESES DO 20º CONGRESSO E, ESPECIALMENTE, O ATAQUE FEITO A STÁLIN NO “relatório secreto” de Khrushchev alegraram os revisionistas, tanto nos partidos dos países socialistas quanto em outros partidos. Seguindo o exemplo da reabilitação dos inimigos do socialismo na União Soviética, os “casos” de Rajk, Kostov, Gomulka, Slansky e outros inimigos, condenados pela ditadura do proletariado, vieram à tona novamente.

Toda a subversão contrarrevolucionária que a quadrilha khrushchevista realizou na União Soviética também serviu a seus objetivos na política externa. No início, seus principais objetivos nessa direção eram: fortalecer seu domínio nos partidos e nos antigos países de democracia popular, que acreditavam estarem sob seu controle, e reprimir os partidos e os países que ainda não haviam se submetido a eles; colocar os partidos comunistas e operários dos países capitalistas totalmente a seu serviço; conquistar a confiança do imperialismo americano e internacional atacando o socialismo na União Soviética e em outros lugares, enquanto propagava o “marxismo criativo” por meio de uma série de teses oportunistas.

Khrushchev achava que, caluniando Stálin, tornaria a União Soviética e, principalmente, ele próprio “aceitável” para todos. Ele calculou que, dessa forma, a reação internacional ficaria satisfeita, todos os outros partidos se reuniriam em torno dele,

o coração de Tito ficaria amolecido, eles se reconciliariam e, juntos, como uma família reunida, chegariam a um acordo, dariam as mãos ao imperialismo e ao capitalismo internacional no meio do caminho. Khrushchev e os khrushchevistas diriam a eles: “Não somos mais aqueles comutistas com facas entre os dentes, como nos dias de Lênin e Stálin. Não somos mais a favor da revolução internacional, mas da conciliação, da coexistência pacífica e da via parlamentar. Abrimos os ‘campos de concentração’ criados por Stálin e reabilitamos os ‘Tukhachevsky’ e os ‘Zinoviev’, e podemos até chegar ao ponto de reabilitar Trotsky. Libertamos os ‘Soljenítsin’ e permitimos que imprimissem seus livros antissoviéticos. Expulsamos Stálin do Mausoléu e queimamos seu cadáver. Para aqueles que chamaram essa nossa ação contra Stálin de crime, dissemos: ‘Vocês querem esse cavalo morto? Então pegue-o!’”.

Como observei acima, Khrushchev teve de se livrar de seus oponentes, não apenas na União Soviética, mas também nos países de democracia popular. Aqueles que acreditavam na linha marxista-leninista de Stálin tiveram de ser eliminados das direções do partido. Da mesma forma, aqueles que eram contra Tito, com quem Khrushchev havia chegado a um acordo, tinham que ser expurgados; enquanto aqueles que condenaram os agentes de Tito em seus próprios países tinham que reabilitar esses traidores e, depois, eles próprios serem removidos da direção. Khrushchev usou todos os métodos: Gottwald morreu, Bierut morreu, Gomulka e Kadar voltaram ao poder, Dej virou a casaca, Rakosi e Chervenkov foram liquidados. Nós fomos os únicos que Khrushchev não conseguiu liquidar.

É claro que, ao buscar uma aproximação com o imperialismo americano, o revisionismo khrushchevista pretendia aparecer na arena como seu parceiro poderoso, um país com indústria e agricultura desenvolvidas, capaz de competir com os Estados Unidos da América (como foi proclamado em alto e bom som) e com seu próprio império colonial, parte do qual seriam os países do campo socialista.

Khrushchev e companhia haviam começado seu trabalho para a criação desse “império” e agora davam continuidade. Em alguns lugares, esse trabalho transcorreu sem problemas, em outros houve atrito, e na Albânia essas ambições nunca foram concretizadas.

A Bulgária, por exemplo, nunca causou problemas aos revisionistas soviéticos. Após as mortes de Dimitrov e Stálin, aparentemente a “autoridade” de Velko Chervenkov não pôde mais se impor ao Partido Comunista Búlgaro. Ele havia se tornado um obstáculo no caminho de Khrushchev e, sem dúvida, as intrigas soviéticas, as intrigas de Khrushchev, que tomou o poder e fez o que fez, devem ter contribuído para sua liquidação.

Imediatamente após o 20º Congresso, Chervenkov, que era Primeiro-Ministro na época, foi atacado por causa do “culto à personalidade”, dos “erros” que havia cometido etc. Entretanto, Velko não parece ter sido um dos que criaram um culto em torno de si mesmo. Ele foi usado mais como um “bode expiatório” para justificar as “autocríticas” que foram feitas com a reabilitação de Kostov e sua quadrilha. Chervenkov deixou o cargo de Primeiro-Ministro sem nenhum alarde e foi substituído por Anton Yugov, que também não permaneceu no cargo por muito tempo.

Na época de Dimitrov, Anton Yugov era Ministro dos Assuntos Internos e, com o advento de Chervenkov, tornou-se Vice-Primeiro-Ministro e, mais tarde, Primeiro-Ministro. Durante a guerra, Yugov lutou no movimento clandestino e lutou bem. Ele foi um dos principais e mais dinâmicos dirigentes, especialmente no levante que levou a 9 de setembro de 1944, o dia da libertação da Bulgária. Quando fui à Bulgária pela primeira vez, notei que Dimitrov demonstrava um respeito especial por Yugov, mantinha-o por perto e, ao que parecia, tinha muita fé nele. Independentemente de certas deficiências de Yugov, até onde o conheci, minha opinião é que, após a morte de Dimitrov, ele era o mais claro ideológica e politicamente entre os dirigentes búlgaros, um homem determinado em suas opiniões, corajoso e um bom organizador. Tive contato com ele muitas vezes na Bulgária, em Moscou e também na Albânia, quando ele visitou nosso país, e ele sempre se mostrou franco, amigável e pronto para conversar conosco.

Yugov conhecia bem a situação política, econômica e organizacional da Bulgária e, segundo minha impressão, ele sabia disso não apenas por meio de relatórios, mas mais por meio de seus contatos. Ele percorria todo o país e era um homem de massas. Ele não só sabia como organizar, mas também era um homem que tomava decisões e sabia como defendê-las. Em outras palavras, Yugov não era um dirigente que pudesse ser obrigado a se conformar rapidamente ou ser um homem do tipo “sim-senhor”.

Na organização do Partido Comunista Búlgaro, sob a direção de Dimitrov, Yugov teve seu próprio papel. O mesmo deve ser dito, também, em relação à restauração da indústria e à organização das cooperativas agrícolas, que foram construídas seguindo o exemplo e o curso das fazendas coletivas soviéticas.

Quando Chervenkov foi removido do cargo de secretário geral do partido, foi substituído por Zhivko¹, enquanto Yugov permaneceu onde estava, como Vice-Primeiro-Ministro. Como o demônio astuto que era, Khrushchev preferiu Todor, que

1. Diminutivo irônico de Zhivkov.

faria melhor o trabalho para ele. Khrushchev não podia manobrar com Yugov como queria. Yugov gostou dessa solução khrushchevista? Certamente não, e ele expressou isso. Sempre que estávamos juntos, ficava bem claro que Yugov tinha total desprezo por Zhivkov.

Em uma bela manhã, Yugov também foi liquidado silenciosamente, assim como Chervenkov. Nunca ouvimos os motivos dessa liquidação, mas podemos adivinhá-los. Ele devia estar se opondo a Zhivkov, ou seja, a Khrushchev. Em uma palavra, ele deve ter sido contra a colonização da Bulgária pela União Soviética khrushchevista, contra a perda da independência e da soberania da Bulgária. Yugov deve ter se recusado a se tornar uma marionete nas mãos dos khrushchevistas, como fez Zhivkov.

Juntamente com as boas qualidades de Yugov como dirigente, na minha opinião ele também tinha algumas deficiências pessoais. Seu principal defeito era a presunção, que se concretizava em sua vanglória e nas expressões que ele usava para promover a si mesmo e seu trabalho. Viajei pela Bulgária com ele, que me acompanhou para conhecer cidades, planícies, cooperativas agrícolas, locais históricos, fábricas, apresentações artísticas etc. Apreciei as belezas do país e senti o carinho do povo búlgaro e dos comunistas búlgaros pelo nosso povo e pelo nosso partido. A companhia de Yugov era sempre agradável e muito instrutiva.

Entretanto, onde quer que fosse, ele parecia querer se exhibir. Viajamos de carro, passamos por muitos vilarejos e Yugov nunca deixava de me dizer não apenas o nome de cada cooperativa, mas também quantos hectares de terra, quantas vacas, quantos cavalos e até mesmo quantas cabras, sem falar nos hectares de vinhedos, o tipo de uva e o número de árvores frutíferas que havia. Tudo com estatísticas! Bem, pensei, mas até mesmo os estatísticos podem estar errados! Mas não, Yugov, o “homem com a resposta pronta”, queria me impressionar com o fato de que ele “tinha tudo na ponta da língua”.

Quando faziam uma apresentação folclórica para nós, ele pulava e se juntava a nós para dançar e cantar. Ele era um *bon vivant*².

Apesar dessas coisas, Yugov era um bom homem e tenho boas lembranças dele. Acredito que ele não tenha se degenerado política e ideologicamente.

Com sua eliminação, Khrushchev nomeou Todor Zhivkov como dirigente da Bulgária ou, mais precisamente, o “administrador dos soviéticos na Bulgária”. Dimitrov elevou muito o prestígio do Partido Comunista Búlgaro e da Bulgária, mas Todor Zhivkov reverteu completamente esse processo. Esse elemento sem perso-

2. “Vida boa”, isto é, amante dos prazeres da vida.

nalidade chegou ao topo com a ajuda de Khrushchev e se tornou seu dócil laçao. Na época em que conheci Dimitrov, nunca ouvi falar de Zhivkov. Mais tarde, na época de Chervenkov, eu o vi uma ou duas vezes. Uma vez, ele me deu uma suposta palestra sobre a agricultura búlgara e, em outra ocasião, me acompanhou a um campo de morangos nos arredores de Sofia.

Quando ele falava comigo sobre agricultura, parecia que não era a mente de Zhivkov que estava falando, mas seu caderno. Ele era o oposto de Yugov. Em um pequeno caderno fichário de A à Z, ele havia anotado números sobre tudo — desde a população do país até o número de cordas de tabaco. Em outras palavras, ele me entediou com números, sem nenhuma conclusão, durante uma hora inteira. Outro camarada que estava com ele falou muito melhor sobre a economia búlgara em geral, e sobre a indústria em particular. Esqueci-me completamente de Zhivkov. Mais tarde, porém, quando Chervenkov foi afastado, ele apareceu como Primeiro-Secretário(!). Ficamos surpresos, mas não tínhamos motivos para isso. Eu o conheci nessa função também! Ele era exatamente o que tinha sido. Havia apenas uma mudança: para se diferenciar do passado, ele havia assumido algumas novas posturas; não trazia mais o fichário, sorria com frequência, sentava-se com a boina e usava mais “expressões populares”.

Mesmo depois disso, nunca tive uma conversa séria com ele. Muitas vezes, jantamos juntos com os camaradas da direção búlgara; Zhivkov nos levou de um palácio do Czar Boris a outro, do palácio de Sofia ao de Eksinograd, em Varna, mas nunca disse nada de importante, apenas se entregando a conversas fúteis para passar o tempo.

A metamorfose de Zhivkov ocorreu gradualmente por meio da educação que Khrushchev lhe deu. A palavra de ordem de Zhivkov passou a ser “Com a União Soviética para sempre!”. Sua subjugação a Khrushchev foi completa. Foi Zhivkov quem “criou” e lançou a ideia: “Vamos sincronizar nossos relógios com o de Khrushchev”. As táticas de Khrushchev em relação aos partidos comunistas e operários se tornaram as de Zhivkov; hoje ele falava contra Tito, amanhã a favor de Tito, hoje ele abria as fronteiras para feiras com participação iugoslava, amanhã as fechava, hoje ele reivindicava a Macedônia e amanhã não dizia nada a respeito. Ao seguir o caminho e os “conselhos” de Khrushchev, Zhivkov tornou-se uma “personalidade” e, simultaneamente ao desenvolvimento de sua “personalidade”, os revisionistas khrushchevistas colocaram tudo na Bulgária sob seu controle. Cada canto e setor da Bulgária é administrado pelos homens dos soviéticos. Nominalmente, o governo, o partido e a administração búlgaros existem, mas, na verdade, tudo é administrado

pelos soviéticos. Os khrushchevistas transformaram a Bulgária em um arsenal perigoso. A Bulgária tornou-se uma cabeça de ponte dos social-imperialistas russos contra nosso país e os outros países dos Bálcãs. Esse é o trabalho de Zhivkov e sua equipe, que comem o pão da Bulgária e servem ao social-imperialismo soviético.

Como mostram os fatos da história, Dej e seus associados também eram e ainda são satélites de Khrushchev. Eles se moviam para qualquer lado que o vento soprasse. Na estreita amizade entre Tito e Khrushchev, também havia desavenças causadas pelos eventos húngaros, poloneses e outros, portanto, havia brigas e períodos de mau humor, depois os amigos se beijavam e faziam as pazes. Sem o menor escrúpulo político, Dej se jogou completamente no redemoinho da traiçoeira atividade antimarxista de Khrushchev, na qual ele foi pego e jogado de um lado para o outro.

Falarei mais tarde sobre o que ocorreu em 1960, em Bucareste e Moscou, mas aqui quero ressaltar apenas que, nesses eventos, Dej mais uma vez demonstrou sua essência imutável como uma pessoa capaz de levantar e abaixar qualquer bandeira sem a menor hesitação. Há certos pontos e momentos importantes na vida e na atividade do homem que, em conjunto, fornecem o retrato dele. Este é o Dej: em 1948 e 1949, um resoluto e zeloso antirrevisionista e anti-Tito; depois de 1954, um entusiasmado e zeloso pró-revisionista e pró-Tito; em 1960, um pró-khrushchevista de primeira ordem, embora mais tarde, ao que parecia, ele estivesse agitando essa bandeira para manobrar com duas ou três bandeiras simultaneamente. Em suma, um político que se virava com a brisa política, que seguia a linha de “com este lado e com aquele lado”, com Tito, com Khrushchev e com Mao Zedong, na verdade até mesmo com seus sucessores e com o imperialismo americano. Ele e seus sucessores podiam estar e estavam com qualquer um, mas não estavam e não podiam estar com um marxismo-leninismo consistente.

Vimos tanto o período de florescimento da amizade entre Dej e Khrushchev quanto o período de rupturas nessa amizade.

Khrushchev achava que tinha Dej no bolso do colete, como a pequena faca de marfim que ele trazia e com a qual brincava nas reuniões. Ele achava que usaria Dej exatamente como essa faca. Julgando que a situação estava madura, depois de 1960, Khrushchev apresentou o plano de anexação segundo o qual o território romeno, desde a província de Bucareste até a fronteira com a União Soviética, seria unido economicamente à Ucrânia soviética em um “complexo agrícola industrial”. Essa era uma ideia muito desastrosa. Dej já havia engolido muitas outras coisas, mas dessa vez ele as chutou para fora.

Somente quando Khrushchev pisou nos calos da Romênia, Dej silenciou os ata-

ques contra nós, mas, mesmo depois disso, Dej nunca teve decência civil suficiente, muito menos coragem marxista-leninista, para fazer a menor autocrítica sobre todas as coisas que havia dito e feito em relação ao nosso partido. Esse revisionista, que beijou a mão de Tito, nunca buscou o perdão de nosso partido.

Foi dito que Dej morreu de câncer. Enviamos uma delegação ao seu funeral como sinal de amizade com o povo romeno. Lá, Ceaușescu, que havia substituído Dej, mal apertou a mão de nossa delegação. Retribuímos a esse novo revisionista que, desde que chegou ao poder, adotou como lema permanente a política de concordância com todos os chefes revisionistas e imperialistas — com Brejnev, Tito, Mao, Nixon e toda a reação internacional, na mesma moeda.

Ao assumir o poder, essa pessoa, que era um dos menores lacaios de Dej, fez uma exposição completa dele e, ao fortalecer suas posições, está lutando para se tornar “uma figura internacional” como Tito, para tomar seu lugar, graças a uma certa resistência hipotética à pressão insidiosa dos soviéticos.

Mesmo depois das contradições que os romenos tiveram com os soviéticos, suas relações estatais conosco continuaram as mesmas — frias, insípidas e desagradáveis. Não temos relações partidárias com o partido romeno e não as teremos enquanto esse partido não reconhecer publicamente os erros que cometeu em relação ao nosso partido.

É claro que lamentamos muito que a Romênia tenha se transformado em um país capitalista como a Iugoslávia, a União Soviética e outros, sendo socialista apenas no nome.

Todos esses Dejs, Zhivkovs, Ceaușescus, etc., são filhos do revisionismo, que Khrushchev e os khrushchevistas usaram e ainda estão usando para seus próprios fins.

Os khrushchevistas soviéticos substituíram a confiança e a amizade marxista-leninista pelo domínio de Grande Potência “socialista”, a fim de criar a “família socialista”, a “comunidade socialista”, na qual Brejnev e os marechais soviéticos governam hoje com mão de ferro, ameaçando qualquer “filho rebelde” da família com o cassetete do Tratado de Varsóvia.

Khrushchev e companhia eram intolerantes a qualquer tipo de crítica ou reclamação dos outros, opunham-se a qualquer tipo de disciplina e controle mútuo, por mais formal que fosse. Para eles, as reuniões, declarações e decisões conjuntas eram formais e nulas e sem efeito se os atrapalhassem em seus planos.

Por que os khrushchevistas acabaram e, além disso, mancharam a Cominform? Eles fizeram isso porque a Cominform havia condenado Tito, porque o consideravam a prole de Stálin, que havia conquistado uma “má reputação” aos olhos dos

imperialistas. É claro que aqui eles não estavam preocupados com as formas organizacionais, porque, afinal de contas, que diferença haveria, em termos de forma, entre a Cominform e o “birô de contatos”, que Khrushchev propôs (e que nunca foi criado)? O objetivo era reabilitar Tito e agradar ao imperialismo.

Mais tarde, porém, em uma consulta aos partidos do campo socialista, a proposta para esse “birô” foi rejeitada, em parte porque os khrushchevistas haviam mudado de ideia e em parte porque havia oposição, especialmente dos poloneses. Eles (Ochab e Cyrankiewicz) se opuseram ativamente a essa ideia. De fato, mesmo quando foi decidido publicar um órgão conjunto, eles disseram: “Bem, então, vamos tê-lo eventualmente, porque parece que temos que tê-lo.”

Dessa reunião infrutífera, lembro-me do entusiasmo com que Togliatti abraçou a ideia de Khrushchev e, ali mesmo, a levou adiante, insistindo na criação de dois “birôs de contatos” — um para os partidos dos países socialistas e outro para os partidos dos países capitalistas! O futuro pai do “poli-centrismo” foi ainda mais longe e propôs que o Partido Comunista da União Soviética não participasse desse último, “embora”, acrescentou Togliatti, tentando adoçar a pílula, “a direção será nossa”.

O partido revisionista italiano estava na vanguarda do trabalho hostil contra o comunismo internacional, contra os partidos comunistas e dos trabalhadores e contra os países do campo socialista.

Os “comunistas” italianos e franceses tinham grandes ilusões sobre a democracia burguesa e o caminho parlamentar. No período imediatamente após a Grande Guerra Patriótica, esses dois partidos participaram dos primeiros governos burgueses. E essa foi uma tática da burguesia para evitar greves e caos, a fim de restabelecer a economia e, especialmente, fortalecer não apenas suas posições econômicas, mas também suas posições militares e policiais.

Essa participação dos comunistas nos governos burgueses foi um piscar de olhos. A burguesia expulsou os comunistas do poder, desarmou-os, empurrou-os para a oposição e promulgou leis eleitorais tais que, apesar do grande número de votos que os comunistas haviam recebido, o número de seus deputados no parlamento foi reduzido ao mínimo.

Como ficou claro mais tarde, mesmo naquela época, Tito e Togliatti comiam do mesmo prato, e é por isso que o partido italiano veio em auxílio do partido de Tito, embora não abertamente no início. Togliatti, que era um revisionista inveterado disfarçado, e toda a direção do Partido Comunista Italiano, que participava da Cominform, lamentaram a condenação de Tito. Eles votaram a favor dessa condenação junto com os outros, porque não tinham coragem de se manifestar abertamen-

te contra ela, mas o tempo mostrou que os revisionistas italianos estavam entre os mais ardentes em seu desejo de beijar Tito.

A visita de Khrushchev a Belgrado e sua reconciliação com Tito abriram caminho para que Togliatti e seus paus-mandados não apenas fossem a Belgrado para se encontrar com os titoístas e fazer as pazes com eles, mas também para desenvolver suas visões revisionistas perturbadoras abertamente contra Stálin e a União Soviética, não apenas como um Estado, mas também como um sistema. Togliatti e seus seguidores tomaram abertamente o partido de Tito e não seguiram as táticas de zig-zague de Khrushchev. De sua parte, Khrushchev também manobrou com Togliatti; ele o elogiou e o repreendeu gentilmente, a fim de mantê-lo sob controle.

Os dirigentes do partido italiano, como Togliatti, Luigi Longo e aquela camarilha, mostraram-se especialmente suscetíveis às teses revisionistas do 20º Congresso e, em particular, às calúnias de Khrushchev contra Stálin. Logo após esse congresso, em uma entrevista concedida à revista *Nuovi Argomenti*, Togliatti lançou seus ataques ao sistema socialista, à ditadura do proletariado e a Stálin. Ali ele também lançou sua ideia de “policentrismo”, que era a ideia de fragmentação e divisão do movimento comunista internacional.

Quanto aos dirigentes do Partido Comunista da França (PCF), como Maurice Thorez, Jacques Duclos e outros, no entanto, é fato que, a princípio, eles ficaram desanimados com o relatório “secreto” de Khrushchev contra Stálin e não o aceitaram. Depois que esse relatório foi publicado na imprensa ocidental, o *Birô Político* do Partido Comunista Francês fez uma declaração na qual condenava esse relatório e expressava suas reservas sobre os ataques a Stálin. Thorez, pessoalmente, me disse a respeito desse problema: “Buscamos explicações dos camaradas soviéticos, eles nos deram, mas não ficamos convencidos”. Eu disse a Thorez: “Você não está convencido, e nós não concordamos nem um pouco”. Assim, Thorez e o Partido Comunista Francês há muito sabiam de nossa opinião sobre o 20º Congresso e das calúnias dos khrushchevistas contra Stálin.

Os franceses e os italianos eram como gato e rato. Eu havia conversado com Thorez e Duclos sobre as posições dos dirigentes do Partido Comunista da Itália (PCI) contra a linha marxista-leninista, em defesa dos revisionistas titoístas e contra o nosso partido. No início, eles e os franceses como um todo pareciam se comportar bem conosco. Mantivemos nossas opiniões e eles as deles. Continuamos com nossos ataques incessantes contra os titoístas e eles pareciam não confiar em Tito. Também seguimos o mesmo caminho em nossa posição em relação aos dirigentes italianos.

Antes dos eventos que levaram à cisão, os camaradas Marcel Cachin e Gaston

Monmousseau, dois gloriosos veteranos do comunismo, vieram ao nosso país. Todo o nosso partido e o nosso povo os receberam com alegria e afeto. Tive conversas muito abertas e cordiais com eles. Eles visitaram nosso país, falaram comigo com grande simpatia e escreveram em termos brilhantes sobre nosso partido e nosso povo no L'Humanité. Monmousseau também publicou um livro muito agradável sobre nosso país. Sentado comigo em frente à lareira, ele me contou sobre a visita que fez a Korçë e sua participação com os cooperativistas de Korçë na colheita da uva. Durante a nossa conversa, perguntei ao autor de Jean Bécot, que é de Champagne, o lugar dos vinhos famosos:

— Camarada Monmousseau, o que você acha do nosso vinho?

Ele respondeu "*pince-sans-rire*"³.

— Como vinagre.

Eu ri demais e disse:

— Você tem razão, mas diga-me, o que devemos fazer a respeito?

Monmousseau continuou falando por uma hora inteira sobre vinho e isso me alegrou demais. Ouvi com admiração o velho cujas bochechas brilhavam e os olhos faiscavam de entusiasmo, que tinha a cor do vinho de sua terra natal, Champagne.

Antes de irmos à reunião dos 81 partidos em Moscou, Maurice Thorez pediu para vir ao nosso país para passar férias. Nós o recebemos com grande prazer. Pensamos (e não estávamos errados) que ele havia sido enviado pelos soviéticos para "nos amaciar".

Quando ele estava de férias em Durrës, contei a Thorez sobre todas as coisas vis que os soviéticos haviam feito conosco.

Maurice ouviu atentamente. Ele ficou surpreso porque não sabia dessas coisas. Eles haviam escondido tudo dele. Falei sobre a Reunião de Bucareste e nossa posição naquela reunião. Ele disse que havia sido informado sobre a posição do Partido do Trabalho da Albânia na Reunião de Bucareste pela delegação do partido deles e, como essa posição os havia impressionado, ele havia partido para a Albânia com a intenção de conversar sobre essa questão conosco. Thorez disse que a Reunião de Bucareste foi útil e não se pronunciou sobre se ela estava ou não em ordem. Ele não criticou nossa posição em Bucareste e, depois de me ouvir, tudo o que disse foi:

— Camarada Enver, você precisa esclarecer essas coisas que fizeram com você com a direção soviética.

Quanto à luta contra o titoísmo, Maurice Thorez aprovou tudo. Nós o vimos

3. "*Seco, inexpressivo*" (Em francês no original).

partir de navio para Odessa.

Em Moscou, antes de eu falar na Reunião dos 81 partidos, Maurice Thorez nos convidou para jantar. Dessa vez, era óbvio que ele tinha vindo de Khrushchev para nos persuadir a não falar contra a traição revisionista na reunião, mas ele falhou em sua missão. Não aceitamos o “conselho” equivocado que ele nos deu.

Maurice Thorez nos criticou na reunião, mas em termos moderados. No entanto, depois que eu falei, Jeannette Vermeersch, esposa de Thorez, me encontrou e disse:

— Camarada Enver, para onde você está indo com isso que começou? Nós não o entendemos.

— Você não nos entende hoje, mas talvez nos entenda amanhã, — respondi.

Todos sabem como as coisas aconteceram com o Partido Comunista Francês. Ele também se lançou com determinação no caminho revisionista. Ele traiu o marxismo-leninismo e, com algumas nuances, seguiu a linha de Khrushchev e Brejnev.

Enquanto isso, Togliatti não tinha os mesmos ziguezagues que os franceses e se manifestou abertamente, como Tito, com suas visões revisionistas, que ele deixou como seu pedido a Longo e Berlinguer em seu Testamento. Ele é o pai do “policentrismo” no movimento comunista internacional. É claro que o “policentrismo” não foi benéfico para Khrushchev, que pretendia empunhar a “batuta do maestro”, assim como não é benéfico para os khrushchevistas que estão no poder na União Soviética atualmente. Os seguidores de Togliatti contrapunham, e ainda contrapõem, as reuniões de Khrushchev e Brejnev com as “reuniões” dos partidos comunistas dos países capitalistas da Europa, América Latina etc. Os franceses, que se inclinavam para Khrushchev, não aprovaram as propostas de Togliatti e as combateram. Não direi mais nada a esse respeito porque já escrevi em outra obra sobre essa teoria e as ações antimarxistas desses revisionistas⁴.

Os revisionistas italianos nunca viram a Albânia socialista ou o PTA com bons olhos. Nos primeiros anos após a Libertação, recebemos uma visita superficial do idoso Umberto Terracini, que foi à Albânia junto com uma jovem artista. Ele ficou um ou dois dias e foi embora tão silenciosamente quanto chegou. Mais tarde, Giancarlo Pajetta veio. Ele ficou dois dias, condecorou Mehmet e a mim com a Ordem “Garibaldi” da Guerra Civil Espanhola e da Resistência, e também partiu tão silenciosamente quanto chegou. Talvez eles não quissem incomodar os neofascistas italianos que estavam no poder, cujos exércitos havíamos esmagado na guerra, ou

4. Aqui, o camarada Enver está se referindo a sua conhecida e fundamental obra *O Eurocomunismo é Anticomunismo* – Nota da Tradução.

talvez fosse porque expusemos o camarada deles, Tito!

O Partido Comunista da Itália, com uma linha oportunista de longa data, era abertamente uma fachada para captar votos. Havia brigas contínuas na direção por causa de cargos, salários, nomeação de deputados e senadores. Um dirigente desse partido, que foi removido de seu cargo por Togliatti, encontrou-se e reclamou conosco, mas logo depois disso, assim que lhe deram um osso e o tornaram senador, ele ficou tão quieto quanto um cordeiro.

Lembro-me de uma reunião que tive em Karlovy Vary com um deles, um membro da direção do PCI de Togliatti.

— Sou contra Togliatti e sua linha, — ele nos afirmou.

— Mas por quê? — perguntei.

Ele listou um ou dois “argumentos”, mas no final o verdadeiro motivo apareceu:

— Togliatti não permite a publicação dos discursos que faço no parlamento. Tanto Togliatti quanto Pajetta não apenas não os publicam na Itália, mas também intervêm junto aos soviéticos para garantir que eles também não sejam publicados em Moscou. Por favor, camarada Enver, intervenha junto a Khrushchev sobre isso.

É claro que fiquei surpreso e contei a ele na hora:

— Como posso intervir? Eu poderia influenciar o fato de eles serem publicados ou não na Albânia, digamos, mas na União Soviética? Você deve se dirigir aos camaradas soviéticos. Eles são os responsáveis de lá e podem decidir isso.

Após o rompimento com os khrushchevistas, ele também teve “contradições” com a direção revisionista italiana. Mas essas contradições não se baseavam em princípios, não passavam de disputas por cargos e dinheiro. Assim que foi nomeado senador, ele também se acalmou e nunca levantou a voz. Isso é o que os revisionistas italianos foram e ainda são — colaboradores da burguesia italiana e da burguesia internacional.

Toda essa atividade revisionista arruinou e destruiu a cooperação e a harmonia marxista-leninista que existiam no movimento comunista internacional. Khrushchev e os khrushchevistas prestaram um serviço incalculável ao imperialismo internacional e se colocaram diretamente a seu serviço. Khrushchev e os khrushchevistas de todos os matizes, onde quer que estivessem, consumaram o trabalho de sabotagem que o imperialismo e seus lacaios não conseguiram realizar em décadas inteiras. Ao caluniar Stálin, a União Soviética, o socialismo e o comunismo, eles se alinharam com os caluniadores capitalistas e enfraqueceram a União Soviética, e esse era o sonho e o objetivo dos capitalistas. Eles romperam aquela unidade monolítica que os capitalistas combatiam, levantaram dúvidas sobre a revolução e a

sabotaram, algo que os capitalistas sempre tentaram fazer. Eles levaram a discórdância e se dividiram nas fileiras de vários partidos comunistas e operários, derrubando ou elevando a suas direções e panelinhas, aquelas que serviriam melhor aos interesses hegemônicos. Esses inimigos atacaram o marxismo-leninismo em todas as direções e em todas as manifestações e o substituíram pela ideologia reformista social-democrata, abrindo assim o caminho para o liberalismo, a burocracia, a tecnocracia, o intelectualismo decadente e ao faccionalismo burguês no partido, em outras palavras, para a degeneração. O que o capitalismo internacional foi incapaz de fazer, a camarilha khrushchevista fez por ele. Entretanto, nem o imperialismo americano nem o capitalismo internacional consideraram suficiente essa ajuda colossal, essa grande sabotagem que Khrushchev e os khrushchevistas realizaram contra o marxismo-leninismo e o socialismo. Portanto, o ataque da burguesia e da reação começou nos partidos revisionistas, com o objetivo de aprofundar a crise ao máximo, não apenas para desacreditar o marxismo-leninismo e a revolução, não apenas para aprofundar a divisão entre os partidos comunistas e operários e para avançar sua rebelião contra Moscou, mas também, por meio de todas essas atividades, enfraquecer, subjugar e escravizar a União Soviética como uma grande potência política, econômica e ideológica, independentemente do fato de que a ideologia khrushchevista não era marxista, mas antimarxista. O capitalismo internacional, liderado pelo imperialismo americano, teve de lutar para impedir que o hegemonismo kruschevista permanecesse vivo e se consolidasse sobre as ruínas que ele causou.

Portanto, o imperialismo americano e internacional intensificou o trabalho de sabotagem nos países do campo socialista a fim de minar o império colonial que Khrushchev estava planejando. No clima adequado que os slogans khrushchevistas criaram, não apenas os obedientes chefes pró-Khrushchev, como Zhivkov, mas também os agentes dos americanos, britânicos, franceses, alemães ocidentais e Tito, tornaram-se mais ativos. A partir da própria natureza do revisionismo, bem como da pressão e do trabalho dos agentes do imperialismo, em muitos partidos, indivíduos insatisfeitos com a forma como as coisas estavam indo para a “democratização” e a liberalização começaram a levantar a cabeça. Na Hungria, Polônia, Tchecoslováquia e Romênia, os inimigos do socialismo queriam seguir a galope pela estrada da restauração do capitalismo, deixando de lado o esfarrapado disfarce demagógico que o grupo de dirigentes soviéticos queria preservar. Os vínculos tradicionais da burguesia desses países com o Ocidente e o desejo de escapar o mais rápido possível do medo da ditadura do proletariado (embora os khrushchevistas a tivessem destruído) orientaram esses inimigos para Washington, Bonn, Londres e Paris.

Khrushchev esperava colocar os demônios de volta na garrafa da qual ele os havia libertado. Mas, uma vez libertados, eles queriam passear a seu bel-prazer nos pastos que os khrushchevistas consideravam seus e não obedeciam mais à “flauta mágica” de Khrushchev. Então, ele teve que contê-los por meio de tanques.

MINHA PRIMEIRA E ÚLTIMA VISITA À CHINA



Nossas relações com o PCCh e a República Popular da China até 1956. Convites da China, Coreia e Mongólia. Um evento surpreendente na Coreia: dois membros do Birô Político fugiram para a China! Ponomaryov defende os fugitivos. Mikoyan e Peng Dehuai “afinam” Kim Il-Sung. A reunião com Mao Zedong: “Nem os iugoslavos e nem vocês estavam errados”, “Stálin cometeu erros”, “É necessário cometer erros”. Li Lisan no 8º Congresso do PCCh: “Peço a vocês que me ajudem, pois posso cometer erros novamente”. Desapontamento e preocupação com o 8º Congresso do PCCh. Reuniões em Pequim com Dej, Yugov, Zhou Enlai e outros. Bodnaras como intermediário para nos reconciliar com Tito.



NO QUE DIZ RESPEITO ÀS RELAÇÕES ENTRE NOSSO PARTIDO E O PARTIDO COMUNISTA da China (PCCh), de 1949 a 1956 e, de fato, por vários anos depois, o termo “normal”, mais ou menos no sentido em que é usado na linguagem diplomática, seria bastante apropriado. De nossa parte, no entanto, desde os anos da Guerra de Libertação Nacional, e especialmente após a libertação de nossa pátria, acompanhamos com simpatia a justa guerra do fraterno povo chinês contra os fascistas e agressores japoneses, a reação de Chiang Kai-Shek e a interferência americana, apoiamos e nos solidarizamos à essa luta com todas as nossas forças. Além disso, nos alegamos com o fato de que, à frente dessa luta, havia um partido comunista reconhecido pela Comintern, que contava com o apoio do Partido Comunista da União Soviética, com Stálin à frente.

Sabíamos também que o dirigente do PCCh era Mao Zedong, sobre quem, pessoalmente, bem como sobre o partido que ele dirigia, não tínhamos nenhuma informação além do que ouvíamos dos camaradas soviéticos. Durante esse período e depois de 1949, não tivemos a oportunidade de ler nenhuma das obras ou escritos

de Mao Zedong, que se dizia ser um filósofo e ter escrito uma série de obras. Recebemos a notícia da vitória de 1º de outubro de 1949 com uma alegria sincera e fomos um dos primeiros países a reconhecer o novo estado chinês e a estabelecer relações fraternas com ele. Embora maiores possibilidades e caminhos tenham sido abertos para contatos e vínculos mais frequentes e mais próximos entre nossos dois países, esses vínculos permaneceram no nível das relações amistosas, culturais e comerciais, do envio de alguma delegação de segundo escalão, do apoio mútuo, de acordo com a ocasião, por meio de discursos e declarações públicas, da troca de telegramas por ocasião de comemorações e aniversários, e quase nada mais.

Continuamos a apoiar com todas as nossas forças os esforços do povo chinês e da direção chinesa para a construção socialista do país, mas não sabíamos nada de concreto sobre como e em que medida esse grande processo estava sendo realizado na China. Dizia-se que Mao estava seguindo uma linha “interessante” para a construção do socialismo na China, conciliando com a burguesia nacional e com outros partidos, que eles descreviam como “democráticos”, “dos industriais”, etc., que empresas conjuntas privadas-estatais eram permitidas e estimuladas pelo partido comunista de lá, que elementos das classes ricas eram encorajados e indenizados, e até mesmo colocados na direção de empresas e províncias, etc., etc. Todas essas coisas eram bastante incompreensíveis para nós e, por mais que você se esforçasse, não conseguia encontrar nenhum argumento para descrevê-las como estando em conformidade com o marxismo-leninismo. No entanto, pensávamos que a China era um país muito grande, com uma população de centenas de milhões de habitantes, que havia acabado de sair de um passado sombrio, feudal e burguês, que tinha muitos problemas e dificuldades e que, com o tempo, corrigiria as coisas que não estavam em ordem, no caminho certo do marxismo-leninismo.

Isso é mais ou menos o que sabíamos sobre o Partido Comunista da China e o estado chinês até 1956, quando o Comitê Central do nosso partido recebeu o convite de Mao Zedong para enviar uma delegação do partido para participar dos procedimentos do 8º Congresso do PCCh. Recebemos o convite com prazer e satisfação, pois teríamos a oportunidade de adquirir experiência em primeira mão e conhecer diretamente esse partido irmão e país socialista fraterno. Naquele período, também recebemos convites da República Popular da Mongólia e da República Democrática Popular da Coreia para enviar delegações especializadas do governo e do partido a esses países para visitas amistosas.

Debatemos os convites de nossos camaradas no Birô Político e decidimos que, aproveitando a ocasião da viagem à China para o 8º Congresso do PCCh, no cami-

nho para lá, nossa delegação especializada também deveria ir à Mongólia e à Coreia.

O Birô Político nomeou a mim, aos camaradas Mehmet Shehu e Ramiz Alia, e ao nosso então Ministro das Relações Exteriores, Behar Shtylla, como a delegação. O camarada Mehmet iria dirigir a delegação na Mongólia e na Coreia, já que seria uma delegação do governo, enquanto eu iria dirigir a delegação do partido na China.

Fizemos os preparativos necessários e partimos no final de agosto de 1956.

Era a época em que o revisionismo moderno, promovido pelo 20º Congresso do Partido Comunista da União Soviética, não só havia se espalhado pela União Soviética e pelos outros países de democracia popular, como também estava trazendo à tona toda a sua sujeira inerente, as divisões, as brigas, as conspirações e a contrarrevolução. Na Polônia, o caldeirão, que vinha fervendo há muito tempo, estava trazendo à tona o notório Gomulka como produto final; na Hungria, a reação havia eclodido como nunca antes e estava preparando febrilmente a contrarrevolução. Durante esses dias, Tito havia sido convidado para ir à Crimeia “de férias” e, junto com Khrushchev, Ranković e outros, estava colocando os pregos no caixão de Gerö. Parecia que os revisionistas de vários países estavam envolvidos em uma competição vil para ver quem conseguia superar o outro na aplicação prática do khrushchevismo. Na Europa, o terremoto revisionista estava abalando os alicerces de tudo, com exceção do nosso partido e do nosso país.

Esses três ou quatro dias de nossa visita à Mongólia passaram quase despercebidos. Viajamos por horas a fio para chegar a algum centro habitado e, em todos os lugares, a paisagem era a mesma: vasta, nua, monótona, cansativa. Yumjaagiin Tsendenbal, que se movimentava ao nosso redor tão móvel quanto uma bola de borracha, falava sobre o único tema: a criação de gado. Tantos milhões de ovelhas, tantas éguas, tantos cavalos, tantos camelos, essa era a única riqueza, o único ramo do qual esse país socialista se sustentava. Bebemos leite de égua, desejamos sucesso uns aos outros e nos despedimos.

Em 7 de setembro, chegamos a Pyongyang. Eles fizeram uma recepção esplêndida, com pessoas, gongos, flores e retratos de Kim Il-Sung por toda parte. Era preciso procurar muito para encontrar algum retrato de Lênin, escondido em algum canto obscuro.

Visitamos Pyongyang e uma série de cidades e vilarejos da Coreia, onde tanto o povo quanto os dirigentes do partido e do estado nos receberam calorosamente. Durante os dias em que ficamos lá, Kim Il-Sung foi gentil e íntimo conosco. O povo coreano tinha acabado de sair da sangrenta guerra contra os agressores americanos e agora se lançava na ofensiva para a reconstrução e o desenvolvimento do país. Era

um povo trabalhador, limpo e talentoso, ansioso por mais desenvolvimento e progresso, e nós desejamos de todo o coração que eles continuassem tendo sucesso no caminho para o socialismo.

No entanto, a vespa revisionista também começou a implantar seu ferrão venenoso ali.

Nas conversas conjuntas que tivemos, Kim Il-Sung nos contou sobre um evento que havia ocorrido na Plenária do Comitê Central do partido realizado após o 20º Congresso.

— Depois do informe que apresentei, — Kim nos contou, — dois membros do Birô Político e vários outros membros do Comitê Central levantaram a questão de que as lições do 20º Congresso e a questão do culto à personalidade não haviam sido devidamente apreciadas entre nós, aqui na Coreia, que uma luta consistente contra o culto à personalidade não havia sido travada, e assim por diante. Eles disseram ao plenário: “Não estamos obtendo resultados econômicos e políticos de acordo com o programa do 20º Congresso, e pessoas incompetentes ficaram reunidas em torno do Comitê Central”.

— Em outras palavras, eles atacaram a linha e a unidade da direção, — continuou Kim Il-Sung. — Todo o Comitê Central se levantou contra eles, — concluiu.

— E que atitude foi tomada em relação a eles? — perguntei.

— O plenário os criticou e isso foi tudo, — respondeu Kim Il-Sung, acrescentando: — Imediatamente depois disso, os dois fugiram para a China.

— Para a China?! O que eles foram fazer lá?

— Nosso Comitê Central os descreveu como elementos anti-partidários e escrevemos à direção chinesa para que os enviasse de volta para nós sem falta. Além de outros erros, eles também cometeram o grave ato de fugir. Os camaradas chineses não os mandaram de volta. Eles os mantêm lá até hoje.

Dissemos abertamente a Kim Il-Sung: — Embora não tenhamos conhecimento detalhado das questões levantadas por esses dois membros do Birô Político e não caiba a nós julgar suas decisões, já que você nos contou sobre esse problema, achamos que se trata de um evento sério.

— Em nosso país também, — dissemos a ele, — após o 20º Congresso do PCUS, houve uma tentativa de elementos anti-partidários de organizar um complô contra nosso partido e nosso Comitê Central. A conspiração foi uma ação organizada pelos revisionistas de Belgrado e, assim que tomamos conhecimento dela, nós a esmagamos imediatamente.

Em seguida, falamos sobre a Conferência do Partido em Tirana, em abril de 1956,

sobre a pressão que foi exercida sobre nós e sobre a posição inabalável e resoluta de nosso partido em relação aos inimigos externos e internos.

— Vocês estão certos, vocês estão certos! — confirmou Kim Il-Sung, enquanto eu falava.

Pelo modo como ele falava e reagia, senti uma certa hesitação e incerteza que o dominavam.

Eu não estava enganado em minhas dúvidas. Poucos dias depois, na China, durante uma reunião que tive com Ponomaryov, membro da delegação soviética no 8º Congresso do Partido Comunista da China, falei sobre o problema dos fugitivos coreanos.

— Sabemos disso, — respondeu ele, — e demos nosso conselho a Kim Il-Sung.

— Você o aconselhou? Por quê? — perguntei.

— Camarada Enver, — tergiversou, — as coisas não estão indo bem com os coreanos. Eles se tornaram muito arrogantes e precisam ser rebaixados um ou dois pinos.

— Não estou falando sobre seus assuntos em geral, porque não sei nada sobre eles, — retruquei a Ponomaryov, — mas sobre um problema concreto. Dois membros do Birô Político se levantam contra o Comitê Central de seu próprio partido e depois fogem para outro país socialista. Onde está a culpa de Kim Il-Sung nisso?

— Os camaradas coreanos cometeram erros, — insistiu Ponomaryov. — Eles não tomaram medidas de acordo com as decisões do 20º Congresso, e é por isso que dois membros do Birô Político se opuseram a isso. Os camaradas chineses também ficaram revoltados com essa situação e disseram a Kim Il-Sung que, se não forem tomadas medidas, eles não entregarão os dois camaradas que estão se refugiando na China.”

— Surpreendente! — exclamei.

— Vocês não têm motivo para ficarem surpresos, — afagou ele. — O próprio Kim Il-Sung está recuando. Uma Plenária do Comitê Central do partido coreano foi realizada nestes dias e os coreanos concordaram em corrigir os erros.

E isso acabou se tornando verdade. Os dois fugitivos voltaram para a Coreia e para os cargos que ocupavam no Birô Político. Sob pressão, Kim Il-Sung recuou e cedeu. Esse foi um ato conjunto dos soviéticos e dos chineses, no qual um “mérito” especial coube a Mikoyan. Ele havia sido enviado à China como chefe da delegação soviética para o 8º Congresso do PCCh e, sem esperar que o congresso chinês terminasse, o traficante khrushchevista, juntamente com Peng Dehuai, que Mao Zedong lhe deu como representante da China, correu para a Coreia para “afinar” Kim Il-Sung, que se deixou dobrar, e colocá-lo em harmonia com os khrushchevistas.

Mais tarde, outras viagens de “ajustes de contas” seriam feitas à Coreia pelos soviéticos, chineses e outros, mas veríamos isso no futuro. Voltemos a setembro de 1956.

Em Pequim, onde chegamos em 13 de setembro, fomos recebidos por uma multidão de pessoas, música e flores, sem esquecer a horda de retratos de Mao Zedong, Liu Shaoqi, Zhou Enlai, Deng Xiaoping e outros, cujos nomes não me recordo, que haviam chegado ao aeroporto.

Trocamos saudações com eles, desejamos sucesso no congresso, que começaria dois dias depois, e mal podíamos lidar com suas expressões estereotipadas: “grande honra”, “grande ajuda”, “irmãos da distante frente da Europa”, “por favor, ofereçam-nos suas críticas”, etc., etc., expressões com as quais, em poucos anos, estaríamos cheios até o pescoço. (Entretanto, naquela época, essas expressões, que eram servidas prontas em todos os lugares, não nos causavam nenhuma má impressão — nós as considerávamos expressões da simplicidade e da modéstia chinesas).

Mao Zedong nos recebeu durante um intervalo entre as sessões do congresso em uma das salas adjacentes. Essa foi a primeira vez que o encontramos. Quando entramos na sala de recepção, ele se levantou, fez uma pequena reverência, estendeu a mão e, assim, sem se mover do lugar, esperou para dar a mão e um sorriso a cada um de nós. Nós nos sentamos.

Mao começou a falar. Depois de dizer que estavam muito felizes por terem amigos da distante Albânia, ele disse algumas palavras sobre nosso povo, descrevendo-o como um povo valente e heroico.

— Temos grande admiração pelo seu povo, — disse ele, entre outras coisas, — porque vocês foram libertados há muito mais tempo do que nós.

Imediatamente após isso, ele me perguntou:

— Como estão as coisas entre vocês e a Iugoslávia?

— Frias. — respondi, e imediatamente percebi que ele expressou surpresa. “Aparentemente, ele não está bem familiarizado com nossa situação com os iugoslavos”, pensei, e decidi explicar algo da longa história das relações de nosso partido e país com o partido e o estado iugoslavo. Apresentei-lhe um breve resumo, enfocando alguns dos principais momentos da atividade antimarxista e antialbanesa da direção iugoslava, esperando alguma reação da parte dele. Mas percebi que Mao apenas expressou surpresa e, de vez em quando, olhava para os outros camaradas chineses.

— Nessa questão, — começou Mao, — vocês, albaneses, não cometeram erros em relação aos iugoslavos, e nem os camaradas iugoslavos cometeram erros em relação a vocês. A Cominform cometeu grandes erros.

— Embora não tenhamos participado da Cominform, — respondi, — apoiamos

suas análises e posições bem conhecidas em relação à atividade da direção iugoslava e sempre as consideramos corretas. Nossas relações de longa data com a direção iugoslava nos convenceram de que a linha e as posições dos iugoslavos não foram e não são marxista-leninistas. Tito é um renegado incorrigível.

Sem esperar para ouvir o final da tradução do que eu disse, Mao me perguntou:

— Qual é a sua opinião sobre Stálin?

Eu disse que nosso partido sempre considerou Stálin um dirigente de grandes méritos, um discípulo leal de Lênin e continuador de seu trabalho, um...

Ele me interrompeu: — Vocês publicaram o informe que o camarada Khrushchev apresentou no 20º Congresso do Partido Comunista da União Soviética?

— Não, — afirmei. — Nós não fizemos e nunca faremos tal coisa.

— Vocês, camaradas albaneses, agiram de forma muito correta e a linha do seu partido está certa, — disse ele. — Nós também agimos como vocês agiram. Enquanto a direção soviética não publicar esse informe oficialmente, não há motivo para agirmos como alguns fizeram.

Depois de uma pausa, ele continuou:

— Stálin cometeu erros. Ele cometeu erros conosco, por exemplo, em 1927. Ele também cometeu erros em relação aos camaradas iugoslavos.

Em seguida, ele continuou calmamente em voz baixa:

— Não se pode avançar sem erros. — E ele me perguntou: — Seu partido cometeu erros?

— Não podemos dizer que não houve erros, — eu afirmei a Mao, — mas o principal é que lutamos para cometer o mínimo de erros possível ou nenhum, e, quando os erros são descobertos, lutamos para eliminá-los imediatamente.

Eu fui muito “apressado”. O grande filósofo estava querendo dizer outra coisa:

— É necessário cometer erros, — filosofou. — O partido não pode se educar sem aprender com os erros. Isso tem grande importância.

Encontramos esse método de “educação” de Mao Zedong materializado em toda parte. Durante os dias em que estávamos no congresso, um camarada chinês nos disse:

— Havia um medo terrível entre nós. As pessoas tentavam evitar cometer erros, pois tinham medo de serem expulsas do partido. Entretanto, com a justa política do Presidente Mao, esse medo desapareceu, e a iniciativa e o ímpeto no trabalho criativo aumentaram entre o pessoal do partido.

— Está vendo aquele camarada que está falando? — perguntou, — Ele é Li Lisan, um dos fundadores do nosso Partido Comunista. Durante sua vida, ele come-

teu erros graves, não apenas uma, mas três vezes seguidas. Havia camaradas que queriam expulsar esse velho do partido, mas, por insistência do presidente Mao, ele continua sendo membro do Comitê Central do partido e agora trabalha no aparelho do Comitê Central.

Enquanto isso, Li Lisan estava fazendo uma nova “autocrítica” antes do 8º Congresso.

— Eu cometi erros, — admitiu ele, — mas o partido me ajudou. Camaradas, — continuou — peço que me ajudem ainda, pois posso cometer erros novamente...

Mas voltemos à reunião com Mao Zedong. Depois que ele filosofou sobre a “grande importância de cometer erros”, aproveitei a oportunidade para acrescentar algo ao que havia dito anteriormente sobre os iugoslavos e falei sobre o trabalho dos revisionistas de Belgrado, por meio de seus agentes, para organizar uma conspiração na Conferência do Partido em Tirana, em abril de 1956.

— Em nossa opinião, — disse, — eles são incorrigíveis.

A resposta de Mao, no estilo chinês, foi uma frase fora de contexto:

— Vocês têm uma justa linha marxista-leninista.

Havia chegado a hora de partirmos. Agradecemos a ele pelo convite, por nos receber e pela ajuda que nos foi dada pela República Popular da China.

— Não há necessidade de nos agradecer, — interrompeu Mao, — primeiro, porque a ajuda que lhes demos é muito pequena, — fechou um dedo. — Em segundo lugar, — continuou ele, fechando o outro dedo, — somos membros da grande família do campo socialista, que tem a União Soviética à frente, e é o mesmo que passar algo de uma mão para a outra, partes do mesmo corpo.

Agradecemos a ele mais uma vez e nos levantamos. Tiramos várias fotos juntos, apertamos as mãos novamente e partimos.

Para dizer a verdade, nossas impressões dessa reunião não foram as que esperávamos e, quando saímos, conversei com Mehmet e Ramiz sobre o que havíamos ouvido. Na conversa com Mao, não aprendemos nada de construtivo que pudesse ser valioso para nós, e a reunião nos pareceu principalmente um gesto de cortesia. Ficamos especialmente desapontados com as coisas que ouvimos da boca de Mao sobre a Cominform, Stálin e a questão da Iugoslávia.

No entanto, ficamos ainda mais surpresos e preocupados com os procedimentos do 8º Congresso. Toda a plataforma desse Congresso foi baseada nas teses do 20º Congresso do Partido Comunista da União Soviética; de fato, em certas direções, as teses de Khrushchev foram levadas adiante por Mao Zedong, Liu Shaoqi e outros importantes dirigentes chineses.

Sentimos que a epidemia do revisionismo moderno também havia infectado a China. Não podíamos avaliar até que ponto a doença havia se espalhado naquela época, mas as coisas que ocorreram e estavam ocorrendo na China mostravam que, naquele momento, os dirigentes chineses estavam se apressando para não ficar para trás e, na verdade, para agarrar com as próprias mãos a bandeira heterogênea dos khrushchevistas.

Além de outras coisas, nos informes que Liu Shaoqi, Deng Xiaoping e Zhou Enlai apresentaram, um após o outro, no 8º Congresso, eles defenderam e aprofundaram ainda mais a linha permanente do Partido Comunista da China de ampla colaboração com a burguesia e os kulaks, “argumentaram” em apoio às grandes bênçãos que viriam para o “socialismo” ao tratar bem os capitalistas, os comerciantes e os intelectuais burgueses, colocando-os em posições de direção, propagando vigorosamente a necessidade de conciliação entre a classe operária e a burguesia nacional, o partido comunista e os outros partidos nacionalistas democráticos, nas condições do socialismo etc., etc. De fato, as “cem flores” e as “cem escolas” de Mao Zedong, que floresceram e se debateram nas sessões do congresso, floresceram e se debateram em todo o partido e Estado da China. Essa teoria das cem bandeiras de Mao Zedong, amplamente proclamada em maio de 1956 pelo membro suplente do Birô Político do PCCh, Lu Dingyi, constituiu a variante chinesa da teoria e da prática burguesa-revisionista sobre a “livre circulação de ideias e pessoas”, sobre a coexistência de uma miscelânea de ideologias, tendências, escolas e grupos dentro do socialismo¹.

Muitas vezes depois, voltei a esse período da história do Partido Comunista da China, tentando descobrir como e por que a linha profundamente revisionista de 1956 pareceu mudar de direção e, por algum tempo, tornou-se “pura”, “antirrevisionista” e “marxista-leninista”. É um fato, por exemplo, que em 1960 o Partido Comunista da China parecia estar se opondo fortemente às teses revisionistas de Nikita Khrushchev e confirmou que “estava defendendo o marxismo-leninismo” das distorções que estavam cometendo, etc. Foi justamente o fato de a China ter se manifestado contra o revisionismo moderno em 1960 e parecer estar aderindo às posições marxista-leninistas que fez com que nosso partido ficasse lado a lado com ela na luta que havíamos iniciado contra os khrushchevistas.

Entretanto, o tempo confirmou, e isso se reflete amplamente nos documentos

1. Mais tarde, descobriu-se que o decálogo totalmente revisionista de Mao Zedong, *Sobre as Dez Principais Relações*, pertence exatamente a esse período da “primavera” do revisionismo moderno – Nota do Autor.

de nosso partido, que em nenhum momento, seja em 1956 ou nos anos 1960, o Partido Comunista da China comportou-se ou agiu com base nas posições do marxismo-leninismo.

Em 1956, ela se apressou em assumir a bandeira do revisionismo, a fim de expulsar Khrushchev e conquistar para si o papel de dirigente do movimento comunista e operário internacional. Mas quando Mao Zedong e seus componentes principais perceberam que não sairiam facilmente triunfantes sobre o patriarca do revisionismo moderno, Khrushchev, por meio da disputa revisionista, os fizeram mudar de tática, fingiram rejeitar sua bandeira anterior, apresentaram-se como “marxista-leninistas puros”, esforçando-se, dessa forma, para conquistar as posições que não haviam conseguido conquistar com sua tática anterior. Quando essa segunda tática também não deu certo, eles “descartaram” sua segunda bandeira, supostamente marxista-leninista, e apareceram na arena como sempre foram, oportunistas, leais defensores de uma linha de conciliação e capitulação em relação ao capital e à reação. Veríamos todas essas coisas confirmadas na prática, por meio de uma longa, difícil e gloriosa luta que nosso partido travou em defesa do marxismo-leninismo.

Após o término dos procedimentos do congresso, eles nos levaram para visitar várias cidades e comunidades populares, como Pequim, Xangai, Tientsin, Nanquim, Port-Arthur etc., onde vimos a vida e o trabalho do grande povo chinês em primeira mão. Eram pessoas simples e trabalhadoras, com poucas pretensões, humildes e atenciosas com seus convidados. Pelo que os dirigentes chineses e as pessoas que nos acompanharam nos disseram, e pelo que pudemos ver por nós mesmos, parecia que eles haviam alcançado uma série de mudanças e desenvolvimentos positivos. No entanto, essas mudanças e desenvolvimentos não eram do nível que diziam ser, ainda mais se levarmos em conta o excepcional potencial humano do continente chinês e o desejo e a disposição do povo chinês para trabalhar.

Na China, eles conseguiram eliminar a fome em massa que sempre assolou o país, construíram usinas e fábricas e estavam organizando as comunas populares, mas era óbvio que o padrão de vida ainda era baixo, longe do nível, não apenas dos países socialistas desenvolvidos, mas até mesmo do nosso país. Nas visitas que fizemos por todo esse vasto país, nos contatos que tivemos com as massas, ficamos impressionados com o fato de que o comportamento delas era realmente bom, correto, mas observamos uma certa hesitação, tanto em relação a nós quanto em relação àqueles que nos acompanhavam. Era óbvio, por suas palavras e sua atitude em relação aos quadros, que algo do passado ainda estava presente. Ficou claro que os muitos séculos do passado, o poder absoluto dos imperadores chineses, dos

senhores feudais e capitalistas, dos exploradores japoneses, americanos, britânicos e outros estrangeiros, o budismo e todas as outras filosofias reacionárias, das mais antigas às mais “modernas”, não só deixaram esse povo em um terrível atraso econômico, como também cultivaram a mentalidade escravagista de submissão, de crença cega e de obediência inquestionável a autoridades de todos os níveis em sua visão de mundo. É claro que essas coisas não podem ser eliminadas de uma só vez, e nós as consideramos como formas de atavismo, que seriam eliminadas da consciência desse povo, que, com suas qualidades positivas e com uma direção sólida, seria capaz de realizar milagres.

Além das reuniões com Mao Zedong e outros dirigentes chineses, durante os dias de nossa estada na China, também tivemos a oportunidade de nos reunir com várias delegações de partidos comunistas e de trabalhadores que participaram do 8º Congresso do PCCh.

Todos eles saudaram com entusiasmo a “nova linha” do período após o 20º Congresso.

Os búlgaros a chamaram de “linha de abril”, pois haviam organizado uma Plenária de seu Comitê Central naquele mês, no qual deram fim às posições de Blagoyev e Dimitrov e adotaram a linha khrushchevista.

— Reabilitamos Traycho Kostov, porque não conseguimos encontrar nenhuma prova de sua culpa, — exclamou Anton Yugov.

Ele falou como se estivesse um pouco apreensivo. Aparentemente, ele sentiu que, mais cedo ou mais tarde, eles o derrubariam, a fim de aproveitar toda a linha revisionista que havia sido preparada na Bulgária de acordo com as ordens de Khrushchev. Dej, o homem da Cominform, que alguns anos antes havia proferido o informe denunciando a atividade dos revisionistas de Belgrado, agora tinha feito as pazes com Tito em Bucareste e estava se preparando para beijá-lo na Iugoslávia.

— Estou indo para Belgrado para conhecer Tito! — ele nos disse, assim que nos encontramos em Pequim, onde ele também foi convidado para o congresso. — Tito é um bom camarada, não como Kardelj e Popović, — continuou (Três meses antes, tínhamos ouvido isso em russo, e agora tínhamos que ouvir em romeno também!). — Quando Tito foi para Moscou em junho, — continuou Dej, — nós o convidamos para ficar em Bucareste também e conversar conosco, mas ele não aceitou. Então, o que fizemos? Reunimos toda a direção do partido e do estado e fomos encontrá-lo na estação ferroviária. O que Tito poderia fazer, ele estava encurralado! E nós o obrigamos a ficar não apenas 45 minutos para descansar, como ele havia planejado, mas duas horas inteiras! — “Uma bela ‘obrigação’ que vocês impuseram a Tito”, eu

disse a mim mesmo. — Quando o camarada Tito estava prestes a voltar da União Soviética, ele nos informou que queria ficar para conversar em Bucareste. Acolhemos esse pedido, o encontramos e conversamos com ele... — e Dej continuou a nos dar todos os detalhes sobre como as coisas foram resolvidas com Tito.

— Agora que eu mesmo estou indo para Belgrado, gostaria que eu falasse por você? — me perguntou.

— Se quiser falar em nosso nome, — eu disse a Gheorghiu Dej, — diga a ele para desistir de suas atividades conspiratórias e secretas contra a República Popular da Albânia e o Partido do Trabalho da Albânia. Diga-lhe que, antes e depois da Conferência de Tirana, os diplomatas iugoslavos estavam envolvidos em atividades perversas... — e contei-lhe brevemente o que havia ocorrido em nosso país após o 20º Congresso.

— É sério? — eu vi que ele estava chateado. Ele não estava satisfeito com o fato de eu ter denunciado Tito. Dej também demonstrou os mesmos sentimentos mais tarde, quando o encontrei depois que ele fez sua tão desejada visita de reconciliação a Belgrado e se colocou do lado de Tito. Alguns meses depois dessa visita, passei por Bucareste, onde encontrei e conversei com Dej e Bodnaras.

No decorrer das conversas, Bodnaras (Emil, o mais velho) começou a me dizer que eles haviam estado com Tito e que, nas conversas com ele, o assunto era a Albânia.

— Tito falou bem e com muita simpatia pelo seu país, de seu povo heroico, — contou Bodnaras, — e expressou seu desejo de manter boas relações com vocês. — Em outras palavras, esse “porta-voz” titoísta estava se tornando um intermediário para a conciliação com Tito, tentando conseguir o que Khrushchev não havia conseguido.

Coloquei Bodnaras em seu lugar, dizendo-lhe que estaríamos lutando até o fim contra Tito e o titoísmo, porque ele era um renegado do marxismo-leninismo.

— De nossa parte, não haverá conciliação com Tito. — disse eu sem rodeios a Bodnaras.

Durante o tempo em que eu estava falando sobre Tito para Bodnaras, observei que Dej estava rabiscando com um lápis em um pedaço de papel branco, sem dúvida por causa da irritação, mas ele não falou nada — minhas palavras tinham um gosto amargo para ele.

Mas voltemos à China, às reuniões que tivemos naqueles dias com outros companheiros dos partidos irmãos.

Foi interessante: todos que conhecemos estavam falando sobre reabilitações e Tito. Até mesmo Zhou Enlai nos disse em uma reunião que tivemos com ele:

— Tito me convidou para visitar a Iugoslávia e eu aceitei o convite. Se você con-

cordar, posso ir à Albânia também, nesta ocasião.

— Concordamos de todo o coração que você deve vir à Albânia, — dissemos a ele e agradecemos pela proposta, embora não nos parecesse nada agradável que o Primeiro-Ministro da China relacionasse sua vinda à Albânia “com a ocasião” de sua visita à Iugoslávia.

No entanto, como escrevi acima, era a época em que a febre do revisionismo havia contagiado a todos, e todos estavam tentando ir a Belgrado o mais rápido possível para receber a bênção e a “experiência” do veterano do revisionismo moderno. Um dia, Scoccimarro veio até mim e reclamou que Togliatti tinha ido para Belgrado, mas não tinha se dado bem com Tito.

— O que você quer dizer com isso? — perguntei, não sem ironia. — Eles brigaram?

— Não, — respondeu, — mas eles não concordaram com tudo. No entanto, de nossa parte, enviaremos uma delegação a Belgrado para adquirir experiência.

— Em que direção? — perguntei.

— Os camaradas iugoslavos combateram a burocracia de forma eficaz e agora não há burocracia na Iugoslávia, — respondeu.

— Como você sabe que não há burocracia lá? — perguntei.

— Porque lá os trabalhadores também obtêm lucros, — foi essa porcaria a sua resposta. Falei a ele sobre a posição do nosso partido em relação a esse problema, mas o italiano só conseguiu pensar em Tito. Mehmet interveio e lhe perguntou:

— Por que vocês querem enviar pessoas “para adquirir experiência” apenas na Iugoslávia? Por que não enviaram essas delegações também para os países de democracia popular, como a Albânia, por exemplo?

O camarada italiano ficou confuso por um momento e depois encontrou a solução:

— Nós as enviaremos, — tergiversou, — por exemplo, a experiência da China em relação à conciliação da classe operária com a burguesia nacional e do partido comunista com os outros partidos democráticos é muito valiosa para nós. Nós a estudaremos...

Ele havia acertado em cheio. E, a partir de agora, os revisionistas italianos poderiam ir não apenas à Iugoslávia e à China, mas a todos os lugares, para dar e receber experiência da traição à causa do proletariado, da revolução e do socialismo. Somente em nosso país eles não vieram e não tinham motivo para vir, porque somente o marxismo-leninismo é implementado em nosso país. Mas, evidentemente, essa experiência não é útil para eles.

Em 3 de outubro de 1956, partimos em nossa viagem de volta. Toda essa viagem nos deixou ainda mais convencidos das grandes e perigosas proporções que o

revisonismo moderno khrushchevista havia assumido.

Em Budapeste, vimos uma das consequências monstruosas da “nova linha” khrushchevista-titoísta: a contrarrevolução. Ela estava fervendo há muito tempo e agora estava prestes a explodir.

OS “DEMÔNIOS” ESCAPAM DO CONTROLE



A contrarrevolução em ação na Hungria e na Polônia. Mátyás Rákosi. Quem preparou o “caldo” em Budapeste? Conversa com dirigentes húngaros. Debate com Suslov em Moscou. A “autocrítica” de Imre Nagy. A queda de Rákosi. A reação avança. Khrushchev, Tito e Gerö na Crimeia. Andropov: “Não podemos chamar os insurgentes de contrarrevolucionários”. A direção soviética fica hesitante. O Partido dos Trabalhadores Húngaros é liquidado. Nagy anuncia a retirada da Hungria do Tratado de Varsóvia. Parte das manobras dos bastidores: as cartas entre Tito e Khrushchev. Polônia 1956. Gomulka senta-se no trono. Em retrospecto: Bierut. O programa contrarrevolucionário de Gomulka. O que aprendemos com os eventos de 1956. Conversas em Moscou, dezembro de 1956.



A INFEÇÃO DO 20º CONGRESSO ARMOU E ENCORAJOU TODOS OS ELEMENTOS CONTRARREVOLUCIONÁRIOS NOS PAÍSES SOCIALISTAS E NOS PARTIDOS COMUNISTAS E OPERÁRIOS, encorajou todos aqueles que se disfarçaram e estavam aguardando o momento de derrubar o socialismo onde quer que ele tenha triunfado.

Os contrarrevolucionários na Hungria, Polônia, Bulgária, Tchecoslováquia e em outros lugares, os traidores do marxismo-leninismo nos partidos da Itália, da França, e os titoístas iugoslavos, receberam com alegria as teses enfermas de Khrushchev sobre “democratização”, o “culto a Stálin”, a reabilitação de inimigos condenados, “coexistência pacífica”, “transição pacífica do capitalismo para o socialismo”, etc. Essas teses e palavras de ordem foram adotadas com entusiasmo e esperança pelos revisionistas, no poder ou fora dele, pela social-democracia e pelos intelectuais burgueses reacionários.

Os eventos na Hungria e na Polônia foram o prólogo visível da contrarrevolu-

ção que seria realizada de forma mais ampla e completa, não apenas lá, mas também na Bulgária, na Alemanha Oriental, na Tchecoslováquia, na China e, principalmente, na União Soviética.

Depois de garantir suas posições até certo ponto na Bulgária, Romênia, Tchecoslováquia e em outros lugares, a quadrilha khrushchevista atacou a Hungria, cuja direção não estava se mostrando tão obediente ao caminho soviético. Entretanto, Tito, juntamente com os americanos, estava de olho na Hungria.

Como estava se tornando evidente, a Hungria tinha muitos pontos fracos. Lá, o partido havia sido fundado e dirigido por Rákosi, em torno do qual haviam vários comunistas veteranos, como Gerö e Münnich, mas também novatos que acabavam de surgir, que encontraram a mesa já posta para eles, pelo Exército Vermelho e por Stálin. A “construção do socialismo” na Hungria começou, mas as reformas não foram suficientemente radicais. O proletariado estava à frente, mas sem incomodar seriamente a pequena burguesia. O partido húngaro era supostamente uma combinação do partido comunista ilegal (prisioneiros de guerra húngaros capturados na União Soviética), dos antigos comunistas de Bela Kun e do partido social-democrata. Assim, essa combinação era um enxerto doente, que nunca se estabeleceu de fato, até que a contrarrevolução e Kadar, juntamente com Khrushchev e Mikoyan, emitiram o decreto para a liquidação total do Partido dos Trabalhadores Húngaros (MDP).

Conheci Rákosi de perto e gostava dele. Conversei com ele em muitas ocasiões, porque o visitei várias vezes, tanto a negócios quanto em família, com Nexhmije. Rákosi era um homem honesto, um velho comunista e um dirigente da Comintern. Seus objetivos eram bons, mas seu trabalho foi sabotado por dentro e por fora. Enquanto Stálin estava vivo, tudo parecia estar indo bem, mas depois de sua morte, os pontos fracos na Hungria começaram a aparecer.

Certa vez, em uma conversa com Rákosi, ele falou sobre o exército húngaro e perguntou sobre o nosso.

— Nosso exército é fraco; não temos quadros. Os oficiais são os antigos do exército de Horthy; portanto, estamos pegando trabalhadores comuns das fábricas de Csepel e colocando-os em uniformes de oficiais, — disse-me.

— Sem um exército forte, o socialismo não pode ser defendido, — afirmei a Rákosi. — Você deve se livrar dos homens de Horthy. Fizeram muito bem ao convocar os trabalhadores, e agora devem dar especial atenção à sua formação adequada.

Enquanto estávamos conversando na casa de Rákosi, Kadar chegou. Ele tinha acabado de voltar de Moscou, onde foi tratar de uma doença ocular. Rákosi me apresentou, perguntou como estava sua saúde e lhe deu permissão para ir para casa.

Quando ficamos a sós, Rákosi disse:

— Kadar é um quadro bem jovem e nós o nomeamos Ministro dos Assuntos Internos.

Para dizer a verdade, ele não me pareceu ser a pessoa certa para ser Ministro dos Assuntos Internos.

Em outra ocasião, conversamos sobre a economia. Ele me falou sobre a economia da Hungria, especialmente sobre a agricultura, que estava indo tão bem que as pessoas podiam comer à vontade e não sabiam o que fazer com toda a carne de porco, salsicha, cerveja e vinhos! Abri os olhos de surpresa, pois sabia que não só em nosso país, mas em todos os países socialistas, inclusive na Hungria, a situação não era assim. Rákosi tinha um equívoco: ele era otimista e exagerava nos resultados do trabalho. Porém, apesar dessa fraqueza, na minha opinião, Mátyás tinha um bom e grande coração comunista e não tinha uma visão incorreta da linha de desenvolvimento do socialismo. É preciso reconhecer, em minha opinião, que a reação internacional, apoiada pelo clero, pela poderosa camada kulak e pelos fascistas horthyvistas disfarçados, começaram a minar a Hungria e a direção de Rákosi, agindo em conjunto com o titoísmo iugoslavo e seus agentes internos, dirigida por Rajk, Kadar (disfarçado) junto a outros e, por fim, também por Khrushchev e os khrushchevistas, que não apenas não gostavam de Rákosi e daqueles que o apoiavam, mas até mesmo o odiavam, porque ele era leal a Stálin e ao marxismo-leninismo, e quando necessário, se opunha a eles com autoridade nas reuniões conjuntas. Rákosi era um dos membros da velha guarda da Comintern e, para os revisionistas modernos, a Comintern era o *ête noire*¹.

Desta forma, a Hungria se tornou no antro das intrigas e conspirações entre Khrushchev, Tito e os demais contrarrevolucionários (por trás dos quais estava o imperialismo americano), que degeneraram o partido húngaro junto às posições de Rákosi e dos elementos sólidos na direção do partido. Rákosi era um obstáculo tanto para Khrushchev, que queria colocar a Hungria sob seu controle, quanto para Tito, que queria destruir o campo socialista e tinha um ódio duplo por Rákosi, como um dos “stalinistas” que o denunciaram em 1948.

Em abril de 1957, quando o “grupo antipartidário” de Malenkov, Molotov, etc., ainda não havia sido liquidado, eu estava em Moscou com uma delegação do nosso partido e governo. Depois de um jantar não oficial no Kremlin, em Yekaterinsky Zal, sentamos em um canto para tomar café com Khrushchev, Molotov, Mikoyan,

1. “*Ser obscuro*” (Em francês no original).

Bulganin, etc. Durante a conversa, Molotov virou-se para mim e, como se estivesse brincando, disse:

— Amanhã Mikoyan irá para Viena, para tentar preparar o mesmo caldo que fez em Budapeste.

Para manter a conversa, perguntei a ele:

— Foi Mikoyan quem preparou aquele caldo?

— Quem mais seria? — disse Molotov.

— Então Mikoyan não pode voltar para Budapeste novamente. — afirmei.

— Se Mikoyan for lá novamente, o enforçarão. — continuou Molotov.

Khrushchev baixou os olhos e estava mexendo seu café. Mikoyan franziu a testa, cerrou os dentes e depois disse com um sorriso cínico:

— Por que eu não deveria ir para Budapeste? Se me enforcarem, enforçarão Kadar também, porque preparamos aquele caldo juntos.

O papel dos khrushchevistas na tragédia húngara ficou clara para mim.

Os esforços de Khrushchev e Tito para liquidar tudo o que era correto na Hungria os unificaram e, portanto, eles coordenaram juntos suas atividades. Com a visita de Khrushchev a Belgrado, eles direcionaram seus ataques para reabilitar os conspiradores titoístas, Koçi Xoxe, Rajk, Kostov, etc. Embora nosso partido não tenha se afastado nem um pouco de suas posições justas e baseadas em princípios, o partido húngaro cedeu e, Tito e Khrushchev triunfaram. Com Rajk, a traição foi reabilitada. As posições de Rákosi ficaram bastante enfraquecidas.

É possível que a direção do partido húngaro, sob o comando de Rákosi e Gerö, também tenham cometido erros econômicos, mas não foram eles que causaram a contrarrevolução. O principal erro de Rákosi e de seus camaradas foi o de não terem se mantido firmes, mas terem vacilado sob a pressão de inimigos externos e internos. Eles não mobilizaram o partido e o povo, a classe operária, para cortar pela raiz as tentativas da reação, fizeram concessões a ela, reabilitaram inimigos como Rajk, etc., e enfraqueceram a situação a ponto de a contrarrevolução eclodir.

Em junho de 1956, a caminho de Moscou para uma reunião da Comecon, conversei com os camaradas do Birô Político do Partido dos Trabalhadores Húngaros em Budapeste. Não encontrei Rákosi, Hegedüs, que era o Primeiro-Ministro, nem Gerö, porque eles haviam partido de trem para Moscou. (Na verdade, em Moscou, não encontrei ou vi Rákosi em nenhuma consulta ou em qualquer outro lugar. Sem dúvida, ele estava “descansando” em alguma “clínica” onde os soviéticos o “conveneceram a entregar sua renúncia”. Apenas duas ou três semanas depois ele foi dispensado das funções que exercia). Os camaradas húngaros me disseram que tinham

algumas dificuldades em seu partido e em seu Comitê Central.

— Foi criada uma situação contra Rákosi no Comitê Central. — disseram-me. — Farkas, que era membro do Birô Político, assumiu a bandeira da oposição a ele.

— Chegou a hora de Farkas ser expulso não apenas do Comitê Central, mas também do partido, — dizia Bata, o Ministro da Defesa. — Sua posição é antipartidária e hostil. Sua tese é: “Cometi erros; Beria é um traidor. Mas quem mandou que eu cometesse esses erros? Rákosi”.

— Essa questão também foi levantada por Revay, que propôs que “deveríamos criar uma comissão para estudar esses e aqueles erros de Rákosi”. — disseram-me os camaradas húngaros.

Nesse ponto, eu os interrompi e perguntei:

— Então o Comitê Central não tem confiança no Birô Político?

— Então, ao que parece, — informaram-me, — fomos obrigados a aceitar a comissão, mas decidimos que seu informe seria enviado primeiro ao Birô Político.

— O que é essa comissão? — perguntei. — O Comitê Central deve encarregar o Birô Político de tais assuntos e o informe deve ser discutido no Comitê Central. Se for considerado necessário, o Comitê Central destitui o Birô Político.

Entre outras coisas, os camaradas húngaros me contaram que Imre Nagy, que havia sido expulso do partido por ser um contrarrevolucionário, havia organizado um grande jantar por ocasião de seu aniversário, para o qual havia convidado 150 pessoas, incluindo membros do Comitê Central e do governo. Muitos deles aceitaram o convite do traidor e foram ao jantar. Quando um membro do Comitê Central perguntou aos camaradas da direção se ele deveria ir ou não, eles responderam: “Isso cabe a você decidir”. É claro que essa resposta foi surpreendente para mim e perguntei aos camaradas húngaros:

— Mas por que vocês não disseram categoricamente que ele não deveria ir por Imre Nagy ser um inimigo?

— Deixamos que ele julgasse e decidisse por si mesmo com sua própria consciência. — essa foi a resposta.

Durante essa conversa, os dirigentes húngaros admitiram que tinham uma situação difícil no partido. O 20º congresso havia ampliado esses problemas.

— Há grupos no partido, escritores, etc. — disseram, — que não estão nos trilhos, que querem se aproveitar do 20º Congresso. Esses elementos nos dizem: “O 20º Congresso confirma nossas teses de que há erros na direção. Portanto, estamos certos”.

— A entrevista de Togliatti nos causou muitos problemas, — afirmou um dos presentes. — Há membros do Comitê Central que me disseram: “O que estamos

fazendo? Seria melhor agir, ter uma política diferente e independente na Hungria também, como na Iugoslávia”.

Na verdade, as coisas lá tinham ido de mal a pior. Outro membro do Comitê Central disse a eles com raiva: “Vocês do Birô Político ainda estão escondendo de nós questões como as do 20º Congresso? Por que não estão publicando a entrevista de Togliatti?”

— E nós a publicamos, porque o partido precisava ser informado! — disseram-me os camaradas do Birô Político.

Eu disse aos camaradas húngaros que a situação conosco era boa e expliquei como agimos na Conferência de Tirana.

— Há uma democracia adequada no partido, — enfatizei, — democracia que deve fortalecer a situação e a unidade e não as destruir. Portanto, fomos duros com aqueles que tentaram explorar a democracia em detrimento do partido. Não permitimos que tais coisas ocorressem entre nós.

Falando sobre a entrevista de Togliatti, perguntaram minha opinião sobre ela:

— Com o que ele disse, Togliatti não está batendo bem. respondi. — É claro que não levantamos nossas objeções a ele publicamente, mas convocamos os Primeiros-Secretários dos comitês distritais do partido e explicamos a questão a eles, para que estejam vigilantes e prontos a qualquer momento.

Szallay, membro do Birô Político, levantou-se e disse:

— Eu li a entrevista de Togliatti e ela não é tão ruim assim. O começo é bom, e só a parte final estraga tudo.

— Não a publicamos e ficamos surpresos com a transmissão pela Rádio de Praga. — afirmei a eles.

A partir dessa conversa, formei a convicção de que a linha deles era instável. Além disso, parecia que os elementos mais sólidos do Birô Político estavam sob pressão de elementos contrarrevolucionários e, portanto, eles próprios haviam vacilado. O Birô Político parecia ser sólido, mas estava completamente isolado.

À noite, eles ofereceram um jantar para nós no prédio do Parlamento, em uma sala onde um grande retrato de Átila pendurado na parede chamava a atenção. Conversamos novamente sobre a grave situação que estava fervilhando na Hungria. Mas parecia que eles haviam perdido o senso de direção. Eu disse a eles:

— Por que estão agindo assim? Como podem ficar parados diante dessa contrarrevolução que está surgindo? Por que estão simplesmente observando e não tomam medidas práticas?

— Que medidas poderíamos tomar? — perguntou um deles.

— Deveriam fechar o Clube Petöfi imediatamente, prender os principais responsáveis e arruaceiros, trazer a classe trabalhadora armada para as ruas e cercar Esztergom. Se não podem prender Mindszenty, quem dirá prender Imre Nagy? Fuzilem alguns desses líderes contrarrevolucionários para lhes ensinar o que é a ditadura do proletariado.

Os camaradas húngaros arregalaram os olhos de surpresa, como se quisessem me dizer: “Você enlouqueceu?” Um deles me disse:

— Não podemos agir como você sugere, camarada Enver, porque não consideramos a situação tão alarmante. Temos a situação sob controle. O que eles estão gritando no Clube Petöfi é uma tolice infantil e, se alguns membros do Comitê Central foram parabenizar Imre Nagy, eles o fizeram porque há muito tempo eram camaradas, e não porque discordavam do Comitê Central que expulsou Imre de suas fileiras.

— Ao que me parece, vocês estão encarando o assunto com leviandade. — deixei claro. — Vocês não percebem o grande perigo que paira sobre vocês. Acredite em nós, conhecemos bem os titoístas e sabemos o que eles querem, como anticomunistas e agentes do imperialismo que são.

Eu era uma voz no deserto. Comemos aquele jantar de mau agouro e, durante a conversa que durou várias horas, os camaradas húngaros continuaram a despejar em meus ouvidos que “tinham a situação sob controle” e outras histórias.

De manhã, embarquei no avião e fui para Moscou. Encontrei Suslov em seu escritório no Kremlin. Como de costume, ele me recebeu com aqueles seus trejeitos, dançando como as bailarinas do Bolshoi, e quando nos sentamos, ele me perguntou sobre a Albânia. Depois de trocarmos opiniões sobre nossos problemas, levantei a questão da Hungria. Contei-lhe minhas impressões e opiniões com franqueza, exatamente como as havia expressado aos camaradas húngaros. Suslov me observou com aqueles olhos penetrantes através de seus óculos de aro de chifre e, enquanto eu falava, notei sinais de descontentamento, tédio e raiva em seus olhos. Esses sentimentos e essa desaprovação foram acompanhados de rabiscos com um lápis em uma folha de papel que ele tinha sobre a mesa. Continuei a falar e concluí dizendo que estava surpreso com a passividade e a “falta de preocupação” dos camaradas húngaros.

Suslov começou a falar com sua voz rouca e, em essência, disse:

— Não podemos concordar com seus julgamentos sobre a questão húngara. O senhor está desnecessariamente alarmado. A situação não é como você pensa. Talvez você não tenha informações suficientes. — e Suslov falava sem parar, tentando me “acalmar” e me convencer de que não havia nada de alarmante na situação da

Hungria. Não fiquei nem um pouco convencido com seus “argumentos”, e os eventos que ocorreram nos dias seguintes confirmaram que nossas observações e opiniões sobre a grave situação na Hungria estavam completamente corretas. Cerca de dois meses depois, no final de agosto de 1956, tive outra discussão amarga com Suslov sobre a questão húngara. Ao passar por Budapeste, quando estávamos indo para o congresso do partido chinês, depois de uma conversa que tivemos no aeroporto com os dirigentes húngaros da época, ficamos ainda mais convencidos de que a situação na Hungria estava se tornando desastrosa, que a reação estava se movendo e que, com suas ações, a direção húngara estava contribuindo com a contrarrevolução. Durante a escala que fizemos em Moscou, Mehmet, Ramiz e eu nos encontramos com Suslov e lhe contamos nossos desconfortos, para que ele as transmitisse à direção soviética. Suslov manteve a mesma posição da reunião que tive com ele em junho.

— Com relação ao que vocês dizem, que a contrarrevolução está em ebulição, — expôs Suslov, — não temos fatos, seja da inteligência ou de outras fontes. Os inimigos estão fazendo alarde sobre a Hungria, mas a situação está sendo normalizada lá. É verdade que há alguns movimentos estudantis, mas eles são inofensivos e estão sob controle. Os iugoslavos não estão operando lá, como vocês afirmam. Vocês devem saber que não apenas Rákosi, mas também Gerö cometeram erros...

— Sim, é verdade que eles cometeram erros, porque reabilitaram os traidores húngaros titoístas que planejavam implodir o socialismo, — interrompi. Suslov franziu os lábios finos e depois continuou:

— Quanto ao camarada Imre Nagy, não podemos concordar com você, camarada Enver.

— Fico muito surpreso, — aludi, — que você se refira a ele como “camarada Imre Nagy” quando o Partido dos Trabalhadores Húngaros o expulsou.

— Talvez eles tenham feito isso, — replicou Suslov, — mas ele se arrependeu e fez uma autocrítica.

— As palavras vão com o vento, — objetei, — não acredite em palavras...

— Não, — certificou Suslov, com o rosto corado. — Temos sua autocrítica por escrito, — e ele abriu uma gaveta e retirou uma nota assinada por Imre Nagy, endereçada ao Partido Comunista da União Soviética, na qual ele dizia que estava errado “em suas opiniões e ações” e “buscava o apoio dos soviéticos”.

— Você realmente acredita nisso? — perguntei a Suslov.

— Por que não deveríamos acreditar nisso? — respondeu ele, e continuou, — Os camaradas podem cometer erros, mas quando eles reconhecem seus erros, devemos estender nossa mão a eles.

— Ele é um traidor, — exclamei a Suslov, — e achamos que vocês estão cometendo um erro grave ao estender a mão a um traidor.

Isso encerrou a conversa com Suslov e saímos discordando dele. Nessa reunião, tivemos a impressão de que, depois de condenar definitivamente Rákosi, os soviéticos estavam temerosos e alarmados com a situação na Hungria, não sabiam o que fazer e estavam buscando uma solução antes que a tempestade começasse. Sem dúvida, eles estavam conversando com Tito sobre uma solução conjunta. Eles estavam preparando Imre Nagy, achando que dominariam a situação na Hungria por meio dele. E foi o que aconteceu.

O círculo em torno de Rákosi era muito fraco. Nem o Comitê Central nem o Birô Político estavam à altura da situação. Pessoas como Hegedüs, Kadar, velhos como Münnich e alguns novatos sem nenhuma experiência no partido e na luta enfraqueciam cada vez mais a condução dos negócios e caíam na teia de aranha titoísta-khrushchevista.

Toda essa aventura estava sendo febrilmente preparada. A reação despertou, surgiu, falou e agiu abertamente. Aquele pseudocomunista, kulak e traidor, Imre Nagy, com a máscara do comunismo, tornou-se o porta-voz do titoísmo e da luta contra Rákosi. Este último, havia percebido o perigo que ameaçava o partido e o país, e tomou medidas contra Imre Nagy, expulsando-o do partido no final de 1955. Mas já era tarde demais. A Hungria havia sido apanhada na teia de aranha da contrarrevolução e estava perdida. Rákosi foi atacado por Khrushchev, por Tito, pelo centro de Esztergom e também pela reação estrangeira. Anna Ketli, Mindszenty, os condes e barões a serviço da reação mundial, que haviam se reunido na Hungria, bem como fora dela, na Áustria e em outros lugares, organizaram a contrarrevolução e enviaram armas para o banho de sangue que estavam preparando.

O Clube Petöfi tornou-se o centro da reação. Alegadamente, era um clube cultural da União da Juventude, mas, na verdade, funcionava, sob o nariz do partido húngaro, como um centro onde os intelectuais reacionários não apenas falavam contra o socialismo e a ditadura do proletariado, mas também se preparavam e se organizavam até chegarem ao ponto de apresentar arrogantemente suas exigências ao partido e ao governo na forma de um ultimato. Inicialmente, enquanto Rákosi ainda estava à frente, foram feitas tentativas de tomar algumas medidas: o Clube Petöfi foi atacado em uma resolução do Comitê Central, um ou dois escritores foram expulsos do partido, mas essas foram meras picadas de alfinete, e não medidas radicais. O ninho da contrarrevolução continuou a existir e, pouco tempo depois, quase todos os que haviam sido atacados foram reabilitados.

Rebaixado, Imre Nagy continuou sentado como um paxá em sua casa, da qual havia transformado em um refúgio para seus correligionários. Entre esses correligionários, haviam pessoas no Comitê Central do Partido dos Trabalhadores Húngaros. Os dirigentes húngaros iam e voltavam de Moscou atordoados e, em vez de tomar medidas contra o elemento reacionário que estava se formando, seus supostos camaradas do Comitê Central iam visitar Imre Nagy em sua casa para parabenizá-lo pelo seu aniversário. Os cortesãos de Rákosi tornaram-se cortesãos de Nagy e abriram caminho para que ele tomasse o poder.

A decisão de demitir Rákosi foi tomada em Moscou e Belgrado. Ele cedeu e não resistiu à pressão dos khrushchevistas e dos titoístas, e às intrigas de seus agentes na direção húngara. Eles forçaram Rákosi a renunciar, supostamente por “motivos de saúde” (porque ele sofria de hipertensão!), enquanto admitia “seus erros em violação da lei”. No início, falou-se sobre os méritos do “camarada Mátyás Rákosi” (assim, eles o “enterraram” com honras), depois falaram-se sobre seus erros, até chegar ao ponto de falar sobre a “quadrilha criminoso de Rákosi”. Na preparação das manobras de bastidores que precederam a remoção de Rákosi, um papel importante foi desempenhado por Suslov, que, exatamente nessa época, foi para a Hungria de férias(!).

Aparentemente, Rákosi foi o último obstáculo que impediu que a carroça revisionista seguisse a toda velocidade. É verdade que Gerö foi eleito Primeiro-Secretário, e não Kadar, como queriam os soviéticos e os iugoslavos, mas seus dias estavam contados. Kadar, que havia estado na prisão e se reabilitado um pouco antes, foi eleito para o Birô Político no início e, como homem de Khrushchev e Tito, na verdade ele era o “primeiro violino”.

Após a plenária de julho de 1956 (na qual Gerö substituiu Rákosi e Kadar no Birô), a reação avançou e a autoridade do partido e do governo praticamente não existiam mais. Os elementos contrarrevolucionários exigiam insistentemente a reabilitação de Nagy e a remoção dos poucos elementos sólidos que restavam na direção. Gerö, Hegedüs e outros foram de cidade em cidade e de fábrica em fábrica tentando esfriar os ânimos, prometendo “democracia”, “o estado de direito socialista” e aumento de salário. Obviamente, todas essas coisas foram feitas não da maneira marxista-leninista correta, mas submetendo-se à pressão do poderoso levante da pequena burguesia e da reação.

Consideramos a remoção de Rákosi da direção do partido húngaro um erro que causou grandes danos e enfraqueceu seriamente a situação na Hungria, e expressamos essa opinião aos dirigentes soviéticos quando fomos a Moscou em dezembro.

Os próprios eventos mostraram como estávamos certos.

O “feliz” período de liberalização começou, o período de tirar da prisão e do túmulo aqueles que a ditadura do proletariado havia condenado com justiça. Aquele traidor, Rajk, e seus agentes foram reenterrados após uma cerimônia pomposa da qual participaram milhares de pessoas, encabeçadas pela direção húngara, e que terminou com “A Internacional”. Assim, Rajk, um traidor, tornou-se o “camarada Rajk”, e um herói nacional da Hungria, quase o mesmo que Kossuth.

Após uma carta formal ao Comitê Central, Nagy foi readmitido no partido e aguardou com confiança o desenrolar dos acontecimentos que o levariam ao poder. Eles não demoraram muito para acontecer.

Depois de Rajk, muitos outros condenados anteriormente entraram em cena: oficiais e padres, pessoas condenadas por crimes políticos e ladrões, aos quais foi dada satisfação moral e material. A viúva de Rajk recebeu 200 mil forints como recompensa pela traição do marido, e os jornais de Budapeste publicaram reportagens sobre a generosidade da “Madame Rajk”, que doou essa quantia para as faculdades públicas. Os condenados pelos tribunais foram proclamados vítimas de Rákosi, Gabor Peter e Mihaly Farkas, que tinha sido preso nessa época. As principais autoridades imploraram o perdão da reação por seus “crimes”. “Mas o que poderíamos fazer”, disse o Ministro da justiça, “quando o próprio camarada Rajk admitiu sua culpa!”

Hegedüs, quando ainda era Primeiro-Ministro, declarou sob a pressão de Khrushchev: “Lamentamos muito que nosso partido e governo tenham difamado os iugoslavos”, enquanto Gerö, em seu primeiro discurso após ter sido eleito para a direção do partido, disse: “Nosso partido ainda precisa pagar suas dívidas com a Liga dos Comunistas e com os dirigentes da Iugoslávia, e negar as calúnias que espalhamos em detrimento da República Popular Federal da Iugoslávia”.

Em tudo o que estava acontecendo, Gerö, que era um dos dirigentes mais antigos do partido, provou ser um oportunista e um covarde que oscilava de um lado para o outro e se movia como uma marionete manipulada pelos verdadeiros atores nos bastidores da tragédia húngara. Quando Tito estava de “férias” na Crimeia, Gerö foi conversar com ele na casa de Khrushchev e os três, junto com suas suítes, “passearam à beira-mar, conversaram e tiraram fotos”. Se a história das intrigas e manobras diabólicas em detrimento dos povos for escrita, essas serão “fotografias históricas”. Aqui, na casa de Khrushchev em Yalta, foram dados os primeiros passos para a conciliação e, alguns dias depois, Gerö, com Hegedüs e Kadar, foi para Belgrado, onde conversaram com Rankovic. Pouco tempo depois, quando os distúr-

bios começaram, Gerö foi jogado na lata de lixo e Kadar, com a bênção de Khrushchev, as manobras de Mikoyan e do ideólogo revisionista Suslov, foi elevado a Primeiro-Secretário.

Enquanto isso, Imre Nagy saiu de seu buraco, assumiu o poder, gritou em triunfo, proclamou a “democracia” e Tito estava no auge de sua vitória. A reação chegou ao poder, mafiosos vieram do exterior, os partidos fascistas horthyvistas e clericais da burguesia foram reformados. O imperialismo encheu o país de espões e estava enviando armas por atacado da Áustria. A Rádio Europa Livre incitava a contrarrevolução dia e noite, e pedia a derrubada junto a liquidação total da ordem socialista. Ainda antes, a Hungria havia aberto suas portas para espões disfarçados de turistas.

Quando passamos por Budapeste em outubro de 1956, na viagem de volta da China, os próprios membros do Birô do Partido dos Trabalhadores Húngaros nos disseram que “20 mil turistas visitaram a Hungria recentemente”. Quando eu disse que isso era perigoso, eles responderam: “Mas nós recebemos grandes câmbios deles”. Após a remoção de Rákosi, especialmente naqueles dias odiosos de outubro, as portas se abriram para os horthyvistas, os barões e condes, os antigos senhores e opressores da Hungria. Esterhazy se estabeleceu no centro de Budapeste e telefonou para as embaixadas, anunciando que pretendia se colocar à frente do governo. Mindszenty, libertado da prisão, voltou ao seu palácio escoltado pela “Guarda Nacional” e abençoou o povo. Os antigos partidos, os partidos dos proprietários, os partidos dos camponeses, os partidos social-democratas e os partidos católicos, reviveram como vermes em uma ferida purulenta, restabeleceram-se em suas antigas instalações, lançaram jornais, e Nagy e Kadar foram colocados no governo. A contrarrevolução varreu toda a capital e estava se espalhando para outras partes da Hungria.

Como Bato Karafili, nosso embaixador em Budapeste, nos contou mais tarde, as multidões frenéticas de contrarrevolucionários correram primeiro para um monumento de bronze de Stálin, que ainda estava de pé em uma praça de Budapeste. Da mesma forma que os *Sturmabteilung*² de Hitler no passado atacavam tudo o que era progressista, os horthyvistas e outros membros da ralé da Hungria se lançaram com fúria sobre o monumento de Stálin, tentando derrubá-lo. Como não conseguiram fazer isso nem mesmo com o uso de armas de fogo, como não conseguiram fazer isso nem mesmo com cabos de aço presos a um trator pesado, os

2. “*Tropas de Assalto*” (SA), milícia paramilitar nazista, também conhecida como “Camisas Marrons” (*Braunhemden*).

bandidos horthyvistas fizeram seu trabalho com a ajuda de maçaricos. Seu primeiro ato foi simbólico: ao derrubar o monumento de Stálin, eles queriam dizer que iriam destruir tudo o que ainda restava do socialismo, da ditadura do proletariado e do marxismo-leninismo na Hungria.

Destruição, mortes e tumultos tomaram conta de toda a cidade.

Aquele abutre nojento, Imre Nagy, havia voado das mãos de Khrushchev e Suslov. Esse traidor, em quem Moscou havia depositado suas esperanças, como um homem que se afoga agarrando-se aos próprios cabelos para se salvar da morte, mostrou o que era e, no auge da fúria contrarrevolucionária, anunciou sua política reacionária e fez declarações públicas sobre a retirada da Hungria do Tratado de Varsóvia. O embaixador soviético na Hungria era um certo Andropov, um homem da KGB, que foi alçado ao poder mais tarde e desempenhou um papel sujo contra nós. Esse agente, com o rótulo de embaixador, viu-se cercado pela contrarrevolução que eclodiu. Mesmo quando os eventos contrarrevolucionários estavam ocorrendo abertamente, quando Nagy assumiu a chefia do governo, os soviéticos continuaram a apoiá-lo, aparentemente esperando que pudessem mantê-lo sob controle. Naqueles dias, após a primeira intervenção pouco convincente do exército soviético, Andropov disse ao nosso embaixador em Budapeste

— Não podemos chamar os insurgentes de contrarrevolucionários porque há pessoas honestas entre eles. O novo governo é bom e é necessário apoiá-lo para estabilizar a situação.

— O que você acha dos discursos de Nagy? — perguntou-lhe nosso embaixador.

— Eles não são ruins. — respondeu Andropov, e quando nosso camarada apontou que o que estava sendo dito sobre a União Soviética não parecia correto, ele respondeu:

— Existe o antissovietismo, mas o discurso recente de Nagy não foi ruim, não foi antissoviético. Ele quer manter vínculos com as massas. O Birô Político é tem crédito.

Os contrarrevolucionários agiram com tanta arrogância que forçaram Andropov, juntamente com toda a sua equipe, a sair para a rua e os deixaram lá por horas a fio. Instruímos nosso embaixador em Budapeste a tomar medidas para a defesa da embaixada e de sua equipe, e a colocar uma metralhadora no topo da escada. Se os contrarrevolucionários se atrevessem a atacar a embaixada, ele deveria abrir fogo sem hesitar. Mas quando nosso embaixador pediu armas a Andropov para garantir a defesa de nossa embaixada, ele recusou:

— Temos imunidade diplomática; ninguém vai tocar em vocês.

— Que imunidade diplomática?! — manifestou nosso embaixador, — ela saiu

pela rua!

— Não, não, — apaziguou Andropov, — se dermos armas a vocês, eles poderão criar um incidente.

— Muito que bem. — formalizou nosso representante, — Estou lhe fazendo uma solicitação oficial em nome do governo albanês.

— Vou perguntar a Moscou... — anunciou Andropov, e quando o pedido foi recusado, nosso embaixador declarou:

— Tudo bem, já lhe informo que vamos nos defender com as pistolas e espingardas que temos.

O embaixador soviético havia se fechado na embaixada e não ousava colocar a cabeça para fora. Um funcionário responsável do Ministério das Relações Exteriores da Hungria, que estava sendo perseguido pelos bandidos, buscou refúgio em nossa embaixada e nós o admitimos. Ele disse aos nossos camaradas que havia ido à embaixada soviética, mas que eles o haviam rejeitado.

As tropas soviéticas estacionadas na Hungria intervieram no início, mas depois foram retiradas sob a pressão de Nagy e Kadar, e o governo soviético declarou que estava pronto para iniciar conversas sobre sua retirada da Hungria. Enquanto os contrarrevolucionários causavam estragos, Moscou tremia. Khrushchev estava com medo, hesitando em intervir. Tito era o rei da situação e o apoiador de Imre Nagy; de fato, ele havia reunido seu exército e estava pronto para intervir. Então Moscou enviou a pessoa certa a Budapeste, o traficante, Mikoyan, juntamente com o arrogante, Suslov.

Aqui em Tirana, não deixamos de nos manifestar. Liguei para o embaixador soviético e vociferei com raiva:

— Estamos completamente desinformados sobre o que está acontecendo em vários países socialistas. Tito e aquela quadrilha têm um dedo na organização da contrarrevolução na Hungria. Vocês estão abandonando a Hungria ao imperialismo e a Tito. Vocês devem intervir com armas e devem fazer uma *piazza pulita*³ antes que seja tarde demais.

Mencionei os objetivos de Tito e condenei a confiança que Khrushchev tinha nele, bem como a confiança de Suslov na “autocrítica” de Imre Nagy.

— Agora vocês conseguem ver quem é Imre Nagy é?! — vociferei. — Agora, sangue está sendo derramado na Hungria e os culpados devem ser encontrados.

Ele respondeu:

3. “Uma varredura completa” (Em italiano no original).

— A situação é grave, mas não permitiremos que o inimigo se apodere da Hungria. Transmitirei a Moscou as opiniões que você me expressou.

Todos sabem o que aconteceu na Hungria e em Budapeste. Milhares de pessoas foram mortas. A reação, armada a partir do exterior, massacrou comunistas e democratas, mulheres e crianças nas ruas, queimou casas, escritórios e tudo o que pôde encontrar. A bandidagem prevaleceu por dias a fio. Apenas os destacamentos de segurança de Budapeste ofereceram uma leve resistência, enquanto o exército húngaro e o Partido dos Trabalhadores Húngaros foram neutralizados e liquidados. Kadar publicou o decreto sobre a liquidação do Partido dos Trabalhadores Húngaros, um ato que mostrou quem ele era, e proclamou a formação de um novo partido, o Partido Socialista dos Trabalhadores, que Kadar, Nagy e outros iriam construir.

A embaixada soviética foi cercada por tanques e Mikoyan, Suslov, Andropov e sabe-se lá quem mais, continuaram a produzir intrigas em seu interior.

A reação, encabeçada por Kadar e Imre Nagy, fechada no prédio do parlamento, onde se entregava a conversas fúteis, enviava apelos contínuos aos estados capitalistas ocidentais para que intervissem com armas contra os soviéticos. No final, assustado, Nikita Khrushchev foi obrigado a dar a ordem. As forças blindadas soviéticas marcharam para Budapeste e os combates começaram nas ruas. O traficante, Mikoyan, colocou Andropov em um tanque e o enviou ao parlamento para trazer Kadar de volta, a fim de manobrar por meio dele. E foi isso que aconteceu. Kadar mudou novamente de patrono, mudou novamente de casaco, voltou para o seio dos soviéticos e, protegido por seus tanques, conclamou o povo a cessar os distúrbios e pediu aos contrarrevolucionários que entregassem suas armas e se rendessem.

Esse foi o fim do governo de Nagy. A contrarrevolução foi reprimida, e Imre Nagy se refugiou na embaixada de Tito. Ficou claro que ele era um agente de Tito e da reação mundial. Ele também tinha o apoio de Khrushchev, mas escapou de seu controle porque queria ir além e o fez. Khrushchev discutiu com Tito durante meses sobre a entrega de Nagy. Tito se recusou até chegarem a um acordo de que Nagy deveria ser entregue aos romenos. Na época em que as negociações sobre esse problema estavam em andamento com Tito, Krylov, o embaixador soviético em Tirana, pediu nossa opinião sobre se concordávamos ou não que Nagy deveria ir para a Romênia.

— Como declaramos anteriormente, — respondi a Krylov, — Imre Nagy é um traidor que abriu as portas para o fascismo na Hungria. Agora, propõe-se que esse traidor, que matou comunistas e progressistas, que matou soldados soviéticos e pediu a intervenção dos imperialistas, vá para um país amigo. Essa é uma grande

concessão e não concordamos com ela.

Depois que os ânimos se acalmaram e as vítimas da contrarrevolução húngara, em especial um feito de Tito e Khrushchev, foram enterradas, Nagy foi executado. A forma como isso aconteceu também não foi correta. Não que Nagy não merecesse ser fuzilado, mas não secretamente, sem julgamento e sem denúncia pública de seus crimes, como foi feito. Ele deveria ter sido julgado e punido publicamente com base nas leis do país do qual era cidadão. Mas, é claro, nem Khrushchev, nem Kadar, nem Tito queriam que ele fosse levado a julgamento, porque Nagy poderia ter revelado a sujeira daqueles que mexeram os pauzinhos na trama contrarrevolucionária.

Mais tarde, quando a contrarrevolução na Hungria foi suprimida, muitos fatos vieram à tona, provando a cumplicidade dos dirigentes soviéticos nos eventos húngaros. É claro que suspeitávamos do papel desempenhado pelos soviéticos, especialmente em relação à remoção de Rákosi, ao apoio a Nagy etc. Entretanto, naquela época, não sabíamos exatamente como a colaboração entre Khrushchev e Tito havia se desenvolvido e tampouco sabíamos sobre as reuniões secretas de Khrushchev e Malenkov com Tito em Brioni. Esses fatos foram revelados mais tarde e mantivemos nossa posição de oposição a essas ações dos soviéticos.

Alguns dias após o restabelecimento da ordem na Hungria, a direção soviética nos informou sobre a correspondência que havia trocado com a direção iugoslava sobre a questão húngara. Os fatos revelados nessas cartas nos perturbaram profundamente, pois os problemas eram sérios e críticos. Naquela época, os interesses do socialismo e do movimento comunista exigiam que a União Soviética fosse defendida dos ataques do imperialismo e da reação e que nossa unidade fosse preservada. Por outro lado, nosso partido tinha que se pronunciar sobre essas ações antimarxistas da direção soviética. Portanto, tudo tinha de ser cuidadosamente considerado e ponderado, tendo em mente os interesses do partido, do nosso país, da revolução e do socialismo. Foi assim que julgamos esses problemas e expressamos nossas opiniões aos dirigentes soviéticos em um tom de camaradagem, para que tudo fosse corrigido e mantido entre nós.

Naqueles dias, depois de recebermos as cartas, chamei Krylov:

— Eu o chamei aqui, — anunciei, — para esclarecer algumas questões que surgem a partir dessas cartas. Primeiro, quero lhe dizer que as alusões que Tito fez a “certos homens cruéis”, claramente implicando a direção do nosso partido, são inaceitáveis. Tal coisa, de sua parte, não nos surpreende, porque estamos acostumados aos ataques de Tito. No entanto, estamos extremamente surpresos com o fato de que, na resposta do Comitê Central do Partido Comunista da União Soviética, não

há nenhuma posição clara em relação a essas insinuações de Tito. Você tem algo a dizer sobre essa questão?

— Não tenho nada a dizer sobre isso. — respondeu Krylov, fiel à sua maneira de se fazer de desentendido.

Depois continuei:

— Tito deveria ter sido respondido sem rodeios, de que não somos homens cruéis e inimigos do socialismo como ele diz. Somos marxista-leninistas, pessoas resolutas, que lutarão até o fim pela causa do socialismo. Tito, ao contrário, é um inimigo da revolução e do socialismo. Há muitos fatos que comprovam isso.

Krylov ficou em silêncio e, continuando a conversa, me detive especialmente em outra questão que havia atraído nossa atenção nessas cartas. Khrushchev escreveu a Tito: “Quanto à destituição de Rákosi, você expressou total satisfação ao constatar que, já no verão deste ano, o Comitê Central do Partido Comunista da União Soviética buscou assegurar a nomeação de Kadar como Primeiro-Secretário”.

Além disso, a carta indicava claramente a colaboração entre eles, não apenas antes dos eventos de outubro, mas também durante, uma colaboração que foi concretizada no plano elaborado durante as conversas secretas de Brioni. Essas ações da direção soviética eram inaceitáveis para nós. Em nossa opinião, os titoístas continuaram com sua atividade secreta hostil, e isso ficou claramente evidente na Hungria em particular. Informamos essa opinião à direção da União Soviética.

Questionei Krylov sobre esse assunto:

— Não sabemos ao certo onde o Comitê Central do Partido dos Trabalhadores Húngaros foi formado, em Budapeste ou na Crimeia.

É claro que Krylov não gostou dessa farpa e, mordendo suas palavras, disse:

— É assim que as coisas devem ficar: os camaradas húngaros foram à Crimeia e conversaram com nossos camaradas. Lá foi levantada a questão de quem deveria ser colocado na direção. O Comitê Central do Partido Comunista da União Soviética disse que seria bom se Kadar fosse eleito.

— Isso significa que a direção do Partido Comunista da União Soviética não apoiava Gerö, mas Kadar? — continuei.

— Isso é o que se depreende da carta. — respondeu Krylov.

— Além disso, — respondi, — o governo Kadar foi formado em estreita colaboração entre sua direção e Tito. Não é verdade?

— Sim, parece que sim... — Krylov foi obrigado a admitir.

Continuando a conversa, depois de informá-lo sobre a preocupação que os acontecimentos na Hungria despertaram em nosso partido, indiquei ao embaixador so-

viético:

— O Birô Político está unânime em considerar incorretas as ações dos camaradas do Presidium do Comitê Central do Partido Comunista da União Soviética, que estão dialogando com Tito sobre a composição da direção do partido e do governo húngaros. Nossa posição sobre todos esses assuntos já foi expressa à direção soviética, e isso é fato, não é verdade?

— Sim, é isso mesmo. — confirmou Krylov.

— Você transmitiu todas as nossas opiniões para Moscou?

— Sim, — respondeu ele, — eu as transmiti.

No final dessa conversa, como que por acaso, o embaixador soviético me perguntou:

— Dali Ndreu será levado a julgamento?

É claro que essa pergunta não foi acidental.

Ao que parece, os soviéticos não ficaram satisfeitos com o julgamento e a denúncia dos agentes dos revisionistas iugoslavos, Liri Gega e Dali Ndreu.

— O julgamento está sendo preparado e será conduzido, — disse à Krylov, — uma vez que esses indivíduos são considerados traidores e agentes estrangeiros. Diante do fracasso de suas tentativas de conspirar contra nosso partido e estado, Dali Ndreu e Liri Gega, percebendo que teriam que prestar contas por suas ações como agentes, tentaram fugir do país e foram capturados próximo à fronteira. A hostilidade de sua atividade já foi devidamente comprovada, inclusive por suas próprias admissões. Caso Tito continue com sua atividade hostil, divulgaremos a verdade sobre esses agentes, apresentando fatos e gravações. Não podemos mais tolerar os titoístas, que buscam nos apunhalar pelas costas e fazer acusações contra nós.

— Entendo sua situação... — murmurou Krylov e foi embora com o rabo entre as pernas.

Os mesmos fenômenos que ocorreram na Hungria também se manifestaram na Polônia, quase simultaneamente, embora lá os eventos não tenham atingido as proporções e o caráter dramático observados na Hungria. Na Polônia, a ditadura do proletariado foi estabelecida sob a liderança do Partido Unido dos Trabalhadores, mas, apesar da assistência fornecida pela União Soviética, o desenvolvimento socialista não ocorreu no ritmo necessário. Sob a liderança de Bierut e quando o partido polonês adotava posições justas, houve avanços no desenvolvimento socialista do país. No entanto, as reformas e medidas iniciais não foram totalmente implementadas, e a luta de classes não atingiu o nível adequado. Embora tenha havido aumento do proletariado e desenvolvimento industrial, os elementos burgueses

conseguiram manter muitas de suas posições dominantes. A reforma agrária não foi efetivada no campo, e a coletivização foi realizada apenas parcialmente, até que Gomulka afirmou que as cooperativas e fazendas estatais não eram lucrativas, favorecendo assim o crescimento das camadas kulak no campo polonês.

Da mesma forma que na Hungria, na Alemanha Oriental, na Romênia e em outros lugares, o partido polonês foi formado por meio de uma fusão mecânica com os partidos burgueses, conhecidos como partidos dos trabalhadores. Talvez isso fosse necessário para unir o proletariado sob a direção de um único partido, mas essa unificação deveria ter sido alcançada por meio de intenso trabalho ideológico, político e organizacional. O objetivo seria assegurar que os antigos membros de outros partidos não apenas fossem incorporados, mas, o mais crucial, fossem plenamente educados de acordo com as normas ideológicas e organizacionais marxista-leninistas. No entanto, isso não ocorreu na Polônia, na Hungria ou em qualquer outro lugar. Na prática, o que ocorreu foi que os membros dos partidos burgueses mudaram seus nomes, tornaram-se “comunistas”, mas mantiveram suas antigas perspectivas e pontos de vista burguesas. Assim, os partidos proletários não foram fortalecidos, mas, ao contrário, enfraquecidos, pois sociais-democratas e oportunistas como Cyrankiewicz, Marosan, Grotewohl, etc., se estabeleceram neles com suas visões.

Além disso, na Polônia, havia outro fator que alimentava as manifestações contrarrevolucionárias: o antigo ressentimento do povo polonês em relação à Rússia czarista. Por meio do trabalho realizado pela reação tanto dentro como fora do partido, esse antigo ressentimento, que no passado era completamente justificado, foi direcionado agora contra a União Soviética e o povo soviético, que, na realidade, havia sacrificado vidas para libertar a Polônia. A burguesia polonesa, que não foi tão duramente afetada quanto deveria, fez tudo ao seu alcance para incitar sentimentos nacionalistas e chauvinistas contra a União Soviética.

Após a morte de Bierut, essas questões tornaram-se mais evidentes, e as fragilidades do partido e da ditadura do proletariado na Polônia também se manifestaram de forma mais clara. Assim, devido em parte às limitações do trabalho, em parte aos esforços da reação, da igreja, de Gomulka e de Cyrankiewicz, e em parte devido à interferência dos khrushchevistas, ocorreram os distúrbios de junho de 1956 e os eventos subsequentes. É evidente que a morte de Bierut criou condições propícias para os planos contrarrevolucionários. Eu já havia conhecido Bierut muito antes, quando visitei Varsóvia. Ele era um camarada maduro e experiente, calmo e amável. Apesar de eu ser mais jovem, ele tratou-me de maneira camarada, deixando uma impressão duradoura. Nas reuniões em Moscou, também era uma satisfação

conversar com ele. Ele ouvia atentamente quando eu falava sobre nosso povo e sua situação. Sincero, justo e de princípios, Bierut deixou uma lembrança marcante. Recordo-me de uma discussão que ele mencionou ter tido com o camarada Mehmet em uma de nossas conversas em Varsóvia.

— Seu camarada falou comigo com franqueza quando criticou a posição do nosso Primeiro-Ministro. Gosto de camaradas que falam francamente. — Disse Bierut.

Eu o encontrei pela última vez em Moscou, quando foi realizado o 20º Congresso do PCUS.

Pouco antes de sua morte, Bierut e sua esposa, assim como Nexhmije e eu, estávamos juntos em um camarote no “Maly Teatr” para assistir a uma peça sobre a marinha revolucionária de Leningrado.

Durante o intervalo, tivemos uma conversa amigável na pequena sala atrás do palco. Entre outros tópicos, discutimos sobre a Comintern, pois, naquele momento, o búlgaro Ganev se juntou a nós. Bierut e Ganev compartilharam lembranças de quando se encontraram em Sofia, quando Bierut foi enviado clandestinamente lá para uma tarefa específica.

Pouco tempo depois dessa reunião, recebemos a má notícia: Bierut havia morrido, assim como Gottwald... de um “resfriado”. Grande tristeza e espanto!

Fomos ao seu funeral em Varsóvia; era o início de março de 1956. Muitos discursos foram proferidos por Khrushchev, Cyrankiewicz, Ochab, Zhu De, etc., sobre o caixão de Bierut. Vukmanovic-Tempo, que tinha vindo para participar do funeral como enviado de Belgrado, também discursou. Mesmo aqui, o representante titoísta aproveitou a oportunidade para lançar palavras de ordem revisionistas e expressar sua satisfação com as novas “possibilidades e perspectivas” que acabaram de ser abertas pelo 20º Congresso.

— Bierut foi tirado de nós em um momento em que se abriram possibilidades e perspectivas de colaboração e amizade entre todos os movimentos socialistas, a fim de concretizar as ideias de outubro de várias formas. — disse Tempo, ao qual pediu que se avançasse no caminho aberto “por meio de ações contínuas”. Enquanto os discursos estavam acontecendo, não muito longe de mim, vi Nikita Khrushchev encostado em uma árvore, trocando palavras com Wanda Wassilewska. Sem dúvida, ele estava fazendo acordos sobre o corpo de Bierut, que estavam colocando na cova.

Poucos meses depois desses amargos acontecimentos, no início de 1956, a Polônia estava mergulhada em confusão e caos que cheiravam a contrarrevolução.

Os eventos que ocorreram na Polónia foram quase idênticos aos da Hungria. As revoltas dos trabalhadores de Poznan começaram antes da eclosão da contrarre-

volução húngara, mas, na verdade, esses dois movimentos contrarrevolucionários amadureceram ao mesmo tempo, na mesma situação e com a mesma inspiração. Não vou entrar em uma descrição detalhada deles porque são conhecidos, mas é interessante apontar a analogia dos fatos nesses países, os paralelos surpreendentes entre o desenvolvimento da contrarrevolução na Polônia e na Hungria.

Tanto na Polônia quanto na Hungria, houve mudanças de liderança: no primeiro país, Bierut faleceu (em Moscou), enquanto no segundo, Rákosi foi removido (por iniciativa de Moscou). Na Hungria, Rajk, Nagy e Kadar foram reabilitados; na Polônia, Gomulka, Spychalski, Morawski, Loga-Sowinski e vários outros foram considerados traidores. Na Polônia, surgiu a figura de Mindszenty, enquanto na Hungria foi Wyszynski.

A identidade ideológica e espiritual desses eventos é ainda mais significativa. Tanto na Polônia quanto na Hungria, esses acontecimentos se desenvolveram sob a influência do 20º Congresso, com as palavras de ordem de “democratização, liberalização e reabilitação”. Os khrushchevistas desempenharam um papel ativo e contrarrevolucionário fundamental no desenvolvimento desses eventos nos dois países. Embora os titoístas tenham exercido influência na Polônia, não foi tão direta quanto na Hungria. No entanto, as ideias de autogestão, “caminhos nacionais para o socialismo” e “conselhos de trabalhadores”, adotadas na Polônia, certamente foram inspiradas pelo “socialismo com características iugoslavas”.

Os eventos de junho em Poznan foram movimentos contrarrevolucionários inspirados pela reação, explorando as dificuldades econômicas e os erros cometidos pelo partido polonês no desenvolvimento da economia. Embora essas revoltas tenham sido reprimidas e não tenham assumido as mesmas proporções que na Hungria, tiveram consequências importantes no desenvolvimento subsequente dos eventos. Na Polônia, a reação encontrou seu próprio Nagy, Wladyslaw Gomulka, um opositor que saiu da prisão e imediatamente se tornou o Primeiro-Secretário do partido. Gomulka, que havia sido Secretário-Geral do Partido dos Trabalhadores da Polônia por algum tempo, foi condenado por suas opiniões nacionalistas e oportunistas de direita, semelhantes à linha seguida pelo grupo de Tito, denunciada na época pela Cominform. Quando o congresso para a união do Partido dos Trabalhadores e do Partido Socialista foi realizado em 1948, Bierut, outros dirigentes e delegados denunciaram e atacaram as opiniões de Gomulka. Nosso partido enviou um representante a esse congresso, e ao retornar à Albânia, relatou-nos sobre a posição arrogante e teimosa de Gomulka no congresso. Gomulka foi denunciado, mas mesmo assim, como disseram, “ele recebeu uma mão amiga mais uma vez” e

foi eleito para o Comitê Central. Um polonês que acompanhava nosso camarada contou-lhe que, naqueles dias, Gomulka teve uma longa conversa tête-à-tête com Ponomarenko, um secretário do Comitê Central do Partido Comunista da União Soviética que participou do congresso, e, ao que parece, Ponomarenko persuadiu Gomulka a fazer uma autocrítica. No entanto, o tempo mostrou claramente que ele não havia abandonado seus pontos de vista e, mais tarde, também foi condenado por atividades antiestatais.

Quando a campanha de reabilitação começou, os partidários de Gomulka exerceram pressão sobre a direção do partido para proclamar a inocência de Gomulka. No entanto, ele estava profundamente desacreditado politicamente e ideologicamente, o que representava obstáculos significativos. Alguns meses antes de Gomulka retornar à direção do partido polonês, Ochab declarou “solenemente” que, embora Wladyslaw Gomulka tivesse sido libertado da prisão, “isso não altera em nada a essência correta da luta política e ideológica que o partido travou contra as opiniões de Gomulka”.

Após a eliminação de Bierut, Khrushchev apoiou Ochab, Zawadski, Zambrowski e outros elementos, como Cyrankiewicz. No entanto, a semente da discórdia e da ruptura havia sido profundamente plantada e estava germinando. Gomulka e seus apoiadores agiram e conseguiram chegar ao poder. Os khrushchevistas estavam preocupados; precisavam ter a Polônia firmemente sob controle manu militari, e sua política e ideologia foram adaptadas a essa necessidade imperativa. Khrushchev abandonou seus antigos camaradas e voltou-se para Gomulka, que não parecia ser tão obediente aos ditames de Khrushchev.

A chegada de Gomulka ao poder nos convenceu de que os acontecimentos na Polônia não estavam se desenvolvendo a favor do socialismo. Além de conhecermos o passado sinistro de Gomulka, pudemos julgá-lo pelas palavras de ordem que lançou e pelos discursos que fez. Ele ascendeu ao poder com um chamado claro para a “verdadeira independência da Polônia” e “a maior democratização do país”. Em seu discurso antes de se tornar Primeiro-Secretário, não deixou de ameaçar os soviéticos, proclamando que “nós nos defenderemos”. Confrontos entre os destacamentos soviéticos e poloneses foram relatados, indicando uma postura hostil. De maneira geral, os eventos na Polônia, semelhantes aos da Hungria, se desdobraram sob palavras de ordem antissoviéticas. Gomulka era abertamente antissoviético, opondo-se à União Soviética da época de Stálin, enquanto buscava escapar do controle planejado pelos khrushchevistas sobre os países do campo socialista. Formalmente, ele defendia a amizade com a União Soviética e “condenava” as palavras de or-

dem antissoviéticas, mas, ao mesmo tempo, reconhecia positivamente o papel do exército soviético na Polônia, principalmente devido aos interesses nacionais imediatos diante do temor de um possível ataque da Alemanha Ocidental, que nunca aceitou a fronteira Oder-Neisse.

Gomulka, o revisionista, agiu com uma arrogância sem precedentes. Cheguei a apontar algumas de suas ações para Khrushchev quando nos encontramos em Yalta. Estávamos sentados em um pavilhão com piso de pedra à beira do mar e, após me ouvir, Khrushchev concordou que eu estava correto, afirmando explicitamente: “Gomulka é um verdadeiro fascista”. No entanto, posteriormente, os dois contrarrevolucionários chegaram a um acordo e passaram a se elogiar mutuamente. Suas contradições e diferenças foram suavizadas.

O discurso proferido por Gomulka no plenário do Comitê Central que o elegeu Primeiro-Secretário era claramente revisionista. Ele criticou a linha adotada até então na indústria e na agricultura, pintou um quadro sombrio da situação e proclamou que o sistema de cooperativas no campo e as fazendas estatais não eram lucrativas. Consideramos essas opiniões antimarxistas-leninistas. É possível que tenham ocorrido erros na direção da coletivização e no desenvolvimento de cooperativas agrícolas na Polônia, mas o sistema de cooperativas não pode ser responsabilizado por isso. Ele demonstrou sua vitalidade como o único caminho para a construção do socialismo no campo na União Soviética, nos demais países socialistas e em nosso país. Gomulka atacou tanto à direita quanto à esquerda, criticando as “violações da lei”, o “culto à personalidade”, Stálin, Bierut (embora sem mencioná-lo pelo nome) e os dirigentes dos países socialistas, que ele rotulou como satélites de Stálin. Além disso, Gomulka defendeu as ações contrarrevolucionárias em Poznan. Na 8ª Plenária, em outubro de 1956, ele afirmou: “Os trabalhadores de Poznan não estavam protestando contra o socialismo, mas sim contra os males que haviam se disseminado em nosso sistema social. A tentativa de retratar a dolorosa tragédia de Poznan como obra de agentes imperialistas e provocadores foi politicamente muito ingênua. As causas devem ser buscadas na direção do partido e do governo”.

Os soviéticos estavam preocupados e alarmados com os eventos na Polônia, pois perceberam que o “novo rumo”, que eles próprios haviam proclamado, estavam levando os dirigentes poloneses mais longe do que desejavam, correndo o risco de escapar de sua influência. Durante os dias em que a plenária, que restauraria Gomulka ao poder, foi realizado, Khrushchev, Molotov, Kaganovich e Mikoyan foram urgentemente para a Polônia. No aeroporto, Khrushchev gritou com raiva aos dirigentes poloneses: “Nós derramamos nosso sangue para libertar este país, enquan-

to vocês querem entregá-lo aos americanos”. A preocupação dos russos aumentou, especialmente porque o marechal soviético Rokossovsky, de origem polonesa, e outros membros do Birô Político considerados pró-soviéticos, como Minc etc., estavam sendo pressionados e, de fato, foram expulsos do Birô Político. No entanto, os poloneses não cederam à pressão dos dirigentes soviéticos nem ao movimento dos tanques russos; eles nem mesmo os convidaram para a plenária. Foram realizadas conversas, nas quais Gomulka estava presente, mas, por enquanto, Khrushchev e companhia ficaram frustrados. Exerceu-se pressão, um artigo foi publicado no *Pra-va*, ao qual os poloneses deram uma resposta arrogante, mas, no final, Khrushchev deu sua bênção a Gomulka e, depois de fazer uma “peregrinação” a Moscou, Gomulka recebeu créditos e falou sobre a “amizade leninista” soviético-polonesa.

Gomulka implementou seu “programa”, estabelecendo “conselhos de trabalhadores”, “cooperativas autogestionárias” e “comitês de reabilitação”. Ele incentivou o comércio privado, introduziu a religião nas escolas e no exército, e permitiu a propaganda estrangeira. Além disso, ele defendeu o “caminho nacional” para o socialismo.

As opiniões e ações de Gomulka eram tão evidentes e extremas que muitos não as aceitavam, ou não podiam aceitá-las abertamente.

Até mesmo Khrushchev era compelido, de tempos em tempos, a fazer críticas veladas a Gomulka. Os tchecos, os franceses, os búlgaros e os alemães orientais, observando atentamente Moscou, também adotaram posições de reserva ou de oposição. Nós, é claro, nos opúnhamos a Gomulka e suas ações, e isso foi comunicado aos dirigentes soviéticos com quem mantivemos diálogo. Os poloneses não apreciaram essa postura, e sua imprensa criticou abertamente os outros partidos por não compreenderem as mudanças em curso na Polônia. Um artigo publicado naquela época mencionava nossa imprensa e a de alguns outros países como exemplos desse “mal-entendido”, enquanto elogiava a italiana, a chinesa, a iugoslava e outros partidos por terem “compreendido corretamente o caráter profundamente socialista das mudanças na Polônia”.

Os iugoslavos receberam essas mudanças “socialistas” com entusiasmo e declararam que “as forças que lutaram pela democratização política, pela descentralização econômica e pelo sistema de autogestão haviam triunfado” na Polônia.

Os soviéticos também não nos forneceram nenhuma informação concreta sobre os acontecimentos na Polônia, apenas nos enviaram uma carta informando que a situação era muito grave e que uma delegação soviética seria enviada para lá. Além disso, não recebemos mais nenhuma notícia ou informação. Na imprensa soviética, encontramos ocasionalmente artigos que criticavam os acontecimentos na Po-

lônia, mas também encontramos artigos que os apoiavam. Como mencionei, das conversas com Krylov, o embaixador soviético em Tirana, não obtivemos nenhuma posição clara. Em uma reunião que tive com ele, expressei nossa preocupação com o que estava acontecendo na Polônia.

— Como é possível, — questionei a ele, — que não sejamos informados? Como é possível que fiquemos no escuro sobre esses assuntos que dizem respeito a todos nós? Isso não está certo.

— Essa é uma solicitação justa. — respondeu Krylov.

— Transmita nossa opinião ao seu Comitê Central. — concluí.

Diante dos eventos em curso, as divergências de opinião entre nós e os soviéticos estavam se tornando mais evidentes. Nesse sentido, a posição de nosso partido era clara: não deveríamos tornar essas diferenças públicas, pois isso poderia prejudicar a União Soviética e o campo socialista. No entanto, também não deveríamos fazer concessões de princípio; era importante manter nossas posições e expressar nossos pontos de vista abertamente aos dirigentes soviéticos.

Quando estive em Moscou em dezembro daquele ano, discuti, entre outros assuntos, a situação na Polônia com os dirigentes soviéticos. Abordarei separadamente as conversas de dezembro de 1956, mas gostaria de mencionar aqui o apoio que Khrushchev e seus aliados deram a Gomulka para consolidar seu poder. Quando expressamos nossas preocupações sobre Gomulka para Khrushchev e Suslov, eles tentaram nos convencer de que ele era uma figura positiva e merecia apoio. No entanto, estávamos firmemente convencidos de que os distúrbios na Polónia, semelhantes à revolta húngara, foram instigados por Gomulka para ascender ao poder, onde permaneceu até ser removido pelos khrushchevistas e por Gierek, este último um adversário declarado do Partido do Trabalho da Albânia. Na Polónia, todos esses dirigentes caíram um após o outro. Cyrankiewicz, um antigo colaborador da burguesia, foi o que permaneceu por mais tempo e influenciou as ações do exército soviético que ocupava o país.

Os eventos na Hungria e na Polónia, com razão, preocuparam nosso partido e sua direção, pois prejudicaram a causa da revolução e enfraqueceram o socialismo na Europa e no mundo.

Após o término ou, mais precisamente, a diminuição da intensidade desses eventos, que passaram a ocorrer em segredo, chegou o momento de realizar análises e tirar conclusões. Tanto Khrushchev quanto Tito fizeram análises de acordo com seus próprios interesses e com as opiniões antimarxistas que defendiam. Os titoístas e os khrushchevistas, essencialmente, concordaram ao culpar os erros da

direção do partido húngaro, especialmente Rákosi. Kadar, por sua vez, alinhado com ambas as partes, afirmou que “a revolta das massas foi justificada devido aos erros da camarilha criminoso de Rákosi e Gerö”.

Com base em nossa compreensão dos eventos e nos fatos que emergiram, nosso partido analisou a situação e chegou a suas próprias conclusões. Acreditamos que a contrarrevolução foi provocada e organizada pelo capitalismo internacional, em colaboração com Tito, no elo mais fraco do campo socialista, enquanto a direção de Khrushchev ainda não estava totalmente consolidada. O Partido dos Trabalhadores Húngaros e a ditadura do proletariado na Hungria entraram em colapso rapidamente diante da reação. Alguns fatos chamaram nossa atenção:

Primeiramente, os eventos destacaram a fraqueza e superficialidade do trabalho do partido húngaro na educação e formação da classe trabalhadora. Apesar de suas tradições revolucionárias, parte da classe trabalhadora húngara não soube defender seu poder durante a contrarrevolução, tornando-se, ao contrário, uma reserva da reação. O partido, por sua vez, não atuou como uma vanguarda organizada e consciente da classe, sendo dissolvido em poucos dias, o que permitiu a Kadar enterrá-lo de uma vez por todas.

Os eventos de outubro e novembro de 1956 destacaram mais uma vez o caráter vacilante dos intelectuais e da juventude estudantil húngara. Eles se tornaram a pata do gato da reação e o esquadrão de assalto da burguesia. Um papel especialmente importante foi desempenhado pelos escritores contrarrevolucionários dirigidos pelo reacionário e anticomunista Lukács, que também se tornou membro do governo de Nagy.

O caso da Hungria evidenciou que a burguesia não havia desistido de seus planos de restauração, mas, pelo contrário, havia se organizado clandestinamente, mantendo suas estruturas organizacionais antigas, como comprovado pela rápida formação de partidos burgueses clericais e fascistas.

Os acontecimentos na Hungria reforçaram a convicção do nosso partido sobre a justeza da posição que mantivemos em relação aos revisionistas iugoslavos. Os Titoístas foram os principais instigadores e apoiadores da contrarrevolução húngara. As autoridades e a mídia da Iugoslávia acolheram esses eventos com entusiasmo. Os discursos inflamados feitos no Clube Petöfi foram amplamente divulgados em Belgrado, e as teses de Tito e Kardelj, juntamente com as resoluções do 20º Congresso, foram amplamente difundidas como referência desses discursos.

Para nós, esses fatos não foram surpreendentes nem inesperados. Nossa maior preocupação residia no papel desempenhado pela direção soviética nesses eventos,

sua coordenação de estratégias com Tito e seus acordos em detrimento do povo húngaro, o que resultou em consequências profundas e amargas para eles.

A repressão da contrarrevolução na Hungria pelos tanques soviéticos foi inevitável para Khrushchev (caso contrário, sua autoridade seria questionada), e aqui os imperialistas e Tito subestimaram as consequências. No entanto, a experiência mostrou que essa contrarrevolução foi sufocada por elementos contrarrevolucionários que buscavam restaurar o capitalismo de maneira mais sutil, mantendo as aparências, semelhante ao que os khrushchevistas fizeram em seu próprio país.

Os eventos na Hungria aumentaram nossas dúvidas sobre a direção do PCUS e nos preocuparam profundamente. Sempre tivemos uma forte confiança no Partido Bolchevique de Lênin e Stálin, expressando essa confiança junto com nosso sincero amor pela União Soviética.

Com esses sentimentos de dúvida e preocupação, viajei a Moscou em dezembro de 1956, acompanhado de Hysni, que me apoiou e auxiliou nas difíceis discussões com os khrushchevistas, marcadas pela hostilidade e hipocrisia.

Conforme decidido anteriormente pelo Birô Político, fomos à União Soviética para discutir com os dirigentes soviéticos os problemas graves da situação, incluindo os acontecimentos na Hungria e na Polônia, além das relações com a Iugoslávia.

Naquela época, Khrushchev e sua quadrilha não estavam em bons termos com Tito. A amizade entre eles parecia ter esfriado consideravelmente. Enquanto isso, Tito proferiu seu polêmico discurso em Pula, que gerou forte oposição em muitos partidos do campo socialista. Nesse discurso, o líder de Belgrado criticou o sistema soviético, o socialismo e os partidos que não aderiram à linha “marxista-leninista original” de Tito, além de condenar a intervenção soviética na Hungria. Essas declarações não eram favoráveis a Khrushchev e seus aliados, e eles se viram obrigados a tomar uma posição para manter a aparência de unidade.

Assim, os khrushchevistas fizeram um ou dois ataques nos jornais, embora não muito contundentes (para evitar desagradar demasiadamente o “camarada Tito”!) e, na verdade, até mesmo com alguns elogios. Além disso, como era de praxe, começaram a exercer pressão econômica sobre a Iugoslávia, algo que Khrushchev admitiu para mim durante nossas conversas. Nessa época, o Pravda também havia publicado um artigo meu no qual o “socialismo específico” iugoslavo e seus representantes eram criticados de forma incisiva.

Estou relatando tudo isso para explicar por que fomos recebidos de forma mais “cordial” naquela época e por que nossos pontos de vista, especialmente em relação aos iugoslavos, não encontraram oposição e, na verdade, até pareceram ser aprova-

dos pelos dirigentes soviéticos.

Desde o momento em que desembarcamos em Odessa, percebemos essa atmosfera nas conversas que tivemos com aqueles que nos receberam e nas discussões com os dirigentes dos órgãos do partido e do Estado na Ucrânia.

Viajamos de Odessa para Moscou de trem. Ainda não havíamos nos recuperado adequadamente da viagem quando fomos informados de que o Presidium do Comitê Central do Partido Comunista da União Soviética havia organizado um jantar em homenagem à nossa delegação. Como já mencionei anteriormente, os dirigentes soviéticos eram conhecidos por seus almoços e jantares que se estendiam por horas a fio. Apesar de ainda estarmos cansados da viagem, é claro que comparecemos a esse “jantar”, que teve início por volta das quatro horas da tarde. Segundo minhas recordações, todos os membros do Presidium, com exceção de Brezhnev, Furtseva e mais um, estavam presentes. O jantar se estendeu por várias horas, durante as quais Khrushchev e os outros se esforçaram para criar uma atmosfera o mais amigável possível. Quase todos os presentes propuseram brindes (apenas Khrushchev propôs cinco ou seis), e durante esses brindes foram feitos belos discursos sobre nosso partido e a Albânia, com destaque para elogios a mim. Pospelyov, que havia participado do 3º Congresso de nosso partido em maio, foi especialmente efusivo em seus elogios.

Muitos dos brindes propostos foram discursos políticos, especialmente aqueles propostos por Khrushchev, para quem não era incomum falar por meia hora ao propor um brinde. De qualquer forma, por meio desses discursos, obtivemos uma indicação preliminar da posição que adotariam durante as conversações.

Naquela noite, Khrushchev não poupou críticas aos dirigentes iugoslavos.

— Suas posições são anti-leninistas e oportunistas, — declarou Khrushchev, entre outras coisas. — Sua política é uma confusão. Não faremos concessões a eles. Eles sofrem de megalomania, — prosseguiu. — Quando Tito esteve em Moscou, ele pensou que, com a recepção grandiosa que lhe foi dada, as massas estavam concordando com ele e contra nossa política. Na verdade, bastaria sussurrarmos uma palavra ao povo para que o despedaçassem, ele e sua quadrilha.

Ao falar sobre nossa postura em relação aos titoístas, ele afirmou:

— Os camaradas albaneses estão corretos, mas devem manter a calma e o autocontrole. Seus cabelos estão ficando grisalhos, mas nós já somos carecas, — disse Khrushchev, concluindo seu brinde.

Enquanto o banquete prosseguia, “o careca” nos informou que a Albânia, embora pequena, possuía uma posição estratégica crucial. Ele sugeriu: “Se construirmos

uma base de submarinos e mísseis lá, poderemos controlar todo o Mediterrâneo.” Essa mesma ideia foi repetida por Khrushchev e Malinovsky quando visitaram nosso país em 1959. Essa proposta foi concretizada na base de Vlorë, que os khrushchevistas mais tarde usaram como forma de nos pressionar.

Conforme mencionei, Khrushchev e os outros dirigentes soviéticos foram muito “cordiais”, cheios de elogios, numa tentativa de apaziguar a justa indignação de nosso partido em relação às suas posições equivocadas. Recordo-me de que, durante a noite, debatemos sobre a possível visita de Khrushchev ao nosso país. Embora ele tenha visitado quase todos os países, não veio à Albânia, nem aberta nem secretamente. Contudo, naquela noite, houve uma inclinação positiva em relação à nossa solicitação. Não apenas Khrushchev, mas vários membros do Presidium expressaram o desejo de visitar a Albânia. Alguém, cujo nome não me recordo, sugeriu em tom de brincadeira que eles poderiam até mesmo realizar uma reunião do Presidium ou do Comitê Central na Albânia! Também foi mencionado o suposto “amor” que Khrushchev tinha pelo nosso país (algo que ele demonstrou mais tarde!), e ele até foi apelidado de “*Albanyets*”⁴.

Entre outros brindes, recordo-me de que Molotov também fez uma proposta.

— Eu pertencço àquela categoria de pessoas que não davam muita importância à Albânia e não a conheciam, — assumiu ele. — Agora, nosso povo está orgulhoso de ter um amigo tão leal, resoluto e militante. A União Soviética tem muitos camaradas, mas nem todos são iguais. A Albânia é nossa melhor amiga. Vamos fazer este brinde desejando que a União Soviética tenha camaradas tão leais quanto a Albânia!

No geral, nossa linha justa foi elogiada, e os revisionistas iugoslavos foram condenados por todos os dirigentes soviéticos naquela noite. O marechal Zhukov nos informou que tinham provas do apoio dos dirigentes de Belgrado à contrarrevolução na Hungria, não apenas ideologicamente, mas também organizacionalmente, agindo como uma agência do imperialismo americano.

Após o jantar, tivemos uma reunião preliminar com Suslov, secretário do Comitê Central, encarregado das questões ideológicas e internacionais. Suslov, conhecido por sua habilidade em lidar com situações delicadas, foi um dos poucos a escapar das depurações na direção soviética. Embora nossos encontros anteriores tenham sido desconfortáveis, era necessário debater com ele novamente.

Brezhnev também participou da reunião, mas permaneceu em silêncio, enquanto Suslov conduzia a conversa. Lembro-me de nosso primeiro encontro no

4. “*O albanês*” (Em russo no original).

20º Congresso, onde Brezhnev já demonstrava uma personalidade vaidosa. Ele revelou sua suposta ligação com “armas especiais”, sugerindo ser o responsável pelo assunto no Comitê Central.

Brezhnev foi promovido ao Presidium do Comitê Central após o 20º Congresso e, posteriormente, ao se tornar membro pleno. No entanto, nunca o vi nem o ouvi falar em minhas visitas subsequentes a Moscou até o final do mandato de Khrushchev.

Suslov iniciou a reunião destacando os problemas que seriam discutidos, especialmente os eventos na Hungria. Ele criticou Rákosi e Gerö por seus erros, que causaram descontentamento popular, enquanto Nagy estava fora de controle.

— Nagy e os iugoslavos, — continuou ele, — lutaram contra o socialismo.

— Mas por que eles readmitiram Nagy no partido? — perguntei.

— Ele foi injustamente expulso, já que seus erros não justificavam tal punição.

No entanto, Kadar está atualmente adotando uma linha correta. Embora sua imprensa tenha expressado algumas críticas a Kadar, é crucial apoiá-lo, considerando que os iugoslavos estão se opondo a ele.

— Não conhecemos bem Kadar. Sabemos que ele estava na prisão e que estava com Imre Nagy.

Em resposta à nossa reclamação de que não havíamos sido informados sobre o desenvolvimento dos eventos na Hungria, Suslov disse que os eventos ocorreram sem aviso prévio e que não houve tempo para consultas.

— Além disso, não houve consultas com as outras partes. Somente quando entrevistamos pela segunda vez, consultamos os chineses, enquanto Khrushchev, Malenkov e Molotov foram para a Romênia e a Tchecoslováquia. — explicou.

— Como foi possível encontrar tempo para consultar Tito sobre a nomeação de Kadar, enquanto nós não fomos informados de nada? — questionei.

— Não consultamos Tito sobre Kadar, — esclareceu. — Simplesmente comunicamos a ele que não havia mais espaço para o governo de Nagy.

— Essas são questões de princípio, — enfatizei. — É essencial realizar consultas, mas elas não estão sendo realizadas. O Conselho Político Consultivo do Tratado de Varsóvia, por exemplo, não se reúne há um ano.

— Uma reunião foi marcada para janeiro, enquanto que, naquela época, cada dia de atraso causava um grande derramamento de sangue, — respondeu ele.

Entre outras coisas, eu lhe disse que o termo que estava sendo usado agora, a “quadrilha criminosa de Rákosi e Gerö”, parecia surpreendente para nós, e achávamos que isso não ajudava a unir todos os comunistas húngaros.

— Os erros de Rákosi criaram uma situação grave e descontentamento entre o

povo e os comunistas, — disse Suslov.

Pedimos a ele que nos falasse concretamente sobre os erros de Rákosi e Gerö, e Suslov listou uma série de coisas gerais, por meio das quais tentou culpá-los por tudo o que havia acontecido. Pedimos um exemplo concreto, e ele nos disse:

— Por exemplo, a questão de Rajk, que foi descrito como um espião sem nenhuma prova documental.

— Essas coisas foram discutidas com Rákosi? Ele recebeu algum conselho? perguntei.

— Rákosi não aceitou o conselho, — foi a resposta.

Da mesma forma, tínhamos opiniões bastante opostas às de Suslov sobre a atitude em relação a Gomulka e seus pontos de vista.

— Gomulka depurou os comunistas, os antigos dirigentes e oficiais leais, e os substituiu por outros, que haviam sido condenados pela ditadura do proletariado, — disse a Suslov.

— Ele confia nos homens que conhece, — disse Suslov. É preciso dar tempo a Gomulka e então poderemos julgá-lo.

— Mas suas opiniões e atividades já podem ser julgadas muito bem, — objetei. Como você pode explicar as palavras de ordem antissoviéticas que ele usou quando chegou ao poder?!

Suslov fez uma careta e disse rapidamente:

— Não foi Gomulka quem fez essas coisas, agora é justamente ele quem as está impedindo.

— Mas o que dizer de suas posições e declarações sobre a igreja, por exemplo?

Suslov entrou em uma longa conversa fiada, “argumentando” que se tratava de “táticas pré-eleitorais”, que Gomulka estava “tomando posições corretas” em relação à União Soviética, ao campo socialista, etc., etc. Nós nos separamos ainda discordando um do outro.

Naquele mesmo dia, tivemos as conversas oficiais com Khrushchev, Suslov e Ponomaryov. Abri a discussão apresentando os pontos de vista do nosso partido em relação aos acontecimentos na Hungria e na Polônia, bem como em relação às relações com a Iugoslávia. Logo no início, eu disse:

— Nossa delegação expressará as opiniões do Comitê Central do nosso partido sobre essas questões com franqueza, mesmo que em várias questões tenhamos diferenças com a direção soviética. Essas opiniões, sejam elas agradáveis ou não, — continuei, — devemos declarar abertamente, como marxista-leninistas, e discutir de forma camarada se estamos certos ou não e, se não estivermos certos, devemos

ser convencidos do porquê.

Quanto à Hungria, reiterarei a falta de informações e consultas sobre esse doloroso problema no campo socialista.

— Acredito que o Conselho Político Consultivo do Tratado de Varsóvia deveria ter sido convocado nessa situação. Nestes momentos, as consultas são fundamentais para coordenar nossas ações e posições, demonstrando nossa força e união. — declarei.

Prosegui discorrendo sobre a questão húngara e transmiti nossas impressões sobre o partido húngaro, Rákosi e Gerö. Especialmente, destaquei nossa surpresa com a avaliação de Kadar ao chamá-los de “uma quadrilha criminoso”, pois em nossa visão, os erros de Rákosi e Gerö não justificavam essa descrição. Quanto aos equívocos no desenvolvimento econômico da Hungria, desconhecíamos a gravidade da situação que justificasse uma “revolta das massas”. Os soviéticos concordaram conosco nesse ponto, reconhecendo que a situação econômica não era tão crítica quanto se pensava.

Em seguida, abordei nossa posição em relação a Nagy, Kadar, entre outros. Expressamos a desconfiança de nosso partido em relação a Kadar, ressaltando, no entanto, que nossa postura em relação a ele foi muito prudente.

Quanto aos eventos na Hungria, destaquei o papel dos revisionistas iugoslavos e manifestei a desaprovação do Partido do Trabalho da Albânia pela intervenção de Tito como árbitro nessas questões.

No tocante às relações com a Iugoslávia, após esboçar a história do problema conforme decidido pelo Birô Político, declarei, em essência:

— Os iugoslavos têm historicamente empreendido atividades hostis contra nosso partido e país, e essa hostilidade persiste até os dias atuais. Acreditamos que os dirigentes iugoslavos são contrários aos princípios do marxismo-leninismo e, em conjunto com as agências do imperialismo americano, desempenham um papel significativo nos acontecimentos na Hungria. Defendemos que nossas relações com a Iugoslávia devem ser normalizadas seguindo uma abordagem estritamente marxista-leninista, sem concessões que comprometam nossos ideais. O Partido do Trabalho da Albânia opina que a União Soviética não deve satisfazer o pedido de armas feito pela Iugoslávia através de Gosniak. Em nossa parte, manteremos apenas relações de cunho estatal e comercial, sem qualquer vínculo partidário com os iugoslavos.

Em particular, em nome do Comitê Central de nosso partido, reiterarei nossa opinião de que a visita de Khrushchev a Belgrado em 1955 não deveria ter ocorrido sem consultar os partidos irmãos e sem convocar a Cominform, que havia condenado Tito como antimarxista.

Após minha intervenção, Nikita Khrushchev tomou a palavra e iniciou um relato sobre como havia criticado os dirigentes iugoslavos por sua postura em relação ao nosso partido e país. Embora tenha aparentado concordar e apoiar nossas opiniões e posições, não deixou de nos tecer críticas e nos dar “conselhos”. Referindo-se ao meu artigo publicado no Pravda, ele mencionou:

— Tito ficou furioso com este artigo. No Presidium, cogitamos em suprimir algumas partes do artigo, mas o senhor insistiu que nenhuma alteração fosse feita e o publicamos como estava. Contudo, o artigo poderia ter sido abordado de forma diferente.

Em relação aos eventos na Hungria e na Polônia, Khrushchev continuou a expressar suas opiniões e, entre outras coisas, “instruiu-nos” a apoiar Kadar e Gomulka. Sobre este último, ele declarou:

— Gomulka está enfrentando uma situação desafiadora, pois a reação está se mobilizando. As opiniões expressas na imprensa não representam as posições do Comitê Central, mas sim de alguns que se opuseram a Gomulka. A situação está gradativamente se estabilizando. As eleições que serão realizadas na Polônia são de suma importância. Por isso, devemos apoiar Gomulka. Para isso, Zhou Enlai deve ir até lá, o que ajudará consideravelmente a fortalecer sua posição. Acreditamos que seria mais adequado que os chineses tomassem a frente, pois a reação está mobilizada contra nós.

E Zhou Enlai foi à Polônia em acordo com Khrushchev e para auxiliá-lo.

Posteriormente, Khrushchev “aconselhou-nos” a manter a calma em relação aos iugoslavos e, fazendo-se passar por um “grande estadista”, discorreu sobre as diferenças entre os dirigentes iugoslavos.

Ao final de seu discurso, Khrushchev tentou “amenizar” o clima, prometendo que estudariam nossas demandas econômicas e nos apoiariam.

Assim encerraram-se as discussões, onde expressamos nossas opiniões e os líderes soviéticos procuraram evitar qualquer responsabilidade pelo ocorrido. Dessa forma, encerrou-se a análise desta página trágica na história dos povos húngaro e poloneses. A contrarrevolução foi sufocada, seja com o uso de tanques soviéticos ou poloneses, mas foi reprimida pelos inimigos da revolução. Contudo, o mal e a tragédia persistiram. A cortina caiu, mas nos bastidores, Kadar, Gomulka e Khrushchev continuaram seus atos até consumarem completamente sua traição, restaurando o capitalismo.

O RECUO TEMPORÁRIO PARA SE VINGAR DEPOIS



Os soviéticos insistem na “unidade”. A reunião em Moscou de 1957. As negociações de Khrushchev para trazer Tito à reunião. A “irritação” temporária de Khrushchev. Debate sobre a expressão: “Dirigida pela União Soviética”. Gomulka afirma: “Não estamos subordinados à União Soviética”. Mao Zedong declara: “Nosso campo precisa de uma liderança, afinal, até mesmo uma cobra tem uma cabeça”. Togliatti sugere: “Devemos explorar novos caminhos”, “somos contra uma única autoridade centralizada”, “não queremos adotar a tese de Lênin sobre ‘o partido do novo tipo’”. Mao utiliza um sofisma: 80%, 70% e 10% de “marxistas”. A Declaração de Moscou e a resposta da Iugoslávia. Khrushchev encobre sua traição sob o nome de Lênin.



O PROPÓSITO DOS KHRUSHCHEVISTAS, QUE ESTAVAM PROMOVEDO A RESTAURAÇÃO do capitalismo na União Soviética, era transformá-la em uma significativa potência social-imperialista. Consequentemente, advogavam pela sua plena militarização, uma vez que a turbulência que estavam gerando não apenas comprometeria a coesão do campo socialista, mas também intensificaria as contradições com o imperialismo americano. Os khrushchevistas reconheciam a superioridade dos Estados Unidos da América em termos econômicos e militares em relação à União Soviética.

A estratégia demagógica dos khrushchevistas, ao promoverem a ideia de uma “nova era de paz” e do “desarmamento”, visava ludibriar os *gogos*¹. Os Estados Unidos da América e o sistema capitalista internacional se aproveitaram disso para aprofundar a crise do comunismo, evitar uma rápida crise econômica e política que ameaçasse os próprios Estados Unidos, e consolidar seus mercados e alianças, es-

1. “*Inocentes*” (Em francês no original).

pecialmente a OTAN. Paralelamente, os khrushchevistas empenharam-se na consolidação do Tratado de Varsóvia, transformando-o em um instrumento soviético para restringir nossos países. Sob o pretexto de “defesa contra a OTAN”, conseguiram converter a presença de tropas soviéticas em uma ocupação militar de muitos países signatários do Tratado de Varsóvia.

De fato, a ameaça imperialista era e ainda é uma realidade. Contudo, com a ascensão dos khrushchevistas ao poder, nossos países foram tratados como campos de batalha externos à esfera soviética, e nossos povos foram considerados meros peões pelos revisionistas soviéticos. Eles buscaram controlar e dirigir todos os aspectos da vida, desde o exército até a economia e a cultura. Todos os partidos dos países socialistas caíram nessa armadilha khrushchevista, com exceção do Partido do Trabalho da Albânia.

Entretanto, inevitavelmente, surgiram atritos, discordâncias e brigas, mesmo entre aqueles que seguiam e se submetiam à linha de Khrushchev, todos motivados por objetivos e políticas sem princípios. A burguesia e a reação internacional alimentaram essas divergências para aprofundar as divisões dentro do “bloco comunista”. Khrushchev e seus aliados perceberam esse processo e usaram todos os meios e formas para restringi-lo e isolá-lo.

Para alcançar seus objetivos estratégicos, os khrushchevistas necessitavam da “amizade” de todos, especialmente dos partidos e países do campo socialista. Portanto, empregaram várias táticas para “consolidar suas relações”, suavizar as divergências, subjugar os demais e estabelecer sua direção sobre eles.

Seu método de operação incluía reuniões e contatos, geralmente em Moscou, visando transformar a capital soviética no centro do comunismo internacional, mantendo sempre a vantagem por meio de dispositivos de escuta e exercendo controle sobre indivíduos estratégicos.

Ficou claro que as coisas não estavam indo bem para os khrushchevistas. A União Soviética enfrentava contradições significativas com a Albânia, a China e até mesmo com outros países de democracia popular. A linha de “liberdade” e “democracia”, proclamada de forma enfática no 20º Congresso, agora se voltava contra a própria direção soviética, resultando na desintegração de suas fileiras. No entanto, os khrushchevistas precisavam preservar a “unidade” político-ideológica do campo socialista e do movimento comunista internacional a todo custo, ao menos em sua superfície. Nesse sentido e com esse objetivo, foi organizada a Reunião de Moscou de 1957.

Khrushchev e sua quadrilha empreenderam esforços intensivos não apenas

para assegurar a participação da Liga dos Comunistas da Iugoslávia nessa reunião como representante de um “país socialista”, mas também, se possível, para obter um acordo entre Tito e Khrushchev sobre a plataforma, o método de procedimento e as conclusões do encontro. Dessa maneira, a tão almejada “unidade” pelos khrushchevistas pareceria mais sólida do que nunca. No entanto, Tito não era alguém que se deixava facilmente influenciar por Khrushchev. Houve uma troca de correspondências extensiva e várias reuniões bilaterais entre os emissários de Khrushchev e Tito antes da reunião, mas, quando parecia que um entendimento estava próximo, tudo mudou e a divisão se aprofundou ainda mais.

Ambos os lados buscavam usar a reunião para seus próprios fins: Khrushchev, para proclamar a “unidade”, mesmo que isso implicasse em concessões dolorosas para atrair Tito; enquanto este último, para instigar os demais a abandonar de vez o marxismo-leninismo, a luta contra o revisionismo moderno e qualquer posição fundamentada em princípios. Ponomarev e Andropov foram até Belgrado, negociaram abertamente com os representantes de Tito, demonstraram disposição para recuar em muitas das posições anteriormente defendidas, aparentemente baseadas em princípios. No entanto, Tito, de longe, decretou:

“Iremos à reunião, mas apenas sob a condição de que nenhuma declaração seja divulgada, pois isso poderá acirrar as tensões internacionais e enfurecer os imperialistas, acusando-nos de ‘ameaça comunista’. Nós, iugoslavos, não podemos aceitar qualquer tipo de declaração, pois nossos aliados ocidentais podem interpretar isso como um vínculo com o campo socialista, o que poderia levar à ruptura de nossas estreitas relações com eles. Participaremos da reunião com a condição de que não seja feita nenhuma menção aos termos oportunismo e revisionismo, pois, caso contrário, seremos atacados diretamente. Além disso, exigimos que a política das potências imperialistas não seja atacada, pois isso não serviria à política de redução de tensão, etc., etc.”

Em outras palavras, Tito expressou seu desejo de que os comunistas do mundo se reunissem em Moscou para um encontro amigável e informal.

No entanto, essa era exatamente a declaração que Khrushchev necessitava: uma que confirmasse a “unidade” e obtivesse o máximo de assinaturas possível. As discussões chegaram a um impasse quando Tito decidiu não comparecer a Moscou. A reação de Khrushchev foi de raiva, expressa por meio de termos fortes, substituindo os sorrisos e elogios a “camarada Tito” por epítetos como “oportunista”, “anti-leninista”, entre outros.

No entanto, Khrushchev reservou esses “termos fortes” para conversas infor-

mais e corredores, evitando mencioná-los nas reuniões. Quando confrontado com os revisionistas e opositores à União Soviética, referiu-se apenas a dois indivíduos, Nagy e Djilas, como exemplos.

Ele ainda mantinha a esperança de que Tito cumprisse sua promessa anterior em Bucareste, confirmando a “unidade dos treze”. No entanto, Tito repentinamente alegou estar “doente”, cancelando sua participação.

— Uma doença diplomática! — reclamou Khrushchev com raiva, e perguntou a nós e aos outros o que deveria ser feito na situação em que os iugoslavos não concordaram nem mesmo em participar da primeira reunião dos partidos comunistas dos países socialistas, muito menos em assinar a declaração.

— Nós já expressamos nossa opinião sobre eles há muito tempo, e todos os dias estamos demonstrando que estávamos e estamos corretos, — afirmamos. — Não devemos retroceder apenas porque os iugoslavos optaram por não comparecer.

— Concordamos plenamente, — disse Suslov. — A reunião foi realizada sem o 13º, o elemento discordante.

Apesar da ausência dos revisionistas iugoslavos na primeira reunião dos partidos dos países socialistas, sua presença foi sentida nos procedimentos, pois foram representados por seus aliados ideológicos, como Gomulka e outros. Estes manifestaram apoio às teses de Tito e pressionaram por uma postura mais condescendente e desorganizada por parte de Khrushchev e seus aliados.

— Não concordamos com a ideia de utilizar a expressão “campo socialista dirigido pela União Soviética”, — declarou Gomulka. — Na prática, abandonamos o uso desse termo para mostrar que não estamos mais sujeitos à influência direta da União Soviética, como ocorria na era de Stálin.

Os dirigentes soviéticos, por sua vez, empregaram uma estratégia sutil para contornar essa questão. A fim de demonstrar uma suposta igualdade nas relações com os outros partidos irmãos, “propuseram” que a expressão “dirigido pela União Soviética” não fosse mais utilizada, sob o argumento de que todos os países socialistas eram “iguais”. No entanto, essa proposta foi feita de maneira temporária, como uma maneira de sondar a opinião dos demais, pois, na essência, não buscavam apenas substituir o termo por “sob a direção da União Soviética”, ou seja, estabelecendo uma relação de dependência com a União Soviética. Esse era o verdadeiro intento dos khrushchevistas, como o tempo demonstrou.

Quando Gomulka apresentou sua proposta durante a reunião, os representantes soviéticos reagiram com indignação e, sem se manifestarem abertamente primeiro, instigaram os outros a atacá-lo.

O debate sobre essa questão foi longo e acalorado. Apesar de a percepção de que a direção soviética estava se afastando dos princípios socialistas estar se tornando cada vez mais clara entre nós, continuamos a defender a tese de um “campo dirigido pela União Soviética” por razões de princípio e estratégicas. Reconhecíamos que, ao rejeitar essa expressão, Gomulka e sua quadrilha estavam, na verdade, rejeitando abertamente e sem hesitação tudo o que havia sido provado como bom e valioso nas décadas de experiência da União Soviética sob a liderança de Lênin e Stálin. Estavam negando a importância da experiência da Revolução de Outubro e a construção do socialismo na União Soviética durante o período de Stálin, assim como o papel fundamental que a União Soviética desempenhava no triunfo e no avanço do socialismo em muitos países.

Portanto, os revisionistas, como Gomulka, Togliatti e outros, se uniram ao feroz ataque desencadeado pelo imperialismo e pela reação contra a União Soviética e o movimento comunista internacional naqueles anos.

Para nós, defender as conquistas marxista-leninistas era um dever internacionalista, motivo pelo qual nos opusemos firmemente a Gomulka e aos demais. Isso era uma questão de princípio para nosso partido. Por outro lado, nossa defesa da União Soviética e da tese de um “campo dirigido pela União Soviética”, tanto em 1957 quanto nos anos seguintes, foi uma das estratégias adotadas por nosso partido para combater o revisionismo moderno khrushchevista.

Embora Khrushchev e seus aliados estivessem cientes de nossas opiniões e posições, naquela época ainda não havíamos expressado abertamente nossa oposição à linha revisionista que estavam adotando. Portanto, ao nos opormos vigorosamente às teses revisionistas de Tito, Gomulka, Togliatti e outros perante todos os partidos, encontramos indiretamente uma oportunidade para criticar as teses, posições e ações de Khrushchev, que, essencialmente, coincidiam com as de Tito e seus seguidores.

Por motivações e objetivos completamente diferentes, alheios ao marxismo-leninismo, Ulbricht, Novotny, Zhivkov, e Dej, entre outros, também criticaram Gomulka. Eles buscavam o favor da União Soviética e de Khrushchev e, para isso, deixaram seu aliado ideológico em minoria.

Mao Zedong apresentou seus “argumentos” do lugar onde estava sentado.

— Nosso campo precisa de uma liderança, afinal, até mesmo uma cobra tem uma cabeça, — disse ele. — Eu discordo que a China deva ser chamada de líder do campo, — continuou Mao, — porque não merecemos tal honra e não estamos em posição de assumir esse papel, uma vez que ainda somos economicamente desfavorecidos. Não possuímos nem sequer um quarto dos satélites que a União Sovi-

ética detém. Portanto, é justo que a União Soviética seja a líder, pois nos trata de maneira justa. Observe como estamos dialogando livremente agora. Se Stálin estivesse presente, seria difícil ter esse tipo de conversa. Quando eu encontrava Stálin, sentia-me como um aluno diante de seu professor. Já com o camarada Khrushchev, falamos livremente, como camaradas em pé de igualdade.

E como se isso não fosse suficiente, ele continuou em seu próprio estilo:

— Com a crítica ao culto à personalidade, parecia que um peso opressivo, que nos impedia de compreender as coisas de maneira adequada, foi retirado de nossos ombros. Quem nos libertou desse fardo, quem facilitou nossa compreensão do culto à personalidade? — perguntou o filósofo, ficando em silêncio por um momento antes de dar sua resposta: — Foi o camarada Khrushchev, e por isso lhe somos gratos.

Foi dessa maneira que o “marxista” defendeu a tese de um “campo dirigido pela União Soviética” e expressou seu apoio a Khrushchev. No entanto, ao mesmo tempo, para evitar desagradar a Gomulka, que se opunha a essa tese, Mao, habilidosamente, acrescentou:

— Gomulka é um camarada confiável e merece nosso apoio!

Também foram realizados debates muito longos com relação à posição em relação ao revisionismo moderno.

Gomulka, em particular, apoiado por Ochab e Zambrowski na primeira reunião dos doze partidos dos países socialistas, e mais tarde por Togliatti na segunda reunião com 68 partidos, na qual também estavam presentes enviados de Tito, opuseram-se firmemente ao ataque ao revisionismo moderno e à sua definição como o principal perigo no movimento comunista e operário internacional. Ochab expressou preocupação, afirmando:

— Com essas formulações, estamos alienando os maravilhosos e corajosos camaradas iugoslavos, e agora vocês também estão alienando a nós, poloneses.

Palmiro Togliatti tomou a palavra na reunião e expôs suas teses ultra-revisionistas:

— Devemos ir além da linha estabelecida pelo 20º Congresso para transformar os partidos comunistas em amplas organizações de massas. Devemos traçar novos rumos e adotar novas palavras de ordem. — resumiu. — Neste momento, é crucial uma grande independência na formulação de palavras de ordem e modelos de colaboração, — continuou, — Por isso nos opomos a um único centro de direção. Tal centralização não seria benéfica para o desenvolvimento da individualidade de cada partido nem para a aproximação das grandes massas, incluindo católicos e outros grupos, ao nosso redor.

Jacques Duclos, que estava sentado ao meu lado, não conseguiu se conter:

— Estou prestes a me levantar para criticá-lo diretamente, — disse-me. — Você está ouvindo o que ele está dizendo, camarada Enver?

— Sim. — respondi a Duclos. — Ele está expressando aqui o que vem pensando e fazendo há muito tempo.

— Em 1945, — continuou Togliatti, — declaramos que queríamos criar um novo partido. Dizemos um “novo partido” e não queremos usar a tese de Lênin, “o partido de novo tipo”, porque, se o colocássemos dessa forma, isso marcaria um grande erro teórico e político, significaria criar um partido comunista que romperia com as tradições da social-democracia. Se tivéssemos construído um partido de novo tipo, — continuou Togliatti, — teríamos alienado o partido das massas populares e nunca teríamos criado a situação que temos hoje, quando nosso partido se tornou um grande partido de massas.

Após essas e outras teses de Togliatti, os ânimos se exaltaram. Jacques Duclos se levantou para falar:

— Ouvimos atentamente o discurso de Togliatti, — disse ele, entre outras coisas, — mas declaramos que não concordamos nem um pouco com o que Togliatti disse. Suas opiniões abrem caminho para o oportunismo e o revisionismo.

— Nossos partidos foram e são prejudicados pelo sectarismo e pelo dogmatismo! — interveio Togliatti.

Em um determinado momento, Mao Zedong levantou-se para acalmar os ânimos, falando em seu estilo de alegorias e implicações. Ele disse:

— Em todas as questões humanas, é preciso ir à luta, mas também à conciliação. Tenho em mente as relações entre camaradas: quando tivermos diferenças, convidemos uns aos outros para conversar. Em Panmunjom, tivemos negociações com os americanos, no Vietnã, com os franceses.

Depois de várias frases desse tipo, ele chegou ao ponto:

— Há pessoas, — disse ele, — que são 100% marxistas e outras que são 80% contra o revisionismo; ele nos tem em mente e nos menciona pelo nome. Mas mesmo quando não somos mencionados pelo nome, todos entendem que estamos implícitos, e é por isso que não participamos da reunião nem assinamos a declaração dos partidos dos países socialistas.

E eles não assinaram essa declaração.

Mao Zedong expressou seu profundo pesar:

— Eles não vão assinar a declaração dos doze partidos. — disse ele. — Como regra, deveria haver treze países, mas os camaradas iugoslavos se afastaram. Não podemos forçá-los. Eles não vão assinar. Eu digo que daqui a dez anos eles assina-

ção a declaração².

A declaração, que foi elaborada em conjunto e adotada na reunião, generalizou a experiência do movimento comunista internacional, defendeu as leis universais da revolução e da construção socialista, e definiu uma série de tarefas comuns para os partidos comunistas e dos operários, bem como as normas de relacionamento entre eles.

Assim, a adoção da declaração foi uma vitória para as forças revolucionárias marxista-leninistas. De modo geral, ela constituiu um programa correto de luta conjunta para as próximas batalhas contra o imperialismo e o revisionismo.

No entanto, embora os revisionistas modernos tenham sido controlados e temporariamente tenham baixado seus chifres, eles não cessaram seu trabalho obscuro e não tinham intenção de fazê-lo. Khrushchev exploraria a Reunião de Moscou de 1957 como um meio de preparar o terreno para a implementação do terrível plano anticomunista que ele levaria adiante.

Ele fez o máximo para disfarçar sua traição sob o nome de Lênin e, portanto, fez uso da fraseologia pseudo-leninista, mobilizou todos os pseudo-filósofos liberais, que aguardavam o momento de adaptar às linhas revisionistas (que eles retiraram do velho arsenal social-democrata) disfarces leninistas apropriados à situação moderna do desenvolvimento econômico de “nossa época de superioridade do socialismo” e “a conquista, especialmente na União Soviética, do estágio de construção do comunismo”.

O khrushchevismo distorceu o marxismo-leninismo, considerando-o ultrapassado e, conseqüentemente, declarou a fase da ditadura do proletariado como ultrapassada, anunciando sua substituição pelo “estado de todo o povo”. Seguindo sua trajetória de traição, Khrushchev propôs substituir o partido do proletariado pelo “partido de todo o povo”. Assim, segundo Khrushchev, a União Soviética avançaria para “uma fase superior, o comunismo”, enquanto na realidade o país ainda enfrentava atrasos na indústria e na agricultura, com seus mercados vazios. O conceito de que a União Soviética estava avançando para a fase do comunismo era meramente retórico, pois a realidade contradizia essa afirmação. O país necessitava urgentemente de um partido marxista-leninista forte para reeducar os soviéticos e reverter a degeneração da sociedade soviética.

2. Mao estava equivocado apenas em relação ao prazo estabelecido. Na realidade, vinte anos depois, uma “declaração” foi assinada com os iugoslavos em Pequim. Os maoístas selaram sua submissão a Tito (Nota do autor).

Esse discurso liberal foi amplamente propagado por Khrushchev e seus teóricos da noite para o dia. A imprensa, o rádio e toda a propaganda soviética ecoaram essa ideia; cartazes com letras grandes foram espalhados pelas ruas, fachadas de prédios e projetos industriais: “*Dognat i peregnat S.S.H.A*”³

Das tribunas das reuniões, o traidor gritava: “Ultrapassamos os Estados Unidos neste ou naquele setor, vamos ultrapassá-los na agricultura (e até marcamos as datas), vamos enterrar o capitalismo”, entre outras declarações. As teorias revisionistas foram desenvolvidas, elaboradas e difundidas pelas direções traidoras dos partidos pseudo-marxistas e por uma multidão heterogênea de filósofos pseudo-marxistas, trotskistas como Serven, Garaudy, Krivin, Fischer e outros, em todos os países capitalistas. Estes estavam infiltrados nas fileiras dos partidos comunistas e emergiram como revisionistas khrushchevistas, surgindo como cogumelos após a chuva.

Os comunistas genuínos foram pegos de surpresa. O sentimentalismo antimarxista doentio os impediu de levantar a voz contra seus partidos em degeneração, contra os antigos dirigentes que estavam traindo e contra a União Soviética, que tanto amavam, para perceber a catástrofe para a qual a pátria de Lênin e Stálin estava caminhando.

A burguesia capitalista contribuiu para aprofundar essa confusão ao máximo, utilizando todas as suas forças e meios econômicos e de propaganda.

Dessa forma, o plano ardiloso de Khrushchev foi desenvolvido em detalhes por meio de intrigas, pressões, demagogia, chantagem, acusações falsas e violações dos tratados, acordos e convênios existentes entre a União Soviética e a China, bem como entre a União Soviética e a Albânia, até que os khrushchevistas chegaram à “famosa” Reunião de Bucareste.

3. “*Ultrapassar e superar os EUA*” (Em russo no original).

A CENOURA E O PORRETE



Nossa delegação do Partido e do Governo vai para a União Soviética. Manobras de Khrushchev: a “cenoura” em evidência — o governo soviético converte os créditos em subsídios. Leningrado: Pospyelov e Kozlov censuram nossos discursos. “Não devemos mencionar os iugoslavos”. Nossa conversa oficial com Khrushchev e outros. Khrushchev fica furioso: “Vocês querem nos levar de volta à Stálin”, “Tito e Rankovic são melhores do que Kardelj e Popovic. Tempo é um asno... é instável”. Um encontro casual com o embaixador iugoslavo em Moscou, Mićunović. Visita de Khrushchev à Albânia, em maio de 1959. Khrushchev e Malinovsky nos pedem bases militares: “Controlaremos todo o Mediterrâneo, do Bosphorus a Gibraltar”. O conselho sobre o extermínio de cães. A embaixada soviética em Tirana, um centro da KGB.



Nosso Partido e seu Comitê Central observaram atentamente o curso trágico que os khrushchevistas estavam impondo à União Soviética e a outros países socialistas, bem como as direções dos eventos em andamento, o que nos colocou em um grande dilema. As medidas que adotamos precisavam ser cuidadosamente consideradas: não podíamos agir com pressa, mas também não podíamos ficar passivos. Antevendo momentos difíceis, nosso foco estava em fortalecer a situação interna do país, promover o desenvolvimento econômico e reforçar as nossas capacidades militares. Acima de tudo, era essencial manter o partido alinhado com os princípios do marxismo-leninismo, combatendo vigorosamente a influência do revisionismo e defendendo firmemente as normas leninistas, preservando a unidade na direção e no interior do partido. Essa era a principal salvaguarda contra o titoísmo e o khrushchevismo. Os khrushchevistas mantinham seu disfarce e não tinham argumentos sólidos para nos atacar abertamente nesse campo. Portanto, foi essencial defendermos a União Soviética quando ela estava sob ataques de todos os lados. Como mencionado anteriormente, essa postura representava outra ques-

tão importante de princípio e, ao mesmo tempo, constituía nossa estratégia contra os khrushchevistas, que não conseguiam encontrar brechas em nossas posições.

Eles não podiam ou não queriam intensificar as contradições conosco. Talvez, subestimando a força de nosso partido e a resistência do povo albanês, pensaram que poderiam nos sufocar por sermos pequenos, ou que poderiam minar nossa fortaleza de dentro para fora, preparando agentes (como mais tarde descobrimos, agiram nesse sentido com Liri Belishova, Maço Como, Panajot Plaku, Beqir Balluku, Petrit Dume, Hito Qako e outros bandidos e conspiradores). No entanto, tanto eles quanto nós percebemos que o abismo entre nós estava se ampliando.

A questão iugoslava continuou sendo uma das principais divergências entre nós e os khrushchevistas, que buscavam de todas as formas uma reconciliação com os revisionistas iugoslavos. Khrushchev desejava essa reconciliação porque, através dela, almejava que abandonássemos nosso curso marxista-leninista consistente, que renunciássemos a qualquer posição correta e baseada em princípios, tanto internamente quanto internacionalmente, ou seja, que nos submetêssemos à linha khrushchevista.

Há muito tempo compreendíamos isso e não nos dobrávamos diante da demagogia, chantagem e ameaças de Khrushchev. Um exemplo típico desse posicionamento foi nossa reunião com a direção soviética em Moscou, em abril de 1957, após os eventos na Hungria e na Polônia e após a reunião plenária do Comitê Central de nosso partido, realizada em fevereiro de 1957.

Nessa plenária, fizemos uma análise profunda dos eventos amargos na Hungria e na Polônia. Expressamos abertamente nossas opiniões sobre a tensa situação internacional da época, discorremos sobre as verdadeiras causas dos distúrbios no campo socialista, criticamos vigorosamente as manobras do imperialismo, lideradas pelo imperialismo americano, expusemos o revisionismo moderno e defendemos os princípios fundamentais do marxismo-leninismo. O relatório completo que apresentei nessa plenária, em nome do Birô Político, contradizia muitas das teses do 20º Congresso, embora sem mencioná-lo diretamente. Logo após a plenária, tornamos esse relatório público, publicando-o no *Zëri i Popullit* e transmitindo-o pelo rádio. Sem dúvida, isso irritou os khrushchevistas. Eles não podiam se opor diretamente às nossas teses e posições baseadas em princípios, pois estavam tentando manter as aparências. No entanto, internamente, estavam fervendo. Sentiram a necessidade de “acertar as contas” conosco, de nos reprimir. Por isso, solicitaram que enviássemos uma delegação de alto nível a Moscou com o pretexto de “fortalecer nossa amizade”.

Em abril de 1957, partimos para a União Soviética. A delegação era composta por Mehmet Shehu, Gogo Nushi, Rita Marko, Ramiz Alia, Spiro Koleka, Xhafer Spahiu, Behar Shtylla, eu e outros. Fomos surpreendidos ao entrar nas águas territoriais da União Soviética, quando um grupo de navios de guerra soviéticos nos cercou, saudando-nos com bandeiras e nos escoltando até Odessa. Na chegada, fomos recebidos pelo Vice-Primeiro-Ministro da Ucrânia, o Vice-Ministro das Relações Exteriores da União Soviética, Patolichev, dirigentes do partido e do estado de Odessa, e centenas de pessoas com bandeiras e flores no porto. Passamos um dia em Odessa, explorando a cidade e assistindo ao balé. Na noite seguinte, seguimos de trem para Moscou, onde fomos calorosamente recebidos na estação de Kiev por Kirichenko, Kalchenko (Primeiro-Ministro da Ucrânia) e outros, que nos desejaram uma boa viagem.

A atmosfera na estação ferroviária “Kievsky”, em Moscou, era ainda mais calorosa. Milhares de moscovitas, carregando flores e bandeiras, compareceram para dar as boas-vindas à nossa delegação qualificada, expressando seu amor e respeito sinceros pelo nosso povo, partido e país. Senti esse amor e respeito especiais do povo soviético por nós, forjados nos anos em que Stálin estava vivo. Sempre que tive a oportunidade de interagir com o povo soviético comum em fábricas industriais, fazendas coletivas e centros culturais, artísticos e científicos que visitei, pude perceber a profunda amizade e admiração que nutriam por nós. Nosso partido e nosso povo eram vistos pelo povo soviético como verdadeiros amigos, defensores dedicados da União Soviética, que amavam e honravam os nomes de Lênin e Stálin.

Na estação, Patolichev dirigiu-se a mim:

— Camarada Enver, recebemos outros representantes de alto nível das democracias populares aqui, mas uma recepção como esta, organizada pelo povo soviético para você, é algo que nunca vi antes.

Khrushchev, Bulganin, membros do Presidium do Comitê Central do partido, membros do governo da URSS, entre outros, estavam no palanque para nos dar as boas-vindas. Cumprimentamos e abraçamos cada um deles, percebendo que, embora suas expressões de alegria não fossem tão efusivas quanto as das pessoas que nos aplaudiam, desta vez a recepção dos dirigentes soviéticos era mais calorosa do que em outras ocasiões. Na estação e na recepção, eles não economizaram em elogios.

— Estamos orgulhosos da amizade que temos com vocês; seu partido é jovem, mas tem se mostrado muito maduro; vocês estão desempenhando um papel muito importante. — Khrushchev, Bulganin, Pospyelov e outros foram rápidos em declarar.

Logo percebemos que isso era apenas o começo. Eles viriam com suas deman-

das mais tarde.

— Precisamos ajudá-los de forma mais organizada. Nós lhes demos algo, mas não pensamos o suficiente sobre o que fizemos, — disse Khrushchev, tentando nos cativar, enquanto expressava seu desejo de que a Albânia se tornasse um “exemplo para os países da Ásia, África, Grécia e Itália”.

Após enfatizar várias vezes que “iremos ajudá-los mais” e “melhor”, Khrushchev quis testar o efeito de suas promessas.

— Rimos muito no Presidium, — disse ele, — quando lemos o discurso de Tito em Pula. Ele maltratou o camarada Enver lá, mas, no final, ficou encurralado.

— Respondemos à altura. — comentei.

— Claro, claro, — respondeu Khrushchev, com um sorriso desaparecendo do rosto, — mas devemos conter nossa raiva e nos mostrar generosos, pelo bem dos povos da Iugoslávia e da unidade do campo socialista.

— Devemos nos comunicar com as pessoas, — continuou ele, — ser razoáveis e não mencionar os iugoslavos pelo nome, mas discutir o revisionismo em geral como um fenômeno.

Embora fosse uma recepção calorosa, não pude ignorar a questão persistente da Iugoslávia.

Dois dias depois, partimos para Leningrado. Kozlov nos recebeu com palavras amigáveis:

— Sou um grande admirador da Albânia! — disse ele. (Curiosamente, esse mesmo Kozlov, anos depois, nos eventos de Bucareste e Moscou, mostrou ser um “admirador” tão fervoroso que, em meio a ameaças, nos alertou sobre os perigos à liberdade e independência de nossa pátria.)

Entre outras coisas, visitamos a fábrica de construção de máquinas “Lênin”, uma grande fábrica de importância histórica. Lá, nas graves condições do czarismo, Lênin criou os primeiros grupos comunistas e discursou várias vezes para os trabalhadores.

— Nenhuma outra delegação estrangeira visitou essa fábrica. — disse Pospyelov, que nos acompanhou nessa visita.

Os trabalhadores nos receberam calorosamente, embora nossa visita tenha sido espontânea. Um funcionário da usina hidrelétrica no rio Mat nos presenteou com algumas ferramentas para levarmos de volta à Albânia como lembrança. Durante nossas conversas, os trabalhadores da usina compartilharam seu profundo apreço pelo povo albanês, considerando-o heroico, e expressaram um amor especial por nossa nação.

Organizaram rapidamente um comício na fábrica, com a participação de 4 mil

a 5 mil pessoas, onde fui convidado a discursar. Aproveitei a oportunidade para expressar a gratidão do povo albanês e do Partido do Trabalho da Albânia pelo apoio e solidariedade do povo soviético. Também relatei a luta do nosso povo e partido contra os inimigos imperialistas e revisionistas, identificando esses inimigos pelos seus nomes e suas atividades hostis contra nós.

Embora soubesse que minha franqueza poderia desagradar a Khrushchev, senti-me compelido a falar abertamente com os trabalhadores. Na primeira recepção, ele nos deu sua “orientação” sobre a questão da Iugoslávia. No entanto, tanto eu quanto meus colegas não teríamos tido paz de espírito se não tivéssemos exposto nossas convicções. Assim, em meu discurso, não hesitei em afirmar que os dirigentes iugoslavos eram antimarxistas e chauvinistas, destacando suas ações hostis.

Os trabalhadores ouviram minhas palavras com atenção e reagiram com grande entusiasmo, aplaudindo fervorosamente. No entanto, após o evento, Pospyelov abordou-me:

— Eu acho que devemos amenizar um pouco a parte sobre a Iugoslávia, parece um pouco severa demais... — sugeriu Pospyelov.

— Não vejo exagero... — respondi.

— Amanhã seu discurso será publicado na imprensa, — alertou, — os iugoslavos ficarão muito irritados conosco.

— É o meu discurso. Está tudo bem. — respondi a ele.

— Camarada Enver, você precisa compreender, — insistiu Pospyelov, — Tito diz que somos nós que o provocamos a falar abertamente contra eles dessa forma. Precisamos suavizar essa parte.

Esse diálogo aconteceu em uma das salas do Teatro de Ópera “Kirov”, em Leningrado. Estava na hora de começar a apresentação e as pessoas aguardavam nossa entrada no salão.

— Vamos adiar essa discussão para depois da apresentação. — sugeri. — O tempo está passando.

— Podemos adiar o início da apresentação. — insistiu ele. — Vou informar aos camaradas.

Discutimos por um momento e, por fim, chegamos a um “acordo”: a palavra “inimigo” seria substituída por “antimarxista”.

Os revisionistas ficaram satisfeitos, como se tivessem alcançado uma grande vitória. Depois de algum tempo, Kozlov sugeriu outra “concessão”:

— “Antimarxista” também não soa muito bem — comentou ele. — Que tal substituir por ‘não marxista’?

— Está bem, então... — respondi ironicamente. — Faça como preferir!

— Vamos até o saguão do teatro. — propôs Kozlov, e demos algumas voltas entre as pessoas para que ele pudesse cumprimentá-las. Enquanto isso, os outros foram fazer a “correção” e Ramiz os acompanhou.

No entanto, quando Ramiz voltou, ele me informou que haviam removido tudo o que eu havia dito sobre os iugoslavos. Instruí-o a dizer-lhes que insistíamos em nossas opiniões, mas os aliados de Khrushchev responderam:

— É impossível fazer qualquer mudança agora, pois teríamos que informar novamente os camaradas superiores!

— Durante um dos intervalos da apresentação, expressei nossa insatisfação a Pospyelov.

— A verdade é que eles são como você descreve, — respondeu, — mas não devemos agir precipitadamente, pois o momento adequado chegará...

Dessa forma, o que foi dito na reunião sobre a Iugoslávia foi modificado no *Pra-va*. Mehmet, que foi a Tashkent com parte da delegação, também enfrentou as mesmas pressões e “operações” em seus discursos.

Embora os dirigentes soviéticos estivessem cientes de nossa posição em relação aos revisionistas iugoslavos, decidimos antecipadamente levantar esse problema novamente em Moscou e explicar a Khrushchev e sua equipe por que discordávamos deles. Nos reunimos em 15 de abril. Mehmet, Gogo, Ramiz, Spiro, Rita e eu representamos nosso lado nas conversas; do lado soviético estavam Khrushchev, Bulganin, Suslov, Ponomaryov e Andropov. Este último, após os distúrbios na Hungria, não era mais embaixador, mas ocupava um cargo de alto escalão no aparato do Comitê Central do partido, possivelmente como diretor ou vice-diretor no setor de relações com os partidos dos países socialistas.

Desde o princípio, deixei claro a Khrushchev e seus associados que abordaria principalmente o problema da Iugoslávia.

— Discutimos essas questões de forma contínua em nosso partido, — afirmei. — e fizemos o máximo para manter uma postura paciente, racional e cautelosa em nossas opiniões e ações em relação à direção iugoslava. Por sua vez, os dirigentes iugoslavos persistiram em suas ações. Não pretendo visitar toda a história amarga de nossas relações com eles ao longo de 14 anos, pois vocês estão cientes disso, mas é importante destacar que, até o presente momento, a direção iugoslava continua suas atividades secretas hostis contra nós, mantendo uma postura permanentemente provocativa. Acreditamos que essas posições persistentes da direção iugoslava, especialmente por parte de sua legação em Tirana, — prossegui, — têm o objetivo

de romper completamente as relações conosco, a fim de nos colocar em uma situação difícil diante de nossos aliados, sob o pretexto de que “eles conseguiram boas relações com todos os outros partidos, mas não podem chegar a um acordo com os albaneses”. Além disso, gostaria de relatar novos fatos relacionados às diversas atividades do Ministro e do Secretário da legação iugoslava em Tirana. Estou me referindo ao trabalho clandestino que estão realizando para organizar elementos antipartidários e ativá-los contra nosso partido e nosso povo. Conto-lhes também sobre nossos esforços para conter suas atividades antialbanesas. Essas atividades não podem ser realizadas por iniciativa pessoal, — enfatizei a Khrushchev, — mas sim por ordem da alta direção iugoslava. Essa é a conclusão que tiramos de suas ações.

Além disso, levantei a questão da atividade prejudicial contínua dos dirigentes iugoslavos em Kosovo. Isso é de grande importância para nós, já que não estão apenas organizando uma intensa atividade contra nosso país a partir de Kosovo, mas também tentam eliminar a população albanesa, deslocando-a em massa para a Turquia e outros países.

Após discorrer detalhadamente sobre os esforços dos funcionários da legação iugoslava em Tirana para organizar inimigos internos de nosso partido e de nosso povo, bem como sobre a conspiração que tentaram articular na Conferência de Tirana em abril de 1956, juntamente com suas atividades subsequentes com Tuk Jakova, Dali Ndreu e Liri Gega, entre outros, cheguei à seguinte conclusão:

— Todos esses fatos, dos quais temos amplo conhecimento, nos levam a acreditar que a direção iugoslava nunca abandonou seu objetivo de derrubar o Poder Popular na Albânia. Portanto, os revisionistas iugoslavos representam um perigo não apenas para nosso país, mas também para todos os outros países socialistas. Como eles próprios afirmaram e como sua atividade em relação a nós confirma, eles não estão reconciliados com nosso sistema socialista, são contrários à ditadura do proletariado e abandonaram completamente o marxismo-leninismo. Sempre desejamos cultivar boas relações com a Iugoslávia, — prossegui, — mas, francamente, não depositamos confiança nos dirigentes iugoslavos. Eles sistematicamente denunciam o sistema social de nossos países e se opõem aos princípios fundamentais do marxismo-leninismo. Em sua propaganda, nunca mencionam o imperialismo e, pelo contrário, se aliam às potências ocidentais contra nós. Em 14 anos, não observamos qualquer sinal de que a direção iugoslava tenha reconsiderado seus graves erros e desvios, os quais têm sido criticados há muito tempo. Portanto, não podemos confiar nessa direção. Mas qual postura devemos adotar diante disso? — continuei. — Devemos manter a serenidade, ser pacientes e vigilantes. Porém, há um limite para

a paciência. Não tomaremos medidas que prejudiquem os interesses do socialismo e do marxismo-leninismo. Não entraremos em conflito com eles nem interferiremos nos assuntos internos da Iugoslávia. Nunca apoiamos tais ações, mas consideramos nosso dever constante defender nossa justa linha ideológica e política e denunciar incansavelmente o oportunismo e o revisionismo. Estas são as considerações que eu queria compartilhar — concluí. Quanto à nossa situação política, ela é bastante favorável. As massas estão unidas em torno do partido e mobilizadas para implementar sua linha. Isso resume minhas palavras.

Khrushchev, que até então havia escutado em silêncio o que eu apresentava, com o rosto ora vermelho, ora pálido, embora conseguisse manter a “desenvoltura”, começou a falar. Aparentemente, ele queria nos mostrar que “é possível permanecer em silêncio mesmo quando não se concorda com o que o colega está dizendo”.

— Eu queria enfatizar nossa opinião — começou ele. — Estamos totalmente de acordo com vocês e os apoiamos.

No entanto, imediatamente após essa frase, Khrushchev nos mostrou como eles nos apoiavam:

— Achávamos que essa reunião do partido terminaria mais rapidamente e não tínhamos ideia de que você apresentaria os assuntos dessa maneira. Você é um tanto sensível em sua visão das relações com a Iugoslávia — continuou ele. — Quando fala, você apresenta a questão das relações com a Iugoslávia como algo sem esperança. A maneira como fala sobre a direção iugoslava implica que essa direção traiu, que está completamente fora dos trilhos, que nada pode ser feito com ela e, portanto, devemos romper relações. Não acho que ela tenha traído, mas é verdade que ela se desviou seriamente do curso do marxismo-leninismo. De acordo com o senhor, devemos voltar ao que Stálin fez, que causou todas essas coisas que conhecemos. Se considerarmos as coisas como o senhor as apresenta, veremos que a Iugoslávia é contra a União Soviética, em primeiro lugar, e também contra o senhor e os outros. Quando o ouço falar, vejo que está fervendo de raiva contra eles! Os italianos, gregos e turcos não são melhores do que os iugoslavos. Eu gostaria de lhe perguntar: Com quem você tem as melhores relações?

— Não temos relações com os gregos e os turcos — respondi.

— Vamos examinar como os iugoslavos se comportam em relação a nós — continuou ele. — Eles nos atacam mais do que os gregos, os turcos e os italianos! Mas há algo específico, proletário, na Iugoslávia. Por isso, podemos romper relações com a Iugoslávia?

— Nós não dizemos isso! — respondi.

— Você não disse isso, mas pelas suas palavras é óbvio que você pensa assim. Certamente a Iugoslávia não se tornará a causa de uma guerra contra nosso campo, como a Alemanha, a Itália ou qualquer outro país. Você considera a Iugoslávia como o inimigo número um? — ele me perguntou.

— Não estamos falando sobre a Iugoslávia. Estamos falando sobre a atividade revisionista dos dirigentes iugoslavos — eu disse. — O que devemos fazer depois de tudo o que eles fizeram contra nós?

— Tente neutralizar o trabalho deles. O que mais você pode fazer? Você vai entrar em guerra com eles? — ele me perguntou novamente.

— Não, não fizemos guerra contra eles e não vamos fazer. Mas se o ministro iugoslavo for amanhã fotografar objetos militares, o que faremos?

— Pegue o filme! — respondeu Khrushchev.

— Eles usarão essa medida como pretexto para romper relações e colocar a culpa em nós! — eu afirmei.

— Então o que você quer de nós, camarada Enver? — disse ele com raiva. — Nossas opiniões são diferentes das suas e não podemos aconselhá-lo! Não estou entendendo você, camarada Hoxha! Adenauer e Kishi não são melhores do que Tito, mas, mesmo assim, estamos fazendo tudo o que está ao nosso alcance para nos aproximarmos deles. Você acha que estamos errados?

— Essa não é a mesma questão, — respondi. — Quando se fala de Tito, está implícita a melhoria das relações no caminho do partido, embora ele seja antimarxista. No entanto, a direção iugoslava não é correta nem mesmo nas relações atuais. Que posição devemos adotar, se os iugoslavos continuam a tramar contra nós?

— Camarada Hoxha, — gritou Khrushchev com raiva, — você está sempre me interrompendo. Eu o ouvi por uma hora sem interrompê-lo nenhuma vez, enquanto você não me deixa falar nem por alguns minutos, mas me interrompe continuamente! Não tenho mais nada a dizer! — declarou ele e se levantou.

— Viemos para trocar opiniões. — eu disse. — Então, assim que você expressa uma ideia, você pede minha opinião. Está irritado por eu responder a você?!

— Eu já lhe disse e estou dizendo novamente: Eu o ouvi por uma hora, camarada Hoxha, e você não me ouviu nem por um quarto de hora, mas me interrompeu várias vezes! Você quer construir sua política com base em sentimentos. Você diz que não há diferença entre Tito, Kardelj, Ranković, Popović e assim por diante! Como lhe dissemos anteriormente, eles são pessoas e diferem uns dos outros. Os iugoslavos dizem que todos eles têm a mesma opinião, mas nós dizemos o contrário: Tito e Ranković mantêm uma posição diferente, mais razoável e mais aces-

sível em relação a nós, enquanto Kardelj e Popovic são totalmente hostis conosco. Tempo é um asno..., é instável. Vejamos o caso de Eisenhower e Dulles. Os dois são reacionários, mas não devemos misturar os dois. Dulles é um guerreiro selvagem, enquanto Eisenhower é mais humano.

— Dissemos a vocês na primeira reunião: não vamos atacar ninguém e não vamos provocar nenhum ataque. Nossos ataques e contra-ataques devem ser feitos de forma a garantir que sejam a favor da aproximação e não da alienação.

— Pedimos a Zhou Enlai que se tornasse o intermediário para organizar uma reunião entre os nossos partidos, da qual os iugoslavos participariam. Ele ficou feliz em assumir essa tarefa¹. Essa reunião pode ser realizada. Os iugoslavos concordaram com ela. Mas não se deve pensar que tudo será alcançado em uma reunião como essa. Entretanto, com opiniões como a sua, por que deveríamos ir a essa reunião? Não entendo qual é o seu objetivo, camarada Enver! Está tentando nos convencer de que não estamos certos? Veio aqui para nos convencer de que nós também devemos adotar a mesma posição que você em relação à Iugoslávia? Não, nós sabemos o que estamos fazendo! Quer nos convencer de que sua linha está certa? Isso não leva a nenhuma solução boa e não é do interesse de nosso campo. Em relação à contrarrevolução na Hungria, consideramos correta a posição do Partido do Trabalho da Albânia, mas a sua tática em relação à Iugoslávia está errada. Eu achava que você deveria se encontrar com Micunović (o embaixador iugoslavo em Moscou), não para exacerbar as relações, mas para melhorá-las. No entanto, vendo a maneira como o senhor trata o problema, duvido que algo saia disso. O senhor fala sobre as provocações do Ministro iugoslavo em Tirana. Em nosso país, também, o Ministro iugoslavo foi fotografar objetos militares de forma demonstrativa. Nosso soldado pegou sua câmera e lhe deu um bom dia! Deixe-me repetir: seguiremos a linha de melhorar as relações entre o Estado e o partido com a Iugoslávia. Se vamos conseguir ou não, isso é outra questão, mas o fato é que teremos a consciência tranquila e serviremos bem ao nosso partido e a todos os outros partidos. Não devemos piorar a situação. Os camaradas romenos têm razão ao descrevê-lo no *Scînteia* como “briguento”.

— Nós nos opomos não apenas a esse grave insulto, mas também ao espírito com

1. A referência é aos esforços de Khrushchev, em colaboração com a direção chinesa, para organizar uma reunião de todos os partidos comunistas dos países socialistas, da qual Tito também deveria participar. Essa reunião foi organizada em Moscou em novembro de 1957, mas, apesar dos esforços de Khrushchev e Mao Zedong, os iugoslavos não participaram dela.

que um partido irmão, como o da Romênia, lida com esse problema em seu órgão central. — rebati a Khrushchev. — Ser briguento significa que você faz ataques sem princípios. Nunca agimos dessa forma com ninguém. O próprio *Scînteia* e aqueles que escreveram esses agentes em outra ocasião, — eu disse. — No entanto, se quiser, posso lhe dar inúmeros detalhes sobre a atividade antipartidária e antialbanesa deles. Eles têm agido continuamente em detrimento de nosso país.

— Entretanto, entretanto! — gritou Khrushchev. — Eles não deveriam ter sido condenados tão severamente. Os iugoslavos estão furiosos.

— É claro! Eles eram seus agentes leais! — eu reafirmei, e pude ver que Khrushchev tinha ficado tão furioso com o veredito de nosso tribunal quanto os iugoslavos.

— Quando soubemos o que vocês pretendiam fazer, enviamos um radiograma urgente ao nosso embaixador em Tirana, Krylov. Dissemos a ele que a decisão de seu tribunal deveria ser anulada sem falta. Aparentemente, o senhor não deu ouvidos a ele. Essa ordem era nossa!

— Estou ouvindo isso pela primeira vez e estou surpreso que o senhor tenha dado tal ordem. — disse, tentando controlar minha raiva. — No entanto, o senhor deve saber que, durante o julgamento, a atividade criminosa desses perigosos agentes foi comprovada ao máximo. Nosso povo não perdoaria uma atitude branda em relação a eles. Não damos tapinhas na cabeça dos inimigos, mas damos a eles o que merecem, de acordo com as leis que o povo votou.

Khrushchev estava se contorcendo em sua cadeira.

— Depois do discurso de Tito em Pula, — disse Ponomaryov, — enviamos um radiograma a Krylov, dizendo que ele deveria lhe dizer para manter a calma em sua resposta, que publicaríamos um artigo e que ele não deveria aparecer como uma ação organizada. Também dissemos a ele o que você deveria fazer em relação a Dali Ndreu e Liri Gega.

— Ele nos falou sobre o artigo, — respondi, — mas não podíamos deixar o assunto sem responder a Tito e, portanto, o escrevemos. Quanto a Dali Ndreu e Liri Gega, sei que seu embaixador nos perguntou depois que os prendemos e contamos a Krylov sobre a atividade desses agentes. Ele não mencionou nenhum tipo de ordem, e foi bom que não o tenha feito. No entanto, mesmo que ele tivesse nos contado, jamais poderíamos nos manifestar contra a decisão do tribunal popular.

Voltando-se para seus camaradas, Khrushchev disse: — Nosso embaixador não cumpriu sua tarefa. Essa ação deveria ter sido interrompida.

Esse indivíduo sempre tomou abertamente nossos inimigos sob sua proteção, imaginando a Albânia como um país no qual suas ordens, e não as leis de nosso

Estado, deveriam ser aplicadas. Lembro-me de que em outra ocasião ele me disse:

— Recebi uma carta de uma pessoa chamada Panajot Plaku, na qual ele me pediu ajuda.

— Você conhece esse homem? — Eu lhe perguntei. (Eu sabia que ele conhecia bem o traidor e agente dos iugoslavos, Panajot Plaku, um fugitivo na Iugoslávia, que queria ir para a União Soviética).

— Não, — respondeu Khrushchev, — não, eu não o conheço.

Ele estava mentindo.

— Ele é um traidor, — afirmei com dureza, — e se o aceitarem em seu país, romperemos nossa amizade com vocês. Se o aceitarem, deverão entregá-lo a nós para que o enforcemos publicamente.

— Você é como Stálin, que matava pessoas! — gritou Khrushchev.

— Stálin matava traidores e nós os matamos também — acrescentei.

Como não havia mais nada que pudesse fazer, ele se retirou. Ele ainda esperava fazer com que nos submetêssemos usando outras formas e meios. Depois de dizer tudo o que tinha a dizer, ele se calou, colocou as mãos sobre a mesa, suavizou seu tom severo e começou seu “conselho” novamente.

A tática do “porrete” havia terminado. Na mesa de discussão, Khrushchev recorreu novamente à “cenoura”.

— Vocês devem nos entender, camaradas, — suavizou, — falamos dessa forma apenas com vocês, porque os amamos muito, vocês estão em nossos corações, etc., etc. — E depois de tudo isso, ele fez um gesto de “generosidade”: dispensou-nos de reembolsar os créditos que a União Soviética havia fornecido ao nosso país até o final de 1955 para seu desenvolvimento econômico e cultural. É claro que agradecemos a eles, agradecemos à classe trabalhadora soviética e ao fraterno povo soviético, em primeiro lugar, por essa ajuda que eles deram a um país pequeno, mas valente, trabalhador e indomável. No entanto, todos nós entendemos claramente os “motivos” que estavam por trás dessa “generosidade” de Khrushchev. Ele queria “nos acalmar”, aliviar a atmosfera tensa que havia sido criada durante a conversa e, até certo ponto, queria nos subornar com essa “ajuda”, que para Khrushchev não era ajuda, mas caridade, uma isca que ele nos jogou para nos enganar e fazer com que nos submetêssemos a ele. No entanto, ele logo se convenceu de que éramos o tipo de pessoa que aceitaria até comer grama, mas jamais se ajoelharia diante dele ou de qualquer outro traidor.

Alguns dias depois desse gesto “generoso”, Khrushchev também convidou Mícu-nović para um grande jantar para nossa delegação. Ele o viu de pé, um pouco afas-

tado, e o chamou:

— Venha até aqui! Por que você está tão longe?!

Ele nos apresentou e, rindo, nos disse:

— Tentem entender uns aos outros! E lá se foi ele, com o copo na mão, deixando-nos “entender um ao outro”. Nós brigamos.

Contei a Mićunović todas as coisas que eu havia dito a Khrushchev na reunião e disse a ele:

— Estivemos e estamos prontos para melhorar nossas relações com o Estado e, de nossa parte, fizemos todos os esforços, mas vocês devem desistir de sua atividade antialbanesa de uma vez por todas.

— Você nos chama de revisionistas — disse Mićunović. — Como você pode ter relações com revisionistas?

— Não. — afirmei. — Nunca teremos relações com revisionistas, mas estou falando de relações estatais. Podemos e devemos ter essas relações. Com relação às contradições ideológicas que existem entre nós, você deve entender claramente que nunca desistiremos da luta contra o oportunismo e a revisão do marxismo-leninismo.

— Quando você fala de revisionismo, você nos tem em mente. — disse Mićunović.

— Isso é verdade. — confirmei. — Independentemente de mencionarmos ou não a Iugoslávia, a realidade é que estamos nos referindo a você também.

Mićunović manteve seu ponto de vista. O debate estava ficando acalorado. Observando-nos à distância, Khrushchev percebeu a tensão crescente e se juntou a nós.

Mićunović começou a repetir para ele o que havia dito para mim anteriormente e continuou a fazer acusações contra nós. No entanto, naquele jantar, Khrushchev estava “do nosso lado”.

— Quando Tito estava em Corfu, — disse ele à Mićunović, — o rei da Grécia lhe disse: “Bem, vamos dividir a Albânia? Tito não respondeu, e a rainha disse que eles ‘não deveriam falar sobre essas coisas’”.

Mićunović perdeu a cabeça e disse:

— Foi só uma brincadeira.

— Essas piadas nunca devem ser feitas, especialmente com os monarca-fascistas, que têm reivindicado o sul da Albânia durante toda a sua existência. E você também já fez “piadas” semelhantes antes disso, — confrontei-o. — Temos um documento de Boris Kidrić no qual ele incluiu a Albânia como a sétima república da Iugoslávia.

— Isso foi algo feito por um indivíduo — respondeu Mićunović.

— Um indivíduo, é verdade, mas ele era membro do Birô Político do seu partido e presidente da Comissão de Planejamento do Estado — disse Mehmet.

Isso foi demais para Mićunović e ele se afastou. Khrushchev me pegou pelo braço e me perguntou:

— Como isso aconteceu? Vocês brigaram de novo?

— De que outra forma isso poderia acontecer? Apenas mal, como no caso dos revisionistas.

— Vocês, albaneses, me surpreendem... — disse ele. — Vocês são teimosos.

— Não. — eu disse. — Nós somos marxistas.

Nós nos separamos descontentes um com o outro. Mas Khrushchev era versátil em seus esquemas. Como eu disse, às vezes ele amenizava a situação com Tito, às vezes a exacerbava. Quando as coisas estavam tensas com Tito, ele era gentil conosco. Lembro-me de quando Khrushchev discursou no 7º Congresso do Partido Comunista Búlgaro, atacou Tito com veemência e todos o aplaudiram. Quando saímos no intervalo, todos os chefes das delegações foram para uma sala tomar café. Lá, Khrushchev disse:

— E apesar de tudo o que eu disse sobre Tito, o camarada Enver Hoxha ainda não está satisfeito.

— Você está certo. — confirmei. — Tito deve ser denunciado de forma mais vigorosa e incessante.

Entretanto, nem sempre foi assim. Antes de Khrushchev visitar a Albânia em maio de 1959, a direção soviética nos enviou um radiograma no qual informava que “por razões compreensíveis, ele não tocará na questão iugoslava em seus discursos e espera que, em seus discursos, os camaradas albaneses tenham isso em mente”.

Essa foi uma condição que eles nos impuseram e estavam aguardando nossa resposta. Discutimos esse problema longamente no Birô Político, onde todos nós expressamos nosso pesar e raiva por essa visita com condições e fizemos um balanço dos benefícios e malefícios que resultariam de nossa aceitação ou não da condição de Khrushchev. Sabíamos que os iugoslavos e toda a reação esfregariam as mãos e declarariam:

“Veja, Khrushchev foi à Albânia e calou a boca dos albaneses. E onde? Em sua própria casa!”

Entretanto, a visita à Albânia do presidente do Conselho de Ministros da URSS e Primeiro-Secretário do Comitê Central do Partido Comunista da União Soviética foi de especial importância para o fortalecimento da posição internacional de nosso país.

Portanto, decidimos por unanimidade concordar com a condição de Khrushchev apenas durante os dias em que ele permaneceria na Albânia e, assim que ele

deixasse a Albânia, continuaríamos nossa luta inabalável, como antes, contra os revisionistas iugoslavos. Temendo que algo pudesse ocorrer como em Leningrado em abril de 1957, assim que chegou ao nosso país em sua visita no final de maio de 1959, Khrushchev falou primeiro, sem esperar que eu o recebesse, dizendo:

— Você deve saber que eu não vou falar contra Tito.

— Consideramos um hóspede um hóspede e não impomos nada a ele. — respondi.

Eu falei, disse o que tínhamos a dizer, naturalmente de maneira amigável, mas ele não deixou de perceber as alusões.

Mesmo assim, nos comportamos de maneira amigável com ele e tentamos criar as melhores impressões possíveis sobre nosso país e nosso povo. Em todas as ocasiões, ele se comportou como era seu hábito: às vezes com piadas e às vezes em tom grave, ele nos contou tudo o que tinha em mente.

Falamos sobre nossos problemas econômicos. Além de informações sobre as conquistas até o momento, eu estava falando sobre nossas perspectivas para o futuro. Entre os principais ramos, mencionei o petróleo e informei a ele que, nos últimos dias, havíamos atingido um novo jorro de petróleo.

— É mesmo? — disse ele. — Mas qual é a qualidade dele? Sei que você tem petróleo ruim e pesado. Você já calculou quanto custará para processá-lo? Então, onde você o venderá? Quem precisa de seu petróleo?

Em seguida, falei sobre nosso setor de mineração e suas ótimas perspectivas, mencionando nossos minérios de ferro, níquel, cromo e cobre.

— Temos grandes quantidades desses minerais e achamos que devemos seguir o curso de processá-los em casa. Levantamos a necessidade de construir a indústria metalúrgica na Albânia com o senhor no ano passado e várias vezes nas reuniões da Comecon. — lembrei a ele. — Até o momento, não recebemos nenhuma resposta positiva, mas estamos persistindo.

— Usinas metalúrgicas? — ele me interrompeu. — Concordo, mas você considerou bem a questão? Já calculou quanto lhe custará uma tonelada de metal fundido? Se vai lhe custar caro, não é bom para você. Repito: a produção de um dia em nosso país atenderá a todas as suas necessidades por vários anos.

Foi assim que ele respondeu a todas as nossas solicitações e problemas.

Quando terminei, Khrushchev começou a falar:

— A exposição do camarada Enver tornou a situação em seu país mais clara para nós — manifestou. — No entanto, com relação às suas necessidades, quero lhe dizer que não viemos examiná-las. Não fomos autorizados por nosso governo a discutir tais assuntos. Viemos para conhecê-los, para trocar opiniões.

Então, rindo, ele contou uma piada que não era simplesmente uma piada:

— Achemos que as coisas estão indo bem com vocês. A Albânia avançou e, se você nos oferecesse um empréstimo, nós o aceitaríamos com o maior prazer.

— Temos muitas pedras, mar e ar — disse Mehmet no mesmo tom.

— Temos muito mais disso do que vocês. Vocês têm dólares? — perguntou Khrushchev, e depois, em um tom diferente:

— Chega disso... — disse ele. — A verdade é que você fez progressos, mas não está satisfeito. Nós lhe demos um crédito no ano passado e agora você quer outro. Mas temos um ditado popular que diz: “Corte seu casaco de acordo com seu tecido”.

— Temos o mesmo ditado — eu disse. — E nós o conhecemos e o implementamos bem.

— Porém, — começou, — você está pedindo créditos novamente. — Ele deu de ombros, ficou em silêncio por um momento e retomou seu tom jocoso:

— Ou será que você nos deu um bom almoço e achou que era uma ótima oportunidade para nos pedir outro crédito? Se soubéssemos disso, teríamos trazido nosso próprio almoço.

— Os albaneses têm um respeito especial por um hóspede, — retruquei. — Quer tenham muito, quer não tenham nada, eles sempre cuidam de seu hóspede. Eles o tratam com todo o respeito quando ele vem à sua casa e até engolem algo de que não gostam.

— Eu estava brincando! — amenizou ele e soltou uma gargalhada. Mas era mais um rosnado do que uma risada. Onde quer que fosse, ele nos criticava. Sobre os grandes vinhedos em Shtoi, ele disse:

— Por que você joga seu dinheiro fora? Você não vai ganhar nada com essa terra.

Independentemente das opiniões desse “especialista em agricultura”, no entanto, continuamos o trabalho e agora os vinhedos de Shtoi são maravilhosos.

Ele criticou o trabalho de drenagem do pântano de Tërbuf. Em Vlorë, ele convocou o principal especialista em petróleo soviético em nosso país e ele, sem dúvida “preparado” pela embaixada soviética em Tirana, apresentou um informe em nossa presença que era extremamente pessimista, dizendo que a Albânia não tinha petróleo. No entanto, um grupo de especialistas em petróleo albaneses também foi até lá e refutou o que os soviéticos disseram com muitos fatos e argumentos. Eles falaram detalhadamente sobre a história da indústria petrolífera em nosso país, sobre o grande interesse das empresas imperialistas estrangeiras no petróleo albanês no passado e sobre os grandes e animadores resultados alcançados nos quinze anos de Poder Popular. Mehmet, por sua vez, falou em detalhes sobre as grandes

perspectivas de extração de petróleo na Albânia e também mencionou a Khrushchev as recentes descobertas nesse campo.

— Tudo bem, tudo bem... — repetiu Khrushchev, — mas o seu é um óleo pesado e contém enxofre. Você calculou as coisas corretamente? Você vai processá-lo, mas um litro de benzina lhe custará mais do que um quilo de caviar. Você deve analisar atentamente o aspecto comercial. Não foi decretado que vocês devem ter tudo por conta própria. Para que servem seus amigos?!

Em Saranda, ele nos aconselhou a plantar apenas laranjas e limões, dos quais a União Soviética tinha grande necessidade.

— Nós lhe forneceremos trigo. Os ratos do nosso país comem tanto trigo quanto vocês precisam. — disse ele esse absurdo, repetindo o que havia dito em Moscou em 1957. Ele também nos deu muitos “conselhos”.

— Não desperdice sua terra e seu clima maravilhoso com milho e trigo. Eles não lhe trarão renda. A árvore de louro cresce aqui. Mas você sabe o que ela é? O louro é ouro. Plante milhares de hectares de louro porque nós o compraremos de você.

Ele continuou com amendoim, chá e frutas cítricas.

— É isso que vocês devem plantar. — decretou ele. — Dessa forma, a Albânia se tornará um jardim florescente!

Em outras palavras, ele queria que a Albânia fosse transformada em uma colônia de cultivo de frutas que serviria à União Soviética revisionista, assim como as repúblicas de bananas da América Latina servem aos Estados Unidos.

Mas nunca poderíamos nos permitir tomar esse rumo suicida que Khrushchev aconselhou. Ele até criticou nosso trabalho arqueológico como “coisas mortas”. Quando visitou Butrint, ele disse:

— Por que você emprega todas essas forças e recursos em coisas tão mortas? Deixem os helenos e os romanos com sua antiguidade!

— Além da cultura helênica e romana, — expliquei a ele, — outra cultura antiga, a cultura ilíria, desenvolveu-se e floresceu nessas áreas. Os albaneses são originários do tronco da Ilíria, e nossos estudos arqueológicos estão confirmando e fornecendo evidências de nossa história secular da cultura rica e antiga de um povo valente, trabalhador e indomável.

Entretanto, Khrushchev era realmente um ignorante nesses campos. Ele só conseguia ver a “lucratividade”:

— Por que essas coisas têm valor para você? Elas aumentam o bem-estar das massas? — ele me perguntou. Ele ligou para Malinovsky, na época Ministro da Defesa, que estava sempre à disposição:

— Veja, como isso é maravilhoso! — Eu os ouvi sussurrar. — Uma base ideal para nossos submarinos poderia ser construída aqui. Essas coisas velhas deveriam ser desenterradas e jogadas no mar (eles estavam se referindo aos achados arqueológicos em Butrint). Podemos fazer um túnel através desta montanha até o outro lado, — e ele apontou para Ksamil. — Teremos a base mais ideal e mais segura do Mediterrâneo. A partir daqui, podemos paralisar e atacar tudo.

Eles repetiriam a mesma coisa em Vlorë um ou dois dias depois. Tínhamos saído para a varanda da casa em Uji i Ftohtë.

— Maravilhoso, maravilhoso! — Khrushchev gritou e se virou para Malinovsky. Achei que ele estava se referindo à paisagem de tirar o fôlego da nossa Riviera. Mas a mente deles estava trabalhando em outra direção:

— Que baía segura no sopé dessas montanhas! — disseram. — Com uma frota poderosa, daqui podemos ter todo o Mediterrâneo, de Bósforo a Gibraltar, em nossas mãos! Podemos controlar todo mundo.

Fiquei indignado ao ouvi-los falar assim, como se fossem os donos dos mares, dos países e dos povos. “Não, Nikita Khrushchev, — eu disse a mim mesmo, — nunca permitiremos que você se proponha a escravizar outros países e a derramar o sangue de seus povos em nosso território. Você nunca terá Butrint, Vlorë ou qualquer centímetro do território albanês para usar para esses propósitos funestos.

A “paz” fictícia estava sendo cada vez mais abalada em seus alicerces. Khrushchev e seus seguidores viam nossa resistência cada vez mais claramente e tentavam nos fazer ceder exercendo pressão econômica, enquanto orquestravam secretamente uma discriminação contra nossa direção por meio de seus especialistas que trabalhavam em todos os setores de nosso país, como no petróleo e nas empresas econômicas nas quais não tínhamos experiência suficiente, no exército, onde tínhamos conselheiros etc. A embaixada soviética, com seus inúmeros “conselheiros”, que eram diplomatas apenas no nome, pois na realidade eram agentes de segurança, mantinha contato com todos esses “especialistas” e lhes davam as instruções necessárias. A primeira coisa que eles fizeram foi dar instruções aos especialistas soviéticos em economia para que negligenciassem seu trabalho na Albânia. Em maior ou menor grau, esses especialistas começaram a se interessar mais em comprar ternos e outras coisas, que enviavam para a União Soviética para vender no mercado negro, do que em trabalhar com nossos camaradas.

Os especialistas que permaneceram sinceros conosco foram removidos pela embaixada, um após o outro, sob pretextos forjados e contra sua vontade. Quando se separaram de nosso povo, esses especialistas expressaram sua insatisfação. Os que

permaneceram na Albânia, é claro, receberam ordens para sabotar os principais setores da nossa economia, especialmente a indústria petrolífera e a prospecção geológica. Como ficou provado mais tarde, os “especialistas” soviéticos em petróleo recrutaram alguns agentes entre os nossos geólogos e, como eles próprios acabaram admitindo, encarregaram-nos da missão de ocultar do nosso partido e do nosso governo dados precisos sobre as descobertas que faziam, de ocultar os resultados dessas descobertas, de usar todos os meios de sabotagem para que começássemos a perfurar nos locais errados, de violar as regras da técnica de prospecção e extração e de desperdiçar centenas de milhões de Leks etc. Os revisionistas khrushchevistas ensinaram aos agentes que haviam recrutado em nosso país vários métodos de sabotagem. E os agentes seguiram as instruções de seus patronos. Esses “especialistas” e “geólogos” em petróleo fizeram dois relatórios: um preciso, com dados exatos e positivos sobre as descobertas de diferentes minerais, e um falso, que dizia que a prospecção havia supostamente produzido resultados negativos, ou seja, que os minerais procurados não haviam sido descobertos. O primeiro relatório foi enviado a Moscou e Leningrado por meio do centro da KGB, que se chamava Embaixada Soviética em Tirana, e o segundo relatório foi enviado ao nosso Ministério da Indústria e Minas. Todo esse negócio vil foi descoberto e comprovado depois que os soviéticos saíram da Albânia. Convencido de que havia sabotagem, nosso Comitê Central deu ordens para que os relatórios fossem estudados, para que nossas equipes geológicas fossem a todos os lugares onde os sabotadores soviéticos haviam dito que os resultados eram negativos e comesçassem a prospectar. Isso foi feito. Precisamente nos locais onde eles haviam declarado que “não havia nada”, encontramos petróleo, cromo, cobre, ferro-níquel, carvão etc.

Essa foi uma pressão econômica que eles exerceram sobre nós para nos forçar a aceitar seus pontos de vista. Mas eles quebraram a cara. A resistência do nosso partido aumentou constantemente, mas ainda sem queimar as pontes. Os revisionistas soviéticos também agiram com prudência para evitar queimar as pontes conosco. O embaixador soviético vinha com frequência para nos sondar sobre alguns problemas internacionais sobre os quais eu daria minha opinião com franqueza, ou para saber sobre algum assunto interno, e eu o enchia de relatórios sobre o clima, sobre o plantio, sobre as colheitas e sobre alguma decisão geral do partido sobre assuntos econômicos e culturais.

Assim eram os embaixadores soviéticos depois que Khrushchev subiu ao trono. Eles achavam que éramos cegos. Nunca expressaram qualquer opinião sobre as perguntas que lhes fizemos. Nessas ocasiões, sua posição era: “Vou informá-lo”

ou “Vou perguntar a Moscou”. Sua tarefa era a de informante. Raramente tinham alguma compreensão dos problemas de nossa indústria e agricultura.

O embaixador soviético, Krylov, que antecedeu Ivanov na Albânia, visitou algumas regiões do sul da Albânia. Quando voltou, ele me visitou.

— Você está satisfeito com o que viu? — perguntei a ele.

Ele não disse nada concreto, porque era perigoso me contar sobre as coisas que ele tinha ido ver lá. Tudo o que ele disse foi algo... colossal.

— Percebi que vocês criam muitos cães nos vilarejos e nas cidades, e fiz um cálculo de que poderia haver tal e tal número de cães na Albânia, que devem comer tal e tal quantidade de comida... e se essa comida for contabilizada em grãos, ela chega a tal e tal número de quintais.

Pensei comigo mesmo: “Veja que embaixador eles nos enviaram!” E eu disse a ele:

— Você pode estar certo, mas em nosso país não há barbearias e restaurantes para cães como em Paris. Mas que medidas o senhor aconselha, camarada embaixador?

— Você deveria matá-los! — determinou.

— A “Sociedade Protetora dos Animais” protestará, pois já estão nos acusando bastante de matar traidores e agentes da reação — respondi.

Esse mesmo embaixador me disse uma vez para não falar em termos duros sobre Tito em uma reunião da Assembleia Popular. Eu respondi:

— Camarada embaixador, eu não recebo ordens de ninguém, exceto do meu partido.

— Entendemos isso, mas se Tito for atacado, não participarei da reunião da Assembleia — protestou.

— Tito será denunciado ainda mais do que o que escrevi e a sessão da Assembleia Popular será aberta mesmo que você não venha. — afirmei.

E o “famoso” embaixador soviético chegou à Assembleia e se escondeu em um canto do camarote, atrás de outros embaixadores, o que não era o seu lugar.

Ficou claro que esse gesto ameaçador do embaixador, que nós revidamos com um tapa, veio de Moscou.

Depois de pouco tempo, o “consultor” sobre o extermínio de cães na Albânia foi chamado de volta de Tirana e tornou-se diretor do Comitê Central do Partido Comunista de Khrushchev!

Dia após dia, Khrushchev e sua quadrilha aumentavam a pressão sobre nós no que se refere à economia. Eles não apenas não nos forneceram toda a ajuda que buscávamos, mas até mesmo o que forneceram foi bastante insuficiente. Eles forneceram apenas algumas caixas de peças de reposição para tratores, que foram envia-

das por avião. Dessa forma, eles tentaram nos forçar a ficar de joelhos, mas em vão, pois não tiveram sucesso. Para nos pressionar a aceitar suas condições, Khrushchev nos disse uma vez (enquanto falávamos sobre nossos problemas econômicos): “Em nossas relações com os iugoslavos, sempre foi nosso princípio dar a eles metade do que pedem. Quando eles se comportam bem, agimos com mais generosidade. É assim que agimos com todos aqueles que se comportam mal conosco”. A implicação era bem clara, eles estavam nos pressionando abertamente. Discutimos tão ferozmente naquela ocasião que as conversas quase foram interrompidas.

Em todo o país, os soviéticos começaram a cometer muitas provocações contra nosso povo todos os dias. Certa vez, uma pessoa reclamou com o chefe de seu escritório que um “especialista” soviético havia feito uma proposta para recrutá-lo como agente. Nosso camarada recusou com indignação. Nosso Ministério das Relações Exteriores protestou junto à embaixada soviética sobre isso. Naturalmente, a embaixada negou que houvesse esse tipo de pessoa entre os especialistas soviéticos, mas, algumas semanas depois, retirou seu agente exposto do país. Essa foi a primeira vez que tivemos que lidar com uma denúncia desse tipo e, portanto, nosso partido e governo recomendaram vigilância, prudência e muita calma. Era bastante óbvio que, com o passar do tempo, a situação estava piorando, embora a direção em Moscou preservasse as formas externas de “amizade”.

Para nós, a direção do Partido Comunista da União Soviética estava acabada. Khrushchev e os khrushchevistas eram revisionistas, traidores. A guerra seria declarada. O tempo para a declaração de guerra era apenas uma questão de meses, enquanto nossas relações continuavam por um fio.

DE BUCARESTE A MOSCOU



Fevereiro de 1960 marcou um momento crítico, com Mikoyan abordando as crescentes diferenças entre a China e a União Soviética, exacerbando ainda mais a situação entre Moscou e Pequim. Kosygin realizou uma “visita” a Mehmet Shehu em Moscou, inserindo-se na trama de Bucarest. Hysni Kapo permaneceu indiferente à pressão de Khrushchev. Os soviéticos intensificaram suas ações, implantando agentes secretos e estabelecendo um bloqueio para nos matar de fome. A luta na comissão preparatória para a Reunião de Moscou foi acirrada. Durante nossa delegação em Moscou, enfrentamos uma atmosfera gélida, com os soviéticos agindo de forma arrogante e provocadora. Os dirigentes do Kremlin agiram como verdadeiros tiranos, pressionando e bajulando. Tivemos uma breve reunião com Andropov, onde a tática de Khrushchev ficou evidente: “evitar polêmicas”. Os mercenários khrushchevistas reagiram negativamente ao nosso discurso. As últimas conversas com os renegados khrushchevistas.



TODOS OS REPRESENTANTES DOS PARTIDOS COMUNISTAS E OPERÁRIOS QUE ESTIVERAM no Congresso do Partido dos Trabalhadores da Romênia conhecem a posição do nosso partido em relação à trama diabólica que os khrushchevistas arquitetaram lá. Não entrarei em detalhes aqui, porque o volume 19 de minhas obras fala sobre a luta de nosso partido, que abriu fogo contra os khrushchevistas e lutou com coragem marxista-leninista revolucionária.

A Reunião de Bucarest foi claramente um golpe trotskista, antimarxista e revisionista, tanto em seus objetivos políticos, ideológicos e organizacionais quanto em sua execução. Foi um complô do início ao fim.

Os renegados revisionistas precisavam de outra reunião do comunismo internacional para obter a aprovação de seu antigo plano para a legitimação final do revisionismo moderno, que foi derrotado na reunião de Moscou em 1957. Portanto, eles

levantaram a necessidade de organizar uma nova reunião dos partidos comunistas e dos trabalhadores, na qual supostamente discutiríamos os “problemas do movimento”, que haviam surgido desde a reunião anterior, em 1957. Com esse objetivo, no início de junho de 1960, o Comitê Central do PCUS nos enviou uma carta na qual propunha a realização da reunião dos partidos comunistas e dos trabalhadores dos países do campo socialista, aproveitando a ocasião do 3º Congresso do Partido dos Trabalhadores da Romênia. Respondemos a essa proposta em termos positivos e decidimos enviar uma delegação, que eu deveria estar à frente.

Enquanto isso, fomos informados sobre os desentendimentos que haviam se desenvolvido entre os soviéticos e os chineses. Em fevereiro daquele ano, Mehmet e eu fomos a Moscou para uma consulta aos representantes dos partidos dos países socialistas sobre o desenvolvimento da agricultura, bem como para uma reunião do comitê consultivo político do Tratado de Varsóvia. Assim que chegamos ao aeroporto de Moscou, um funcionário do aparato do Comitê Central do partido soviético se apresentou a mim.

— Recebi ordens do camarada Mikoyan para encontrá-lo pessoalmente amanhã de manhã para discutir um assunto muito importante. — Me informou.

A urgência me surpreendeu, já que Mikoyan poderia ter me encontrado mais tarde, considerando que estaríamos vários dias em Moscou. No entanto, eu respondi:

— Tudo bem, mas levarei o camarada Mehmet comigo.

— Disseram-me que o convite era apenas para você... — respondeu o representante de Mikoyan, mas eu insisti:

— Não, eu irei junto com o camarada Mehmet.

Insisti em levar Mehmet comigo porque imaginei que, nessa reunião urgente sobre um “problema muito importante”, Mikoyan discutiria assuntos complicados e delicados comigo. O fato de eu conhecer bem Mikoyan e suas posições antimarxistas e antialbanesas me deixou ainda mais determinado.

No dia seguinte, nos dirigimos à casa de Mikoyan em Leninskie Gori. Após as saudações de praxe, Anastas entrou diretamente no assunto da conversa:

— Irei informá-los sobre as divergências que temos com o Partido Comunista da China, enfático, com o Partido Comunista da China. Decidimos compartilhar essas informações apenas com os Primeiros-Secretários dos partidos irmãos. Portanto, peço ao camarada Mehmet que não nos interprete mal, mas foi isso que decidimos e não significa que não confiamos nele.

— De maneira alguma. — respondeu Mehmet. — Na verdade, posso me retirar.

— Não, — pediu Mikoyan, — fique!

Em seguida, Mikoyan nos falou extensamente sobre as diferenças com o partido chinês.

Mikoyan distorceu sua história para criar a impressão de que eles próprios defendiam posições leninistas baseadas em princípios, combatendo os desvios da direção chinesa. Entre outras coisas, Mikoyan usou argumentos baseados em várias teses dos chineses que, na verdade, também não eram aceitáveis do ponto de vista da ideologia marxista-leninista. Assim, Mikoyan mencionou as teorias pluralistas das “Cem Flores”, a questão do culto a Mao, o “Grande Salto Adiante”, entre outras coisas.

É claro que tínhamos nossas próprias reservas em relação a essas políticas, considerando nossa compreensão da atividade e prática concreta do Partido Comunista da China naquela época.

— Temos o marxismo-leninismo e não precisamos de nenhuma outra teoria, — afirmei a Mikoyan, — e quanto às “cem flores”, não aceitamos essa visão nem nunca a mencionamos.

Entre outras coisas, Mikoyan falou sobre Mao e o comparou com Stalin, dizendo:

— A única diferença entre Mao Zedong e Stálin é que Mao não corta a cabeça de seus oponentes, enquanto Stálin corta. É por isso que não poderíamos nos opor a Stálin, — continuou esse revisionista.

— Certa vez, junto com Khrushchev, pensamos em organizar um *pokushenie*¹ contra ele, mas desistimos da ideia porque tínhamos medo de que as massas e o partido não entendessem.

Não fizemos nenhum pronunciamento sobre os problemas levantados por Mikoyan e, depois de ouvi-lo, eu disse:

— As principais divergências que surgiram entre o senhor e o Partido Comunista da China são questões muito sérias e não entendemos por que elas chegaram a esse ponto. Este não é o momento nem o lugar para discuti-las. Achamos que elas devem ser resolvidas entre os partidos.

— É isso que faremos. — confirmou Mikoyan e, quando estávamos nos separando, ele nos pediu:

— Por favor, não discutam essas questões que levantei entre vocês, nem mesmo com os membros do seu Birô Político.

A partir dessa reunião, entendemos que as diferenças e contradições haviam chegado ao ápice e eram sérias. Como já conhecíamos Khrushchev e Mikoyan, ficou claro para nós que eles não partiram de posições baseadas em princípios nas

1. “Tentativa de assassinato” (Em russo no original).

acusações que estavam fazendo contra o partido chinês.

Como ficou ainda mais claro mais tarde, as diferenças se referiam a uma série de questões de princípio em relação às quais, naquela época, os chineses pareciam manter posições corretas. Tanto nos discursos oficiais dos dirigentes chineses quanto em seus artigos publicados, especialmente no intitulado *Viva o Leninismo*, o PCCh tratou o problema de forma teoricamente correta e se opôs aos khrushchevistas. Isso foi particularmente prejudicial para esse último e, portanto, eles estavam tentando evitar o pior.

Discutimos o que Mikoyan nos disse apenas com os companheiros do Birô, porque o assunto era extremamente delicado e exigia cautela e paciência. Além disso, a direção soviética solicitou que mantivéssemos esse problema em sigilo.

Assim, às vésperas da reunião de Bucareste, fomos informados sobre as divergências entre China e União Soviética. Por volta do final de maio ou início de junho, Gogo Nushi, que estava em Pequim para uma reunião do Conselho Geral da Federação Mundial dos Sindicatos, nos informou por radiograma sobre as contradições entre as delegações chinesa e soviética. A delegação chinesa se opôs a muitas teses do relatório que seria apresentado, por considerá-las teses revisionistas de Khrushchev sobre “coexistência pacífica”, guerra e paz, e tomada do poder de “forma pacífica”, entre outros pontos.

Os chineses convidaram os chefes de várias delegações para um jantar, que queriam transformar em uma reunião para expressar suas opiniões em relação às teses errôneas do relatório preliminar da reunião. Liu Shaoqi e Deng Xiaoping falaram primeiro, seguidos por Zhou Enlai. Gogo Nushi posicionou-se contra a discussão desses assuntos naquela reunião, argumentando que deveriam ser resolvidos pelos canais do partido, e não naquela ocasião. Muitas outras delegações compartilhavam essa opinião. Como resultado, Zhou Enlai concordou em adiar a discussão para outra ocasião.

Esses acontecimentos, somados ao que Mikoyan nos disse em Moscou em fevereiro, além dos ataques indiretos na imprensa soviética e chinesa, mostraram que as questões estavam sendo exacerbadas de uma forma não condizente com os princípios marxista-leninistas. Indicavam que a reunião conjunta em Bucareste, à qual concordamos em participar, poderia encontrar impasses ou ser um fracasso total.

Em meio a isso, recebemos uma segunda carta do Comitê Central do partido soviético, sugerindo que a reunião dos partidos comunistas e dos trabalhadores fosse adiada, e que os partidos dos países socialistas se reunissem em Bucareste apenas para definir a data e o local da próxima reunião. “Nessa reunião — afirmaram os

soviéticos, — as opiniões poderiam ser trocadas sem que decisões fossem tomadas”. Concordamos com essa proposta e decidimos enviar uma delegação liderada pelo camarada Hysni Kapo para participar do congresso do partido romeno e da reunião conjunta para definir a data e o local da próxima reunião.

Por que não fui a Bucareste? Eu, pessoalmente, e os outros companheiros do Birô Político que tinham conhecimento disso, suspeitávamos que o problema das divergências entre China e União Soviética seria discutido lá. Não concordamos com isso, pois só tínhamos ouvido o lado soviético da questão e não conhecíamos as objeções dos chineses. Além disso, as diferenças envolviam questões fundamentais da teoria e da prática do movimento comunista internacional, e não poderíamos tomar posição em uma reunião tão importante sem discutir e decidir nossa posição no plenário do Comitê Central. No entanto, não pudemos fazer isso às pressas, pois esses assuntos exigiam debates minuciosos e cuidadosos, demandando tempo para serem estudados adequadamente.

Portanto, nosso partido enviou o camarada Hysni Kapo a Bucareste para debater exclusivamente a definição da data da próxima reunião, e para participar da livre troca de opiniões sobre os problemas da situação internacional após o fracasso da Conferência de Paris, como previamente acordado entre nossos partidos.

Constatamos posteriormente que a Reunião de Bucareste seria transformada em uma conspiração, meticulosamente preparada pelos khrushchevistas. Houve também esforços intensos, tanto abertos quanto disfarçados, para envolver nosso partido nessa trama, considerando a nossa firme adesão aos princípios.

Quando o camarada Gogo Nushi estava retornando de Pequim para a Albânia, em Moscou, Brezhnev, então presidente do Presidium do Soviete Supremo, solicitou um encontro com ele. Durante essa reunião, Brezhnev discutiu extensamente as diferenças com os chineses.

Quatro ou cinco dias antes do início da reunião em Bucareste, enquanto Hysni e eu debatíamos a posição que ele adotaria no congresso do partido romeno, recebemos um radiograma de Mehmet, que estava há alguns dias em Moscou para tratamento médico. No radiograma, Mehmet nos informou sobre uma “visita” inesperada que Kosygin havia feito a ele. Ao vê-lo entrar, Mehmet, surpreso, imaginou ser uma visita de cortesia, embora um pouco tardia.

— Camarada Mehmet, vim tratar de um assunto muito importante, — declarou Kosygin, sem mesmo se informar sobre sua saúde, apesar de saber que Mehmet estava lá para tratamento médico.

— Prossiga. — respondeu Mehmet.

Por cerca de uma hora e meia, Kosygin discorreu sobre as contradições que tinham com o Partido Comunista da China. Mehmet ouviu e, ao final, disse:

— Todas essas questões que você mencionou são muito sérias. Surpreende-nos que tenham se agravado tanto.

— Não faremos concessões aos chineses, — afirmou Kosygin.

— Quando Mikoyan nos informou sobre esse assunto, dissemos que essas questões deveriam ser resolvidas entre os partidos. — respondeu Mehmet.

— Não faremos concessões, — reiterou Kosygin, acrescentando:

— Ficamos muito satisfeitos com a postura corajosa e heroica da camarada Belishova nas negociações com os chineses em Pequim. O conselheiro de nossa embaixada em Pequim nos informou sobre o que ela disse após as conversas com os chineses.

Mehmet, desconhecendo as ações e intrigas de Liri Belishova, respondeu de forma direta:

— Não sei o que Liri Belishova disse, pois eu estou aqui. Sabemos que essas questões devem ser resolvidas entre os partidos. Se não forem, deverão ser levadas à reunião dos partidos. A posição de nosso partido será marxista-leninista e não oportunista ou sentimentalista.

Kosygin se levantou carrancudo e, ao se dirigir para a porta, Mehmet lhe deu um tapa:

— Camarada Kosygin, — disse ele com calma, — você não me deu a oportunidade de perguntar como está sua saúde?

Kosygin virou-se, como se quisesse se desculpar, e também perguntou a Mehmet como ele estava se sentindo.

— Estou muito bem. — respondeu Mehmet, sem prolongar o assunto. Após essa conversa, ele interrompeu imediatamente o tratamento e tomou providências para voltar para casa de avião no dia seguinte.

Agora tudo estava claro para nós: Khrushchev estava tramando em Bucareste e queria nos manipular para concordarmos a todo custo com suas opiniões e posições revisionistas.

Aqui em Tirana, o embaixador soviético, Ivanov, vinha quase todos os dias. Às vezes trazia algum catálogo de livros, outras buscava informações sem importância. Na verdade, vinha para nos sondar, tentando descobrir se eu iria para Bucareste, qual posição tomaríamos, e assim por diante. No entanto, eu o mandava embora com a conversa de sempre, sem revelar nada além do que era oficialmente conhecido.

Lembro-me que, em meados de junho, Ivanov apareceu em meu escritório para

“informar” sobre uma notícia que eu já havia ouvido pelo rádio algumas horas antes. Entendi que ele estava atrás de algo mais, como sempre. Era o período em que os soviéticos e Khrushchev estavam dando grande publicidade à Conferência da Cúpula de Paris, que supostamente traria “paz” à humanidade. Se não me engano, Khrushchev já havia ido a Paris, embora o incidente do U-2, onde um avião espião americano foi abatido por um míssil soviético, tivesse ocorrido.

— Qual é a sua opinião sobre a Conferência de Paris? — Ivanov perguntou.

— Já que foram para lá, que se reúnam, — respondi, — mas, em nossa opinião, nada sairá dessa conferência. Os imperialistas continuam agressivos e perigosos para os povos e os países socialistas. Portanto, não acreditamos que a Conferência de Paris vá produzir qualquer resultado.

Dois dias depois, a conferência estourou como uma bolha. Os americanos não só não pediram desculpas, como também declararam que continuariam com a espionagem. Khrushchev foi obrigado a voltar para casa após lançar algumas “bombas de fumaça” contra os imperialistas. Ivanov voltou e me disse:

— As coisas aconteceram exatamente como você disse, camarada Enver! Você leu as declarações de Khrushchev?

— Eu li, — respondi, — e ele deve sempre falar assim contra os imperialistas, pois eles nunca se tornarão “razoáveis” e “amantes da paz”.

Essa era a situação na véspera da Reunião de Bucareste, que, do início ao fim, permaneceria como uma mancha na história do movimento comunista e operário internacional. Os khrushchevistas organizaram-na supostamente para definir a data da futura reunião, mas isso era apenas uma formalidade. Eles tinham outros objetivos. O importante para eles era tomar uma série de decisões para ir “em bloco” à futura reunião de todos os partidos. “Em bloco”, para eles, significava ir unidos em torno dos revisionistas khrushchevistas para apoiar inquestionavelmente a traição deles à teoria e à prática marxista-leninista revolucionária. Em suma, Khrushchev queria impor sua lei sobre o rebanho que desejava comandar.

No entanto, os khrushchevistas estavam observando e convencidos de que dois partidos, especialmente o Partido do Trabalho da Albânia e o Partido Comunista da China, não estavam se juntando ao rebanho que eles tentavam controlar totalmente. Além disso, eles perceberam o perigo da denúncia e derrota de seus planos contrarrevolucionários secretos, devido à nossa posição resoluta e baseada em princípios. Assim, Khrushchev fez seus cálculos da seguinte forma: para que a reunião de todos os partidos fosse uma reunião de “unidade” e “solidariedade”, ou seja, de submissão total, era necessário primeiro acertar as contas com a Albânia e a China.

Khrushchev, como um revisionista obstinado, pensou da seguinte maneira: “Quanto ao Partido do Trabalho da Albânia, vou deixá-lo de lado por enquanto, não vou atacá-lo diretamente, porque, afinal de contas, é um partido pequeno de um país pequeno. Os albaneses são teimosos, ficarão furiosos e darão saltos, mas no final se renderão, porque não têm mais ninguém a quem recorrer. Façam o que fizerem, eu os tenho em meu bolso”. Essa era sua lógica revisionista de grande estado. A China, por outro lado, era um problema urgente para Khrushchev. Ele a via assim: “Ou a China se submete e se junta ao rebanho silenciosa e mansamente, ou a condeno e a expulso do campo imediatamente. Dessa forma, neutralizo o Partido do Trabalho da Albânia e aperto os parafusos de qualquer outro elemento forte que queira se expulsar”. Em resumo, Khrushchev precisava realizar uma reunião preliminar para reprimir os “desobedientes”, garantindo que a futura reunião fosse marcada pela “unidade”, sem divisões. Por isso, ele queria e organizou a reunião em Bucareste.

Todos os Primeiros-Secretários dos partidos das democracias populares europeias foram a Bucareste. Khrushchev não gostou de minha ausência e perguntou:

— Por que o camarada Enver não veio? Você poderia informá-lo de que ele deveria vir?

Hysni respondeu:

— O camarada Enver não veio desta vez. Ele virá para a reunião dos partidos, cuja hora e local decidiremos aqui.

Inicialmente, não sabíamos nada sobre os planos de Khrushchev e seus aliados em Bucareste. No entanto, logo chegaram os primeiros radiogramas de Hysni, confirmando tudo o que tínhamos previsto. A Reunião de Bucareste, que pretendia apenas definir uma data, estava se transformando em uma cruzada. Khrushchev insistiu que as divergências entre a União Soviética e a China fossem levantadas e discutidas na reunião, é claro, sob sua direção e nos termos que ele queria. Ele afirmou que “decisões podem ser tomadas” nessa reunião, exigindo que os outros partidos falassem sobre os “graves erros da China”, expressassem solidariedade aos soviéticos e “apresentassem uma posição comum”. Estava claro para mim que estávamos enfrentando uma das conspirações mais pífidas e selvagens, então levantei imediatamente a questão no Birô Político.

Foram dias e noites de trabalho incessante, cuidadoso e intensivo, bem pensado e discutido sob todos os ângulos. Os dados haviam sido lançados, a “paz” com os khrushchevitas havia chegado ao fim. Eles abriram fogo e nós responderíamos ao fogo deles com toda a nossa força. Agora não havia e não poderia haver mais nenhuma conciliação e “acordo” tático com os khrushchevistas. A grande luta havia

começado. Seria uma luta grande e extremamente difícil, cheia de sacrifícios e repercussões, mas continuaríamos até o fim com confiança e otimismo, porque sabíamos que a razão estava do nosso lado, do lado do marxismo-leninismo.

Todos conhecem como a reunião se desenrolou: um vasto material dos soviéticos contra a China foi distribuído rapidamente, decidiram realizar a reunião dos partidos do campo algumas horas depois e, em seguida, todos os chefes das delegações dos partidos comunistas e operários presentes no congresso do partido romeno seriam convocados, onde Khrushchev confrontaria seu desejo de que o “Partido Comunista da China fosse condenado como antimarxista, como um partido trotskista”, etc., etc.

Na reunião anterior, organizada por Khrushchev, o camarada Hysni Kapo, em nome do partido e com base nas diretrizes detalhadas que recebíamos todos os dias e, frequentemente, duas vezes por dia, atacou Khrushchev e os outros por seus objetivos antimarxistas e pelos métodos conspiratórios que usavam, defendeu o Partido Comunista da China e se opôs à continuação dessa reunião.

Khrushchev não esperava por isso. Nas reuniões que foram realizadas, ele falava o tempo todo, batendo os pés e o punho, irritando-se e esbravejando de indignação. Mas o camarada Hysni Kapo, munido com a linha de comando de nosso partido e com as instruções especiais que lhe enviávamos continuamente, e com sua frieza e coragem características, não só não cedeu, como também deu a Khrushchev o melhor de si com suas respostas cortantes.

Apesar de Khrushchev dirigir seus muitos discursos aparentemente a Peng Chen, líder da delegação chinesa, ele sempre encontrava oportunidades para atacar nosso partido e seu representante. Seu objetivo não era apenas atacar nossa posição resoluto, mas também convencer os representantes dos outros partidos de que os albaneses “estão jogando o jogo dos chineses”.

— Você, camarada Peng Chen, — reclamou Nikita Khrushchev, — não fez nenhuma menção à coexistência pacífica na noite passada, não falou nada sobre isso. Ele falou ou não falou, camarada Kapo?

— Eu represento o Partido do Trabalho da Albânia. — respondeu Hysni. — Aí está Peng Chen, pergunte a ele!

— Não podemos concordar de forma alguma com Mao Zedong e os chineses, nem eles conosco. Você quer que nós o enviemos, camarada Kapo, para chegar a um acordo com eles? — Khrushchev perguntou ao camarada Hysni em outra ocasião.

— Não recebo ordens de você. — respondeu Hysni. — Recebo ordens apenas do meu partido.

Nada poderia fazê-lo afastar-se da posição corajosa, revolucionária e baseada nos princípios do partido. Ele nunca vacilou diante dos gritos e da pressão de um charlatão, Nikita Khrushchev. Frio, calmo e com princípios, o camarada Hysni Kapo declarou, em nome do partido, que o Partido do Trabalho da Albânia considerava a discussão dessas questões na reunião de Bucareste fora de ordem, assim como considerava descabidos os esforços que os chineses fizeram no início para discutir esses assuntos com as delegações sindicais. “O PTA considera prejudicial à polêmica aberta ou disfarçada na imprensa. — declarou ele. — Quanto a quem está certo, vamos julgar isso na próxima reunião dos partidos”.

Os khrushchevistas ficaram alarmados com a perspectiva de a trama explodir em suas próprias mãos. Em seguida, começaram as visitas de ida e volta, os conselhos, as consultas e conversas amigáveis e as pressões disfarçadas com piadas e sorrisos. Andropov, o homem dos acordos e intrigas de bastidores (por isso o nomearam chefe da KGB), foi um dos mais ativos e fez de tudo para forçar nosso partido a participar da trama.

Os soviéticos não deixaram de envolver seus lacaios nas outras partes nesse jogo sujo. Andropov pegou um certo Moghioros e foi a Hysni para uma visita. Andropov ficou sentado, dando a entender que não ia falar, e Moghioros tagarelou sem parar sobre a justeza da linha marxista-leninista do partido soviético.

— O que a Albânia está fazendo? — perguntou Zhivkov. — Vocês apenas discordam.

— O que você quer dizer com isso? — perguntou Hysni.

— Nada, eu estava apenas brincando — disse Zhivkov, mudando de tom.

— Brincando com o quê? Você tinha algo em mente quando disse que “a Albânia não concorda”.

Enquanto a reunião acontecia em Bucareste, nos reuníamos quase todos os dias no Birô Político, mantínhamos contato contínuo com Hysni Kapo, instruíamo-lo e acompanhávamos com atenção e preocupação o desenrolar dos acontecimentos. A essa altura, havíamos chegado a uma conclusão unânime: A Reunião de Bucareste é uma conspiração organizada contra o marxismo-leninismo; lá, Khrushchev e companhia estão revelando suas faces como revisionistas raivosos, portanto, não faremos nenhuma concessão aos revisionistas, mesmo que permaneçamos sozinhos contra todos eles.

Nossa posição era correta e marxista-leninista. A ação pérfida organizada por Khrushchev tinha de ser derrotada. É um fato publicamente conhecido que nosso partido defendeu a China em Bucareste com coragem marxista-leninista e adesão

aos princípios. Estávamos bem cientes das consequências dessa posição. Hoje, tantos anos após a conspiração de Bucareste, quando infelizmente o partido chinês também está derrapando irremediavelmente nos trilhos da traição, do revisionismo e da contrarrevolução, quero enfatizar mais uma vez que a posição de nosso partido em Bucareste e Moscou foi absolutamente correta e a única correta.

Como escrevi acima, tínhamos reservas em relação a certas opiniões expressas por Mao Zedong e outros dirigentes chineses, tínhamos reservas em relação ao 8º Congresso do Partido Comunista da China, mas depois de 1957 parecia que uma mudança positiva havia sido feita nesse partido e que seus antigos erros oportunistas haviam sido deixados de lado. Qualquer partido pode cometer erros, mas eles podem ser corrigidos e, quando isso é feito, o partido se fortalece e o trabalho progride. Na China, não se falava mais sobre o 8º Congresso, as opiniões direitistas de Peng Dehuai foram atacadas e as cem flores foram abandonadas. Em suas declarações oficiais e em artigos publicados, os chineses atacaram abertamente o revisionismo iugoslavo, defenderam Stálin e mantiveram posições teoricamente corretas sobre guerra e paz, coexistência pacífica, revolução e ditadura do proletariado.

Este não é o lugar nem o momento para analisar os motivos que impulsionaram os dirigentes chineses e para explicar se havia ou não algo de princípio nessas posições deles naquele período (escrevi sobre esses assuntos em meu diário), mas uma coisa ficou clara: naquele período, o Partido Comunista da China se apresentou como defensor do marxismo-leninismo.

Os khrushchevistas nos acusaram de “romper com os 200 milhões para nos unirmos aos 600 milhões”. Ao defender a China, não agimos com base em nenhum motivo financeiro, econômico, militar ou demográfico. Se tivéssemos agido com base nesses motivos pragmáticos antimarxistas, teria sido mais “vantajoso” para nós nos alinharmos com os khrushchevistas, porque a União Soviética era mais poderosa e Khrushchev não teria hesitado em nos dar créditos e “ajuda” imediatamente (é claro, para depois exigir a liberdade e a independência de nosso povo, de nossa pátria e de nosso partido como recompensa).

Por isso, em Bucareste e Moscou, não defendemos a China como um grande país do qual poderíamos obter ajuda, mas defendemos as normas leninistas e o marxismo-leninismo. Não defendemos o Partido Comunista da China porque ele era um grande partido, mas defendemos nossos princípios, defendemos a justiça marxista-leninista. Em Bucareste e Moscou, teríamos defendido qualquer partido ou país, fosse ele grande ou pequeno numericamente, desde que estivesse de acordo com o marxismo-leninismo. Proclamamos isso em alto e bom som naquela época,

e o tempo o confirmou plenamente.

A luta em defesa do marxismo-leninismo contra o revisionismo foi a única base que nos colocou na mesma trincheira com o Partido Comunista da China.

Esses foram os motivos que nos impulsionaram a manter as posições que assumimos em Bucareste e, posteriormente, em Moscou. Nosso partido, temperado em lutas e batalhas, claro e determinado em seu curso marxista-leninista, disse “pare” ao ataque khrushchevista, resistiu heroicamente a esse ataque e não vacilou diante de pressões e chantagens de todos os tipos.

Khrushchev não podia nos perdoar pelo que fizemos ao revisionismo. Mas também não podíamos perdô-lo pelo que ele havia feito contra o marxismo-leninismo, contra a revolução, contra a União Soviética, contra a Albânia e o movimento comunista e operário internacional.

A luta aberta começou. A embaixada soviética em Tirana, por meio de seus agentes da KGB, intensificou a pressão, a interferência e a sabotagem das formas mais sujas. Os militares e civis soviéticos que trabalhavam na Albânia fizeram provocações contra nosso povo, atacando a direção, alegando que havíamos tomado posições erradas, que atacávamos a União Soviética, que não mantínhamos nossa palavra e outras coisas baixas. Os funcionários da embaixada soviética em Tirana, com o embaixador Ivanov à frente, tentaram recrutar agentes e provocaram nossos oficiais, perguntando-lhes: “Com quem está o exército?”, e tentaram trabalhar com certos elementos para colocá-los em oposição à linha do partido.

Essa atividade tinha dois objetivos: por um lado, incitar nosso partido e nosso povo contra a direção, escondendo-se atrás de “todas as coisas boas” que a União Soviética supostamente havia feito pela Albânia e, por outro lado, aproveitar a menor oportunidade para semear a confusão, explorando o amor sincero que nosso partido e nosso povo nutriam pela União Soviética.

Nesses momentos difíceis, a unidade de aço das fileiras do nosso partido, a lealdade dos membros e dos quadros do partido ao Comitê Central do partido e ao nosso Birô Político, mais uma vez se destacaram de forma brilhante. Nos comunistas albaneses, as provocações dos revisionistas soviéticos esbarraram em uma barreira intransponível, uma rocha inamovível. Os únicos elementos traiçoeiros que se opuseram à unidade monolítica de nossas fileiras foram Liri Belishova e Koço Tashko, que se renderam à pressão dos soviéticos e, naqueles momentos de fortes tempestades e testes, mostraram suas verdadeiras faces como capituladores, provocadores e antimarxistas. Como os eventos confirmaram, esses dois elementos há muito tempo estavam a serviço de Khrushchev, tornaram-se seus agentes e lutaram

para atacar nosso partido e sua direção por dentro. O partido e o povo os desmascararam e os condenaram com ódio e desprezo.

As provocações articuladas pela embaixada soviética em Tirana estavam agora alinhadas com as pressões externas exercidas sobre nosso partido e país pela direção revisionista soviética e seus aliados. Essas pressões eram de diversos tipos: econômicas, políticas e militares.

Para subjugar o PTA e o povo albanês, os khrushchevistas abandonaram todos os escrúpulos, chegando ao ponto de ameaçar nosso país com um bloqueio para nos privar de alimentos. Esses inimigos obstinados do socialismo e, em particular, do povo albanês, recusaram-se a nos fornecer grãos quando nossas reservas de alimentos durariam apenas 15 dias. Naquele momento, fomos compelidos a usar nossa moeda forte para adquirir trigo da França. Um comerciante francês que veio a Tirana nos questionou sobre a razão pela qual a Albânia estava comprando grãos dos países ocidentais, considerando a União Soviética sua “grande amiga”. É claro que não revelamos nada ao comerciante burguês. Pelo contrário, informamos a ele que a União Soviética nos havia fornecido grãos, milho, mas que havíamos “utilizado para o gado”.

— Por que se preocupar com grãos de pão? — comentou Khrushchev conosco. — Plantem frutas cítricas. Os ratos em nossos celeiros consomem a quantidade de grãos que a Albânia precisa. — Enquanto o povo albanês estava à beira da escassez de alimentos, Khrushchev preferia alimentar os ratos a fornecer pão para os albaneses. Para ele, havia apenas duas opções para nós: submissão ou morte. Essa era a lógica cínica desse traidor.

No entanto, a grande ruptura em nossas relações com a direção soviética não poderia ser escondida por muito tempo, especialmente quando os próprios khrushchevistas a evidenciavam cada vez mais a cada dia.

Os embaixadores soviéticos e búlgaros na Iugoslávia aplaudiram o carrasco Ranković naqueles dias, quando, em um comício em Sremska Mitrovica, ele descreveu a Albânia como um “inferno cercado de arame farpado”. Os búlgaros publicaram um mapa dos Bálcãs e, “por engano”, incluíram nosso país dentro das fronteiras da Iugoslávia. Em Varsóvia, os partidários de Gomulka invadiram a embaixada da República Popular da Albânia e tentaram assassinar o embaixador albanês. Khrushchev tolerou e encorajou os monarca-fascistas gregos, como Venizelos, quando eles tentaram anexar o chamado Épiro do Norte, entre outras ações. Naquela época, esses e outros inúmeros atos semelhantes ocorreram de todas as direções contra nosso partido e país. A mão de Khrushchev, que se esforçava ao máximo para nos forçar

a ceder e nos submeter, estava presente, direta ou indiretamente, em todas essas atividades antialbanesas.

No entanto, nosso partido e nosso povo permaneceram firmes na justa linha marxista-leninista. Informamos aos comunistas e aos quadros sobre o que estava ocorrendo no movimento comunista e operário, sobre a traição dos khrushchevistas, e as massas do partido cerraram suas fileiras em torno do Comitê Central para enfrentar a tempestade que os khrushchevistas estavam levantando. Elas não encontraram brechas nesse bloco de aço, e a bandeira do partido tremulou e sempre tremulará orgulhosa e inabalável em meio a qualquer tempestade.

O Comitê Central convocou o partido e o povo a cerrarem suas fileiras, salvaguardarem e fortalecerem sua unidade e patriotismo, manterem a calma, evitem cair em provocações, serem vigilantes e destemidos. Dissemos ao partido que essa era a maneira de garantir o triunfo da justa linha marxista-leninista que estávamos seguindo. Dissemos ao partido que, independentemente do fato de os inimigos serem muitos e poderosos, nós triunfaríamos.

Com as provocações feitas em Moscou ou em outras capitais de países vassallos, bem como por meio da Embaixada Soviética em Tirana e seus funcionários, os khrushchevistas também buscavam outro objetivo: eles queriam fabricar e reunir fatos falsos para ter como armas a acusação de que nós, albaneses, estávamos supostamente arruinando as relações e, assim, contrabalançar nossos argumentos teóricos e políticos bem fundamentados. Moscou estava aterrorizada com esse confronto, especialmente se ele ocorresse na reunião dos partidos comunistas e operários do mundo. Isso seria uma séria derrota para o revisionismo moderno, liderado por Khrushchev e os khrushchevistas; portanto, eles não queriam que as coisas chegassem a esse ponto. Eles precisavam, a todo custo, de nossa submissão ou, pelo menos, de sua “reconciliação” conosco.

Para isso, durante o período em que a embaixada soviética em Tirana estava operando por meio de provocações, Moscou, por meio de Kozlov, se cansou de enviar carta após carta ao “Comitê Central e ao camarada Enver Hoxha”. Nessas cartas, eles exigiam que eu fosse a Moscou para que pudéssemos conversar e chegar a um acordo como “amigos e camaradas que somos”. “Precisamos eliminar aquele pequeno mal-entendido e desentendimento que ocorreu em Bucareste.” “Nenhum dos lados deve permitir que uma pequena faísca acenda uma grande conflagração”, etc.

O objetivo deles era claro: obrigar nosso partido a ficar calado, a se reconciliar com eles e a se tornar um colaborador da traição. Eles queriam nos arrastar para Moscou e nos operar nos “aparelhos” de seu Comitê Central para nos “convencer”.

No entanto, sabíamos com quem estávamos lidando e nossa resposta foi direta: “O camarada Enver Hoxha não pode ir a Moscou, exceto para a reunião dos partidos comunistas e operários. Dissemos a vocês o que tínhamos a dizer em Bucareste; exporemos nossos pontos de vista e nossa posição na próxima reunião dos partidos”.

Os khrushchevistas estavam mais do que nunca convencidos de que nem suas bajulações, seus créditos, seus sorrisos doentios, nem suas chantagens e ameaças teriam qualquer efeito sobre o Partido do Trabalho da Albânia.

Os outros cúmplices não deixaram de se empenhar em persuadir o PTA a desistir de sua luta contra a traição revisionista. Uma série de partidos de países do campo socialista nos enviou cópias das cartas que haviam enviado ao Partido Comunista da China. Os khrushchevistas queriam nos ameaçar com essas cartas: “Estamos todos juntos nisso, então pense bem antes de se separar”.

Aqueles que dançaram conforme a música de Khrushchev também receberam de nós a resposta que mereciam. “Em Bucareste, vocês estavam errados, não nós. Nossa posição marxista-leninista estava correta. Não nos associamos a vocês e expressaremos nossa opinião em Moscou”.

Todas essas cartas chegaram ao mesmo tempo e, sem dúvida, isso foi algo sugerido e organizado pelos soviéticos. Foi interessante que, quando afirmaram a su-posta “unidade completa de todos os partidos comunistas e operários” na Reunião de Bucareste, não definiram claramente em quais problemas essa “unidade” foi demonstrada. De fato, na carta dos soviéticos, essa expressão não existia (!). Sem dúvida, os soviéticos não queriam parecer envolvidos nessa manobra, mas fizeram dos outros uma espécie de instrumento. Entretanto, o Partido do Trabalho da Albânia não se deixou confundir por essas táticas básicas e banais. Em nossa carta, demos a eles uma resposta clara a essas distorções da verdade e divulgamos essa resposta a todos, para que todos os partidos que se apressaram em “chamar o Partido do Trabalho da Albânia à razão” entendessem claramente que o PTA não é um partido que entra em acordo com traidores.

O PTA não manteve sua posição por despeito ou por qualquer capricho casual. Não. A carta mencionada, assim como todos os outros documentos desse período, com sua elevada adesão aos princípios, seu sólido espírito marxista-leninista e a profundidade de seus julgamentos e argumentos científicos, não foi apenas um golpe contra as tentativas de colocar nosso partido em um caminho errado, mas também uma contribuição e ajuda que demos aos partidos irmãos, incluindo o partido soviético, sobre como as questões deveriam ser julgadas, onde estava a verdade e como ela deveria ser defendida com coragem e adesão aos princípios.

Agora estávamos nos preparando para a reunião de Moscou, onde prevíamos que uma luta feroz seria travada. Nosso partido havia decidido que, na próxima reunião dos partidos, atacaria abertamente a traição dos revisionistas khrushchevistas que se colocaram em oposição à teoria marxista-leninista. Lutaríamos contra suas práticas e políticas traidoras, defenderíamos a União Soviética, o leninismo e Stálin, atacaríamos o 20º Congresso do Partido Comunista da União Soviética e atacaríamos todas as ações vis e antialbanesas dos khrushchevistas e de Khrushchev pessoalmente.

A batalha começou na comissão que deveria preparar a minuta da declaração para a reunião. Lá, os soviéticos tinham Suslov, Pospyelov, Kozlov, Ponomariov, Andropov e alguns outros. Uma delegação “sólida”, repleta de “grandes cérebros” para nos impressionar. Com exceção de nós e dos chineses, quase todas as outras delegações eram compostas por pessoas de baixo escalão, de terceira ou quarta categoria. Estava claro que tudo havia sido coordenado e que o acordo havia sido alcançado, de modo que eles não tinham mais nada a discutir.

Entendemos claramente que a luta na comissão era apenas o prólogo do drama. Previmos que os soviéticos e seus seguidores fariam concessões, insignificantes, é claro, e lutariam para garantir que a declaração que sairia da reunião fosse “nem peixe nem ave”, com formulações duvidosas, suavizadas, com alguns pequenos recuos e formulações sobre as “facções e agrupamentos” nos quais eles também classificavam nosso partido. Portanto, o Birô Político aconselhou nossa delegação, composta pelos camaradas Hysni Kapo e Ramiz Alia, a lutar por uma declaração com palavras fortes.

Isso não era tudo. Também previmos a outra variante, a de que os khrushchevistas poderiam aceitar uma declaração com formulações corretas e precisas, desde que a reunião em si transcorresse sem problemas, sem luta ou denúncia, sem qualquer levantamento da massa para revelar o que havia dentro. Previmos isso porque sabíamos que eles temiam o debate como o diabo teme a água benta. Estariam prontos para fazer concessões quando se sentissem pressionados e diriam: “Você não gosta disso? Bem, vamos torná-lo ainda mais forte. Só que não deve haver luta. Faremos a declaração e a assinaremos, sem qualquer condenação de Bucareste, sem luta de princípios” e . . . e daí? Então, quando tudo estiver terminado, os porta-vozes se manifestarão: “Bucareste foi *poljezen*² nossa linha *pravilna*, os chineses e os albaneses foram condenados por dogmatismo, mas foram corrigidos”,

2. “Útil” (Em russo no original)

enquanto que para eles a declaração seria um pedaço de papel sem valor, exatamente como aconteceu rapidamente.

Não era isso que queríamos. A declaração não deve ser um disfarce para a corrupção dos revisionistas, mas deve ser o resultado do debate, da luta e da denúncia. Na correspondência que mantivemos com nossa delegação em Moscou, enviamos um telegrama: “Nosso objetivo e tarefa não é coletar declarações, mas atacar e expor os erros. Não temos falta de declarações”.

Foi travada uma dura luta na comissão preparatória. Suslov dirigiu tudo para que as teses revisionistas do 20º Congresso e a aprovação da linha seguida pela direção soviética fossem incluídas na minuta da declaração. Nossos camaradas lutaram muito, denunciaram esses pontos de vista e insistiram que a formulação da minuta deveria ser precisa, marxista-leninista e em termos inequívocos. “Nenhuma imprecisão, nenhum significado inferido ou expressão que possa ser interpretada à vontade amanhã pode ser permitida”, declararam os representantes de nosso partido, os camaradas Hysni e Ramiz.

Eles atacaram as teses dos khrushchevistas sobre a domesticação do imperialismo e lhes disseram sem rodeios que “a tendência de embelezar o imperialismo, que tem sido observada, é perigosa”, e defenderam a tese de Stálin de que a paz só pode ser alcançada quando os povos tomarem essa questão em suas próprias mãos. “Dizer que é possível construir um mundo sem guerras hoje (a tese de Khrushchev) quando o imperialismo existe, — enfatizou o camarada Hysni Kapo, — é contrário aos ensinamentos de Lênin.”

Contrariando os desejos dos khrushchevistas, nossa delegação na comissão insistiu para que a minuta da declaração enfatizasse que “o revisionismo é o principal perigo no movimento comunista” e que o revisionismo iugoslavo deveria ser mencionado especificamente como um agente do imperialismo. Nossos camaradas apontaram enfaticamente o perigo da tese de que “o revisionismo foi derrotado ideologicamente”, que Khrushchev e companhia queriam impor a todos os outros partidos. “O revisionismo não apenas existe, mas seus chifres estão crescendo hoje”, disse o camarada Hysni Kapo.

Os representantes do nosso partido enfrentaram praticamente uma frente unida de revisionistas. Os fantoches khrushchevistas, dirigidos por Suslov e outros, os atacaram para forçá-los a abandonar a justa linha que defendiam. Mas Hysni Kapo lhes disse:

— Nosso partido nunca concordará em falar de acordo com os desejos desta ou daquela pessoa, ou como resultado de pressões exercidas sobre ele. — Ele rebateu

as acusações e provocações dos lacaios de Khrushchev e, mais uma vez, condenou a conspiração em Bucareste e os esforços para levá-la a cabo em Moscou.

Quando Suslov, esse revisionista desprovido de qualquer escrúpulo, ousou jogar lama em nosso partido e comparou seus pontos de vista aos do contrarrevolucionário Kerensky, o camarada Hysni deu-lhe um tapa na cara:

— Você está no lugar errado, camarada Suslov, ao falar comigo sobre Kerensky. Quero declarar que o Partido do Trabalho da Albânia não foi formado por Kerensky. Kerensky apenas lhe pertence. Nós reconhecemos e ainda reconhecemos Lênin e o partido de Lênin. Nosso partido, fundado por Enver Hoxha com base nos ensinamentos do marxismo-leninismo, está lutando para defender o marxismo-leninismo com lealdade e continuará a fazê-lo. — Para concluir, ele acrescentou: — Aqueles que apoiavam o traidor contrarrevolucionário Imre Nagy não podem acusar o Partido do Trabalho da Albânia de ser um partido burguês ou os comunistas albaneses de serem kerenskistas.

— Há um mal-entendido aqui! — disse Suslov, tentando amenizar um pouco o efeito esmagador da resposta que recebeu:

— Tudo está claro para nós, embora talvez não para você, — respondeu o camarada Hysni.

Confrontados com argumentos incontestáveis, os soviéticos foram obrigados a recuar durante as sessões, mas no dia seguinte a luta recomeçou sobre assuntos que já haviam sido decididos, porque Khrushchev havia mexido com os ouvidos de Suslov e companhia. O sírio Baghdash, um laiaio muito dócil de Khrushchev, levantou-se e fez a acusação de que nosso partido, ao criticar a direção soviética, estava supostamente querendo um novo comunismo. Hysni Kapo se preparou para responder a essa acusação básica de Baghdash. Em um segundo discurso que Hysni queria fazer na reunião da comissão, entre outras coisas, ele enfatizou:

— Nosso partido nos enviou aqui para expressar suas opiniões. Ele não pretendeu e não pretende formular nenhum novo livro-texto do marxismo-leninismo, nem está buscando nenhum outro movimento comunista, como sugeriu o camarada Baghdash. Nosso partido lutou e está lutando corajosamente pelo comunismo de Marx, Engels, Lênin e Stálin e, por ter feito isso, está no poder e está construindo o socialismo com sucesso. Você, camarada Baghdash, aparentemente cometeu um erro no discurso. Por favor, dirija suas críticas sobre o 'novo comunismo' àqueles que reivindicam tal coisa, os revisionistas, e não a nós.

No entanto, apesar da persistência do camarada Hysni, a presidência da reunião da comissão, manipulada pelos khrushchevistas, não permitiu que ele lesse seu se-

gundo discurso, cujo texto está guardado nos arquivos de nosso partido.

Como de costume, além dos ataques e acusações, não faltaram expressões de “amizade” hipócrita para com nossos camaradas. Um dia, Kozlov convidou o camarada Hysni para almoçar, mas ele agradeceu e se recusou a ir.

A luta dos delegados do Partido do Trabalho da Albânia, dos representantes do Partido Comunista da China e de algum outro partido fez com que muitas das teses revisionistas fossem deixadas de lado e formulações marxista-leninistas fossem feitas em muitas questões. Entretanto, ainda havia questões não resolvidas, e sobre elas Kozlov queria publicar “comunicados internos”. Com medo de estarem perdendo a batalha, os khrushchevistas estavam se esforçando para salvar o que podiam. Esse foi apenas o prólogo da luta. A verdadeira batalha ainda estava à nossa frente.

Sabíamos que seria difícil, severo e que estaríamos em minoria. Mas isso não nos assustou. Preparamo-nos cuidadosamente para a reunião, de modo que os julgamentos e as análises de nosso partido fossem maduros e bem ponderados, corajosos e baseados em princípios. Discutimos o discurso que eu deveria proferir na reunião de Moscou em uma reunião especial do plenário do Comitê Central de nosso partido, que o endossou por unanimidade, porque era uma análise que o Partido do Trabalho da Albânia fazia dos problemas de nossa doutrina e da atividade antimarxista dos khrushchevistas. Em Moscou, deveríamos expor a linha inabalável de nosso partido, demonstrar a maturidade ideológica-política e a rara coragem revolucionária que caracterizaram nosso partido durante toda a sua heroica existência.

Os documentos do partido tratam detalhadamente dos procedimentos da Reunião dos 81 partidos, dos discursos e das contribuições de nossa delegação naqueles momentos decisivos e históricos pelos quais o mundo comunista e, especialmente, nosso país e o partido estavam passando.

Mehmet, Hysni, Ramiz e eu, além de vários camaradas que ajudavam a delegação, partimos para Moscou para participar do Encontro dos 81 Partidos Comunistas e Operários. Estávamos convencidos de que iríamos para um país no qual os inimigos haviam tomado o poder e onde teríamos de ser muito cuidadosos, pois eles se comportariam como inimigos e registrariam cada palavra e cada passo nosso. Tínhamos de ser vigilantes e prudentes. Estávamos convencidos, também, de que eles tentariam decifrar o código de nossos radiogramas para descobrir nossos objetivos e nossa menor tática.

Ao passar por Budapeste, fomos recebidos por vários dos principais camaradas do partido húngaro, que se comportaram corretamente conosco. Nem eles nem nós fizemos qualquer alusão aos problemas. Embarcamos no trem para a Ucrânia. Os

funcionários do trem nos olharam com frieza e nos serviram sem falar nada, enquanto homens que certamente eram agentes de segurança patrulhavam os corredores. Não tínhamos a menor vontade de iniciar a menor conversa com eles, pois sabíamos quem eram e o que representavam.

Na estação de Kiev, dois ou três membros do Comitê Central da Ucrânia vieram nos encontrar. Eles nos receberam com frieza, e nós permanecemos frios como gelo, recusando-nos até mesmo a tomar o café deles. Em seguida, embarcamos no trem e continuamos a viagem até Moscou, onde Kozlov, Yefremov, membro do Comitê Central, e o vice-chefe de protocolo do Ministério das Relações Exteriores vieram nos encontrar. Na estação de Moscou, eles também trouxeram uma guarda de honra, uma banda tocou hinos e soldados desfilaram com passos marciais, apenas para manter o costume de todas as delegações. Nenhum jovem pioneiro saiu para nos receber com flores. Kozlov nos ofereceu sua mão fria, acompanhada de um sorriso artificial de orelha a orelha, e com sua voz grave nos deu as boas-vindas. Mas o gelo continuou sendo gelo.

Assim que os hinos e o desfile terminaram, ouvimos aplausos, palmas e gritos entusiasmados: “Viva o Partido do Trabalho!” Vimos que eles vinham de várias centenas de estudantes albaneses que estudavam em Moscou. Eles não tinham permissão para entrar na estação, mas finalmente foram autorizados a entrar para evitar um escândalo. Sem dar atenção a Kozlov e Yefremov, que nunca nos deixaram, cumprimentamos nossos alunos que estavam gritando de alegria e, junto com eles, torcemos pelo nosso partido. Essa foi uma boa lição para os soviéticos verem que tipo de unidade nosso partido e nosso povo têm com sua direção. Os estudantes não nos deixaram até entrarmos nos carros da ZIL. No carro, Kozlov não conseguiu encontrar nada melhor para dizer, exceto “Seus alunos são indisciplinados”.

— Não, — eu disse, — eles são grandes patriotas e amam o partido e sua direção de todo o coração.

Kozlov e Yefremov nos acompanharam até a residência que eles haviam alocado para nós em Zarechie, a cerca de 20-25 km de Moscou. Essa era a vila onde eu havia me hospedado muitas vezes com os camaradas e com Nexhmije quando vinha de férias. Eles me disseram uma vez: “Reservamos esta vila para Zhou Enlai e você, não colocamos mais ninguém aqui”. Até mesmo na vila eles nos uniram aos chineses. Como comprovamos mais tarde com o detector especial que trouxemos conosco, eles encheram a vila de dispositivos de escuta.

Eu conhecia bem Kozlov porque já havia conversado com ele muitas vezes. Ele era um daqueles que falam muito, mas não dizem nada. Independentemente do

que pensávamos deles agora, desde o primeiro encontro eu tive a impressão de que esse Kozlov não tinha cérebro. Ele fingia saber coisas, assumia posturas, mas sua “abóbora” não tinha sementes. Ele não bebia como os outros e, diga-se de passagem, era considerado o segundo homem na direção depois de Khrushchev.

Escrevi acima sobre a briga que tive com Kozlov e Pospyelov em 1957, no Teatro Acadêmico de Ópera e Balé “Kirov”, em Leningrado, por causa do discurso que fiz na fábrica de máquinas Lênin.

Lembro-me de que naquela noite, quando voltamos do teatro, nós três estávamos em um ZIL. Eu estava no meio. Kozlov disse a Pospyelov, usando o nome diminutivo carinhoso, como é o costume russo:

— Você é um grande homem, um dos maiores teóricos que temos.

— *Nu njet, nu njet...*³ — respondeu Pospyelov “modestamente”.

Eu não conseguia entender o motivo de toda essa bajulação, mas depois ficamos sabendo que esse Pospyelov foi um dos que formularam o relatório secreto contra Stálin. Kozlov continuou:

— O que eu digo está certo, mas você é modesto, muito modesto.

Essa conversa continuou durante todo o trajeto, com um elogiando o outro, até chegarmos à nossa residência. Isso foi repugnante para mim, porque esse não é o nosso jeito de agir.

Eu conhecia menos o Yefremov.

Em um domingo, quando eu estava em Moscou com Mehmet na época do 21º Congresso, Polyansky, na época membro do Presidium do PCUS e agora embaixador em Tóquio, convidou-nos para almoçar em sua dacha nos arredores de Moscou. Fomos. Tudo estava coberto de branco porque havia caído neve. Estava frio. A casa também era branca como a neve, linda. Polyansky nos contou:

— Esta é a dacha onde Lênin costumava descansar.

Com isso, ele queria nos dizer: “Sou uma pessoa importante”. Lá encontramos Yefremov e outro secretário, da Crimeia, se não me engano. Eles nos apresentaram a ele. Eram dez horas da manhã. A mesa estava farta, como nas fábulas sobre os czares russos.

— Vamos nos sentar e tomar o café da manhã, — disse Polyansky.

— Nós já comemos. — dissemos.

— Não, não, — disse ele, — vamos nos sentar e comer de novo (É claro que ele quis dizer “beber”).

3. “*Eu não, eu não...*” (Em russo no original).

Não bebemos, mas os observamos bebendo e conversando. Que quantidades colossais eles comeram e beberam! Ficamos de olhos arregalados quando eles beberam copos inteiros de vodca e vários vinhos. Polyansky, com sua cara de intriguista, estava se gabando sem a menor vergonha, enquanto Yefremov, o outro secretário e outra pessoa que chegou mais tarde bebiam e, sem o menor sinal de constrangimento com nossa presença, derramavam seus elogios repugnantes sobre Polyansky. “Não há ninguém como você, você é um grande homem, o pilar do partido, você é o Khan da Crimeia”, etc., etc. O “café da manhã” continuou dessa forma até a uma hora da tarde. Mehmet e eu estávamos morrendo de tédio. Não sabíamos o que fazer. Pensei em bilhar e, para me afastar daquela sala cheia de bêbados, perguntei a Polyansky:

— Há uma mesa de bilhar na casa?

— Sim, é claro, — respondeu ele, — você quer que a gente vá?

— Com o maior prazer! — disse, e nos levantamos imediatamente.

Fomos até a sala de bilhar. Ficamos lá por uma hora e meia ou duas horas. A vodca, a *pertsofka* e o *zakuski*⁴ foram enviados para eles na sala. Depois pedimos permissão para sair.

— Para onde vocês estão indo? — perguntou Polyansky.

— Para Moscou. — respondemos.

— Impossível, — disse, — estamos prestes a almoçar.

Abrimos os olhos com espanto. Mehmet disse a ele:

— Mas o que estivemos fazendo até agora? Não comemos o suficiente para dois dias?

— Oh, não, — disse Yefremov, — o que comemos foi apenas um café da manhã leve, enquanto agora começa o verdadeiro almoço.

Eles nos pegaram pelo braço e nos levaram de volta à sala de jantar. Que visão tivemos! A mesa havia sido carregada novamente. O Estado soviético dos proletários pagou por toda essa comida e bebida para seus dirigentes, para que eles pudessem “descansar” e se divertir! Nós lhes dissemos: “Não podemos comer mais nada”. Recusamos, mas eles não quiseram saber e imploraram para que comêssemos e bebêssemos sem parar. Mehmet teve uma boa ideia quando perguntou:

— Vocês têm um cinema aqui? Podemos assistir a um filme?

— Temos, sim. — disse Polyansky e tocou a campainha, ordenando ao projecionista que se preparasse para exibir um filme.

4. Vodca com *pimenta* e *aperitivos* (Em russo no original).

Depois de meia hora, tudo estava pronto. Fomos ao cinema e nos sentamos. Lembro-me de que era um filme colorido mexicano. Tínhamos escapado da *stolovaya*⁵. O filme não estava sendo exibido há mais de dez minutos quando, na escuridão, vimos Polyansky e os outros saindo silenciosamente da sala e voltando para a vodca. Quando o filme terminou, nós os encontramos sentados bebendo.

— Vamos lá, — disseram, — agora vamos comer alguma coisa, porque é bom comer depois de um filme.

— Não, — dissemos, — não podemos mais comer e beber. Por favor, permitam-nos voltar a Moscou.

Com muita relutância, permitiram que nos levantássemos.

— Vocês terão que experimentar a bela noite do inverno russo, — eles nos disseram.

— Vamos experimentar até mesmo o inverno, — eu disse a Mehmet em albanês, — mas vamos nos afastar desse antro de bebidas e desses bêbados.

Vestimos nossos sobretudos e saímos para a neve. Demos apenas alguns passos e um ZIM se aproximou: dois outros amigos de Polyansky, um deles, um certo Popov, que eu havia conhecido em Leningrado, pois lá ele havia sido o factotum de Kozlov, que o havia promovido a Ministro da Cultura da República Russa. Nós nos abraçamos na neve.

— Por favor, volte, — eles disseram, — só por mais uma hora... etc., etc.

Nós nos recusamos e fomos embora. No entanto, paguei um preço por isso. Peguei um resfriado, desenvolvi um forte resfriado com febre e fiquei ausente das sessões do Congresso. (Relatei isso para abrir um canto da vida dos dirigentes soviéticos, aqueles que minaram o regime soviético e a autoridade de Stálin).

Voltemos agora à nossa chegada a Moscou antes da Reunião dos Partidos.

Kozlov, então, nos acompanhou até a vila. Em outras ocasiões, eles geralmente nos levavam para a casa e iam embora. Mas dessa vez Kozlov queria mostrar que era um camarada amigável. Ele tirou o casaco e foi direto para a *stolovaya*, que estava cheia de garrafas, petiscos e caviar preto.

— Venham, vamos comer e beber alguma coisa. — disse Kozlov, mas não era com isso que ele estava realmente preocupado. Ele queria conversar conosco para saber com que opiniões e predisposições havíamos chegado.

Ele começou a conversa dizendo:

— Agora a comissão concluiu a minuta e estamos praticamente todos de acor-

5. “Sala de jantar” (Em russo no original).

do. Os camaradas chineses também estão de acordo. Há quatro ou cinco assuntos sobre os quais não se chegou a uma opinião comum, mas podemos publicar um comunicado interno sobre eles.

Virando-se para Hysni para pedir sua aprovação, ele perguntou:

— Não é mesmo?

Hysni respondeu:

— Não, não é assim. O trabalho ainda não terminou. Temos objeções e reservas que nosso partido apresentou na declaração por escrito que encaminhamos à comissão.

Kozlov franziu a testa, pois não obteve a aprovação que queria. Eu intervim e disse a Kozlov:

— Esta será uma reunião séria, na qual todos os problemas deverão ser apresentados corretamente. Muitas questões foram apresentadas de forma distorcida, não apenas no esboço, mas principalmente na vida, na teoria e na prática. Tudo deve estar refletido na declaração. Não aceitaremos notas e adendos internos. Nada na obscuridade, tudo na luz. É por isso que a reunião está sendo realizada.

— Não é necessário falar muito sobre isso... — disse Kozlov.

Mehmet deu um pulo e disse em tom de zombaria:

— Mesmo na ONU, falamos o tempo que quisermos. Castro falou lá por quatro horas, enquanto vocês aparentemente acham que podem nos restringir!

Hysni disse:

— O senhor interrompeu nosso discurso duas vezes na comissão e não permitiu que continuássemos a falar.

— Essas coisas não deveriam ocorrer, — acrescentei, — Você deve saber que não aceitamos tais métodos.

— Precisamos preservar a unidade, caso contrário, será trágico! — afirmou Kozlov.

— A unidade é salvaguardada quando se fala abertamente, em conformidade com a linha e as normas marxista-leninistas. — respondeu Mehmet.

Kozlov recebeu sua resposta, propôs um brinde a mim, serviu-se de algo para comer e saiu.

Todo o período até o início da reunião dos partidos foi repleto de ataques e contra-ataques entre nós e os revisionistas de todos os níveis. Os revisionistas abriram guerra contra nós em uma escala ampla e respondemos aos seus ataques golpe a golpe.

A tática deles era fazer tudo o que estivesse ao seu alcance para impedir que nos manifestássemos na reunião e apresentássemos abertamente nossas críticas sobre os crimes que eles haviam cometido. Certos de que não mudaríamos nossas opi-

niões e decisões atuais, eles recorreram à difamação, alegando que as coisas que levantaríamos eram infundadas, que causariam “divisão”, que estávamos cometendo erros “trágicos”, que éramos “culpados” e que deveríamos mudar de rumo, etc., etc. Os soviéticos se esforçaram muito para fazer uma lavagem cerebral em todas as delegações dos partidos comunistas e operários irmãos que participariam da reunião, nesse sentido. Por sua vez, eles se apresentavam como “infalíveis”, “irrepreensíveis”, “com princípios” e como se tivessem o destino da verdade marxista-leninista em suas mãos.

A pressão e as provocações foram exercidas abertamente contra nós. Na recepção realizada no Kremlin por ocasião do dia 7 de novembro, Kosygin se aproximou de mim, com o rosto pálido como cera, e começou a me dar um sermão sobre amizade.

— Vamos salvaguardar e defender nossa amizade com a União Soviética no caminho marxista-leninista. — Eu disse a ele.

— Há inimigos em seu partido que estão lutando contra essa amizade, — disse Kosygin.

— Pergunte a ele, — eu disse a Mehmet, que conhecia bem o russo, — ele pode nos dizer quem são esses inimigos em nosso partido?

Kosygin se viu em uma situação difícil. Ele começou a murmurar e disse:

— Você não me entendeu bem...

— Chega disso, — disse Mehmet, — nós o entendemos muito bem, mas você não tem coragem de falar abertamente. Nós lhe diremos abertamente na reunião o que pensamos sobre você.

Nós nos afastamos dessa múmia revisionista.

(Durante toda a noite, os soviéticos agiram em relação a nós de modo a não nos deixar em paz, mas nos isolaram uns dos outros e nos cercaram, de acordo com as instruções de palco previamente preparadas).

Um pouco mais tarde, os marechais Chuikov, Zakharov, Konev e outros cercaram Mehmet e eu. Conforme instruídos, eles cantaram outra música: “Vocês albaneses são lutadores, lutaram bem, resistiram adequadamente até triunfarem sobre a Alemanha hitlerista”, e Zakharov continuou a atirar pedras no povo alemão. Naquele momento, Shelepin juntou-se a nós. Ele começou a se opor a Zakharov por causa do que ele disse sobre os alemães. Zakharov ficou furioso e, desconsiderando o fato de que Shelepin era membro do Presidium e chefe da KGB, disse-lhe: “Vá embora, por que está se intrometendo em nossa conversa? Quer me ensinar o que são os alemães? Quando eu estava lutando contra eles, você ainda estava bebendo o leite de sua mãe” etc.

Em meio a essa conversa de marechais arrogantes, cheios de vodca, Zakharov, que havia sido diretor da Academia Militar “Voroshilov” onde Mehmet e outros camaradas foram enviados para aprender a arte militar stalinista, disse a Mehmet:

— Quando você estava aqui, era um excelente aluno de nossa arte militar.

Mehmet interrompeu suas palavras e disse:

— Obrigado pelo elogio, mas você quer dizer que também nesta noite, aqui em Georgievsky Zal, somos superiores e subordinados, comandante e aluno?”

O marechal Chuikov, que não estava menos bêbado, interveio e disse:

— Queremos dizer que o exército albanês deve estar sempre ao nosso lado... — Mehmet respondeu na hora:

— Nosso exército é e continuará sendo leal ao seu próprio povo e defenderá com lealdade a construção do socialismo no caminho marxista-leninista; ele é e continuará sendo exclusivamente liderado pelo Partido do Trabalho da Albânia, como uma arma da ditadura do proletariado em nosso país. Você ainda não entendeu isso, marechal Chuikov? Tanto pior para você!

Os delegados receberam sua resposta. Um deles, não me lembro, se Konev ou outro, vendo que a conversa estava saindo do controle, interveio:

— Vamos encerrar essa conversa. Venham e brindem à amizade entre nossos dois povos e nossos dois exércitos.

Juntamente com essa atividade febril antialbanesa e antimarxista, Khrushchev e os khrushchevistas nos atacaram abertamente no material que enviaram aos chineses, no qual também os atacaram. Eles distribuíram esse material para todas as delegações, inclusive a nossa. Como se sabe, nesse material, a Albânia não figurava mais como um país socialista no que dizia respeito aos khrushchevistas. Além disso, durante uma conversa com Liu Shaoqi, Khrushchev disse:

— Perdemos a Albânia, mas não perdemos muito; vocês a ganharam, mas também não ganharam muito. O Partido do Trabalho sempre foi um elo débil no movimento comunista internacional.

A tática dos khrushchevistas era clara para nós. A intenção era, primeiramente, nos ameaçar, dizendo: “Depende de nós se vocês são ou não são um país socialista e, portanto, no documento que lhes entregamos, a Albânia não é mais um país socialista” e, em segundo lugar, ameaçar os outros dizendo: “O Partido do Trabalho da Albânia não é um partido marxista-leninista e quem o defender como tal estará errado e será condenado junto com o Partido do Trabalho da Albânia”. Isso significa em outras palavras: “Vocês, partidos comunistas e operários que virão para a reunião, já devem ter claro que as coisas que Enver Hoxha dirá na reunião são ca-

lúnias, são palavras de um elemento antissoviético”.

Na reunião, ficou bastante claro como eles haviam preparado Ibarruri, Gomulka, Dej, etc., com bastante antecedência.

Alguns dias antes de eu falar na reunião, Khrushchev procurou uma reunião comigo, é claro, para nos “convencer” a mudar nossa posição. Decidimos ir a essa reunião para deixar bem claro aos khrushchevistas, mais uma vez, que não mudaríamos nossas posições. Enquanto isso, porém, lemos o material de que falei acima. Conheci Andropov, que naqueles dias estava correndo de um lado para o outro como mensageiro de Khrushchev.

— Hoje eu li o material em que a Albânia não aparece como um país socialista... — disse a ele.

Sem corar, Andropov, que havia sido um dos autores desse documento base, me perguntou:

— Que relação essa carta tem com a Albânia?

— Essa carta torna impossível meu encontro com Khrushchev. — respondi.

Andropov franziu a testa e murmurou:

— Essa é uma declaração muito séria, camarada Enver.

— Sim, — afirmei, — muito séria! Diga a Khrushchev que não é ele quem decide se a Albânia é ou não é um país socialista. O povo albanês e seu partido marxista-leninista decidiram isso com seu sangue.

Mais uma vez, Andropov repetiu como um papagaio:

— Mas esse é um material sobre a China e não tem nada a ver com a Albânia, camarada Enver.

— Vamos expressar nossa opinião na reunião dos partidos. Adeus! — e encerrei a conversa.

A acusação escrita da China que foi distribuída era um documento antimarxista sujo. Com isso, os khrushchevistas decidiram continuar em Moscou o que não haviam conseguido em Bucareste. Mais uma vez, eles usaram uma astuta tática trotskista. Eles distribuíram esse volumoso material contra a China antes da reunião, a fim de preparar o terreno e fazer uma lavagem cerebral nas delegações de outros partidos, além de intimidar os chineses e obrigá-los a adotar uma posição moderada, caso não se submetessem. Esse material antichinês não nos surpreendeu, mas fortaleceu a convicção que tínhamos na justeza da linha e das posições marxista-leninistas de nosso partido em defesa do Partido Comunista da China. O material lançou um profundo desânimo sobre os participantes da reunião e não seria bem recebido como os khrushchevistas esperavam. Seriam criadas divisões na reunião,

e isso era a favor do marxismo-leninismo. Poderíamos contar com sete a dez partidos que adeririam mais ao nosso lado, se não abertamente, pelo menos não aprovando o compromisso hostil dos khrushchevistas.

Como se viu, a delegação chinesa foi à reunião de Moscou com a ideia de que os ânimos poderiam ser acalmados e, inicialmente, preparou um material em tom conciliatório, tolerante em relação às posições e ações dos khrushchevistas. Deng Xiaoping deveria apresentá-lo. Como estava ficando óbvio, eles haviam preparado uma posição de “duas ou três variantes”. Isso nos pareceu surpreendente depois dos ataques selvagens que haviam sido feitos ao Partido Comunista da China e a Mao Zedong em Bucareste. Entretanto, quando os khrushchevistas lançaram ataques ainda mais cruéis, como os que estavam contidos no material que eles distribuíram antes da reunião, os chineses foram obrigados a alterar completamente o material que haviam preparado, a deixar de lado o espírito conciliatório e a tomar uma posição em resposta aos ataques de Khrushchev.

Havia uma atmosfera tensa no início da reunião. Estrategicamente, colocaram-nos próximos à tribuna do orador para nos expor ao olhar crítico dos opositores do marxismo e simpatizantes de Khrushchev. No entanto, contra suas expectativas, nós nos tornamos os acusadores dos renegados e traidores, colocando-os no banco dos réus. Mantivemos nossa postura firme, respaldados pelo marxismo-leninismo. Quando as críticas do nosso partido ecoaram sobre Khrushchev, ele segurou a cabeça entre as mãos.

A tática de Khrushchev na reunião foi astuta. Ele tomou a palavra primeiro, adotando um tom moderado e conciliador em seu discurso, evitando ataques diretos e usando frases para estabelecer uma atmosfera calma, sugerindo que não deveríamos nos atacar mutuamente (embora eles já tivessem feito isso), enfatizando a necessidade de manter a unidade (ainda que social-democrata). Em essência, sua mensagem era: “Não buscamos conflitos, divisões ou problemas; está tudo bem”.

Durante seu discurso, Khrushchev expressou claramente pontos revisionistas, atacando o PCCh, o PTA e seus seguidores, embora sem mencionar nomes. Essa estratégia visava nos advertir: “Ou aceitem críticas gerais, sem mencionar nomes, mas com entendimento mútuo sobre os alvos, ou enfrentem ataques diretos.” De fato, entre os 20 delegados que falaram, apenas 5 ou 6 seguiram os ataques à China, baseando-se em materiais soviéticos.

Khrushchev e seus aliados sabiam de nossa intenção de declarar guerra ao revisionismo moderno khrushchevista e global. Por isso, insistiram, tanto na comissão quanto em seus discursos, que a questão das facções e grupos dentro do movimen-

to comunista internacional, assim como as avaliações dos 20º e 21º Congressos do Partido Comunista da União Soviética e outros pontos de discordância, fossem incluídos na agenda. Ficou evidente que Khrushchev, que havia abandonado o leninismo e suas normas, e que se autoproclamava detentor do “legado e monopólio do leninismo”, buscava subjugar todos os partidos comunistas e operários ao seu comando. Qualquer um que se opusesse à linha definida nos 20º e 21º Congressos era rotulado como faccioso, antimarxista ou envolvido em grupos dissidentes. Essa foi a preparação para atacar o Partido Comunista da China e o Partido do Trabalho da Albânia, visando a expulsão deles do movimento comunista internacional, sob sua orientação antimarxista.

Após Khrushchev, uma série de 15 a 20 pessoas, claramente doutrinadas e submetidas a uma lavagem cerebral, seguiram a mesma linha: “Nada aconteceu, estamos em paz, tudo está bem”. Foi uma farsa vergonhosa dos khrushchevistas, manipulando seus seguidores para se passarem por defensores de princípios. Esse foi o tom geral. “Eles sincronizaram seus relógios”, como Zhivkov mencionou em um de seus discursos, uma frase que Khrushchev citou em Bucareste como “histórica”.

À medida que a reunião prosseguia, os soviéticos e Khrushchev estavam preocupados com nosso discurso e tentavam nos convencer a amenizar nossa posição. Thorez foi enviado como mediador quando recusamos um encontro com Khrushchev. Ele nos convidou para jantar, proferiu um discurso sobre unidade e aconselhou-nos a sermos “calmos e moderados”. Embora Thorez estivesse ciente dos problemas, pois os discutimos anteriormente, agora agia claramente como um enviado de Khrushchev. Recusamos suas propostas e ele nos ameaçou:

— A reunião vai atacar você.

— Não temos medo, pois estamos no caminho certo, respondemos.

Diante do fracasso com Thorez, os soviéticos insistiram em uma reunião com Mikoyan, Kozlov, Suslov, Pospyelov e Andropov. Aceitamos. Na reunião em Zarechie, os soviéticos tentaram apresentar a situação como se nada tivesse acontecido, atribuindo a culpa ao PTA. Segundo eles, éramos nós que estávamos deteriorando as relações com a União Soviética, e pediram que explicássemos abertamente nossas razões.

Rejeitamos essas acusações e afirmações e demonstramos com fatos incontesteáveis que não fomos nós, mas eles, com suas posições e ações, que exacerbaram as relações entre nossos partidos e países. Por sua vez, os homens de Khrushchev, com total falta de vergonha, negaram tudo, inclusive seu embaixador em Tirana, a

quem chamaram de *durak*⁶ quando tentaram atribuir a ele a culpa por suas falhas. Eles queriam estabelecer boas relações conosco a todo custo para que calássemos a boca. Até nos ofereceram créditos e tratores. Porém, após expormos tudo, dissemos a eles: “Se não admitirem e corrigirem seus graves erros, todos os seus esforços serão em vão”. No dia seguinte, Kozlov e Mikoyan voltaram novamente, mas não conseguiram nada.

A hora do nosso discurso estava se aproximando e eles fizeram seu último esforço – pediram que nos encontrássemos com Khrushchev no Kremlin. Aparentemente, Khrushchev ainda estava se iludindo com a possibilidade de nos convencer, e aceitamos o convite, mas não na hora marcada por ele, para dizer a ele que “não são vocês, mas nós decidimos até mesmo a hora da reunião”, sem falar em outras coisas. Além disso, antes de nos encontrarmos com ele, queríamos enviar-lhe uma mensagem oral. Verificamos a residência que nos foi alocada com o nosso detector e descobrimos que eles haviam colocado microfones em todas as partes da residência. O único cômodo não grampeado era o banheiro. Quando estava frio e não podíamos falar do lado de fora, éramos obrigados a falar no banheiro. Os soviéticos ficaram intrigados em saber onde conversávamos e, quando tiveram a ideia, enviaram alguém para colocar alguns microfones no banheiro também. Um de nossos oficiais pegou o técnico soviético quando ele estava realizando a operação, supostamente para consertar um defeito no vaso sanitário, mas nosso homem lhe disse: “Não há necessidade porque o banheiro funciona bem”.

Nossa embaixada também estava repleta de dispositivos de escuta e, sabendo disso, depois de marcarmos o horário da reunião, saímos do Kremlin e fomos para a embaixada. Montamos nosso aparelho e ele sinalizou que eles estavam nos grampeando de todas as direções. Então, Mehmet enviou a Khrushchev e aos outros uma mensagem que durou de dez a quinze minutos, descrevendo-os como “traidores”, dizendo “vocês estão nos espionando”, etc. Assim, quando fomos ao Kremlin, os revisionistas haviam recebido nossa saudação.

A reunião foi realizada no escritório de Khrushchev e ele começou como de costume:

— Você tem a palavra. Estamos ouvindo.

— Você solicitou a reunião, — eu disse, — você fala primeiro. — Khrushchev teve que aceitar. Desde o início, estávamos convencidos de que, na verdade, ele tinha vindo com a esperança de que, se não pudesse evitar, pelo menos poderia ame-

6. “*Idiota*” (Em russo no original).

nizar as críticas que faríamos na reunião. Depois, mesmo que a reunião não desse nenhum resultado, ele a usaria, como de costume, como um argumento para os representantes de outros partidos, para dizer-lhes: “Vejam, oferecemos nossa mão aos albaneses mais uma vez, mas eles persistiram em seu caminho”. Khrushchev e os outros tentaram jogar a culpa em nosso partido e fingiram espanto quando contamos historicamente como surgiram as diferenças entre nossos partidos.

— Não tenho conhecimento de que tive algum conflito com o camarada Kapo em Bucareste, — afirmou Khrushchev sem corar.

— O Comitê Central do nosso partido não estava e não está de acordo com Bucareste. — respondi a ele.

— Isso não tem importância, mas o fato é que, mesmo antes de Bucareste, vocês não estavam de acordo conosco e não nos disseram isso.

Era evidente que o charlatão estava mentindo deliberadamente. Não foi esse mesmo Khrushchev que, em abril de 1957, quis interromper arrogantemente as conversações e, mesmo antes, em 1955 e 1956, não dissemos a Khrushchev e Suslov sobre nossa oposição a Tito, Nagy, Kadar e Gomulka? Mehmet mencionou alguns desses fatos a eles e Mikoyan foi obrigado a concordar. Mas quando viu que estava de costas para a parede, Khrushchev pulou de galho em galho, de um tema para o outro, e era impossível discutir com ele as principais questões de princípio que eram, em essência, a fonte das diferenças. Era claro que ele não estava interessado em abordar esses assuntos. Ele queria a submissão do Partido do Trabalho da Albânia e do povo albanês, ele era seu inimigo.

— Você não é a favor de colocar nossas relações em ordem — disse Khrushchev.

— Queremos colocá-los em ordem, mas primeiro você deve reconhecer seus erros! — respondemos a ele.

A conversa conosco irritou Khrushchev. Era óbvio que ele não estava acostumado a ter um pequeno partido e um pequeno país se opondo resolutamente a suas posições e ações. Essa era a lógica chauvinista dos senhores desses antimarxistas, que, assim como a burguesia imperialista, consideravam os pequenos povos e países vassallos, e seus direitos, mercadorias a serem negociadas. Quando lhe contamos abertamente sobre seus erros e os de seus homens, ele se exaltou:

— Você está cuspiendo em mim! — ele gritou. — É impossível falar com você. Somente Macmillan tentou falar comigo assim.

— O camarada Enver não é Macmillan, portanto, retire suas palavras — responderam Mehmet e Hysni.

— Onde devo colocá-los?

— Coloque-os em seu bolso — disse Mehmet.

Nós quatro nos levantamos e saímos sem apertar a mão deles, sem cair em suas armadilhas, inventadas com ameaças e promessas hipócritas.

Quando estávamos saindo da sala de reunião, Mehmet voltou e disse a Khrushchev: “A pedra que você está jogando contra nosso partido e nosso povo cairá sobre sua própria cabeça. O tempo mostrará isso!”, e ele fechou a porta e se juntou a nós.

Essa foi nossa última conversa com esses renegados, que ainda tentavam se passar por marxistas. No entanto, a luta do nosso Partido e dos partidos marxista-leninistas genuínos e suas próprias ações contrarrevolucionárias lhes tirariam o disfarce demagógico cada vez mais a cada dia.

Portanto, essas pressões não tiveram resultado. Não cedemos nem um pouco em nossa posição e também não diminuimos o tom nem mudamos nada em nosso discurso.

Não vou me estender sobre o conteúdo do discurso que proferi em nome do nosso Comitê Central em Moscou, porque ele foi publicado e as opiniões do nosso partido sobre os problemas que levantamos já são conhecidas em todo o mundo. Quero apenas destacar a maneira como os seguidores de Khrushchev reagiram quando ouviram nossos ataques ao seu chefe. Gomulka, Dej, Ibarruri, Ali Yata, Baghdash e muitos outros subiram à tribuna e competiram em seu zelo para se vingar daqueles que haviam “levantado a mão contra o partido-mãe”. Foi trágico e ridículo ver essas pessoas, que se apresentavam como políticos e dirigentes “com um monte de cérebros”, agindo dessa forma como mercenários, como *hommes de paille*⁷ como marionetes manipuladas por cordas por trás da cena.

Em um intervalo entre as sessões, Todor Zhivkov se aproximou de mim. Seus lábios e queixo estavam trêmulos.

— Podemos conversar, *brat*⁸? — ele me perguntou.

— Com quem vamos conversar? — respondi. — Eu disse o que tinha a dizer e você me ouviu, creio eu. Quem o enviou para conversar, Khrushchev? Não tenho nada a discutir com você, suba na tribuna e fale. Ele ficou pálido como cera e disse:

— Certamente me levantarei e lhe darei sua resposta.

Quando estávamos saindo do Georgievsky Zal para ir para nossa residência, Anton Yugov, no topo da escada, disse-nos em tom de choque:

7. “Homens de Palha” (Em francês no original).

8. “Irmão” (Em russo no original).

— Que caminho esta estrada está te levando, *bratya*⁹?

— Aonde a estrada de Khrushchev te leva? Porque nós estamos e sempre continuaremos na estrada de Lênin, — dissemos a ele. Ele abaixou a cabeça e nos separamos sem apertar as mãos.

Depois do discurso, Mehmet e eu deixamos a residência onde os soviéticos nos alojaram e fomos para a embaixada, onde ficamos o restante do tempo em Moscou. Enquanto saíamos da residência, um oficial de segurança soviético disse confidencialmente ao camarada Hysni:

— O camarada Enver fez bem em ir embora, pois sua vida corria grande perigo aqui.

Os khrushchevistas eram capazes de tudo e tomamos nossas próprias medidas. Enviamos os camaradas da embaixada e os colaboradores da nossa delegação às lojas para comprar alimentos. Quando chegou a hora de decidirmos partir, não concordamos em ir de avião, pois um “acidente” poderia acontecer mais facilmente. Hysni e Ramiz ficaram em Moscou, pois tinham de assinar a declaração, enquanto Mehmet e eu deixamos a União Soviética de trem e não comemos nada que veio das mãos deles. Chegamos à Áustria, descemos de trem pela Itália e, de Bari, voltamos sãos e salvos para Tirana em nosso próprio avião e fomos diretamente para a recepção organizada por ocasião dos dias 28 e 29 de novembro. Sentimos uma grande alegria por termos realizado com sucesso a tarefa que o partido nos incumbiu, com determinação marxista-leninista. Os convidados também, camaradas do tempo de guerra, trabalhadores, oficiais, cooperativistas, homens e mulheres, velhos e jovens, estavam irrestritos em seu entusiasmo e unidos firmemente como um punho, como sempre, e em todos os dias mais difíceis.

Khrushchev e todos aqueles que o seguiram se esforçaram para garantir que o documento endossado de caráter internacional incluísse toda a linha dos revisionistas khrushchevistas, que distorciam as teses fundamentais do marxismo-leninismo sobre a natureza do imperialismo, a revolução, a coexistência pacífica e assim por diante. Entretanto, nas comissões, as delegações de nosso partido e do Partido Comunista da China contestaram e denunciaram com veemência essas distorções. Conseguimos corrigir muitas coisas, muitas teses dos revisionistas foram rejeitadas e muitas outras foram colocadas corretamente, até que o documento final surgiu e foi aceito por todos os participantes da reunião.

Os khrushchevistas foram obrigados a aceitar esse documento, mas Khrush-

9. “Irmãos” (Em russo no original).

chev havia declarado de antemão: “O documento é um compromisso e os compromissos não duram muito tempo”. Estava claro que o próprio Khrushchev violaria a Declaração da Reunião de Moscou e nos acusaria como se fôssemos nós que estivessemos violando as diretrizes e decisões da Reunião. Após a Reunião de Moscou, nossas relações com a União Soviética e com os revisionistas de Moscou pioraram continuamente até que eles, unilateralmente, romperam totalmente essas relações.

Em 25 de novembro, na reunião final que Mehmet e Hysni tiveram em Moscou com Mikoyan, Kosygin e Kozlov, estes últimos fizeram ameaças abertas. Mikoyan disse a eles:

— Vocês não podem viver um dia sem a nossa ajuda econômica e a dos outros países do campo socialista.

— Então vamos apertar o cinto e comer grama, — disseram-lhes Ramiz e Hysni, — mas não nos submeteremos a vocês. Vocês não podem nos conquistar.

Os revisionistas achavam que o amor sincero do nosso partido e do nosso povo pela União Soviética teria um papel a favor dos revisionistas de Moscou. Eles esperavam que nossos muitos quadros que haviam sido treinados na União Soviética voltassem unidos como um bloco para dividir o partido da direção. Mikoyan expressou isso, dizendo:

— Quando o Partido do Trabalho souber de sua posição, ele se levantará contra vocês.

— Venha e participe de alguma reunião do nosso partido quando levantarmos esses problemas, — disse-lhe Ramiz, — e você verá que tipo de unidade existe em nosso partido e em torno de sua direção.

Essas ameaças dos revisionistas não eram apenas palavras. Eles agiram. A sabotagem econômica de Moscou e de seus especialistas foi crescendo.

O ATO FINAL



Unidade de aço no partido e em nosso povo. Os soviéticos querem ocupar a base de Vlorë. Situação tensa na base. O almirante Kasatonov vai embora com o rabo entre as pernas. Os inimigos sonham com mudanças em nossa direção. O 4º Congresso do PTA. Pospyelov e Andropov em Tirana. Os delegados da Grécia e da Tchecoslováquia recebem a resposta que merecem por suas provocações. Os enviados de Khrushchev à Tirana falham em sua missão. Por que eles nos “convidam” a ir a Moscou novamente? Ataque público de Khrushchev ao PTA no 22º Congresso do PCUS. A ruptura final: em dezembro de 1961, Khrushchev cortou as relações diplomáticas com a República Popular da Albânia.



TODO O PARTIDO E O POVO FORAM INFORMADOS SOBRE OS EVENTOS E A SITUAÇÃO criada especialmente após a Reunião de Moscou. Sabíamos que os ataques, as provocações e as chantagens aumentariam e se intensificariam como nunca antes, estávamos convencidos de que a raiva de Khrushchev seria despejada sobre nós, nosso partido e nosso povo, para nos forçar a nos submeter. Falamos com o Partido e com o povo de coração aberto, explicamos tudo o que havia acontecido e deixamos claro para eles a perigosa atividade dos revisionistas khrushchevistas. Como sempre, o partido e o povo demonstraram seu alto nível de maturidade, seu brilhante patriotismo revolucionário, seu amor e lealdade ao Comitê Central do partido e a justa linha que sempre seguimos. Eles entenderam perfeitamente a situação difícil pela qual estávamos passando e, portanto, esforçaram todas as suas energias mentais e físicas ao máximo, mobilizaram-se totalmente, fortaleceram ainda mais sua unidade, e os revisionistas soviéticos se viram contra uma parede de concreto. O ano de 1961 se transformou em um ano de testes gloriosos. Em todos os lugares, em todos os setores, as provocações, insinuações e sabotagens dos khrushchevistas foram repelidas de forma destemida e resoluta. Nada foi deixado passar. Moscou, seguida imediatamente pelas capitais de seus satélites, iniciou a pressão econômi-

ca sobre nós. Como primeira pressão séria, os revisionistas suspenderam a ação sobre os contratos e acordos assinados de todos os tipos e, mais tarde, rasgaram-nos no estilo hitlerista. Começaram a retirar seus especialistas, pensando que tudo em nosso país ficaria paralisado. Mas eles estavam gravemente enganados.

A questão da base de Vlorë foi o pretexto para uma briga. Não havia dúvida de que a base era nossa. Jamais permitiríamos que um centímetro sequer de nosso território ficasse sob o controle de estrangeiros. Por meio de um acordo claro e oficial assinado pelos dois governos, sem deixar margem para equívocos, a base de Vlorë pertencia à Albânia e, ao mesmo tempo, deveria servir para a defesa do campo. O acordo afirmava que a União Soviética forneceria doze submarinos e vários navios auxiliares. Nós deveríamos treinar os quadros e os treinamos, deveríamos assumir o controle dos navios e assim o fizemos, bem como de quatro submarinos.

Nossas equipes foram treinadas e estavam esperando, prontas para assumir os oito restantes.

No entanto, as diferenças ideológicas entre os dois partidos haviam começado e, com Khrushchev, elas certamente teriam repercussões em um ponto tão sensível como a base naval de Vlorë. Ele e seus homens distorceriam o acordo oficial com dois objetivos: primeiro, pressionar-nos, fazer com que nos submetêssemos e, segundo, se não nos curvássemos, eles tentariam tomar a base eles mesmos, como um poderoso ponto de partida para ocupar toda a Albânia.

Especialmente após a Reunião de Bucareste, os especialistas, consultores e outros militares soviéticos da base naval de Vlorë intensificaram os atritos, as brigas e os incidentes com nossos marinheiros. O lado soviético interrompeu todos os suprimentos de materiais que deveria fornecer para a base, de acordo com o contrato celebrado; todo o trabalho iniciado foi suspenso unilateralmente e as provocações e chantagens aumentaram. A equipe da Embaixada Soviética em Tirana, bem como o principal representante do Comando Geral das Forças Armadas do Tratado de Varsóvia, General Andreyev, colocaram-se à frente dessa selvagem atividade antialbanesa e antissocialista. Inúmeros atos do mais imundo vandalismo foram realizados pelo pessoal soviético na base sob ordens de cima e, apesar disso, “para manter a ordem”, eles tentaram acusar nosso povo pelos atos de vandalismo que eles mesmos cometeram. Sua falta de vergonha e cinismo chegaram a tal ponto que o “representante-chefe”, Andreyev, enviou uma nota ao presidente do Conselho de Ministros da República Popular da Albânia, na qual afirmava que “atos desagradáveis estavam ocorrendo na base” por parte dos albaneses. E quais eram esses “atos”? “Tal e tal marinheiro albanês jogou sua bituca de cigarro no convés do navio sovi-

ético”, “as crianças de Dukat dizem às crianças soviéticas: ‘Vão para casa’”, “o garçom albanês em um clube disse ao nosso oficial: ‘Quem manda aqui sou eu e não você’” etc. O general Andreyev chegou a reclamar com o presidente do Conselho de Ministros do estado albanês que uma criança desconhecida havia supostamente se aliviado secretamente perto do prédio usado pelos soviéticos.

Com indignação totalmente justa, um de nossos oficiais respondeu a Andreyev:

— Camarada general, — disse ele, — por que o senhor não se ocupa dos principais problemas, mas se envolve com essas futilidades, que não são da autoridade nem mesmo dos comandantes dos navios, mas dos contramestres e dos voluntários da organização da Frente encarregados dos blocos residenciais?

Mantendo a calma, observamos atentamente o desenvolvimento da situação e instruímos continuamente nossos camaradas a agirem com cautela e paciência, mas nunca se submeterem e nunca caírem nas provocações dos agentes de Khrushchev.

— Para evitar desordem e incidentes, a base de Vlorë deve ser colocada completamente sob o comando do lado soviético! — propuseram os soviéticos.

Nunca, jamais aceitaríamos tal solução. Isso seria nos tornar escravos. Nós nos opusemos firmemente a eles e os remetemos ao acordo, segundo o qual a base era nossa e somente nossa.

Para dar à sua proposta a cor de uma decisão conjunta, em março de 1961, eles exploraram uma reunião do Tratado de Varsóvia, na qual Grechko insistiu que a base de Vlorë deveria ser deixada inteiramente em mãos soviéticas e colocada “sob o comando direto” do Comandante Geral do Tratado de Varsóvia, ou seja, do próprio Grechko.

Nós nos opusemos com firmeza e indignação a essa proposta e, embora a decisão tenha sido adotada pelos demais, declaramos:

— A única solução é que a base de Vlorë deve permanecer nas mãos do exército albanês. Não permitiremos nenhuma outra solução.

Em seguida, os khrushchevistas decidiram não nos entregar os oito submarinos e outros navios que, segundo o acordo, pertenciam à Albânia. Insistimos que eles eram nossos e exigimos que as tripulações soviéticas fossem retiradas e que tudo fosse entregue aos nossos marinheiros, como havia sido feito com os primeiros quatro submarinos. Além do “representante-chefe”, Andreyev, os revisionistas soviéticos também enviaram um certo contra-almirante a Tirana. Toda essa equipe era composta por oficiais do serviço de segurança soviético, enviados para organizar distúrbios, sabotagens e desvios na base de Vlorë.

— Não lhe daremos os navios, — disseram eles, — eles são nossos.

Nós os confrontamos com o acordo estatal e eles encontraram outro pretexto.

— Suas equipes não estão prontas para assumi-las, elas não estão completamente treinadas.

Todos esses eram pretextos. Nossos marinheiros haviam passado pelas respectivas escolas, treinado durante anos e sempre provaram que eram totalmente capazes de assumir o controle dos submarinos e dos outros navios. Apenas alguns meses antes de a situação ficar tensa, os próprios soviéticos declararam que nossas tripulações estavam prontas para assumir o controle dos navios que nos pertenciam.

Quanto a isso, também lhes demos a resposta que mereciam. Nossos oficiais e marinheiros na base cumpriram todas as ordens que lhes demos com frieza, determinação e disciplina férrea. As provocações soviéticas na base foram intensificadas, especialmente na época em que estávamos em Moscou, na Reunião dos 81 Partidos. Os camaradas do nosso Birô Político nos mantiveram informados de Tirana sobre tudo o que acontecia e, de Moscou, demos a eles orientações e conselhos para que mantivessem a calma, se protegessem contra as provocações e reforçassem a vigilância, bem como sobre as medidas militares que precisavam tomar em Vlorë e em todo o país para garantir que o exército estivesse em prontidão total.

As ordens para os oficiais soviéticos na Albânia sobre como eles deveriam se comportar vinham de Moscou, onde mantínhamos debates acalorados com Khrushchev, Mikoyan, Suslov, etc., naqueles dias.

Na primeira reunião que tivemos com Mikoyan e seus colegas em Moscou, em 10 de novembro, assim que ele começou a falar, tentou nos assustar:

— Seus oficiais estão se comportando mal com os nossos na base de Vlorë. Você quer deixar o Tratado de Varsóvia?

Imediatamente demos a Mikoyan a resposta que ele merecia. Depois de anos nos enchendo até o pescoço com suas “críticas” e “conselhos”, agora ele estava nos ameaçando. Mencionamos o comportamento indigno dos oficiais soviéticos na base de Vlorë, especialmente as ações vis de um dos “contra-almirantes” soviéticos, que, como eu disse a Mikoyan, “pode ser qualquer coisa, mas certamente não é um contra-almirante”. Mencionei as declarações de Grechko e Malinovsky, que também haviam ameaçado nos expulsar do Tratado de Varsóvia etc.

Minha resposta fez com que ele se contorcesse, tentando se esquivar de qualquer responsabilidade, mas dois dias depois Khrushchev fez a mesma ameaça.

— Se você quiser, podemos desmontar a base! — ele gritou, enquanto falávamos sobre as principais divergências criadas.

— Você está tentando nos ameaçar com isso? — gritei.

— Camarada Enver, não levante a voz! — interrompeu Khrushchev, — Os submarinos são nossos.

— Seu e nosso! — rebati, — estamos lutando pelo socialismo. O território da base é nosso. Temos um acordo assinado sobre os submarinos, que reconhece os direitos do povo albanês. Eu defendo os interesses do meu país. Portanto, saibam que a base é nossa e continuará sendo nossa.

Quando voltamos de Moscou, as provocações na base aumentaram e, para exercer pressão e nos impressionar, o vice-ministro das Relações Exteriores soviético, Firyubin, foi a Tirana com dois outros “deputados”: o primeiro vice-chefe do Estado-Maior do Exército e da Marinha soviéticos, Antonov, e o vice-chefe do Estado-Maior Supremo da Marinha soviética, Sergejev.

Eles vieram supostamente “para chegar a um acordo”, mas na verdade nos trouxeram um ultimato:

A base de Vlorë deve ser colocada total e exclusivamente sob o comando soviético, que deve ser subordinado ao comandante-chefe das Forças Armadas do Tratado de Varsóvia.

— Nós que mandamos aqui! — dissemos a eles de forma clara e direta. — Vlorë foi e é nossa!

— Essa é a decisão do Comando do Tratado de Varsóvia. — ameaçou Firyubin, ex-embaixador soviético em Belgrado, na época da reconciliação entre Khrushchev e Tito.

Demos a ele a resposta que merecia e, depois de tentar nos assustar dizendo: “Vamos tomar os navios e os imperialistas vão engolir vocês”, ele foi embora, acompanhado dos outros dois generais.

Depois deles, o comandante da Frota do Mar Negro, almirante Kasatonov, foi a Tirana com a missão de confiscar não apenas os oito submarinos e a doca flutuante com tripulações soviéticas, que também eram propriedade do Estado albanês, mas até mesmo os submarinos que havíamos tomado anteriormente. Dissemos a ele sem rodeios: Ou vocês nos entregam os submarinos de acordo com o contrato ou, em pouco tempo (marcamos a data), devem se retirar imediatamente da baía, apenas com os navios em que suas tripulações servem. Vocês estão violando o acordo, estão roubando nossos submarinos e pagarão por essa atitude.

O almirante se contorceu e tentou nos amolecer, mas em vão. Ele não entregou os submarinos, mas foi para Vlorë, subiu a bordo do submarino de comando e alinhou os outros em formação de combate. Demos ordens para fechar o Estreito de Sazan e treinar as armas contra os navios soviéticos. O almirante Kasatonov, que

queria nos assustar, também ficou assustado. Ele foi pego como um rato em uma armadilha e, se tentasse implementar seu plano, poderia se encontrar no fundo do mar. Nessas condições, o almirante foi obrigado a levar apenas os submarinos com tripulações soviéticas e navegou para fora da baía de volta para casa com o rabo entre as pernas. Um grande mal foi removido de nossa terra, de uma vez por todas.

No ano passado, os soviéticos da base de Vlorë cometeram inúmeros atos vis e revoltantes. No entanto, nesses momentos delicados, o grupo de nossos oficiais na base defendeu o partido de forma consistente e inteligente contra os conspiradores, provocadores e chauvinistas, que corromperam os sentimentos dos marinheiros soviéticos até o último grau. Eles perfuraram os reservatórios, quebraram as camas e as janelas dos prédios onde moravam e trabalhavam etc. Tentaram tirar tudo, até mesmo o que era mais importante. Mas nós nos posicionamos com firmeza, defendemos nossos direitos com justiça e respondemos aos ataques e às provocações com temperamento frio, enquanto eles perderam a cabeça.

Os revisionistas soviéticos ficaram furiosos. Cometeram todos os atos de sabotagem e romperam os acordos. Eles foram obrigados a retirar o embaixador Ivanov e enviaram um certo Shikin em seu lugar. Ele deveria tentar preparar o ato final do trabalho hostil dos revisionistas soviéticos – dividir o partido. Os khrushchevistas esperavam provocar a divisão no 4º Congresso que estávamos preparando. Eles se iludiram com o fato de que o que não conseguiram alcançar de outras formas poderia ocorrer em nosso congresso. Eles esperavam que o congresso denunciasse a linha seguida pela direção do nosso partido em Bucareste e Moscou. Naquele período, a burguesia e a reação, informadas e direta e indiretamente incitadas pelos khrushchevistas, titoístas e seus agentes, lançaram uma campanha de calúnias contra nosso país e nosso partido. Eles esperavam que o cataclismo revisionista ocorresse também na Albânia. “Enver Hoxha, chefe do Partido Comunista Albanês, em breve será destituído de seu cargo, como resultado da conferência dos dirigentes comunistas do mundo realizada no mês passado em Moscou, informou uma agência de notícias ocidental, em um comentário proveniente de Belgrado, na véspera da abertura do nosso 4º Congresso.

“Observadores da Europa Oriental dizem que Moscou usará sua influência para provocar mudanças no Partido Comunista da Albânia, que adotou uma linha dura na Conferência de Moscou”, disseram as agências de notícias imperialistas naqueles dias, e continuaram: “Embora até mesmo a China comunista tenha aceitado a linha soviética, os albaneses persistiram em sua posição”.

Líamos com desdém esses relatórios dos tranquilizadores do imperialismo e sa-

bíamos muito bem quem havia participado de sua compilação.

Na reunião organizada em 25 de novembro de 1960, entre as delegações do PTA e do PCUS, Mikoyan disse pessoalmente aos camaradas Ramiz e Hysni:

— Vocês verão as situações difíceis que surgirão no seu partido e nas massas com essa mudança que vocês estão fazendo nas suas relações com a União Soviética.

Ouvimos essas declarações ameaçadoras, às vezes abertas, às vezes camufladas, de todas as direções.

No entanto, continuamos nosso curso com calma: convidamos delegações do Partido Comunista da União Soviética e de outros partidos comunistas e de trabalhadores. Da União Soviética vieram Pospyelov e Andropov, da Tchecoslováquia um certo Barak, que foi Ministro do Interior e depois foi preso como ladrão, etc. Que eles viessem e vissem com seus próprios olhos o que era o Partido do Trabalho da Albânia e o povo albanês, que tentassem alcançar seus objetivos secretos. Eles prenderiam seus próprios dedos na armadilha.

O congresso foi aberto em uma atmosfera de entusiasmo indescritível e unidade do partido e do nosso povo. O dia da abertura foi transformado em uma verdadeira celebração popular. As massas, cantando, dançando e carregando flores, acompanharam os delegados até a entrada do prédio onde o congresso seria realizado e, enquanto o trabalho começava do lado de dentro, a celebração continuava do lado de fora. Essa foi a resposta inicial que os revisionistas khrushchevistas, titoístas e outros receberam logo no início. Eles continuariam a receber outros golpes esmagadores em seu interior.

Nunca passou pela cabeça de Pospyelov, Andropov e seus lacaios que eles se encontrariam no meio de tal fogo, que aqueceu e fortaleceu nossos corações, os queimou e cegou. Durante todos os dias do congresso, a unidade de aço do nosso partido em torno de seu Comitê Central, o alto grau de maturidade e o aguçado senso marxista-leninista dos delegados, a vigilância, a perspicácia e a prontidão de cada delegado para dar a resposta adequada a qualquer provocação por parte dos “amigos” revisionistas foram notáveis.

O discurso de Pospyelov, com o qual os revisionistas esperavam criar a divisão em nosso congresso, não foi aplaudido de forma alguma. Pelo contrário, foi recebido com silêncio e desprezo pelos delegados do congresso. De seu camarote, Andropov orientou abertamente seus fantoches sobre quando deveriam bater palmas, quando deveriam permanecer sentados ou se levantar. Foi um espetáculo ridículo. Eles se desacreditaram completamente, tanto com as posições que adotaram quanto com as coisas baixas que fizeram.

O representante do Partido Comunista da China no congresso foi Li Xiennien, que permaneceu em silêncio durante as sessões quando viu o entusiasmo dos delegados. Da tribuna, ele disse algumas boas palavras dirigidas ao nosso partido, mas nos “aconselhou” a sermos pacientes e cautelosos e a não interrompermos as conversas com Khrushchev. Nós cuidamos de nossos próprios negócios.

Quando viram que nossas fileiras eram muito sólidas, sem qualquer sinal de ruptura, os khrushchevistas intensificaram sua interferência, pressão e chantagem. Eles nos provocaram em todos os lugares.

— O que é isso?! — Andropov perguntou com raiva a um de nossos camaradas, um funcionário do aparato do Comitê Central do nosso partido que o acompanhava. — Por que os delegados estão cantando tantas palavras de ordem para Enver Hoxha?!

— Vá e pergunte a eles! — disse nosso camarada. — Mas diga-me, — continuou ele, — por quem eles deveriam torcer, além do marxismo-leninismo, do partido e de sua direção? Ou você pretende propor que coloquemos outra pessoa à frente do partido?!

O golpe foi dado em casa e Andropov apertou os chifres. O delegado grego e Rudolph Barak, da Tchecoslováquia, entraram em ação. Além de outras coisas, o delegado grego considerou incorreta a resposta que demos à conversa antialbanesa que Sophocles Venizelos teve com Khrushchev sobre o “Épiro do Norte”. “Venizelos não é um homem ruim, ele é um democrata burguês progressista», disse o delegado grego ao nosso camarada que o acompanhava. Nosso camarada respondeu que as opiniões do «democrata» Venizelos sobre o “Épiro do Norte” não eram diferentes das do chauvinista raivoso e antialbanês, Eleutherios Venizelos. Além de outros atos, até mesmo o discurso que o delegado grego deveria fazer em nosso congresso tinha um espírito abertamente provocativo, e Mehmet, irritado, deu ao grego a resposta que ele merecia na frente de todos, descrevendo-o com este verdadeiro nome: provocador.

O outro agente de Khrushchev, Barak, também aproveitou a ocasião, juntamente com outros que, por meio de ações dignas dos canalhas mais sujos, tentaram descarregar sua raiva, mas apenas descreditaram a si mesmos e àqueles que os enviaram ainda mais. Eles agiam nos camarotes ou nos intervalos entre as sessões. Nesse meio tempo, os jornalistas soviéticos também entraram em “ação”.

O que eles e aqueles que os comandavam não fizeram para “descobrir” alguma falha na qual pudessem se agarrar para lançar seu ataque! Mas eles não conseguiram nada. O congresso transcorreu como um relógio. Com um profundo senso de responsabilidade, os comunistas albaneses fizeram o balanço do passado e defini-

ram as tarefas para o futuro. No entanto, os revisionistas não podiam ir embora totalmente “de mãos vazias”, pois teriam de prestar contas a seus mestres. E eles encontraram a “falha”:

— Há muitas ovações e, conseqüentemente, as sessões duram mais de uma hora e meia — “protestou com raiva” um suposto jornalista da TASS, recém-chegado de Moscou para acompanhar os procedimentos do congresso.

— O que podemos fazer? Devemos dizer aos delegados para não aplaudirem e cantarem palavras de ordem? — perguntou nosso camarada que o acompanhava, em tom sarcástico.

— O horário deve ser respeitado, uma hora e meia e *tochka*¹, disse o “jornalista”.

— No entanto, não são os jornalistas, mas a presidência eleita que preside o congresso. — respondeu nosso camarada. — No entanto, se você considerar razoável, faça algum protesto contra as ovações...

Antes de partirem após o congresso, Pospyelov e Andropov procuraram uma reunião conosco.

— Queremos falar sobre alguns assuntos que têm a ver com nossas relações mútuas de camaradagem. — disse Pospyelov, que falou primeiro. — Queremos fortalecer a amizade entre nós, ter uma amizade forte.

— Isso é o que sempre quisemos também, — afirmei, — mas não pense que essa estreita amizade será fortalecida pelo “espírito santo”. Essa amizade pode ser alcançada aplicando os princípios do marxismo-leninismo e do internacionalismo proletário de forma correta e consistente.

Em seguida, enumerei para Pospyelov algumas de suas ações antimarxistas e antialbanesas e enfatizei que nunca poderia haver amizade no curso que a direção soviética estava seguindo.

— Vocês estão interferindo nos assuntos internos da direção soviética... — disse ele.

Eu disse a Pospyelov:

— Dizer que esta ou aquela opinião ou ação deste ou daquele dirigente não é correta não é, de forma alguma, interferir nos assuntos internos de uma direção. Nunca tivemos a intenção de interferir em seus assuntos internos. Entretanto, os senhores devem entender claramente que não permitimos nem permitiremos que a direção soviética interfira nos assuntos internos do nosso partido de forma alguma. Todo partido é dono de sua própria casa.

— É verdade, — continuei, — que há grandes diferenças ideológicas entre nos-

1. “Ponto final” (Em russo no original).

— sos dois partidos. Nós lhe dissemos nossas opiniões sobre essas coisas abertamente e de acordo com todas as normas leninistas. Vocês reagiram com raiva a isso e, além de outras coisas, estenderam essas diferenças ideológicas a outros campos. Mikoyan queria nos assustar com “as situações difíceis” que surgiriam para nós no partido, e isso era uma ameaça. Vocês viram nossa situação, — prossegui, — portanto, digam a Mikoyan o que viram no 4º Congresso do nosso partido e digam a ele até que ponto nosso partido está “dividido”!

O objetivo desses canalhas era nos dizer que, entre outras coisas, todos os acordos e protocolos sobre créditos, que eles haviam nos concedido para o plano quinquenal, teriam de ser reexaminados. Para isso, exigiram que eu fosse a Moscou.

Rejeitamos resolutamente essas exigências hostis, que escondiam planos sinistros.

— A economia é outro campo para o qual vocês estenderam as diferenças ideológicas que existem entre nós. — dissemos a Pospyelov e Andropov. — Isso não é marxista, nem condiz com um partido e um Estado como o de vocês.

— Não estamos entendendo, — interrompeu Pospyelov, — onde que você vê isso?

— Há uma série de fatos, — respondemos, — mas vejamos sua posição em relação à nossa delegação econômica, que foi à União Soviética em novembro passado. Essa delegação ficou em Moscou por meses a fio. Ninguém a recebeu, ninguém a ouviu. Além de outras tentativas, nossa delegação econômica enviou mais de 20 cartas e telegramas para os respectivos órgãos do seu lado, apenas durante os dias em que estive lá, mas não houve resposta, nada foi discutido e nada foi assinado. Você acha que não entendemos essas suas posições, que têm cheiro de chantagem?

— Quando os iugoslavos forem para lá, você concluirá as conversações com eles em 10 dias... — disse Mehmet.

— O Ministro de Guerra da Indonésia foi a Moscou e os acordos foram assinados imediatamente. Vocês deram a ele grandes créditos para armamentos — denunciei, — enquanto negligenciavam a pequena Albânia socialista, com a qual vocês têm acordos.

— Vocês devem ir a Moscou para conversar! — disseram eles, repetindo a exigência constante de Khrushchev.

— Respondemos a vocês por escrito. — coloquei isso a eles. — Não há motivo para Mehmet e eu irmos a Moscou para discutir problemas que já foram discutidos e decididos há muito tempo. Como vocês sabem, discutimos e elaboramos em conjunto o acordo sobre créditos para o nosso próximo plano quinquenal, não apenas em princípio, mas fornecendo detalhes de todos os projetos. Com base nesse acordo, especialistas soviéticos vieram aqui, elaboraram os projetos etc. E agora vocês

querem que voltemos para lá para reexaminar os acordos! Por quê? Não podemos concordar em remover uma vírgula de todos esses documentos muito detalhados, que foram assinados no mais alto nível pelos dois lados. — respondi aos revisionistas e continuei, — Não há motivo para eu ir a Moscou, e mais, não quero ir. Quanto aos acordos, há dois caminhos à sua disposição: ou você os respeita ou os viola. Depende de sua escolha. Se violar os acordos e continuar com seu curso hostil anti-marxista, o mundo o julgará e o condenará. Nós lhes dissemos abertamente, como marxistas, tudo o que tínhamos contra vocês. Agora vocês devem escolher: ou o caminho da amizade marxista-leninista ou o caminho da hostilidade.

Como era de se esperar, os khrushchevistas optaram pelo caminho da hostilidade contra a República Popular da Albânia e o Partido do Trabalho da Albânia. Tornaram-se mais furiosos e ousados em suas ações. Como sabido, naquela época, desvendamos e desarticulamos a conspiração de várias potências estrangeiras imperialistas e revisionistas que, em colaboração com seus agentes em nossas fileiras, planejavam uma agressão militar contra nosso país e nosso povo. No 4º Congresso do partido, anunciou-se que a conspiração havia sido descoberta e que os conspiradores, Teme Sejko e outros, seriam responsabilizados perante o tribunal popular. Eles admitiram tudo com suas próprias palavras.

Precisamente nessa época, nossos “amigos”, membros do Tratado de Varsóvia, liderados por Khrushchev, além de suas ameaças, nos declararam: “Uma comissão especial do Tratado de Varsóvia deveria ir à Albânia para verificar se as coisas que vocês disseram sobre a conspiração eram bem fundamentadas”! A perfídia deles foi tão longe quanto isso. Queriam vir à Albânia para conseguir o que os outros não conseguiram. Por isso, também, demos a eles a resposta que mereciam.

Khrushchev ficou sem outra opção. Tentou todas as suas manobras, astúcias, armadilhas e chantagens contra nós e nenhuma delas surtiu efeito. Então, manifestou-se abertamente contra nós. No 22º Congresso de seu partido, em outubro de 1961, Khrushchev atacou publicamente e difamou o Partido do Trabalho da Albânia.

Respondemos imediatamente, de forma franca, aos seus ataques antialbaneses simplistas e, por meio da imprensa, divulgamos ao partido e ao povo as acusações de Khrushchev contra nós e nossa posição em relação a essas acusações e ataques.

Khrushchev recebeu imediatamente não apenas nossa resposta, mas também a de todo o povo albanês: em milhares de telegramas e cartas que chegaram ao nosso Comitê Central de todos os cantos do país, das mais variadas camadas da população, os comunistas e nosso povo, ao mesmo tempo em que expressavam sua profunda e legítima indignação com as ações traiçoeiras de Khrushchev, apoiaram a linha do

Partido com toda a sua força e prometeram defender e aplicar essa justa linha até o fim, diante de qualquer teste ou sacrifício.

Em seguida, Khrushchev empreendeu seu último ato contra nós - a única coisa que não havia sido feita - unilateralmente, rompeu relações diplomáticas com a República Popular da Albânia. Esse foi seu último gesto desesperado de vingança: “Já que eles não quiseram ficar sob minha asa, que os imperialistas os engulam”, pensou ele. Mas ele estava terrivelmente enganado, assim como esteve errado durante toda a sua vida. Damos uma resposta resoluta à sua hostilidade e à dos lacaios khrushchevistas. Heroicamente e com maturidade marxista-leninista, o Partido do Trabalho da Albânia resistiu aos ataques do revisionismo moderno liderado por Khrushchev e contra-atacou duramente, com solidariedade exemplar, com grande clareza marxista-leninista e com argumentos e fatos indiscutíveis e inegáveis.

As palavras e opiniões revolucionárias do Partido do Trabalho da Albânia foram ouvidas com respeito em todo o mundo. O proletariado viu que esse pequeno partido estava defendendo o marxismo-leninismo de forma íntegra e gloriosa contra as facções revisionistas que estavam no poder. O revisionismo moderno, dirigido pelo revisionismo soviético, foi denunciado e assim o continuará sendo, com coragem revolucionária pelo nosso partido.

A União Soviética revisionista sofreu derrotas colossais em todos os campos. Seu disfarce pseudo-marxista foi arrancado e ela perdeu o prestígio e a autoridade que haviam sido forjados por Lênin, Stálin e o Partido Bolchevique que eles dirigiam. Os comunistas, os revolucionários e os lutadores pela libertação do povo não deveriam se deixar enganar pela demagogia dos revisionistas khrushchevistas. Nosso partido fez, está fazendo e sempre fará sua contribuição para esse trabalho revolucionário.

Dessa forma, as relações entre a Albânia socialista e a União Soviética revisionista foram encerradas. Contudo, nossa batalha contra as atividades traiçoeiras, fascistas e social-imperialistas dos revisionistas khrushchevistas e de Brezhnev não cessou e não cessará. Nós os confrontamos e continuaremos a enfrentá-los até que sejam eliminados, até que a luta unida dos povos, dos revolucionários e dos marxista-leninistas de todo o mundo prevaleça em todos os lugares, inclusive na União Soviética.

Um dia, o povo soviético reprovará severamente os khrushchevistas e honrará e apoiará o povo albanês e o Partido do Trabalho da Albânia, assim como nos apoiou em tempos melhores, pois nosso povo e nosso partido lutaram incansavelmente contra os khrushchevistas, que são nossos inimigos comuns.

1976

A VERDADE

UM JORNAL DOS TRABALHADORES NA LUTA PELO SOCIALISMO



ENVER HOXHA

E N V E R H O X H A

OS KHRUSHCHEVISTAS

O tempo e a vida confirmaram plenamente o quanto o Partido do Trabalho da Albânia (PTA) estava certo ao lutar contra os khrushchevistas e se recusar a seguir sua linha. A essa luta, que exigiu e ainda exige grandes sacrifícios, nossa pequena pátria deve a liberdade e a independência que tanto preza e seu desenvolvimento vitorioso no caminho do socialismo. Somente graças à linha marxista-leninista de nosso partido é que a Albânia não se tornou e nunca se tornará um protetorado dos russos ou de qualquer outra superpotência. [...] As relações com eles e as posições mantidas por nosso partido durante esse período foram refletidas nos documentos do partido, em meus escritos que estão sendo publicados por decisão do Comitê Central, bem como em outros documentos que se encontram nos Arquivos Centrais do PTA. Agora estou entregando essas anotações para publicação como minhas reminiscências e impressões dos muitos contatos e confrontos com os khrushchevistas, que abrangem o período de 1953, após a morte de Stálin, até o final de 1961, quando o grupo de Khrushchev rompeu as relações diplomáticas com a República Popular Socialista da Albânia. Juntamente com outros materiais e documentos publicados que abrangem esse período, acredito que essas notas também servirão para familiarizar melhor os comunistas e as massas trabalhadoras com a atividade contrarrevolucionária dos revisionistas soviéticos dentro e fora da União Soviética e com a luta sempre justa, correta e consistente do nosso partido em defesa do marxismo-leninismo, do nosso povo e de nossa pátria socialista.